

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIENCIA POLÍTICA

ANDRÉ LUIZ VARELLA NEVES

Governo George Walker Bush (2001-2004):

Uma análise Geopolítica das Guerras do Afeganistão e do Iraque.

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIENCIA POLÍTICA

Governo George Walker Bush (2001-2004):

Uma análise Geopolítica das Guerras do Afeganistão e do Iraque.

André Luiz Varella Neves

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Ciência Política
do Departamento de Ciência Política
da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de
Doutor em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Itaussu Almeida Mello.

São Paulo

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Ciência Política

NEVES, A.L.V. **Governo George W. Bush (2001 – 2004):** Uma análise geopolítica das Guerras do Afeganistão e do Iraque. Tese apresentada à Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

Aprovado em: __ / __ / 2010.

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA.

Aos meus pais, Manoel Rodrigues Neves e Edna Lourdes Varella Neves, *in memoriam*, por todo amor e carinho os quais dedicaram suas vidas para que pudesse ir em busca dos meus sonhos.

Para vocês, onde estiverem, a minha eterna gratidão.

Aos meus filhos, Fernando Henrique Cardoso Neves e Letícia Cardoso Neves, presenças constantes na minha vida são sinônimos de amor, carinho e amizade e inesgotáveis fontes de inspiração.

À Alessandra Alves Pereira, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelas nossas *grandes conversas* cuja contribuição inestimável, tornou a minha vida mais fácil de viver.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Fonte de toda a Sabedoria.

Ao Professor Dr. Leonel Itaussu Almeida Mello, meu Orientador e amigo, pela confiança depositada na minha capacidade, pela sua generosidade, dedicação e empenho, que mesmo em condições precárias de saúde, manteve-se constantemente presente na orientação deste trabalho. Aqui registro o meu preito de gratidão.

Ao Professor Dr. Álvaro de Vita - Chefe do Departamento de Ciência Política em nome de todos os Professores dos quais tive o privilégio de uma grata convivência intelectual e acadêmica.

Ao Professor Dr. Matthew McLeod Taylor - Coordenador do setor da Pós Graduação do Departamento de Ciência Política.

À Márcia Regime Gomes Staaks - Secretária do Departamento de Ciência Política.

À Maria Raimunda dos Santos e a Vivian Pamela Viviani – Secretárias da Pós Graduação do Departamento de Ciência Política, pela atenção, dedicação e paciência que sempre me atenderam durante estes anos.

Ao Professor Dr. William Burr da George Washington University, pela atenção e prontidão com que atendeu as minhas solicitações sobre os documentos que estão no anexo deste trabalho.

Ao Professor Dr. Domício Proença Jr. GEE-COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que apesar da distancia, agradeço pela grande contribuição ao meu aprimoramento intelectual quando da nossa convivência no Grupo de Estudos Estratégicos na UFRJ.

À Professora Mônica Assis do Nascimento, do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário da Cidade, que carinhosamente atendeu o meu pedido, e realizou a revisão da tradução do texto apresentado no Abstract.

Aos colegas do Centro Universitário da Cidade – UniverCidade – particularmente, aos Professores do Curso de Relações Internacionais, pela convivência salutar ao longo destes dez anos, que ajudaram-me a olhar o mundo por outros prismas.

Ao meu querido filho, companheiro de todas as horas, Fernando Henrique Cardoso Neves por ter disponibilizado o seu curtíssimo tempo de vestibulando, ajudando-me na tradução de alguns documentos apresentados nesta tese e pela revisão textual de algumas passagens do trabalho.

Ao amigo de longa jornada, Flávio Rocha de Oliveira, que sempre esteve presente nestas nossas idas e vindas no eixo Rio – São Paulo, o qual tenho o privilégio de desfrutar da sua amizade, sempre muito agradável e intelectualmente instigante nas discussões dos assuntos da política internacional. As suas lúcidas observações ajudaram-me a corrigir o rumo do projeto desta tese.

Ao amigo Antonio Roberto Espinosa em que tive a felicidade de compartilhar da sua vasta cultura e experiência política, registro aqui os meus mais profundos agradecimentos pela sua carinhosa ajuda no trabalho de revisão do texto acompanhado de seus comentários sempre pertinentes.

Aos meus colegas da Universidade de São Paulo, José Aparecido Rolón, Rodrigo Medina Zagni, Igor Fuser e Cláudia Marconi, com os quais pude dividir as minhas idéias e esperanças.

Aos meus amigos e irmãos Cláudio Farias do Amaral e Luís Mário Duarte, que a Vida colocou-os no meu caminho para que me ajudassem a decifrar os seus *mistérios*.

*Who controls Eastern Europe
Rules the Heartland;
Who rules the Heartland
Rules the World Island;
And who rules the World Island
Rules the World.*

Halford John Mackinder.

*Who controls The Rimland
Rules Eurasia;
Who rules Eurasia
Controls the destinies of the World.*

Nicholas John Spykman.

RESUMO

NEVES, A.L.V. **Governo George Walker Bush (2001-2004):** Análise geopolítica das Guerras do Afeganistão e do Iraque. 2010. 283 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

O objetivo dessa tese é realizar uma análise geopolítica das operações militares empreendidas no primeiro mandato do Governo George Walker Bush, posterior aos ataques terroristas do Onze de Setembro em 2001. Entendemos que as estratégias adotadas nestes eventos foram resultantes do documento *Orientação de Planejamento de Defesa* produzido pelo Pentágono em 1992, logo após o fim da Guerra Fria.

A hipótese que procuramos defender é de que as formulações geopolíticas que orientaram a Doutrina Truman durante a Guerra Fria estão presentes neste documento e foram mantidas como guias para planos de ação ao longo de toda a década de 90 e utilizadas como ferramentas analíticas na grande estratégia do Governo George Walker Bush.

Para demonstrar esta hipótese realizamos primeiramente o resgate do pensamento geopolítico de Halford J. Mackinder e Nicholas J. Spykman, em seguida fizemos as conexões das idéias estratégicas existentes em vários documentos que estavam vigentes na década de 90; e por fim, verificamos como estas idéias puderam ser implementadas nas *Operações Liberdade Infinita*, na Guerra do Afeganistão, em 2001; e *Operação Iraque Livre*, na Guerra do Iraque, em 2003.

A metodologia utilizada foi a pesquisa em fontes primárias apoiadas em documentos originais do Governo dos Estados Unidos e na literatura bibliográfica das obras basilares de Halford. J. Mackinder, Nicholas J. Spykman e Zbigniew Brzezinski para uma análise crítica dos modelos teóricos geopolíticos.

Palavras-chave:

Relações Internacionais. Teorias Geopolíticas. Governo George W. Bush.

ABSTRACT

NEVES, A.L.V. **The Government of George Walker Bush (2001-2004): Geopolitical Analyses of the Wars of Afghanistan and Iraq.** 2010. 283 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

The objective of this thesis is to achieve a geopolitical analysis of the military operations undertaken in the first mandate of George Walker Bush government immediately after the terrorist attacks on september 11th, 2001. It is understood that the strategies adopted in those events were a result of the document *Defense Planning Guidance* by Pentagon in 1992, right after the end of the cold war.

The hypothesis we intend to defend is that the geopolitical formulations that orientate the Truman Doctrine. In the period of the cold war are present in this document and were maintained as guides for action plans during all the decade of 90 and used as analytical tools in the great strategy of George Walker Bush government.

In order to demonstrate this hypothesis, first of all we performed the redemption of the geopolitical thought of Halford J. Mackinder and Nicholas J. Spykman, followed by connections of the strategical existing ideas in several documents which were in effect in the decade of 90 and we finally verified how those ideas could be implemented in *Operation Enduring Freedom* in the Afghanistan war in 2001; and *Operation Iraq Freedom* in the war of Iraq in 2003.

The used methodology was a research in primary sources sustained by original documents of The United States of America government and in the bibliografic literature of the basiliary work by Halford J. Mackinder, Nicholas J. Spykman and Zbigniew Brzezinski for a critical analysis of the theoretical geopolitical models.

Key words:

International Relations. Geopolitical Theories. George Bush Government.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - O Mundo de Mackinder : 1904.....	29.
Mapa 02 - Cordão Sanitário : 1919.....	34.
Mapa 03 - O Mundo de Mackinder : 1943	38.
Mapa 04 - EUA e o Mundo : Cerco ao Hemisfério Ocidental.....	50.
Mapa 05 - Carta Mercator.....	52.
Mapa 06 - Projeção no Centro do Hemisfério Ocidental.....	53.
Mapa 07 - Projeção Azimutal Centrada no Polo Norte.....	54.
Mapa 08 - Zona Eurasiana : Regiões conflituosas.....	63.
Mapa 09 - Heartland versus Rimland.....	63.
Mapa 10 - Conflito Intra Rimland.....	64.
Mapa 11 – Poder Marítimo vs Poder Anfíbio.....	65.
Mapa 12 – O Futuro do Hemisfério Ocidental.....	68.
Mapa 13 - Visão Global de Moscou.....	149.
Mapa 14 - Visão Global de Washington.....	151.
Mapa 15 - A Basilaridade da Eurásia.....	160.
Mapa 16 - Golfo Pérsico: Interesse Soviético.....	161.
Mapa 17 - Reivindicações Geopolíticas Soviéticas.....	162.
Mapa 18 - EUA: As três frentes estratégicas.....	163.
Mapa 19 - Estados Pinos: A Primeira Frente Estratégica.....	172.
Mapa 20 - Estados Pinos: A Segunda Frente Estratégica.....	173.
Mapa 21 - Estados Pinos: A Terceira Frente Estratégica.....	174.
Mapa 22 - EUA : Supremacia Global.....	180.
Mapa 23 - Continente Central e Áreas Vitais.....	182.
Mapa 24 - EURÁSIA : Tabuleiro de Xadrez.....	186.
Mapa 25 - Balcãs Eurasiano.....	196.
Mapa 26 - EUA : Comandos Militares Unificados.....	198.
Mapa 27 - CENTCOM : Área de Responsabilidade.....	200.
Mapa 28 - Mar Cáspio : Rotas dos Oleodutos.....	203.
Mapa 29 - Ásia Central : Bases dos EUA.....	206.
Mapa 30 -Golfo Pérsico : Bases dos EUA.....	209.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - MIRV: Seqüência de lançamento.....	100.
Gráfico 02 - EURÁSIA: Área dos Continentes.....	183.
Gráfico 03 – EURÁSIA: População.....	184.
Gráfico 04 – EURÁSIA: Produto Interno Bruto.....	184.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.12.
CAPITULO I: OCEANISMO x CONTINENTALISMO.....	p.17.
CAPÍTULO II: GOVERNO GEORGE WALKER BUSH.....	p.72.
CAPÍTULO III: GUERRAS DO IRAQUE e AFEGANISTÃO.....	p.143.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.212.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.220.
ANEXOS.....	p.230.

INTRODUÇÃO

Por todo o período da Guerra Fria (1947-1991), a política externa dos Estados Unidos, teve como objetivo primordial conter a União Soviética dentro das fronteiras estabelecidas ao final do segundo pós-guerra.

Embora muitos governantes afirmassem que a Doutrina da Contenção inaugurada no Governo Harry Truman, estivesse ancorada em bases ideológicas, em torno das questões políticas e ideológicas, ela estava pautada principalmente em aspectos geopolíticos e estratégicos.

Em verdade, podemos afirmar que a Guerra Fria foi um embate orientado pelas realidades geopolíticas em que os Estados Unidos, opuseram-se a União Soviética quando perceberam que as ações do regime de Moscou ameaçavam os interesses globais de Washington.

É comum na literatura especializada em relações internacionais apontar que o pai da Doutrina de Contenção, foi o diplomata George Kennan, quando do lançamento do seu artigo, intitulado “Longo Telegrama” , veiculado na revista *Foreign Affairs* em 1946.

Entretanto as origens das análises e propostas sugeridas por *Mister X* parecem remontar às formulações geopolíticas e estratégicas de dois grandes geógrafos, o inglês Halford Mackinder e o americano Nicholas Spykman, como procuraremos demonstrar ao longo desta tese.

Em outras palavras, os fundamentos geopolíticos da estratégia de segurança dos Estados Unidos contra o expansionismo soviético têm raízes em ambos os geógrafos, e que pode ser percebida na estratégia da Doutrina da Contenção, cuja manutenção perdurou por 45 anos até dezembro de 1991, quando do desaparecimento da União Soviética.

O relacionamento entre as duas superpotências, no aspecto militar, foi calcado na dialética da expansão soviética e contenção

americana que se desenrolaram em três frentes estratégicas ao longo de todo o período da Guerra Fria. Como veremos em minúcia no decorrer deste trabalho essas três frentes estratégicas situavam-se ao redor da grande massa basilar do planeta: o supercontinente da Eurásia.

As linhas mestras do sistema internacional pós-45 assumiram a forma de uma confrontação bipolar entre duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética. O primeiro, configurando-se como uma potência marítima que dominava nos oceanos do planeta; e a segunda, emergindo como uma potência terrestre que buscava conquistar as periferias da Eurásia para conseguir saídas para os “mares quentes”.

A Guerra Fria chegou ao fim entre 1989-1991 com a vitória dos Estados Unidos, marcada pela desintegração do bloco comunista e a implosão da União Soviética. A década de 90 foi marcada por um grande debate sobre esses eventos históricos, o que levantou um sem número de questões de ordem geopolítica e estratégica que estavam no centro das atenções do Governo dos Estados Unidos. Esta nova realidade que emergia no cenário internacional, vinha acompanhada de várias indagações que buscavam : entender e identificar a natureza do mundo do Pós-Guerra Fria, as formas de poder que seriam mais importantes; o papel dos Estados Unidos neste novo mundo; as políticas que deveriam seguir para proteger os seus interesses, e, quais deveriam ser os recursos militares que seriam necessários para desenvolver novos meios para enfrentar as novas ameaças.

. As alternativas estratégicas discutidas foram amplas e diversas, polemizava-se deveria ser adotado uma nova contenção (*containment plus*) para as novas ameaças, ou deveria adotar um novo tipo de isolacionismo. De um lado, estavam os liberais antimilitaristas e de outro os conservadores anticomunistas que reivindicam um desengajamento americano substancial do seu papel ativo nos negócios mundiais. Alguns membros do Congresso apregoam o protecionismo e o nacionalismo econômicos, outros

vêm o direito internacional e as Nações Unidas como a nova estrela-guia da política internacional.

No início do mandato de George Herbert Walker Bush, um grupo de estrategistas e formuladores de políticas reuniu-se no Pentágono, liderados pelo Secretário de Defesa Richard Cheney, para examinar este novo quadro da política internacional, a fim de estabelecer qual deveria ser a postura dos Estados Unidos. Assumindo um enfoque realista das relações internacionais buscou interpretar as mudanças ocorridas no mundo do pós-Guerra Fria, com o objetivo de estabelecer as novas prioridades estratégicas da política de poder norte-americana. Esse grupo de formuladores partia do pressuposto de que os EUA estariam vivendo num sistema de característica unipolar e isto implicava em assumir um papel central e hegemônico no sistema internacional por possuir um poder multidimensional incontestável e não existir nenhuma potência que tivesse condições de contrastar os interesses americanos.

Em suma, a tarefa destes especialistas foi registrada num documento denominado “*Orientação do Planejamento de Defesa*” que apresentava no seu escopo os passos para a construção de uma *Pax Americana*.

Entretanto, estas idéias vazaram para a imprensa, sendo matérias do Jornal New York Times, e tiveram uma repercussão muito negativa, pois sofreram duras críticas por parte da classe política, dos intelectuais e da opinião pública, uma vez que as questões ali levantadas foram consideradas demasiadamente ambiciosas. Durante o último ano da Administração George H. W. Bush, entretanto, essa grande estratégia sofreu uma revisão e foi apresentada uma nova versão, publicada pelo Departamento de Defesa através do documento “*Nova Estratégia de Defesa Nacional*”, de 1993

Apesar das críticas, este projeto não foi abandonado, mas reelaborado durante a década de 90, pela terceira geração do movimento neoconservador, que manteve vivo os princípios apontados em 1992, os quais veicularam através de artigos em

revistas especializadas como *Foreign Affairs*, ou através do *Think Tank* como o *Projeto para um Novo Século Americano - PNAC*. Todo este esforço obteve êxito, pois prosperariam anos mais tarde convergindo para dois documentos oficiais publicados no primeiro mandato do Presidente George Walker Bush, após os ataques terroristas de Onze de Setembro, a saber: “*Revisão Quadrienal de Defesa*”, de setembro de 2001 e a “*Estratégia de Defesa Nacional*”, de setembro de 2002.

Isto posto, a questão central que levantamos é: se as idéias geopolíticas adotadas na construção da estratégia americana na Guerra Fria, que inspiraram a Doutrina de Truman, continuam tendo validade para a interpretação das ações do Governo George Walker Bush nas operações militares no Afeganistão e no Iraque no período de 2001 - 2003.

Para respondermos esta questão defendemos a hipótese de que, mesmo não estando anunciado explicitamente, o documento intitulado *Orientação para o Planejamento Estratégico* de 1992, está pautado nas teorias geopolíticas de Mackinder e Spykman, o que nos leva concluir por extensão que estas formulações estão na base das estratégias aplicadas das Guerras do Afeganistão e do Iraque.

Para comprovar este argumento estruturamos o trabalho da seguinte maneira:

- **Capítulo I - Oceanismo e Continentalismo** está dividido em duas seções, as quais trabalharemos as formulações geopolíticas da *Teoria do Heartland* de Halford J. Mackinder e a *Teoria do Rimland*, de Nicholas J. Spykman.

- **Capítulo II - Governo George Walker Bush**, foi exposto em duas seções, as quais analisaremos o movimento neoconservador e sua influência na política externa americana até o Governo Bush, e em seguida, discutiremos os documentos originais da “*Orientação do Planejamento de Defesa*” e cotejando com artigos e outros documentos do Governo.

• **Capítulo III - Guerra do Afeganistão e do Iraque**, aqui utilizaremos as formulações geopolíticas de Mackinder e Spykman para discutirmos a grande estratégia dos Estados Unidos em três momentos históricos: o período da Guerra Fria, a década de 90 e as ações militares do Governo George Walker Bush.

• **Considerações Finais**, nesta seção aonde realizamos o fechamento do trabalho, procuraremos recuperar sinteticamente e colocar em destaque as principais conclusões a que chegamos e que justificaram a pesquisa e a elaboração desta tese.

CAPÍTULO I

OCEANISMO & CONTINENTALISMO

A Eurásia é uma gigantesca massa de terras contínuas – na realidade um supercontinente - que se estende da Europa à Ásia, separada pela Cordilheira dos Montes Urais, tendo a Rússia parte de seus imensos territórios espalhando-se pelos dois continentes. No início do século XX , em 1904, Sir Halford Mackinder apresentou-se na *London's Royal Geographical Society*, na Conferência intitulada “*The Geographical Pivot of History*” em que expôs uma tese radicalmente inovadora para aquela época: o século XX seria marcado pela decadência do poder marítimo¹ e pela ascensão do poder terrestre. Essa exposição continha também outra idéia revolucionária que substituiu uma visão conservadora do espaço, assim como da posição dos continentes e oceanos, por outra percepção inédita que demonstrava as mútuas interações entre a superfície líquida e as massas terrestres do planeta.

1.1 Halford Mackinder e o Poder Terrestre.

O axioma até então consagrado e que foi difundido pela ciência geográfica da época afirmava que existiam na Terra quatro oceanos - Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico - e seis continentes, a saber: Europa, Ásia, África, América, Austrália e Antártida. Já a visão revolucionária de Mackinder afirmava que na realidade existia

¹ A teoria da supremacia do poder marítimo foi desenvolvida pelo Almirante Alfred Thayer Mahan quando se iniciava nos Estados Unidos a era do imperialismo. Mahan expôs suas idéias numa obra intitulada “*A Influência do Poder Marítimo na História*” o qual pregava que havia a necessidade dos EUA perseguirem melhor posição relativa quanto ao poder marítimo em escala regional e mesmo global. Cf. COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica** pp.78. [...] Mahan foi instado a produzir esta obra a partir do convite feito pelo Almirante Stephen Lucce, para lecionar no então recém fundado *Naval War College*. A tarefa atribuída a Mahan era encontrar conexões entre a prática da guerra em terra e no mar a partir de exemplos históricos de onde pudesse derivar um conjunto de lições e preceitos que pudessem ser úteis para a formação de futuros comandantes da Marinha americana. Cf. Proença Jr et all. **Guia de Estudos Estratégicos**.p.96.

apenas um oceano único que cobria $\frac{3}{4}$ da totalidade do globo, o qual denominou de *Grande Oceano* (*Great Ocean*). Dos $\frac{1}{4}$ que sobravam, $\frac{2}{3}$ eram constituídos de terras emersas formadas pelos continentes da Europa, Ásia e África que na visão original de Mackinder correspondiam apenas a um único grande continente, que denominou de *Ilha Mundial*.

Em suma, esta ousada percepção afirmava que na realidade existia no planeta um continente basilar, a *Ilha Mundial*, que estava envolvida por um único oceano e circundada por ilhas pequenas e contíguas, como a Grã Bretanha e o Japão, e por outras bem maiores e mais afastadas como as duas Américas (norte e sul) e a Austrália.²

A concepção de *Heartland*, formulada por Mackinder, foi formulada como sendo uma *área-pivô*, (região-eixo ou coração continental) localizada no interior da Eurásia e que esta região representava o núcleo duro da grande massa eurasiática, sendo por isso o conceito chave da teoria do poder terrestre.³

Essa nova teoria baseava-se na idéia da existência de uma rivalidade secular entre dois poderes antagônicos: o poder marítimo e o poder terrestre. Este último localizava-se exatamente na região central denominada *Heartland*, cuja tendência geohistórica era se expandir para as áreas periféricas do Velho Continente com o objetivo de alcançar portos e saídas para os mares quentes.

O poder marítimo, por sua vez, situava-se nas ilhas adjacentes ou nas regiões periféricas, - as Ilhas Britânicas, o arquipélago e os Estados Unidos -, que mediante a uma política de cêrco procuravam manter o poder terrestre grão-russo encurralado no interior da Eurásia.

A carreira de Halford Mackinder coincide com o final da era Vitoriana e Eduardiana no rastro da crise de confiança sobre o futuro

² MACKINDER, H. **Democratic Ideals and Reality**. pp.63-64.

³ **Heartland** : Mais do que um conceito geográfico é uma idéia estratégica testada empiricamente ao longo de duas Guerras Mundiais. Originalmente, denominada de *Pivot Area* foi denominada após a Primeira Guerra Mundial de *Heartland*. Cf. MACKINDER. **The Round World and the winning of the Peace**.pp.596-597.

da Grã Bretanha como resultado do fim da era de ouro do liberalismo de livre-mercado. O problema principal do fim de século XIX para liberais e conservadores estava em como manter o poder da grande potencia naval, britânica pois ambos receavam que potências emergentes, como os Estados Unidos e a Rússia pudessem superar a supremacia inglesa, uma vez que detinham abundantes recursos naturais devido à vastidão e riqueza de seus territórios.

Para responder a estes desafios à Grã Bretanha foi adotado uma política em que o objetivo deveria ser a maximização da eficiência do poderio naval, econômico e colonial inglês, sendo este o slogan político da era Eduardiana. O sistema mundial visto pelos liberais e conservadores era o espaço em que os Estados modernos lutavam um jogo de soma zero para manter a sua sobrevivência ou alcançar a supremacia. Distanciando-se das premissas da doutrina do livre-comércio baseado nas vantagens comparativas.⁴

Esta era uma das razões pelas quais, Mackinder produziu um artigo no final do século XIX, “*On the Scope and Methods of Geography*” que desafiava a necessidade de pensar uma nova geografia, pois a época das grandes descobertas tinha se encerrado e o mundo encontrava-se num sistema político fechado. Sendo assim, o autor sugeria que a ciência geográfica precisava de uma nova racionalidade, uma vez que a prática de descrição dos lugares somente fazia sentido numa época em que o mundo ainda não era inteiramente explorado e conhecido.

A Geografia tradicional e a Nova Geografia

A fundação da “Nova Geografia” na Grã Bretanha no final do século XIX ocorreu tendo apoio da *Royal Geographical Society* por causa da preocupação de um grupo de intelectuais que questionaram o sistema educacional inglês sobre a maneira pelo

⁴ MAYHEW, R. **Halford Mackinder's new political geography and the geographical traditional**.p.772-773.

qual estavam ministrando a disciplina Geografia. Deste grupo de pensadores liderados por Mackinder faziam parte Sir John Scott Keltie e o Professor A.J. Herbertson.

A principal crítica dos defensores da recém surgida Nova Geografia incidia na diversidade de matérias que a disciplina atendia impedindo a sua unificação sobre o objeto a ser estudado. Para os geógrafos tradicionais esta disciplina teria como objeto de análise o levantamento das características da superfície terrestre e a localização dos grupos humanos ao redor do globo sem realizar nenhuma nexos de relação entre estes dois aspectos.

Na prática haviam uma duas “geografias”: a Geografia Física - dedicando-se aos estudos da Astronomia e da Geologia, enquanto que a Geografia Política preocupava-se em discorrer a respeito dos países existentes, informando sobre as capitais, as pessoas e o tipo de produção na economia. O resultado é que havia pouquíssima ou quase nenhuma interrelação entre ambos os ramos da ciência geográfica.⁵

Esta situação perdurou até 1884, quando surgiram movimentos para alterar este quadro, partindo das cidades de Londres, no Conselho da Real Sociedade Geográfica, e em Oxford, na figura de Halford Mackinder.

Estes pensadores estavam preocupados em avançar os estudos da Geografia que até então estava direcionada em construir um compendio sobre a descrição dos países apontando os seus aspectos físicos, sendo este o papel do geógrafo. Para os proponentes do que ficou conhecido como a Nova Geografia, o interesse repousava na idéia de desenvolver uma geografia científica que analisasse a recíproca influencia entre o ser humano e o meio-ambiente.

O papel principal coube a John Scott Keltie que recomendou em relatório de sua autoria que as Universidades deveriam construir um programa de estudos que adequasse o reconhecimento da

⁵ UNSTEAD, J.F. **Halford J. Mackinder and The New Geography**.p.47

disciplina Geografia em relação às outras áreas do conhecimento e defendia a idéia de que se estabelecesse um *readership*, sendo este um grande intelectual com conhecimento adequado e com capacidade de julgamento equilibrado que tivesse claramente a idéia do papel do geógrafo e da proposta do trabalho a fim de incluí-lo no campo da ciência. Ele apontou também que as Universidades deveriam exercer sua influencia nas escolas de ensino médio a fim de liquidar duas grandes fragilidades destes centros de ensino que vem a ser a organização de seus programas de ensino e o conhecimento dos professores a respeito da matéria.⁶

A sugestão apresentada foi que as Universidades promovessem um programa de cooperação com ensino prático para aqueles professores e pesquisadores interessados em geografia e também desenvolvessem programas sobre o campo e método de ensino de seu objeto de estudo. Este movimento defendia a unificação do estudo da Geografia, cuja a conseqüência seria ensiná-la com um objeto independente buscando uma liberdade acadêmica em relação à Geologia. Embora o relatório apresentado pelo Inspetor Keltie evidenciasse a necessidade de uma reforma no sistema educacional inglês não houve, porém, nenhuma autorização por parte dos Chanceleres das Universidades de Oxford e de Cambridge, que resolutamente negaram qualquer mudança no plano de ensino.

A formação acadêmica de Mackinder.

Em 1887, Mackinder em palestra na Sociedade Real Geográfica, reproduzida no seu artigo “*On the scope and methods of Geography*” apresenta a sua interpretação e o tratamento do objeto de estudo da geografia, assim como a relação desta ciência com outras áreas do conhecimento. O ensaio de Mackinder teve o mérito

⁶ UNSTEAD, J.F. **Halford J. Mackinder and The New Geography**.p.48-50.

de se transformar num documento clássico do desenvolvimento da História da Geografia na Grã Bretanha.

Na sua palestra na Real Sociedade Geográfica, ele apresentou sua definição de geografia

[...] define a Geografia como a matéria cuja função é traçar a interação do homem na sociedade e como grande parte do seu meio ambiente varia localmente. Antes de a interação ser considerada, os elementos que irão relacionar-se serão analisados e um destes elementos eu asseguro, é a função da Geografia Física. O que temos aqui é a essência da disputa entre os geógrafos e os geologistas [...] A distinção entre eles parece que melhor ser expressa desta maneira: os geologistas investigam o presente o que eles devem interpretar no passado, e os geógrafos buscam no passado o que eles devem interpretar no presente [...] O outro elemento é o homem na sociedade. A análise deve ser considerada seguindo as idéias de Bagehot exposta na sua obra *Physics and Politics* . As comunidades humanas devem ser olhadas como uma unidade na luta pela sobrevivência, mais ou menos favorecida pela diversidade do meio ambiente. [...].⁷ [tradução nossa].

Em uma outra passagem da sua palestra revela que não sua interpretação, a Geografia não tem o caráter determinista mas condicionante nas sociedades humanas mas que pela *virtù* e *fortuna* destas sociedades, o homem altera o seu meio ambiente. Como segue:

Os homens alteram seu meio ambiente e em conseqüência a alteram o seu porvir. A relativa importância das características físicas varia anualmente de acordo com o progresso do conhecimento material do homem.⁸ [tradução nossa].

Em 1904, Mackinder assumiu o cargo de Diretor da *London Economic Politic Science*, posição que ocupou durante quatro anos cujo período utilizou para atuar no sentido de induzir a Universidade

⁷MACKINDER, H.J. **On the Scope and Methods of Geography**.p.153-156, passim.

⁸ Ibidem, p.170.

de Londres ao reconhecimento da disciplina no currículo da Instituição que somente foi aderido em 1926.⁹

Pode-se afirmar que Mackinder influenciou de várias formas o pensamento geográfico inglês mas o aspecto em que obteve maior alcance encontra-se nos seus artigos e trabalhos acadêmicos. O maior destes foi *Britain and the British Seas* publicado em 1902, considerado um dos clássicos da literatura geográfica e que demonstrava que indubitavelmente que no começo do século XX a Grã Bretanha tinha alcançado o ponto máximo no desenvolvimento da ciência geográfica.

Em 1908, Mackinder lançou o segundo das suas grandes obras *The Rhine, its valley and its History*. Entre estas duas obras ele apresentou o seu famoso artigo *The Geographical Pivot in History* em que lançou dois conceitos revolucionários: *Heartland* e o *World Island* e as terras do *Outer Crescent*.

Estes conceitos tiveram seu aprofundamento após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, quando lançou *Democratic Ideals and Reality* o qual realizará uma atualização dos conceitos e apontará os motivos da derrocada da Alemanha Guilhermina, considerada uma grande potencia terrestre. Em 1943, convidado pelo revista *Foreign Affairs* apresenta a sua última contribuição, *The Round and the Winning of the Peace*, em que lança um novo conceito : Midland Ocean. Estas três últimas contribuições serão analisadas a seguir.

The Pivot Geographical of History (1904).

Em seu discurso na Academia Real Geográfica de Londres em 1904, Mackinder inicia afirmando que haviam chegado ao fim os últimos quatrocentos anos, denominados por ele como a *Era Colombiana*. Neste período, que se estendeu dos séculos XVI ao começo do século XX, o mapa do mundo foi delineado de modo definitivo e mesmo nas regiões polares exploradas pelos

⁹ UNSTEAD, J.F. **Halford J. Mackinder and The New Geography**.p.55.

pesquisadores Nansen e Scott as possibilidades de ocorrer novas descobertas eram praticamente nulas. Em todas as regiões como a Europa, América do Norte, América do Sul e Austrália dificilmente existia uma superfície ainda desocupada.

No início do século XX o mundo havia se transformado num “*sistema fechado*” onde qualquer explosão de forças em vez de ficar contida no âmbito de uma determinada região repercutiria em toda a latitude do globo, tendo como consequência o enfraquecimento do organismo político e econômico mundial.

Esta mudança leva o autor à percepção de que no início do século, tinha-se pela primeira vez as condições de tentar estabelecer, com algum grau de precisão, a correlação entre a perspectiva geográfica e as generalizações da história:

[...] nós percebemos uma relação entre as características geográfica e os eventos históricos e devemos procurar uma fórmula o qual poderemos expressar certos aspectos e alguma medida da causalidade geográfica no História Universal. Se nós tivermos sorte, esta fórmula terá um valor prático como estabelecer uma perspectiva sobre forças que competem no cenário político internacional¹⁰ [tradução nossa]

O objetivo do autor, como ele mesmo expressou é estudar a geografia, mas preferencialmente é demonstrar a história da humanidade como parte da vida do organismo mundial ou como consequência da geografia. Para Mackinder é “..o homem e não a natureza que inicia, mas é a natureza que em larga medida controla...”¹¹

Esta argumentação é uma crítica para os historiadores europeus que defendem a idéia de que a civilização européia foi uma construção endógena, isto é, ela desenvolveu-se de dentro para fora do seu espaço territorial.

Segundo autor, a história européia está subordinada a história asiática e o processo civilizatório é na realidade a consequência secular da luta contra a invasão asiática. Esta argumentação é

¹⁰ MACKINDER, H. **The Geographical Pivot of History**.p.422.

¹¹ Ibidem, Loc.Cit.

sustentada no mapa político da Europa em que verifica-se o mais notável contraste entre a vasta área ocupada pela Rússia que ocupa a metade do continente e o grupo de territórios menores ocupados pelos países ocidentais. Do ponto de vista físico, existe contraste entre um imenso espaço que é mediterrâneo é contínuo, na parte oriental, contrastando com cadeias de montanhas, vales, penínsulas e ilhas na parte central e ocidental do continente.

O significado da influencia asiática sobre a Europa aumentou enormemente com das invasões dos mongóis no século XIV e para entendermo esse processo é necessário ampliar a ótica e mudar a perspectiva da visão geográfica da Europa, considerada até então em si mesma como um conjunto completo e auto-suficiente.

O Supercontinente da Eurásia.

A imensa massa da Eurásia tem mais de 50 milhões de km², que correspondem a um terço das terras do planeta. Na sua parte asiática existem estepes contínuas, cordilheiras geladas, vários desertos separados e espalhados de uma extremidade a outra desde o Irã até a Manchúria. Além disso, a região é caracterizada por uma extraordinária distribuição e drenagem de rios que estão localizados em sua maioria na região central e no norte, e que estão isolados não permitindo qualquer acesso a região externa. Encontra-se nesta região seis dos maiores rios do mundo: o Volga, o Oxus, o Jaxartes, que deságuam em lagos salgados, além dos rios Obi, Yenesei, e Lena que deságuam no gelado oceano Ártico. Ressalte-se que o núcleo da Eurásia, embora apresentando zonas desérticas, possui um espaço territorial para pastagens, com rios alimentando oásis, mas é totalmente impenetrável em seu interior a partir dos oceanos.

Em outras palavras, esta imensa área tem todas as condições naturais que a permitem manter-se autonomamente e agrega uma considerável população de nômades. Eles ocupam uma região limitada ao norte por um cinturão de florestas sub-árticas e

pântanos, com um clima é muito rigoroso, exceto nas duas extremidades a leste e oeste, propiciando o desenvolvimento da agricultura. Nas terras do leste as florestas estendem-se da direção do sul para as costas do Pacífico na região do rio Amur e da Manchúria.

As estepes estão espalhadas em direção ao norte, tanto a oeste como a leste, estendendo-se desde o leste árido da Hungria, até o Rio Gobi, na Manchúria. O autor lembra que as hordas que em última análise atacaram a Europa na metade do século XIV vieram das distantes estepes da Mongólia, atingindo a Polônia, Silésia, Moravia, Hungria, Croácia, e Sérvia. O mongol Gengis Khan e seus descendentes dominaram uma região tão vasta que atingiu a Pérsia, Mesopotâmia, a Síria e o nordeste da China, conquistando Cathay. A Índia e o sul da China foram defendidos por um escudo natural, as altíssimas montanhas do Tibet, cuja eficácia defensiva só pode ser comparada ao deserto do Saara e o Oceano Ártico.

Para Mackinder estes acontecimentos são exemplos que todo Velho Mundo, mais cedo ou mais tarde estaria sob pressão das forças expansionistas oriundas das estepes do centro da Sibéria. Para o autor, o exemplo histórico dessa possibilidade foi o fato de a Rússia, a Pérsia, a Índia, e a China pagarem o seu tributo ao domínio da dinastia mongol.¹²

A Eurásia possuía duas vezes a extensão do território europeu e apesar de não possuir canais ou rios que desembocassem nos oceanos, o seu vasto espaço era muito favorável a mobilidade dos cavaleiros das estepes. Ao leste ao sul e ao oeste desta terra central existe regiões marginais, que a contornam e que são acessíveis as potências marítimas. Sua conformação física indica que elas são quatro e que notavelmente é o berço de quatro grandes religiões: Budismo, Bramanismo, Islamismo e o Cristianismo.

¹² MACKINDER, H. **The Geographical Pivot of History**.p.430-431.passim.

O Budismo e o Bramanismo, ambos situam-se nas regiões monções banhadas pelo Oceano Índico. O Cristianismo localiza-se a maior concentração na Europa, região banhada pelo Oceano Atlântico. Estas três religiões juntas estão localizadas num território em que vivem mais de 100 milhões de pessoas, ou seja, dois terços da população mundial. O Islamismo, por sua vez, coincide na região conhecida como Oriente Próximo banhada pelo Mar Vermelho, Mar Mediterrâneo, Mar Negro, Mar Cáspio e Mar Arábico e em larga medida é desprovido de umidade pela sua aproximação com a África e por isso é por isso pouco povoado

Mackinder ressalta enfaticamente que o resultado mais importante da descoberta do caminho para as Índias, foi ter conectado as costas ocidentais e orientais da navegação costeira em torno da Eurásia, embora feita por uma rota indireta, além desta conquista os europeus conseguiram neutralizar a vantagem estratégica dos cavaleiros nômades que partiam da posição central do interior da Ásia central, pois passaram a pressioná-los pela retaguarda.¹³

A revolução iniciada pelos navegadores da geração da era colombiana permitiu a Cristandade alcançar a mais ampla mobilidade do poder marítimo. Os europeus surgem com condições de aumentar sua projeção na superfície marítima em mais de trinta vezes do que eles tinham acesso envolvendo assim o poder terrestre asiático que os ameaçaram toda a sua existência.

A Grã Bretanha, o Canadá, os Estados Unidos, a África do Sul, a Austrália e o Japão localizam-se numa região que circunda a Eurásia, formando um anel exterior formando assim bases insulares do poder marítimo e comercial inacessível ao poder terrestre da Eurásia.

Contudo o poder terrestre continua tendo sua importância pois enquanto as potências marítimas da Europa Ocidental tem coberto os oceanos com suas frotas marítimas, a Rússia emerge

¹³ MACKINDER, H. **The Geographical Pivot of History**.p.433.

das estepes expandindo o seu poder através de toda a Sibéria. A expansão terrestre dos czares russos obteve conseqüências políticas tão importantes quanto a descoberta feita pelos europeus do Caminho para as Índias.¹⁴

Há pelo menos uma geração atrás pareceu, segundo o geógrafo inglês, que a construção do Canal de Suez e do desenvolvimento da máquina a vapor tinha aumentado a mobilidade do poder marítimo em relação ao poder terrestre. Entretanto as ferrovias e as locomotivas estão alterando as condições do poder terrestre e seus efeitos podem ser notados no interior do coração terrestre da Eurásia. Nesta vasta região não havia recursos naturais como madeira e pedras para a construção de estradas. As ferrovias substituem a utilização da tração animal, por cavalos ou camelos, avançando um estágio do desenvolvimento no transporte rodoviário.

As ferrovias russas atravessam milhares de quilômetros de Moscou até o porto de Vladivotok no extremo-oriental demonstrando a mobilidade do poder terrestre ao longo deste vasto território, o qual o Exército russo pressiona a região da Manchúria da mesma maneira que a Grã Bretanha, através do seu poder marítimo mantém sua presença na África do Sul. Apesar de a ferrovia transiberiana ser uma linha de comunicação precária, o autor previa que em pouco tempo ela se desenvolveria e cobriria toda a Ásia. Os espaços no interior do Império russo e da Mongólia são vastos e de grandes potencialidades se forem devidamente povoados. Isto ocorrendo incrementarão a produção de trigo, algodão e explorarão recursos naturais como petróleo, metais de grandeza incalculável, sendo praticamente inevitável que esta economia desenvolva-se em escala mundial e que será inacessível ao comércio marítimo.

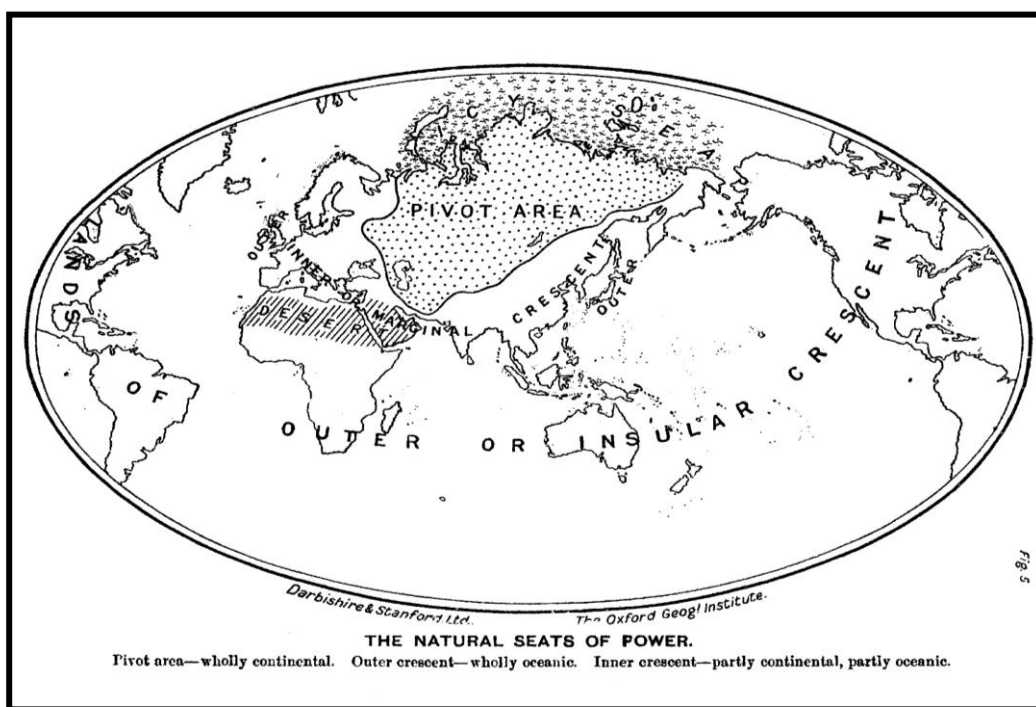
O autor desta exposição levanta algumas questões que diante desta revisão das correntes mais amplas da história, senão estaria evidente a influencia da causalidade geográfica. Outra questão é que diante da descrição física não há duvidas que a área-pivô da

¹⁴ MACKINDER, H. **The Geographical Pivot of History**.p.434.

política mundial seria aquele vasto território no centro da Eurásia inacessível aos navios e que atualmente está coberto por uma malha ferroviária.

Neste espaço mediterrâneo encontra-se a Rússia que assumindo o lugar do Império mongol, pressiona como no passado, a Finlândia, a Escandinávia, a Polônia, a Turquia, a Pérsia, a Índia e China. O autor prevê que o desenvolvimento econômico russo com o crescimento de uma malha ferroviária que irá aumentar sua mobilidade em pouco tempo e por isso é importante acompanhar o seu comportamento político.¹⁵

MAPA 01: MUNDO DE MACKINDER - 1904



Fonte: MACKINDER, H. *The Geographical Pivot of History*, p.436

Na periferia da área pivô, o autor verifica que existe uma região que a contorna em forma de semi círculo, que ele denominou de “*inner crescent*” onde estão situadas a Alemanha, a Turquia, a Índia e a China, e em outro círculo mais externo, que foi denominado de “*outer crescent*” encontram-se as Grã Bretanha, a África do Sul, a

¹⁵ MACKINDER, H. *The Geographical Pivot of History*, p.434.

Austrália, os Estados Unidos, o Canadá e o Japão, conforme apresenta o Mapa 01.

O desequilíbrio da balança de poder em favor do Estado-pivô, resultaria da expansão sobre as terras marginais da Eurásia e o uso dos vastos recursos continental permitiria a construção de uma frota marítima transformando-se assim num poder incontestável.

Alertando os seus compatriotas que este evento poderia ocorrer se a Alemanha se aliasse com a Rússia. Em conclusão, Mackinder assinala também que se houvesse uma substituição da Rússia no controle do espaço interior eurasiático este fato não tenderia a reduzir a importância geográfica da posição de pivô. Se por hipótese, a China fosse dominada pelos japoneses, e conquistasse o espaço territorial do Império russo, eles se constituiriam no “perigo amarelo” ameaçando o “Mundo livre”, porque adicionariam à sua frente oceânica todos os recursos do vasto continente mediterrâneo localizados na retaguarda.¹⁶

The Democratic Ideals and Reality (1919)

Em 1919, Mackinder apresenta a obra *The Democratic Ideals and Reality: A Study of Politics of Reconstruction*, na qual debate sobre o resultado final da Primeira Grande Guerra na Europa, principalmente nas regiões central e oriental do Velho Continente..Além desta discussão, o autor substitui o conceito da “área-pivô” pelo conceito de “*Heartland*”, pois ele realiza alguns ajustes e o redimensiona em relação às outras “regiões naturais” ao redor da Ilha Mundial. Ele argumentou também que para proteger o futuro da democracia e para garantir a posição britânica era necessário criar uma rede de estados independentes entre a Alemanha e a Rússia.

Nesta obra o autor demonstra que o final da Primeira Grande Guerra apresentou como resultado, a derrota do poder terrestre, do

¹⁶ MACKINDER, H. **The Geographical Pivot of History**.p. 436-437.passim.

Império Alemão, o que aparentemente contrariou as suas análises sobre a política mundial de que no século XX estaria sendo testemunha do declínio do poder marítimo. Entretanto como ele afirmou “.. este resultado não alterou a sua interpretação sobre o poder terrestre.”¹⁷

Mackinder nos lembra que as grandes guerras da História são conseqüências, direta ou indiretamente, do desigual desenvolvimento das nações que em larga medida é o resultado distribuição desigual de terras férteis e do posicionamento geográfico no globo.

Continuando a sua interpretação:

[...] A menos que eu esteja completamente equivocado na interpretação dos fatos geográficos, eu diria que são eles que dão a condição para o desenvolvimento dos grandes impérios.¹⁸ [tradução nossa]

O autor adverte aos seus contemporâneos que para atender o ideal da Liga das Nações e evitar que ocorram guerras no futuro é imprescindível que se reconheça as realidades geográficas e tomar medidas para combater sua influencia. No século passado sob a influência do pensamento darwinista a idéia que prevaleceu foi de a sobrevivência humana estava naqueles que melhor se adaptassem ao meio-ambiente. Hoje nós compreendemos que a sobrevivência é resultado do esforço humano de superar os obstáculos, demonstrando que os homens não são reféns de um férreo fatalismo.

No seu conjunto, os aspectos físicos da geografia têm mudado muito pouco durante os últimos cinqüenta séculos da história da humanidade. Florestas foram derrubadas, pântanos foram drenados e os desertos foram ampliados, mas o contorno das terras, dos oceanos, a posição das montanhas e dos grandes rios sofreu relativamente poucas alterações radicais. Para Mackinder,

¹⁷ MACKINDER, H. **Democratic Ideals and Reality**. Prefácio.

¹⁸ *Ibidem*, p.2.

cada século, apresenta a sua própria perspectiva geográfica, como no passado em que havia o entendimento que no interior da África existia um espaço vazio. Contudo, no início do século XX a perspectiva é totalmente diferente de vez que o nosso conhecimento geográfico está praticamente completo. Do Pólo Norte ao Pólo Sul existe uma interconexão complexa na superfície do globo, que abrange os aspectos militares, econômicos, físicos e políticos, que Mackinder reitera em 1919 a percepção apresentada em 1904, isto é: o mundo vive e respira dentro de um sistema político fechado. Cada ação da humanidade, doravante, repercutirá ao longo do mundo foi o que demonstrou em última análise a Primeira Grande Guerra, na qual todo o Estado importante foi arrastado direta ou indiretamente para a conflagração geral.¹⁹

A Ilha Mundial.

As Américas do Norte e do Sul, assim como a Austrália, são na visão de Mackinder apenas satélites da *Ilha Mundial*, composta pela Eurásia e África, que abarcam a maior parte da superfície terrestre do planeta. Além disso, a Ilha Mundial possui as vantagens de abrigar recursos naturais inesgotáveis, uma enorme população e de ser praticamente inacessível ao alcance das potências marítimas.

O autor conclui a partir do ponto de vista estratégico que a Ilha Mundial e o *Heartland* são realidades geográficas consideradas tanto pelo poder marítimo quanto pelo poder terrestre, sendo que a Europa Oriental (a Rússia europeia) é parte integrante essencial do *Heartland*.²⁰ No seu entendimento a questão básica não é somente o problema de segurança, mas também o processo produtivo, pois é vital para o poder marítimo não somente manter sua frota, mas ter todo apoio do serviço de terra para que possa operar seus navios.

¹⁹ MACKINDER, H. **Democratic Ideals and Reality**.p.2.

²⁰ *Ibidem*, p.139.

Por outro lado, o poder terrestre tem que perceber que no passado falhou em querer manter um vasto império com reduzida população, assim como mão de obra escassa e insuficiente, problema que a Rússia soviética procura resolver como povoamento coercitivo do *Heartland*.

Em 1917 a Rússia retirou-se da Grande Guerra por causa da Revolução Bolchevique, mas a Alemanha cometeu o erro de adiar o ataque final na frente oriental para só depois concentrar-se nos inimigos do Ocidente. Se a Alemanha tivesse elegido manter-se na defensiva na frente ocidental com a França e tivesse escolhido atuar no leste contra a Rússia, os alemães provavelmente teriam sido capazes de dominar o *Heartland* e depois fazer frente às potências ocidentais. Mackinder sintetizou essa visão estratégica no seguinte axioma geopolítico:

Quem controla o Leste Europeu;
Governa o *Heartland*,
Quem controla o *Heartland*; Governa a Ilha Mundial,
Quem controla a Ilha Mundial; Governa o Mundo.²¹
[tradução nossa]

Nas negociações do pós-guerra, Mackinder tentou resolver a questão entre a Alemanha e os russos criando uma zona tampão de amortização entre os dois Estados, que deveria impedir uma futura reaproximação entre ambos. Tratava-se de prevenir o grande perigo estratégico da guerra, que foi o fato de o Império Alemão ter chegado muito próximo de conquistar o leste europeu, dominar o *Heartland* e vencer a guerra européia.

²¹ MACKINDER, H. **Democratic Ideals and Reality**, p.150.

MAPA 02: O CORDÃO SANITÁRIO - 1919.



Fonte: MACKINDER. *Democratic Ideals and Reality*.p.160

The Round World and The Winning of The Peace (1943)

Em 1943, atendendo aos pedidos da Revista *Foreign Affairs*, Mackinder retomou a *Teoria do Heartland*, elaborada em 1904, para verificar se ela permanecia válida e atual naquele momento em que estava se desenvolvendo a Segunda Guerra Mundial. Neste artigo Mackinder tem o objetivo de esboçar o valor do conceito do *Heartland* na determinação de suas fronteiras em um mundo que está em transformação e deve ser entendido como a construção de

uma estratégia que seja efetiva no tempo de paz ou no tempo de guerra.

A nova configuração do Heartland

Nesta nova estruturação o *Heartland* é apresentado como estando localizado no interior da Eurásia estendendo-se desde as costas do Ártico até os desertos centrais e tem como limites entre o Mar Báltico e o Mar Negro. Este conceito não permite uma definição precisa no mapa porque ele está baseado nos seguintes aspectos da geografia física: o primeiro aspecto encontra-se que neste território a mais vasta planície mediterrânea do mundo, o segundo está que os rios navegáveis nesta planície dirigem-se ao norte em direção ao Oceano Ártico que é totalmente inacessível pois é coberto de gelo. Desta forma, o território da União Soviética é o equivalente ao *Heartland* e apresenta as seguintes demarcações:

[...]A fim de demarcar [...] vamos traçar uma linha direta , cerca de 3.500 quilômetros de extensão , a oeste do Estreito de Bhering para a Romênia. Três mil milhas do Estreito de Bhering , cruzando o Rio Yenisei, fluindo em direção ao norte da fronteira da Mongólia para o Oceano Ártico. A leste do grande rio encontra-se uma região geralmente acidentada de montanhas, planaltos e vales, cobertas quase que em toda a sua extensão por florestas coníferas, que vou a passar de chamar de Lenalandia, por causa do Rio Lenalandia ...[...] Lenalandia Russa tem uma área de 3/4 milhões de milhas quadradas , mas com uma população de somente seis milhões , em que quase cinco milhões estão assentadas a longo da ferrovia transcontinental Irkutsk – Vladisvotock.

[...] Existe em média um habitante por três milhas quadradas. A riqueza natural madeira, água potável, minérios estão ainda intocáveis. A oeste do Rio Yenisei estende-se do que eu descrevi como o *Heartland* Russo, uma planície estendendo-se 2.500 milhas no eixo norte sul e 2.500 milhas no eixo leste-oeste, contendo quatro milhões de m ilhas quadradas e possuindo uma população de 170 milhões que em média três milhões ao ano.²² [tradução nossa]

²² MACKINDER, H. **The Round World and The Winning** p.598.

A fim de destacar os valores estratégicos da região do *Heartland*, o autor verifica que a Rússia adotou o mesmo padrão estratégico da França na campanha da Primeira Grande Guerra. Como a Rússia, a França é um país compacto, mas não tão bem cercado como a região do *Heartland*, e por isso, como uma área bem menor em proporção a extensão das fronteiras a serem defendidas.

No período de 1914 a 1918, não havia nenhum país hostil atrás dos Pirineus ou dos Alpes e sua frota marítima e dos aliados dominavam os mares. A França e os seus aliados desembarcaram suas tropas nas fronteiras em direção ao nordeste, local este bem defendido e seguro na retaguarda. O problema estava no tamanho da extensão da fronteira, em torno de 300 milhas entre o Vosgues e o Mar do Norte.

Após quatro anos de batalha nesta região ficou provado que os franceses puderam suportar o grande ataque alemão de 1918, porque havia espaço suficiente tanto para a defesa como para o recuo estratégico, entretanto, o problema que nesta região encontrava-se concentrada a principal área industrial da França.²³

A Rússia, na Segunda Guerra adotava o mesmo modelo estratégico dos franceses, mas em escala muito maior, e tendo uma “fronteira aberta” vira-se em direção do oeste em vez do nordeste. Tendo o seu exercito alinhado na fronteira aberta, e possuindo uma vasta planície no *Heartland* que pode ser utilizada para manobras defensivas ou retiradas estratégicas.

Em relação à França, a Rússia tem quatro vezes a sua população, quatro vezes a extensão da fronteira, vintes vezes a área do território francês. As vastas potencialidades do *Heartland* estão estrategicamente bem localizadas, como na região sul dos Urais, local em que ocorria um rápido crescimento industrial e nas regiões de Kuznetsk e Krasnoyarsk, ricas em minas de carvão, constituindo uma grande barreira natural a leste do Rio Yenisei, estavam

²³ MACKINDER, H. **The Round World and The Winning**.p.599.

estimadas com capacidade de produção por 300 anos. Outros minérios como o manganês, apresentavam níveis de produção sem concorrência no mercado mundial.

O Professor Mackinder conclui, levando todos os aspectos acima, de que seria inevitável, se a União Soviética emergisse depois da Segunda Guerra como o grande conquistador de toda a Alemanha, tornar-se-ia o maior poder terrestre do mundo. Além disso, seria a potencia estrategicamente com maior poder defensivo, pois o *Heartland* era a maior fortaleza natural do globo. Em sua derradeira contribuição Mackinder apresenta a sua interpretação sobre o que considera a grande característica da geografia global:

[...] Um cinturão em torno do círculo polar norte, que começa no deserto do Saara, segue em direção ao leste, para Arábia, Irã, Tibet e Mongólia e estende-se para a região da Lenalandia , Alasca, [...] e dirige-se para cinturão sub árido no oeste dos Estados Unidos....”²⁴
[tradução nossa]

Na sua análise apresentada acima contem a característica mais importante na geografia global, pois no seu interior encontra-se dois elementos cujas características revelam um outro redimensionamento entre os continentes e a superfície líquida do globo. De um lado, o *Heartland* no centro do Eurásia e, de outro, o *Midland Ocean*, este localizado na região do Atlântico Norte, tendo quatro mares e oceanos subsidiários: o Mediterrâneo, o Báltico, o Ártico e o Caribe.

Nesta nova proposta, apresenta o seu segundo conceito denominado de *Midland Ocean* com seus mares subsidiários conforme comentado anteriormente. Este cenário permite vislumbrar três elementos: a) uma cabeça de ponte na França, b) um aeródromo na Grã Bretanha e; c) uma reserva bem treinada de homens, agricultura e indústrias em sua retaguarda localizada nos Estados Unidos e no Canadá. Os dois aspectos geográficos, o aeródromo e a cabeça de ponte, tornam-se essenciais para as

²⁴ MACKINDER, H. *The Round World and The Winning*.p.602.

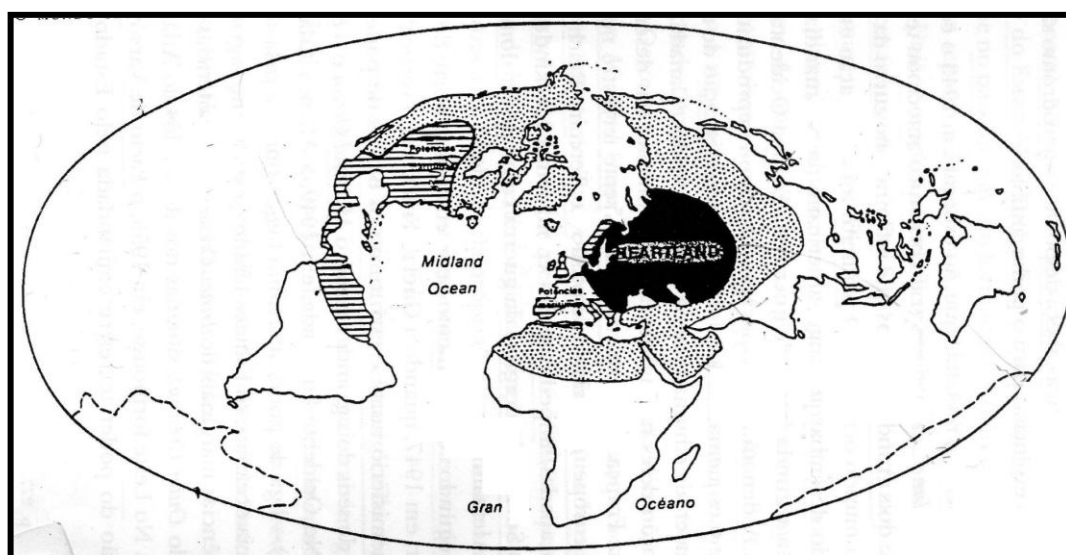
potencias anfíbias Estes três aspectos representam mais do que um esquema estratégico, pois é uma interpretação que permite enxergar o mundo de uma maneira mais completa e equilibrada.

Prosseguindo seu raciocínio, Mackinder entende que existe um cinturão gigantesco separando o *Heartland* e o *Midland Ocean* cujo alcance atingia 20 milhões de quilômetros quadrados ou seja um quarto do espaço terrestre.

O quarto elemento do conceito abarca os dois lados do Atlântico sul, ou seja, as florestas tropicais da América do Sul e a África. Se estas regiões fossem submetidas à agricultura e habitada por uma população equivalente a Java, teriam condições de sustentar milhões de pessoas.

Por último, o autor prevê que as centenas de milhões de pessoas oriundas das antigas civilizações orientais e que habitam as regiões monções da Índia e da China deverão desenvolver-se como a Alemanha e o Japão, saindo do atraso e alcançando o estágio da civilização ocidental equilibrando o poder com outras centenas de milhões de pessoas que vivem entre o Missouri e o Yenesei.²⁵

MAPA 03: O MUNDO DE MACKINDER – 1943



Fonte: Chaliand, Gérard & Rageu. **Atlas Estratégicos y geopolíticos** .p.22.

²⁵ MACKINDER, H. **The Round World and The Winning**. p.604-605.

1.2 Nicholas Spykman e o Poder Anfíbio.

Nicholas John Spykman nasceu em Amsterdã, Holanda em 13 de outubro de 1893 vindo a falecer em 1943, nos Estados Unidos.²⁶ Em 1920 foi para os Estados Unidos e construiu sua carreira acadêmica na Universidade de Yale lecionou e ocupou os cargos de Chefe do Departamento de Relações Internacionais e de Diretor Instituto de Relações Internacionais Nesta Universidade desenvolveu ao longo de vinte anos de trabalho as suas concepções geopolíticas e as expôs de maneira clara e objetiva em duas obras: *America's Strategy in World Politics*, 1942, e na obra póstuma *Geography of the Peace*, 1944

Em *America's Strategy in World Politics*, discute sobre os aspectos da política externa americana diante do conflito da Segunda Guerra Mundial a partir do grande debate realizado entre isolacionistas e intervencionistas, que dividiam as elites políticas americanas na questão sobre qual deveria ser a grande estratégia a ser adotada caso os Estados Unidos participassem da guerra.

Em *Geography of the Peace*, 1944, sua obra póstuma, somente publicada devido ao papel fundamental da Srta Helen R. Nicholl, que tendo atuado como Assistente de pesquisa do Professor Spykman no Instituto de Relações Internacionais, demonstrou grande habilidade e imaginação para compilação das aulas e mapas, a fim de que pudesse ser reproduzido com total fidelidade os pensamentos e intenções de Spykman²⁷. O grau de importância do trabalho da Srta Nicholl pode ser medido pelo fato de nos permitir ter acesso a última contribuição do autor no campo da estratégia: a *Teoria do Rimland*. Esta concepção não tem seu mérito pelo fato de ter colocado em xeque a Teoria do *Heartland*, apresentada por Mackinder em 1904, mas antes, pela grande influência que exerceu

²⁶ HASLAM, J. **A necessidade é a maior virtude**: pensamento realista nas relações internacionais. p.295.

²⁷ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics**: The United States and the Balance of Power. New York: Harcourt, Brace and Company.p.IX-X.1942.

na formulação da grande estratégia americana no segundo pós-guerra que perdurou por mais de quatro décadas²⁸.

Isolacionismo e Intervencionismo

Durante o período do entre guerras e até o momento da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o grande debate no âmbito da política americana estava centrado sobre qual deveria ser a grande estratégia americana a ser adotada caso os Estados Unidos fossem compelidos a participar do conflito. Este debate era conduzido pelos partidários de duas correntes que defendiam, por um lado, os princípios do isolacionismo e, de outro, os princípios do intervencionismo, ambos como parâmetros mais adequados para orientarem o comportamento americano na política externa.

Independente das motivações que tais correntes se apoiavam, ambas diferiam também nas percepções que tinham da situação geográfica dos Estados Unidos em relação à Europa e a Ásia e que por isso, como consequência refletiam de modo distinto na condução da estratégia americana sobre a política de segurança a ser adotada.²⁹ Os adeptos do intervencionismo defendiam a idéia de que a política de segurança deveria ter duas linhas de defesa: A primeira seria estendê-la nas duas pontas da Eurásia, mantendo um equilíbrio de poder tanto na Europa como na Ásia e a segunda, deveria ser estabelecida para a defesa do hemisfério ocidental, ou seja toda a aérea de influencia americana, do Rio Grande até a Terra do Fogo.

Os partidários da corrente isolacionista que por meio da análise geográfica concluíram que os Estados Unidos gozavam de uma excepcional situação geográfica por estarem protegidos por dois oceanos: Atlântico e Pacífico. Nesta ótica, esta localização espacial consistiria uma barreira natural que protegeria o território

²⁸ TOSTA, O. **Teorias Geopolíticas**. p.72-73.

²⁹ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics**.p.3-4.

americano de ser atingido por quaisquer que fossem as alterações de equilíbrio de poder no continente europeu e asiático e por isso, apontavam que a política de segurança deveria ter apenas um linha de defesa: as costas dos Estados Unidos.

A polêmica entre as duas correntes é recorrente na história americana, pois ambas estão permanentemente lutando para influir na política externa como ocorreu na proclamação da Doutrina Monroe, sobre a participação dos americanos nas duas Conferências de Marrocos, na Conferência de Berlin e na entrada na Primeira Grande Guerra.

Nesta última confrontação bélica, mesmo com a vitória dos aliados, os isolacionistas realizaram uma campanha ressaltando os perigos dos excessos do comprometimento americano no território europeu, impedindo assim que os Estados Unidos naquele momento se transformassem numa potência global, assumindo compromissos junto as potências européias na condução do sistema internacional. Isto explica por que as idéias de Woodrow Wilson não receberam apoio interno para que participassem como membros da Sociedade das Nações e apoiassem a criação desta organização de segurança coletiva.

A conjuntura externa na década 30 com os primeiros sinais de depressão mundial deram os argumentos necessários para a corrente isolacionista influenciar fortemente o Senado na formulação da política externa, convencendo-os que a melhor atitude seria evitar qualquer envolvimento internacional, eximindo-se assim, de qualquer responsabilidade além-fronteiras. A filosofia do isolacionismo continuou em voga até mesmo depois do início da Segunda Guerra Mundial, quando estenderam a abrangência geográfica da política de segurança e passaram abranger todo o hemisfério do Novo Mundo.³⁰

Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, inaugura-se uma nova fase na discussão entre as duas

³⁰ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics*.p.6

correntes, pois o foco do problema não é mais sobre o tipo de política de defesa e segurança deveria ser adotada, mas qual deveria ser a estratégia de guerra a ser empreendida.

Apesar da mudança na direção do debate a discussão recaiu sobre o mesmo problema de sempre: a proteção dos interesses americanos deverá restringir-se a sua área de influencia na região hemisférica ou deverá ter uma ação mais abrangente e avançar além das suas fronteiras?³¹

Para Spykman o cerne da questão que permeia o debate encontra-se no fato de que a elite política americana não discute o aspecto básico das relações internacionais a saber: *a política de poder*.

Para o autor a subestimação das questões sobre o poder é devida em parte a falsa ilusão de ter sido alcançado o esplêndido isolamento por conta da proteção dos oceanos Atlântico e Pacífico, que impedem que qualquer ameaça possa chegar às costas americanas. Em sua percepção os homens se orientam nas suas relações por muitos motivos e que o mero apetite pelo poder não é o único aspecto determinante das relações internacionais.

[...] tanto os assuntos internacionais como os de âmbito doméstico são influenciados pelos sentimentos de amor, ódio, caridade, dignidade moral e esperança pelos sucesso econômico; pelas anormalidades psíquicas dos governantes e pelas perturbações emocionais dos povos[...] ³² [tradução nossa]

Contudo, compreende também que na sociedade internacional não existe uma autoridade central para garantir a lei e ordem e nenhum instrumento coercitivo que ampare os Estados membros para que os seus direitos sejam garantidos. Neste tipo de ambiente de características do estado de natureza *hobbesiano* é imperioso para a sobrevivência que cada Estado busque

³¹ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics* p.6.

³² *Ibidem*, p.7.

permanentemente a melhoria de sua posição relativa de poder passando a ser esta o quesito principal na pauta da formulação da sua política externa. Por isso afirma que a política externa mais adequada aos Estados Unidos é aquela que interpreta que a realidade básica da natureza das relações internacionais é a luta permanente pelo poder e a partir desta conclusão construir uma grande estratégia tanto para a paz quanto para a guerra tendo como base a sua posição geopolítica.³³

Conceito de Poder

Para Spykman o conceito de poder está vinculado a idéia de sobrevivência e por isso este conceito é traduzido como a capacidade de um Estado impor aos demais a sua própria vontade, ter condições de ditar regras aos que carecem de força e possibilidades de arrancar concessões aos mais fracos. De uma maneira franca e desabrida afirma que a política exterior somente pode levar em conta os valores da justiça, igualdade e tolerância à medida que contribuem com o objetivo do poder, sem entretanto, interferirem com ele. Em suma "... não se busca poder para alcançar valores morais, mas utiliza-se destes para facilitar o êxito do poder..."³⁴

Esta análise da sociedade internacional é vista pela ótica da interpretação *hobbesiana* do estado de natureza, ou seja, não existe injustiça ou justiça, sendo que somente poderão sobreviver neste meio aqueles Estados que desenvolverem e adotarem uma política de poder de viés maquiavélica, na qual os critérios morais devem buscar a supremacia ou a sobrevivência. Acrescenta que esta política de poder não deve ser considerado apenas na capacidade de realizar e sustentar a guerra. Deve também considerar outros fatores decisivos do poder, como a extensão do seu território, a natureza das fronteiras, a ausência ou presença de recursos

³³ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics* .p.6.

³⁴ *Ibidem*,p.20.

naturais, o desenvolvimento tecnológico e econômico, a força financeira, homogeneidade étnica, integração social, estabilidade política e espírito nacional.³⁵

Para o autor a construção de uma política externa sólida não deve somente ajustar-se as realidades da política de poder, deve também acomodá-la ao lugar específico que o Estado ocupa no mundo, pois é a localização geográfica do Estado e suas relações com os centros de poder militar é que definirão a sua política de segurança. Em outras palavras, sendo a guerra o instrumento político da nação, cujo território constitui a sua base militar no momento do conflito e centro de preparação durante a paz, cada país deve conduzir sua estratégia de tempos de guerra e sua estratégia política de tempos de paz em função da sua posição geográfica.

Política e Equilíbrio de Poder

Para Spykman toda a vida civilizada está apoiada em última instância no poder, no entanto, como o ocorre nos Estados Unidos esta palavra é mal interpretada quando se vincula a idéia do exercício da força ganhando uma conotação de negativa. Para a sociedade americana somente é aceito o uso da força se for para alcançar objetivo de cunho humanitário, contudo, rejeitam quando este objetivo é para atender um fim particular, vindo de uma ação individual, social ou estatal.

Para o autor esta repulsa demonstra uma total falta de compreensão sobre um dos aspectos básicos da vida social, pois a natureza do poder é inerente a natureza humana haja vista que os homens têm inventado uma variedade de técnicas para ganhar amigos ou exercer influencia sobre os outros através da persuasão, permuta, ou coerção. Para parte da elite política do ponto de vista ético o uso do poder somente pode ser considerado como meio para

³⁵ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics*. p.24-25.

um fim de aspecto moral, contudo, segundo Spykman, esperar que o mundo siga este comportamento e abdique da coerção é “...empenhar-se para fugir da realidade para entrar num mundo de sonhos...”³⁶

O autor lembra que os homens criaram a sociedade mediante a colaboração, a adaptação e o conflito sendo estas as partes essenciais e integrais da vida social. Do mesmo modo que é aceito a colaboração e a adaptação com finalidades de criar instrumentos de governo e moldar a sociedade sob regras e leis que atendam os costumes e os valores comuns, deve aceitar-se também a existência do conflito como ingrediente desta sociedade, conflito este que possa ocorrer para atender aos ideais abstratos ou tão somente a interesses particulares. Spykman chama a atenção dos adeptos do isolacionismo e do *wilsonianismo* que “...a luta é um aspecto fundamental da vida e como tal, é um elemento em toda a relação entre individuo , grupo ou Estados...”³⁷

Da mesma maneira que ocorre no cenário doméstico, na sociedade internacional como os demais grupos sociais também se observam os três processos básicos: a colaboração, a adaptação e a oposição.

A diferença essencial entre as comunidades do tipo internacional e nacional consiste que na primeira não existe uma organização de governo capaz de manter a ordem e impor a lei e sendo assim, quaisquer existências de convênios, ou acordos internacionais não garantirão jamais a segurança para os Estados membros “nem na vida, nem na liberdade, nem na propriedade e nem na busca da felicidade...”³⁸ Cada Estado na sociedade internacional segue dependendo única e exclusivamente da sua política de poder e da sua fortaleza para garantir os seus direitos, a proteção dos seus interesses e sua auto conservação.

³⁶ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics* p.12.

³⁷ Ibidem, Loc. Cit.

³⁸ Ibidem p.17

Para Spykman a auto conservação ganha um significado especial pois segundo o autor:

[...] como território é parte integrante do Estado, a auto conservação quer dizer defesa do controle do território, como a independência faz parte da essência do Estado, a auto conservação quer dizer também luta para manter uma condição de independência [...] ³⁹

Sendo assim, o objetivo fundamental da política externa de um Estado deve ser a conservação da integridade territorial e a independência política.

Segundo Spykman, estando garantida esta tarefa primordial, que é a sua auto conservação, o Estado deve utilizar-se da sua política exterior para a promoção dos seus interesses no meio internacional, e poderá fazê-lo de duas maneiras: ou por meio de uma ação direta ou mediante instituições internacionais.

Pela sua interpretação realista das relações internacionais, o autor rejeita que esta promoção seja feita por organizações internacionais e haja vista o fracasso ocorrido com a Sociedade das Nações. Sendo o primeiro organismo internacional criado para amenizar os conflitos entre Estados nacionais e com isso, evitar que conflitos da magnitude da Primeira Guerra ocorresse novamente, o que se presenciou vinte anos após sua criação que esta instituição não passou de um mero fórum de reclamações e que o "...o edifício que deveria ser o Parlamento de todas as nações converteu-se no símbolo dispendioso de uma esperança abandonada..."⁴⁰

É por conta deste desencantamento que defende que os interesses nacionais no meio internacional deve ser buscado pela ação direta, de Estado para a Estado, no contexto de uma sociedade internacional onde não existe um governo central e onde não há nenhuma restrição da comunidade internacional que obrigue aos Estados a agirem com moderação no emprego dos métodos para alcançar os seus objetivos.

³⁹ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.17.

⁴⁰ Ibidem, Loc.Cit.

Spykman afirma que neste tipo de sociedade internacional permite-se toda a forma de coerção, inclusive guerras de destruição significando que a luta pelo poder identifica-se com a luta pela sobrevivência. A partir desta interpretação fica justificada a necessidade dos Estados de buscarem permanentemente o melhoramento das suas posições relativas de poder como objetivo primordial da política externa e interna sendo tudo mais secundário, pois somente o poder permite realizar os objetivos da política exterior e atender os interesses nacionais.

EUA: A Posição no Hemisfério Ocidental.

Em um mundo de anarquia internacional a política exterior tem que se encaminhar primordialmente para melhorar ou no mínimo conservar a sua posição relativa. O poder é em última instancia a capacidade de sustentar uma guerra, mas está na sua geografia as chaves para a solução dos problemas da estratégia militar e política. A geografia é o fator fundamental para a política exterior, à medida em que é um dado permanente, como diz Spykman, "...vão e vem Ministros, morrem ditadores, mas as montanhas permanecem imóveis..."⁴¹

Para o autor a magnitude dos domínios de uma nação contribui a fortaleza relativa do Estado em sua luta pelo poder, por exemplo: os recursos naturais exercem influencia sobre a densidade demográfica e sobre a estrutura econômica; a situação geográfica do país em relação aos oceanos e as massas continentais determinam sua maior ou menor proximidade aos centros de poder, sua localização com relação aos seus vizinhos imediatos definirá sua situação no que se refere aos possíveis inimigos e seus problemas de segurança territorial. Outro aspecto está na topografia e o clima do território ocupado pelo Estado, pois enquanto a topografia influi na composição da unidade estatal, o clima

⁴¹ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics*.p.17-18.

determinará os limites da produção agrícola e condicionará o sistema de transporte e o tráfico internacional. Para o autor qualquer descrição que se pretenda fazer para verificar a situação do poder de um Estado deve começar pela análise da sua geografia.⁴²

Para Spykman com a construção dos Canais de Suez e Panamá, as grandes massas continentais da superfície terrestre ficaram divididas em cinco continentes. Três destas situadas no hemisfério sul, Austrália, América do Sul e África, realizando o papel de verdadeira ilhas pois permitem a circunavegação e duas outras situadas no hemisfério norte, América do Norte e Eurásia, ainda que não sejam ilhas no sentido exato da palavra, desempenham o papel de penínsulas para a navegação.⁴³

A Eurásia desponta como o maior continente de todos e sua extensão equivale duas vezes e meia o continente norteamericano e sustenta uma população dez vezes superior. Como o poder político mundial está quase todo concentrado nas zonas temperadas, a aproximação com o Equador determina não somente o clima mas também a proximidade aos centros de poder. Para Spykman, "...em geral a História acontece nas zonas temperadas, e como é muito escassa a massa de terra do hemisfério sul nesta região..", conclui que "...a história se há feito nas zonas temperadas do hemisfério norte..."⁴⁴

O hemisfério ocidental é uma região insular rodeada pelos Oceanos Atlântico, Pacífico e Ártico e está situado em frente a Europa e Ásia e formado por dois continentes: a América do Norte e da América do Sul.

O continente norte americano constitui num triângulo invertido e seus litorais alargam-se em direção ao Alasca e a Groelândia de modo que os pontos extremos do norte são mais próximos da Europa e da Ásia. O continente do sul também apresenta a forma de um triângulo invertido cujas costas do Brasil encaixam-se nas costas

⁴² SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.41-42.

⁴³ Ibidem,p.42.

⁴⁴ Ibidem, Loc.Cit.

da África. Entre estas duas massas continentais, o hemisfério norte e o sul encontram-se o mediterrâneo americano que oferece uma zona de trânsito entre o norte e o sul como também permite o trânsito marítimo entre o oceano Atlântico e Pacífico.

Spykman conclui então que os Estados Unidos ocupam uma situação única no mundo, pois seu território pertence a metade norte do globo, em uma área das grandes massas territoriais e suas dimensões são de um verdadeiro continente com tudo o que isso representa em termos de poder, o que significa ter acesso direto as rotas comerciais mais importantes e está localizado entre as duas aglomerações populacionais da Europa e da Ásia oriental, ou seja, entre as zonas de maior importância econômica, política e militar do planeta.⁴⁵

Os Estados Unidos e a Política Mundial.

Como demonstra o Mapa 04 os EUA estão envolvidos geograficamente pelos continentes eurasiático, africano e australiano. Em termos de território esta área é duas vezes e meia maior que o Novo Mundo e dez vezes maior em termos de população. Como comentamos, a construção do Canal do Panamá permitiu que os EUA alcançasse uma projeção bi oceânica tendo em ambos lados dois centros de poder. Na costa leste, localiza-se a Europa Ocidental, que expressa sua força pelo desenvolvimento econômico; do lado oeste, localiza-se outro centro de poder, que manifesta sua força pela grande densidade populacional. Entretanto a natureza política destas duas regiões difere enormemente. A Europa é uma região em que a política é conduzida por vários Estados independentes, contudo, durante várias vezes na História estes Estados buscaram alcançar a hegemonia política. O exemplo é a própria ação da Alemanha nazista que representou uma grande ameaça, pois planejou dominar o território europeu desde o Cabo

⁴⁵ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics* p.42.

Norte até o Cabo da Boa Esperança, no sul do continente africano. O mesmo comportamento de dominação territorial por um só poder também ocorria no Extremo Oriente, contudo, a presença da China e da Rússia, mantiveram o equilíbrio de poder nesta região continental pois na verdade eles eram as únicas potências que tinham condições para a manutenção deste status. A ameaça para a dominação deste imenso espaço mediterrâneo partiu do Império Japonês, que tinha o objetivo de dominar a região costeira da Ásia oriental desde o Estreito de Bhering até a Tasmânia.

O mais significativo fato, a respeito da situação política em 1942, que permitiu que a Alemanha e o Japão atingissem boa parte dos seus objetivos foi a existência de uma política de aliança entre eles. Enquanto a Alemanha partiu em direção ao Cabo do Norte e para o sul até Dakar; o Império Japonês por sua vez estendia o seu controle desde a Manchúria, ao longo de todas as regiões importantes da costa da China, até ao sul da Nova Guiné e das Ilhas Salomão.⁴⁶

MAPA 04 : EUA e o MUNDO – Cerco ao Hemisfério Ocidental



Fonte: SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.33

⁴⁶ SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.33.

Spykman ressalta esta situação, pois os EUA estavam enfrentando uma possibilidade real de ser completamente cercado no Atlântico e no Pacífico por dois superpoderes que repartiriam a Eurásia entre si, conforme demonstra no Mapa 04.⁴⁷

A Geoestratégia da Segunda Guerra.

A Segunda Guerra foi uma confrontação generalizada pelo predomínio mundial entre, de um lado, a aliança germano-italo-japonesa e, de outro, os aliados formados pela Grã Bretanha, Rússia, Estados Unidos e China.

A Alemanha estava em disputa com a Grã Bretanha pela luta para alcançar a hegemonia no continente europeu e no Mediterrâneo o que permitiria o domínio sobre o norte da África e acesso ao Oceano Índico.

O Japão por outro lado, estava envolvido numa guerra com a China e buscava alcançar a hegemonia do Extremo Oriente, enfrentando os Estados Unidos e a Grã Bretanha na luta pelo controle do Mediterrâneo asiático. o que permitiria o domínio sobre a Austrália e o Oceano Índico.

A Rússia, por sua vez, encontra-se cercada pela Alemanha no ocidente e pelo Japão no oriente, tendo o concurso da China com seu espaço territorial mediterrâneo resistindo a presença japonesa. Na frente ocidental, os russos, mantinham a luta contra o poder terrestre alemão na Europa contando com o apoio da Grã Bretanha e dos Estados Unidos.⁴⁸

Os Estados Unidos, por sua vez, tinha dois objetivos: a primeira meta era conservar a supremacia naval no Pacífico e no Atlântico, mantendo o domínio no Mediterrâneo americano e na América do Sul e a segunda meta, era apoiar a Grã Bretanha e a China nas duas pontas da Eurásia, bem como a Rússia, no coração

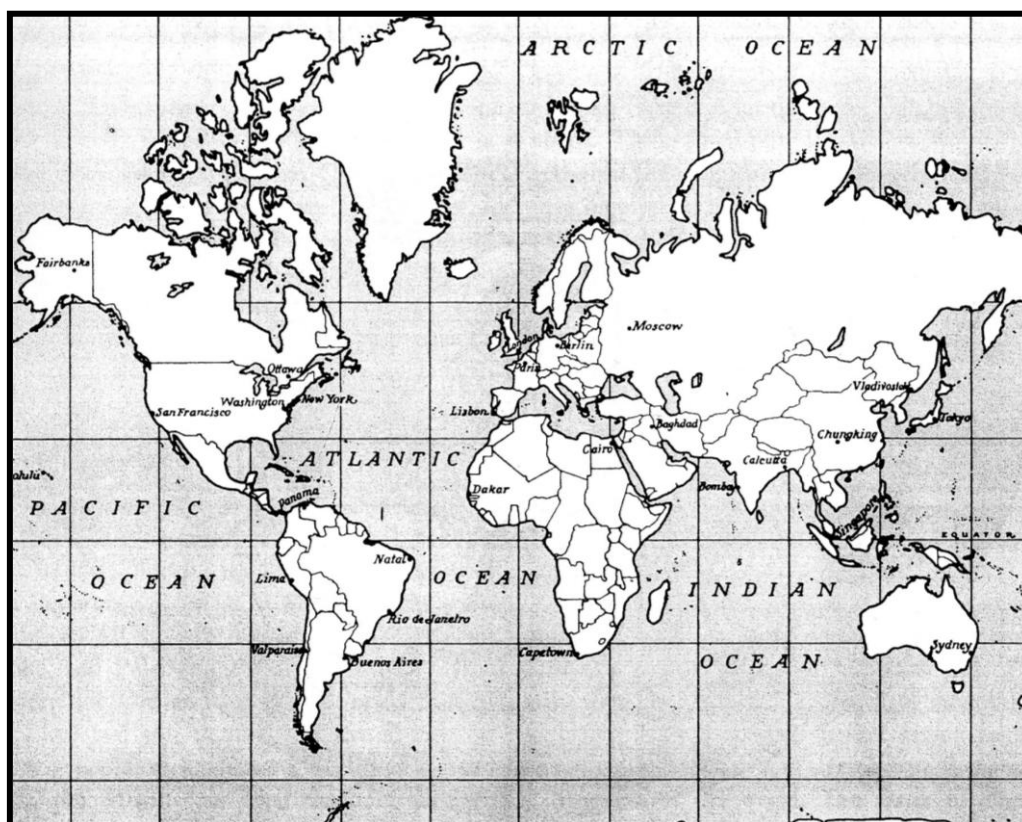
⁴⁷ SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.34.

⁴⁸ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics**.p.165.

das terras centrais da Europa, a fim de manter o equilíbrio de poder na Eurásia.

Com esta alteração na distribuição de poder houve a necessidade de se confeccionarem projeções cartográficas que representassem com maior precisão as novas configurações de poder. Por isso, o mapa cilíndrico tendo os EUA no centro, conforme o Mapa 06 demonstra, permite uma visão mais clara da sua posição em relação à Europa e ao Extremo-Oriente, de vez que o país se tornara uma potencia continental, interligada por uma malha ferroviária. Acrescente-se que, a abertura do Canal do Panamá, permitiu uma projeção bioceânica para as duas pontas da Eurásia via Atlântico e Pacífico.⁴⁹ Abaixo a projeção da Carta Mercator que para o autor não reproduzia mais com exatidão as realidades geográficas.

MAPA 05 : CARTA MERCATOR



Fonte: SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*.p.15.

⁴⁹ SPYKMAN, N. *America's Strategy in world politics*.p.176.

MAPA 06: EUA: PROJEÇÃO NO CENTRO DO PLANISFÉRIO



Fonte: SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*.p18

O mapa que expressa esta nova visão é uma carta de projeção polar azimutal equidistante e sua importância está em que apresenta com mais precisão do que qualquer outro mapa a distribuição das terras vindas do hemisfério norte em direção à latitude 20, sendo a região mais importante no aspecto econômico, político e militar do sistema internacional.

[...] A Projeção Polar Azimutal equidistante também indica o fato da existência da continuidade de terra em torno do Oceano Ártico ao passo que a tradicional projeção cilíndrica enfatiza a descontinuidade oceânica e localiza o Hemisfério Ocidental numa posição periférica e falha ao desconsiderar a importância e a integração com a Eurásia.⁵⁰ [tradução nossa]

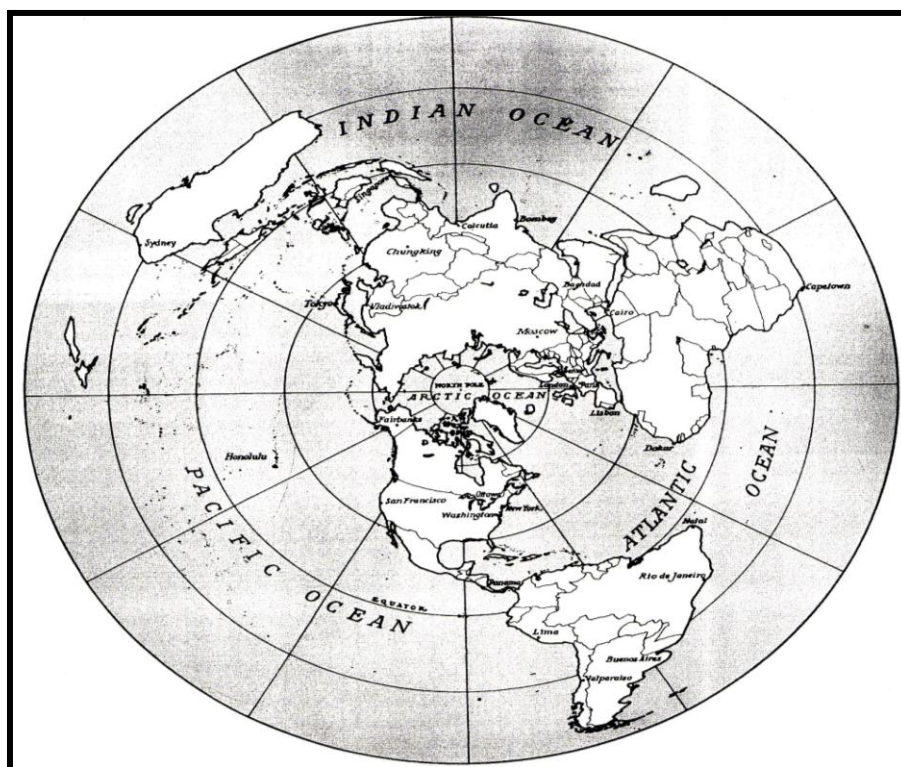
Esta projeção demonstra que a posição geográfica da América do Norte no continente ocidental encontra-se entre os dois centros de poder: um localizado na Europa e outro na Ásia, separado ao mesmo tempo pelos oceanos Atlântico e Pacífico.

⁵⁰ SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*.p.17

O importante fato a respeito da posição geográfica da América do Norte no mundo está que o continente ocidental encontra-se entre os centros de poder na Europa e da Ásia, separado ao mesmo tempo pelos oceanos Atlântico e Pacífico. A força concentrada dos centros de poder no Hemisfério Oriental seria irresistível, tornando impossível para os EUA manter sua segurança e preservar sua independência.

Spykman conclui que se os EUA quiserem evitar que esta ameaça de cerco surja no futuro é necessário impedir nos tempos de paz o surgimento de uma potencia ou constelação de potencias que domine as duas pontas da Eurásia.

MAPA 07 : PROJEÇÃO AZIMUTAL CENTRADA NO POLO NORTE



Fonte: SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*, p.16

Para compreender este jogo de forças é necessário transferir o movimento do jogo político mundial para uma projeção geográfica esférica para que se adquira uma visão mais próxima da realidade.

Utilizando-se de uma projeção azimutal centrada no Pólo Norte de contorno esférico a fim de compreender as conseqüências

deste jogo de forças da política mundial nota-se que as relações entre o Mundo antigo e o Mundo Novo apresentam realidades muito diferentes do que aquele exposto numa projeção plana e revela dois traços significativos: o primeiro é a verificação de que, vista do Pólo Norte, percebe-se que as terras estão concentradas no hemisfério norte e se dispersam a maneira de uma estrela de três pontas, tendo o Pólo como centro, para o Cabo da Boa Esperança na África, para o Cabo Horn na América do Sul e para o Cabo Lewin na Austrália.

Outras revelações importantes foram que as costas do Novo Mundo e do Mundo Antigo são banhadas por três oceanos Ártico, Atlântico e o Pacífico e que estas duas massas continentais tem um ponto de contato muito próximo, entre o Alasca e a Sibéria oriental separados apenas por sessenta milhas no Estreito de Bhering.

Estas revelações apontam que o Mundo Novo e o Mundo Antigo estão permanentemente rodeando-se e poderão influir um sobre o outro de acordo com seus potenciais de poder, ou seja, se o Mundo Novo for capaz de arregimentar forças para atravessar os oceanos, atuar no antigo continente e estabelecendo ali uma política de equilíbrio de poder, ou, por outro lado, se o Mundo Antigo for capaz de arregimentar massas de poder não compensado para atuar no Mundo Novo, cercando-o e submetendo-o aos seus interesses geopolíticos.

Terras Centrais : Zonas Amortecedoras.

As terras centrais do continente eurasiático formam um núcleo em torno do qual circunda uma zona de amortização com seu litoral ao norte no gelado Oceano Ártico, estendendo-se da Cordilheira da Noruega até a península Chukostki na Sibéria.

Em torno deste espaço mediterrânico encontra-se uma região localizada na Ásia Central, nos planaltos da Mongólia e da Sibéria, que desempenham o papel de muralhas que isolam e dificultam o acesso à terra central.

Envolvendo esta grande massa terrestre encontra-se o que Spykman denominou de grande caminho circunferencial marítimo do mundo, abrangendo desde a Grã Bretanha até o Japão. Estendendo-se dos mares Báltico e do Norte, prosseguindo pelo Mar Mediterrâneo e chegando ao Mar Vermelho. Em seguida, continua cruzando o Oceano Índico, desde o Golfo de Aden até Penang, na península Malaia, às margens do estreito de Malaca. Este corredor atinge os mares marginais do Extremo Oriente, a saber, os Mares da China e do Japão, terminando no Mar de Okhotsk, na Sibéria.⁵¹

O Professor interpreta que entre a grande massa territorial no cerne do continente eurasiático e a rota circunferencial marítima estende-se o que denominou de “*zona concêntrica amortizadora*” que compreende a Europa centro-ocidental; a Turquia, o Irã, o Afeganistão o Tibet; a China e a Sibéria oriental. Acrescente-se a isso a península da Arábia, a Índia e a Birmania-Sião, atualmente União de Mianmar.

Diante desta constatação depreende-se que estando as Terras Centrais cercadas por cadeias de montanhas, as únicas saídas possíveis para atingir os mares quentes são aquelas que passam pelos mares Báltico, Negro e Mediterrâneo, assim como pelas estradas que atravessam os Cárpatos e cruzam as planícies do norte da Alemanha. Os demais pontos são muito difíceis, pois a partir do Turquistão a única saída seria atravessar a planície do Irã até atingir o Golfo Pérsico, ou, cruzar o Afeganistão para atingir o Oceano Índico.

A partir dessa análise baseando-se na idéia do embate do poder marítimo e terrestre, verifica-se que as terras centrais do continente eurasiático são ocupadas pela Rússia Soviética tornando-a o mais vasto Estado mediterrâneo do mundo, que possui também vastas extensões de terras adequadas para a atividades agropastoris e um subsolo rico de recursos naturais.

⁵¹ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.178.

Spykman assinala que este espaço mediterrâneo poderia abrigar uma população em torno de 200 milhões de habitantes, e que se investisse tecnologia de mão de obra nos recursos naturais da região, a URSS poderia desenvolver uma economia auto-suficiente que serviria de base para a máquina de guerra mais poderosa do século XX.

Chama a atenção a passagem acima, pois parece que o autor está concordando com Mackinder, pois nos remete ao grande temor do geógrafo inglês: se ocorresse uma reunificação da potencia terrestre que dominasse o *Heartland* com uma potencia industrial localizada no *Inner crescent* tal fato levaria ao surgimento de um poder anfíbio em condições de alcançar os mares abertos e ameaçar a supremacia marítima inglesa.

Spykman demonstra aceitar as idéias de Mackinder no que diz respeito à ocorrência da expansão de forças do interior da Eurásia, que partiria da Ásia Central, em direção à Europa, à Pérsia, à Índia e à China. Nesta mesma faixa mediterrânea da região central da Eurásia, manifesta-se o poder da Rússia moderna, na busca de uma saída para as regiões marítimas circundantes às terras centrais.⁵²

No início do século XX a Rússia, novamente no papel da grande potência terrestre buscando uma saída para os mares quentes, empreenderá uma luta contra duas potências insulares: a Inglaterra e o Japão. A ação de ambas teve como objetivo bloquear os dois flancos do continente eurasiático impedindo assim o acesso da potencia mediterrânea aos Oceanos Atlântico e Pacífico.⁵³

Novamente nota-se a influência do pensamento de Mackinder no geógrafo americano quanto a interpretação de que a História Mundial tem como uma das suas características a luta entre as potencias marítimas e continentais, em que as primeiras estão permanentemente cercando o poder terrestre oriundo do grande

⁵² SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.182.

⁵³ *Ibidem*, p.183.

território eurasiático, a fim de impedir que se transforme num poder anfíbio.

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, contrariando as idéias do geógrafo inglês, entende que pela primeira vez a tensão entre as potências terrestres e marítimas estavam tomando rumos opostos, ou seja, esta rivalidade não estaria partindo da luta entre uma potência vinda do interior das Terras Centrais para as pontas da Eurásia, mas o que se verifica são as potências da zona litoral, que circunda a grande massa territorial localizada no norte é que estão dirigindo-se para o centro do continente eurasiático.

A Alemanha partindo da Europa e o Japão partindo do Extremo-Oriente, ambos buscando dominar cada um uma parte da massa territorial da Eurásia cujo o resultado a alcançar é impedir qualquer ameaça vinda das Terras Centrais. O movimento simultâneo do eixo nipo-germânico obrigaria a Rússia a recuar e ver-se espremida e deslocada além dos Urais e retirada da proximidade do Lago Baikal reduzindo o seu espaço territorial a um acanhado Estado amortizador localizado entre duas grandes potências.

O resultado deste processo seria impedir que surgisse um poder que partindo da região eurasiática expandisse e ameaçasse a região europeia e o extremo-oriental. Com este objetivo alcançado as duas potências do eixo ficariam livres para continuar o processo de expansão e dominação, partindo dos oceanos Atlântico e Pacífico num movimento gigantesco de pinças, que envolveria Estados Unidos.

A vitória do Eixo no Mundo Antigo permitiria a Alemanha dominar a região euro-africana desde o Cabo Norte até a Cidade do Cabo, domínio esse que se estenderia até os montes Urais além do Mediterrâneo e Oriente Médio, Isso representaria o controle de uma população de 550 milhões de habitantes o que redundaria num enorme acúmulo de poder.⁵⁴ Em relação ao Japão, caso alcançasse o domínio da Eurásia, equivaleria transformar seu império insular em

⁵⁴ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.194.

um império de dimensões continentais, aumentando o seu espaço territorial desde os Estreito de Bhering até a Tasmânia, na Austrália, tendo assim o domínio de mais da metade da população do planeta.

Se estas hipóteses se confirmassem os Estados Unidos ficariam cercados por dois gigantes impérios continentais possuidores de um grande poder militar e com capacidade para pressionar a partir das duas pontas da Eurásia, determinando assim o seu estrangulamento político das Américas.⁵⁵

A Teoria do Rimland.

Na interpretação de Mackinder no interior da Ilha Mundial, encontra-se uma região em que ele denominou de *Heartland* interpretada como sendo uma área-pivô que representava o núcleo basilar da grande massa eurásiana sendo por isso o conceito chave da teoria do poder terrestre.

Em torno do Heartland formava-se um grande arco interior que o autor denominou *Inner Crescent*, considerado por ele como a primeira barreira física de contenção para impedir a expansão do poder terrestre localizado no coração da Eurásia. Nesta região localizam-se Alemanha, Áustria, Turquia, Índia e China.⁵⁶

Spykman apresenta um novo conceito que substitui o *Inner Crescent* de Mackinder e que foi denominado *Rimland* e que deve ser interpretado como uma região intermediária situada entre o *Heartland* e os mares marginais, funcionando desta maneira, como uma zona de amortização entre as potências marítimas e terrestres. Esta região tem uma natureza anfíbia, que no passado lutou contra o poder terrestre vindo do *Heartland* e contra o poder marítimo vindo das ilhas situadas fora do continente da Eurásia, como a Grã Bretanha e o Japão.

⁵⁵ SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics** p.195.

⁵⁶ MACKINDER, H, **The Geographical Pivot of History**.p.436.

Para o geógrafo americano encontra-se na natureza anfíbia do *Rimland* a base dos problemas de segurança, diferentemente do pensamento de Mackinder, que afirmava que o padrão do comportamento político no interior da Eurásia sempre foi caracterizado pela pressão dos povos nômades sobre os povos que ocupavam a região dominada pelo *Rimland*.

Para Mackinder este comportamento foi herdado pelo Império Russo, que desde o século XIX buscava uma saída para os mares mas foi bloqueado pela predominância do poder marítimo da Grã Bretanha que cercava toda a costa da Eurásia, impedindo o acesso para os mares quentes.⁵⁷ Esta luta entre a Rússia, potência terrestre, e a Grã Bretanha, potência marítima, exemplificava o postulado da rivalidade inevitável das potências marítimas e terrestres ao longo da História.

Spykman refutou este argumento lembrando que as três grandes guerras mundiais do século XIX e do século XX, como as guerras napoleônicas, Primeira e Segunda Guerras, os impérios britânico e russo, estiveram do mesmo lado lutando contra a intervenção de uma potência do *Rimland*, seja ela representada por Napoleão, Guilherme II ou Adolf Hitler.

O autor também colocou em xeque as afirmações de Mackinder de que a região do coração central poderia alcançar uma grande dinamismo econômico devido ao desenvolvimento do transporte terrestre que permitiria competir com as potências marítimas. O autor verifica que esta previsão não ocorreu pois não surgiu na região ocupada pela Rússia, nenhum grande centro de poder com capacidade de mobilidade e comunicação.

Os transportes ferroviários, rodoviários e aéreos criariam uma grande mobilidade no centro da Eurásia, contudo, o autor lembra que não podemos ignorar que esta massa mediterrânea é cercada ao norte, a leste, ao sul e ao sudoeste pelos maiores obstáculos para o transporte, o que impede o seu desenvolvimento. Outras

⁵⁷ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.41.

dificuldades como os de aspecto climático que apresenta na maior parte do ano temperaturas glacial e nas suas fronteiras, que estão cercadas por cadeias de montanhas que dificultam a passagem. Em toda região que cerca o *Heartland* verifica-se escassos recursos de transporte. Spykman percebe que a Ásia Central não terá condições em futuro próximo alterar este quadro de baixo potencial econômico, contrariando as previsões de Mackinder.⁵⁸

Por isso que afirma que o ditado mackinderiano a respeito do controle do Heartland é falso e o slogan que melhor interpreta a política de poder no Velho Mundo é o seguinte: “...Quem controla o Rimland, domina a Eurásia, Quem domina a Eurásia, controla os destinos do mundo...”⁵⁹

Spykman aponta que a grande ameaça para a segurança dos Estados Unidos viria da possibilidade das regiões do *Rimland* da Eurásia serem dominadas por dois poderes hegemônicos nas suas duas pontas: a Alemanha e o Japão.

EUA: Política de Segurança.

Analisando a Segunda Guerra Mundial, o autor percebe que todas as áreas em conflito estão interligadas não importando o quanto distantes estão uma das outras, pois qualquer alteração política em uma área terá imediata repercussão nas outras, embora as regiões da Europa e do Extremo Oriente aparentem ser áreas autônomas, elas são meramente parte do um único campo de operação.

A grande estratégia americana para a Segunda Guerra deve ser construir uma rede entre todos estes centros de poder, abrangendo desde a costa atlântica da América do Norte, a costa do continente europeu estendendo as costas do Extremo-Oriente da Eurásia, considerando também o subcontinente da Índia.

⁵⁸ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.39-43.passim.

⁵⁹ Ibidem,p.43.

Esta estratégia tem como principal determinante o fator geográfico, já que o Hemisfério Ocidental poderia ser vencido por uma constelação de poderes que dominasse a região eurásiana, que possui uma área duas vezes e meia e uma densidade populacional dez vezes maiores que aquela das Américas.

Isto posto, aponta que o objetivo político dos Estados Unidos tanto na guerra como na paz, é prevenir a unificação na região do Velho Mundo por uma grande potencia ou constelação de poderes que sejam hostis ou contrários aos interesses norte-americanos.⁶⁰

O autor alerta que os mesmos centros de poder que participaram da Segunda Guerra Mundial continuarão sendo importantes áreas estratégicas após o fim do evento para a organização da paz. O tipo de relação entre as potências da região da Eurásia será o termômetro que garantirá ou não a segurança do mundo e do Hemisfério Ocidental.

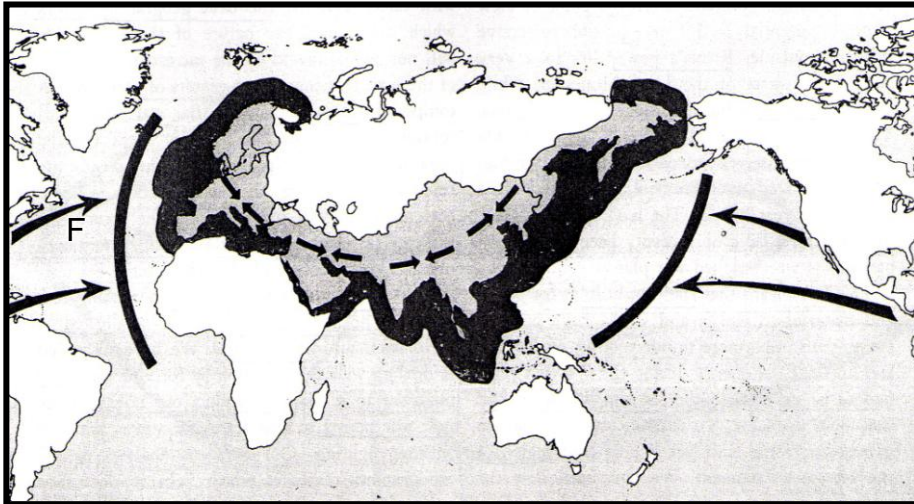
Aqui está a razão do motivo sustenta o argumento de que os Estados Unidos terão que estar permanentemente obrigados a manter sua posição nas duas pontas do supercontinente.

Pós Segunda Guerra Mundial: Heartland versus Rimland

Spykman relembra a forte pressão advinda do interior do *Heartland* através de uma grande poder militar na busca de uma saída em direção às regiões do Rimland. Este comportamento reporta-se aos tempos de lutas entre os teutônicos e os eslavos na busca pelo domínio da região do leste Europeu. Também ocorreu no Oriente Próximo, quando da luta entre os russos e os turcos auxiliados pelos ingleses para impedir os primeiros de alcançarem os mares quentes. Alerta que esta experiência histórica, em que o comportamento político da Rússia foi de pressionar a região do Rimland, deve ser considerada como um aspecto importante no período do segundo pós-guerra.

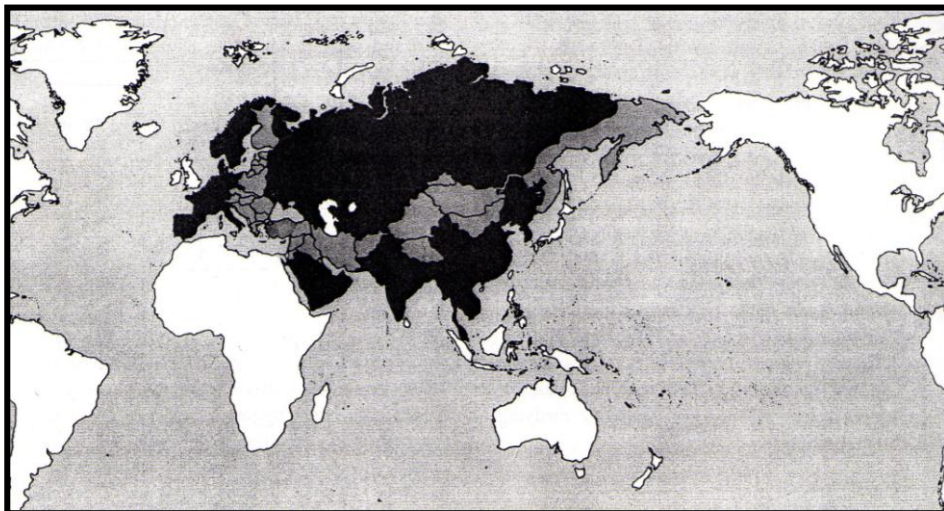
⁶⁰ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.44-45 passim.

MAPA 08: CONFLITOS NA ZONA EURASIANA



Fonte: SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*.p.52

MAPA 09: HEARTLAND vs RIMLAND



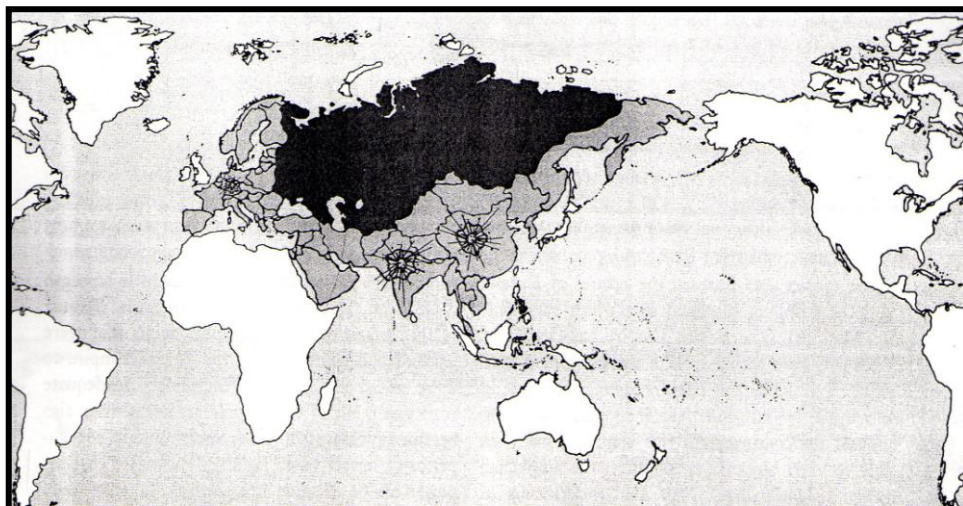
Fonte: SPYKMAN, N. *The Geography of The Peace*.p.52

Para o autor, na região da Europa o fato mais importante será a distribuição de poder entre a França, a Alemanha e a Europa Oriental, mas que a melhor política a ser implementada é impedir a predominância de um desses Estados. Para ele deve ser esta a tarefa das três grandes potências, Estados Unidos, Grã Bretanha e União Soviética, no período do pós-guerra a fim de preservar o equilíbrio de poder.

Na região do sudeste asiático banhada pelo Oceano Índico e no Extremo Oriente aponta que o fator mais importante é o crescimento do nacionalismo e das tensões que podem desestabilizar a região. O Estado que o autor destaca é a Índia, pois tanto na condição de colônia inglesa ou como Estado independente, se falhar na manutenção da sua unidade será palco de lutas entre vários pequenos Estados, o que obrigará a presença do poder marítimo inglês nas costas da África ou Austrália a fim de manter a estabilidade. Outro Estado que chama atenção do autor é a China por ser a grande potencia dominante no Extremo Oriente se conseguir derrotar o poder japonês. Ela teria apenas a Rússia localizada no norte para manutenção do equilíbrio continental.

Novamente alerta que se as potencias ocidentais quiserem manter qualquer influencia em todo este território deverão estabelecer uma série de bases marítimas e devido aos limitados recursos da China, estas seriam suficientes para contrabalançar qualquer tentativa da China de dominar completamente o Extremo-Oriente.⁶¹

MAPA 10: CONFLITO INTRA-RIMLAND



Fonte: SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.53.

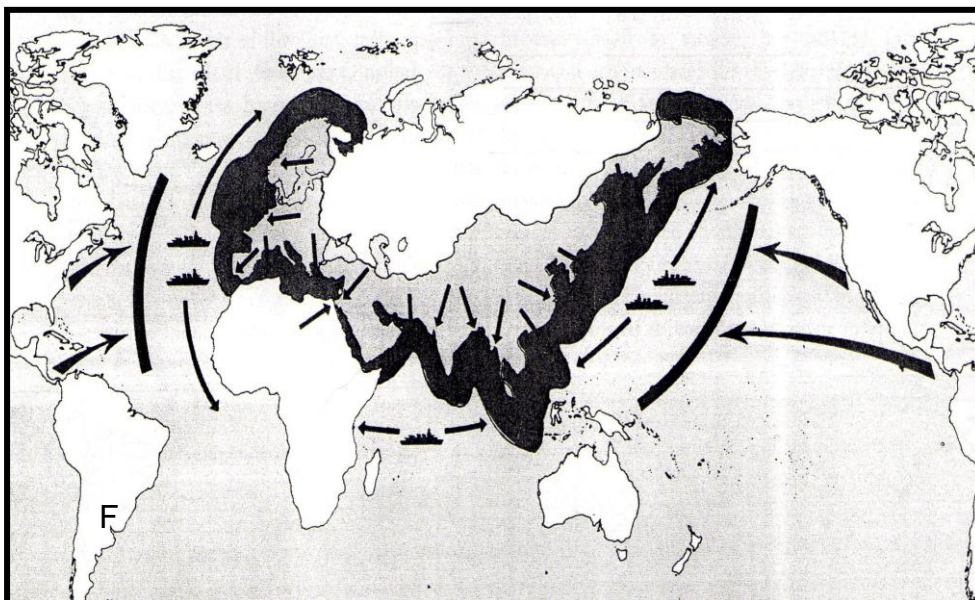
⁶¹ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.53

As Potências Marítimas e as Costas da Eurásia.

Spykman aponta que as regiões que devem ser de imediata preocupação para as duas potências marítimas, Grã Bretanha e os Estados Unidos, são as áreas de contato entre o litoral da Eurásia e os mares marginais que cercam o supercontinente, conforme apresenta o Mapa 11.

Até o início do século XX o cerco marítimo a Eurásia foi exercido pela Marinha Imperial inglesa que controlava toda a orla asiática e que tinha condições de pressionar a região anfíbia ou o *Rimland* em torno do continente eurasiático.

MAPA 11: PODER MARÍTIMO & PODER ANFÍBIO



Fonte: SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.54.

No fim do século XIX, com a expansão do poder marítimo japonês e com a presença dos Estados Unidos nas Filipinas até o sul do Mar da China houve uma diminuição da influência inglesa, ao mesmo tempo que naquela conjuntura o Império britânico lutava para manter o controle sobre a zona marítima do Extremo-Oriente.⁶²

Para o geógrafo não existe no mundo uma área geopolítica tão profundamente afetada pelo desenvolvimento do poder aéreo do

⁶² SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.54.

que a zona marítima marginal. No seu entendimento não existe poder marítimo efetivo sem poder aéreo e este, por sua vez terá pouca eficácia se estiver baseado em áreas longínquas logo, conclui o autor, as bases terrestres do poder aéreo por isso, são superiores às dos porta aviões. Isto significava que se que o litoral do continente eurásiano caísse nas mãos de um poder aéreo de uma potencia vindo do interior da Eurásia, enfraqueceria as ações da potencia marítima.

A resposta do autor ao problema é basear o poder aéreo em certas regiões do Velho Mundo, as quais podem ser efetivamente controladas como por exemplo: O Mar do Norte, o Mediterrâneo europeu e asiático e o Mar do Japão as quais podem ser consideradas como bases de apoio do poder aéreo contra uma força continental

Isto somente será possível se por detrás do poder aéreo continental não houver uma força unificada dos centros de poder da Europa e da Ásia. É por isso que aquelas nações que controlam as costas opostas dos mares marginais devem impedir a dominação do *Rimland* por uma superpotência.⁶³

EUA: Acesso à Eurásia.

Segundo Spykman, os EUA tem em relação à Eurásia a mesma posição da Grã Bretanha em relação ao continente europeu. Nenhum deles tem condições de empregar suas forças armadas dentro do continente a não ser que possuam um aliado local que apóie com uma base a fim de que possam exercer o seu poder terrestre. O autor entende que a França após o fim da Segunda Guerra não poderá ter condições para garantir sozinha a segurança no continente europeu.

Por outro lado, a Rússia soviética será a mais poderosa potência terrestre no continente e será uma vantagem tanto para os

⁶³ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace**.p.55.

Estados Unidos como para a Grã Bretanha tê-la como aliada. Observa que se a União Soviética não quiser estabelecer uma hegemonia sobre o *Rimland* europeu, tornar-se-á a maior base continental para o estabelecimento da paz. Contudo não teria condições de por si própria preservar sua segurança contra um *Rimland* unificado e por isso, somente com a ação conjunta das três potências será possível manter e estabilidade no continente europeu.

Quanto aos Estados Unidos, o autor aponta que deve procurar estabelecer bases na zona transatlântica a fim de permitir uma aproximação do continente eurasiático, pois a mera aliança com a Grã Bretanha e a Rússia não será suficiente para garantir o apoio para seu sistema de segurança e nem terá força necessária para manter um equilíbrio de poder entre as três grandes potências.

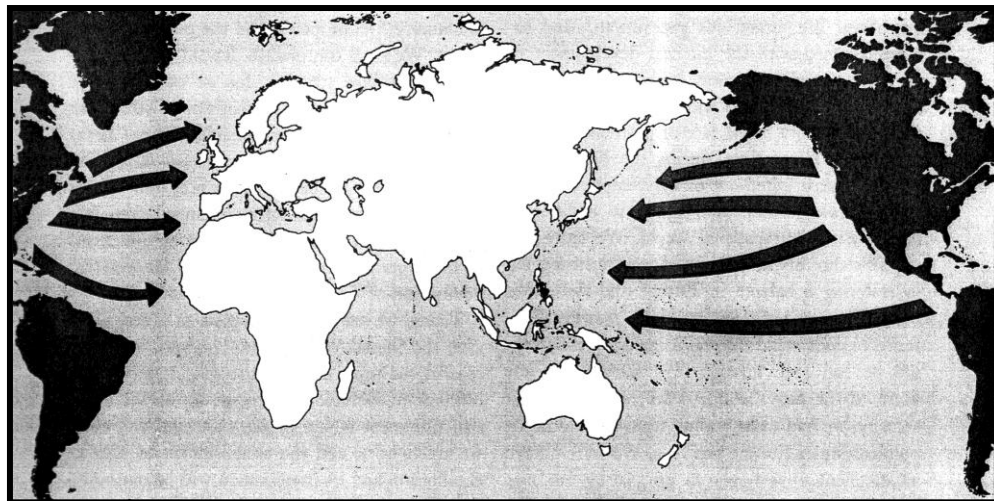
Sugere que para o estabelecimento permanente da paz no continente seria interessante estabelecer o poder naval e aéreo em três regiões: Groelândia, Islândia e Dacar. Esta presença também poderia ser transferida para a América do Sul e para a região do Bahamas. O autor preocupa-se em afirmar que estes movimentos não tem o sentido de transferência de soberania para estas regiões, pois não se trata de expansão do imperialismo, mas a necessidade de estabelecer e manter o equilíbrio de poder.⁶⁴

Quanto a região transpacífica apesar de ser uma situação diferente do que ocorre na Europa, existem semelhanças nas ações. Na Ásia a ameaça do equilíbrio de forças incide na existência de um grande poder que ascenda à posição de controlar todo acesso marítimo do litoral. Com a derrota do Japão este controle passará para a China que será a mais vasta e poderosa nação da região. Logo as três grandes potências Grã Bretanha, a Rússia e os Estados Unidos devem disponibilizar suas forças para preservar o equilíbrio de poder.

⁶⁴ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace** p.57.

O autor adverte que se os Estados Unidos realmente tiverem interessados seriamente em estabelecer uma política de segurança para o Extremo Oriente e para a si mesmo deverá aumentar suas bases navais e aéreas no Alaska e reestabelecer a sua força militar nas Filipinas.

MAPA 12 : O FUTURO DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL



Fonte: SPYKMAN, N. **The Geography of The Peace**.p.59

Spykman chama atenção de que os Estados Unidos devem reconhecer permanentemente que a constelação de poderes na Europa e na Ásia deverá ser a sua eterna preocupação nos tempos de paz e de guerra. É preciso não esquecer que a manutenção do equilíbrio de poder na Eurásia foi um dos objetivos que levaram a participação dos EUA na guerra. Sendo assim, esta preocupação deverá ser mantida uma vez que o interesse americano será continuar a colaborar com as potencias que procurarem prevenir o surgimento e a consolidação de grandes potencias nas regiões, como demonstra o Mapa 12, em torno do Rimland.⁶⁵

Como se pode verificar o objetivo deste capítulo foi de resgatarmos criticamente do passado o pensamento do geógrafo inglês Halford J. Mackinder e do geógrafo americano Nicholas J. Spykman cujas contribuições inéditas permitiram o avanço no campo

⁶⁵ SPYKMAN, N. **Geography of the Peace** p.61.

de estudos da geopolítica e da estratégia.

Em Mackinder, tivemos a oportunidade de revisitarmos os conceitos basilares que sustentaram a Teoria do Poder Terrestre, como uma resposta a Teoria do Poder Marítimo, de Alfred Mahan.

Realizando o que alguns autores denominam de uma revolução copernicana, no dia 25 de Janeiro de 1904, na Real Sociedade Geográfica de Londres, na Conferência intitulada *The Geographical Pivot of History* apresentou uma inédita percepção do mundo em que o tradicional conhecimento difundido pela ciência geográfica do início do século XX, foi profundamente questionada.

Neste célebre encontro, a idéia de que a Terra é formada por quatro oceanos, Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico e seis continentes Europa, Ásia, África, América, Austrália e Antártida, foi revertida na inédita visão, como vimos no Mapa n. 1 *O Mundo de Mackinder*, o qual percebia o mundo como sendo formado por uma Ilha Mundial, cercado por três ilhas-continentes e com um único oceano, denominado *Great Ocean*.

O ineditismo desta cosmovisão foi retomado em 1919, quando do final da Primeira Grande Guerra, e foi realizada uma derradeira intervenção, antes do fim da Segunda Guerra Mundial, quando da apresentação de um novo conceito, o *Midland Ocean*, cuja contribuição teórica, contribuiu para o planejamento do desembarque na Normandia, na conhecida *Operação Overload*. Outro aspecto importante, que vale ressaltar foi que as idéias de Mackinder foram reproduzidas com a eclosão do período da Guerra Fria, pois no plano geopolítico e estratégico, foi assumida a forma de enfrentamento da superpotência marítima, os Estados Unidos, que controlava o crescente marginal e insular da Eurásia, contra a superpotência terrestre, a União Soviética, que dominava o continente basilar do planeta.

Em Nicholas Spykman, retomamos as suas idéias basilares nas duas grandes obras, "*America's Strategy in World Politics*" e "*The Geography of The Peace*".

Na primeira, que foi influenciada por Mackinder, pois percebe,

assim como o geógrafo inglês, que o sistema internacional é global e qualquer alteração de forças entre os principais atores internacionais implica nas oscilações do equilíbrio mundial. Sendo assim, defendeu no período Entre-Guerras (1919-1939), que o papel dos Estados Unidos, deveria ser intervencionista e por isso a primeira linha de defesa americana precisava ser estendida até as bordas Eurásia, pois a idéia de um esplendido isolamento, em que os Estados Unidos estariam seguros, por conta da distancia oceânica do Pacífico e Atlântico era ilusória, haja vista que o desenvolvimento da aviação militar tornava extremamente vulnerável a linha de defesa hemisférica.

Na segunda obra, “*The Geography of The Peace*” contestou a Teoria do *Heartland* o qual apontou aspectos cruciais que demonstravam que esta teoria não explicava a realidade e por isso, o ditado de Mackinder que apresentava o *Heartland* como ponto decisivo para o controle do mundo, deveria ser substituído, pelo conceito do *Rimland*. Esta interpretação orientaria nos meados da década de 40 os formuladores da política externa dos Estados Unidos, na construção do que ficou conhecido com a *Doutrina de Contenção*.

Em síntese a discussão deste capítulo permitirá que nos fundamentemos teoricamente para a análise geopolítica nas duas ações militares do Governo George Walker Bush, conhecida como a *Operação Liberdade Duradoura*, que estabeleceu a guerra no Afeganistão, em 2001, e a segunda, denominada de *Operação Liberdade* do Iraque, em 2003, com a invasão deste país acompanhada da derrubada do regime de Saddam Hussein.

No próximo capítulo, antes de adentrarmos na análise geopolítica propriamente dita, faremos como que uma pausa para nos dedicarmos à análise das bases filosóficas e as orientações políticas e estratégicas que sustentaram o primeiro mandato do Governo George W. Bush.

Primeiramente, discutiremos o movimento neoconservador que permeou todo o período da Guerra Fria até a ascensão de

George Walker Bush ao poder em 2001 e; em seguida analisaremos o documento conhecido como “*Orientação do Planejamento de Defesa de 1992*”, produzido pelo Pentágono, cujo pensamento estratégico ali apresentado atravessou toda a década de 90.

CAPÍTULO II

GOVERNO GEORGE W. BUSH:

Discutindo a grande estratégia dos Estados Unidos

A discussão sobre o pensamento geopolítico clássico de Mackinder e Spykman, que foi a base da Doutrina de Contenção ao longo de quarenta e cinco anos entre os Estados Unidos e a União Soviética, ganhou outros contornos após o fim deste evento.

Neste capítulo faremos um *intermezzo* sobre as formulações das teorias da geopolítica, em si mesmas, que foram produzidas no século XX. Nesta parte do trabalho trataremos especificamente do debate no meio político ocorrido ao longo da década de noventa, que girava em torno de qual deveria ser a grande estratégia adotada pelos Estados Unidos após o fim da Guerra Fria e como foi refletida na produção do que ficou conhecida como a Doutrina Bush.

Logo após o fim da Guerra Fria várias questões surgiram no meio político e acadêmico americano para compreender o que realmente estava ocorrendo a fim de estabelecerem uma política coerente que orientasse o comportamento dos Estados Unidos em face a nova realidade que se apresentava.

Na busca de uma resposta no início da década de noventa dois expoentes acadêmicos americanos, Francis Fukuyama e Samuel Huntington, no interesse interpretar a essência daquele novo momento político apresentaram suas interpretações em dois famosos artigos, respectivamente, “*O fim da História*” e o “*Choque de Civilizações?*”. Fukuyama, na tradição dialética de Hegel e Marx postulou que a evolução política da humanidade tinha alcançado o seu apogeu com a vitória da democracia liberal. Samuel Huntington, da mesma maneira que Oswald Spengler (“*Declínio do Ocidente*”) e , Arnold Toynbee (“*Um Estudo da História*”), apresentou a sua interpretação de viés civilizacional, na qual o paradigma dos três mundos tinha desaparecido juntamente com os embates ideológicos e em seu lugar surgiu um novo paradigma com nove civilizações, em

que cada uma delas estava em torno de um Estado Central. O foco são os valores culturais tendo como seu núcleo vital a religião. Neste adorável mundo novo, segundo Huntington, a pergunta principal não é mais de que lado você está, mas o que você é. De acordo com a resposta o resultado pode ser uma bala na cabeça.⁶⁶

O resultado deste debate não resolvia o dilema americano ou seja responder a seguinte questão: qual deveria ser o papel da América no mundo? Qual a perspectiva que a América deveria olhar o seu lugar neste novo mundo para substituir as premissas obsoletas que a guiaram por quarenta e cinco anos? Deveria adotar um desengajamento e desmobilização de um papel ativo no planeta, ou seja, um retorno a uma política isolacionista ou, diante da vitória incontestável na Guerra Fria, aprofundar os valores políticos e econômicos da democracia e do livre-mercado, e no papel da única superpotência do sistema internacional preservar o equilíbrio e preparando-se para os novos desafios do mundo que surgia.

O surgimento da idéia de uma *nova ordem* mundial propagada no Governo George Herbert Walker Bush, para Brzezinski soava como algo vago, mas que tinha a vantagem de permitir um leque grande de interpretações. Se para os conservadores a idéia de “ordem” sugeriria estabilidade e continuidade, para os reformadores, o adjetivo “nova” implicaria a idéia de estabelecimento de outras prioridades e para o idealistas internacionalistas, a ênfase na palavra “mundo” transmitia uma mensagem benigna em que a universalidade seria a estrela guia da política americana.⁶⁷

Entre estas interpretações surgiam duas visões estratégicas que começaram a dominar as discussões sobre os assuntos das relações exteriores durante os anos 90.

Para Brzezinski elas representavam uma mistura de opiniões, crenças, slogans expressas pelas idéias da globalização e do neo

⁶⁶ HUNTINGTON, S. The Clash of Civilizations? **Foreign Affairs**. Summer, 1993.

⁶⁷ BREZEZINSKI, Z. **Second Chance**. New York: Basic Books, 2007.p30.

conservadorismo. A primeira orientava-se pelo impacto mundial da tecnologia, comunicações, comércio, fluxo de capital em que devia-se retirar as lições necessárias para entender-se o papel da América no mundo, em duas palavras: interdependência e conectividade.⁶⁸ A segunda, conhecida como o movimento neoconservador, que alcança o poder no Governo George Walker Bush, apresentava uma visão mais maniqueísta que entendia a vitória na Guerra Fria derivada das ações de valores morais empregadas a partir do Governo Reagan.

Em suma, todas estas questões que perpassaram na última década, encontraram um dos seus pontos mais controversos as idéias estratégicas contidas no documento interno produzido por funcionários e estrategistas do Pentágono, denominado “*Orientação para Planejamento da Defesa*”.

Em nosso entender este documento é a base da discussão da *grande estratégia* que irá ser debatida ao longo de toda a década de noventa através documentos e artigos em revistas especializadas e *Think Tanks*, como o “*Projeto para um Novo Século Americano*”, que terá uma grande repercussão no primeiro mandato do Governo George Walker Bush.

Apoiando-nos em Diniz, podemos apontar que a versão do esboço da “*Orientação para Planejamento da Defesa*” foi materializada na “*Nova Estratégia de Defesa Nacional*”, de 1993, e que repercutiu no artigo “*Reconstruindo as Defesas da América*”, do citado *think tank* “*Projeto para um novo Século Americano*” convergindo em dois documentos oficiais publicados no primeiro mandato do Presidente George Walker Bush, a saber: “*Revisão Quadrienal de Defesa*”, de setembro de 2001 e a “*Estratégia de Defesa Nacional*”, de setembro de 2002.

Isto posto, este capítulo será dividido em duas seções. Na primeira, iremos discorrer sobre o desenvolvimento do movimento denominado neoconservador, que sustentou um grupo de

⁶⁸ BREZEZINSKI, Z. **Second Chance**. p.31.

intelectuais e políticos que estiveram desde a década de setenta participando das decisões da política externa em vários escalões dos órgãos executivos do Governo americano. Lembrando que não é o nosso interesse aqui discutirmos a História das idéias, mas comentarmos sobre os pontos que entendermos serem os mais relevantes dentro deste movimento e que moldará o Governo George Walker Bush no seu primeiro mandato.

Na segunda seção analisaremos os documentos originais da “*Orientação do Planejamento de Defesa de 1992*” buscando identificar os pontos comuns nos artigos e documentos oficiais, no interesse de demonstrar a sua influência na construção da grande estratégia apresentada no Governo Bush.

2.1 Movimento Neo Conservador (1940 – 1990)

O pensamento liberal nos Estados Unidos entre o período de 1945 a 1976, tanto nas discussões da política externa como nos problemas internos sofreu dramáticas mudanças.⁶⁹

Num primeiro momento, logo após o término da Segunda Guerra, surgiu a esperança de que naquele novo cenário estaria sendo construído um mundo pacífico sustentada pela cooperação entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Entretanto, as idéias de uma aproximação com a União Soviética foram combatidas por intelectuais como o teologista, Richard Niebuhr, o jornalista Walter Lippman, o Presidente da Universidade de Chicago, Robert Mitchum e pelo então jovem historiador Arthur Schlesinger.

Niebuhr, em sua obra “*The Children of Light and the Children of Darkness*”, faz uma defesa veemente da democracia liberal e refuta qualquer apoio aos países com regimes ditatoriais e sistemas políticos repressores das manifestações religiosas. Em crítica

⁶⁹ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**: intellectuals and Foreign Affairs 1945-1994. New Haven: Yale University Press. 1995, p.1.

direcionada ao Governo de Stálin, advertia, segundo Ehrman, que :
“a liberdade religiosa teria que retornar para Rússia pois todos aqueles que desejam adorar a Deus são livres para expressar sua fé [...] hoje e no futuro” ⁷⁰[tradução nossa].

Encontraremos no historiador Arthur M. Schlesinger, outra manifestação anticomunista na sua obra “*The Vital Center*” em que realiza uma decisiva defesa da sociedade contra os ataques do comunismo, pois para o autor, era uma fantasia imaginar que o totalitarismo poderia conviver com a democracia. Em relação a política externa, defendia a idéia que ela deveria ser pautada na contenção ao comunismo.

O núcleo das idéias de sua obra foi adotado na construção da política externa oficial do Presidente Truman, onde estava presente no documento do Conselho de Segurança Nacional 68⁷¹, publicado no início dos anos 50. Este documento abordava questões essenciais como, por exemplo, a vitória comunista na China e o desenvolvimento da bomba atômica na União Soviética. Este documento foi trabalhado pela equipe liderada por Paul Nitze, chefe da Equipe de Planejamento Político do Departamento de Estado e aprovado em 1950 pelo Presidente Truman.

Para Ehrman, o advento do Conselho de Segurança Nacional 68 significou a vitória do ideário liberal tradicional e anti-totalitário para a política externa, cujos mentores passariam a ser conhecidos como os “*liberais da guerra fria*”.

Com a erupção do movimento contracultura, no período dos da década de 60/70, as idéias de uma política liberal anticomunista passaram a ser contestadas e os liberais estavam buscando um novo sistema de crenças que pudesse orientar a política externa dos Estados Unidos. Poucos estavam dispostos a retornar para a prática de uma política linha dura como sendo o núcleo do pensamento liberal, outros viam que através das reformas nas instituições

⁷⁰ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**.p.5.

⁷¹ Em inglês: National Security Council.

mundiais, reduziria o número de conflitos internacionais, enquanto outros, mais a esquerda, viam que o papel que os Estados Unidos exerciam no mundo era maligno e pediam o abandono dos compromissos externos.⁷²

Procuramos inventariar até aqui o cerne das discussões no seio do movimento liberal americano, que tendo sido no início, baseado numa postura claramente anticomunista, nos meados da década de 60/70 serão contestados pelo movimento denominado “*Nova Esquerda*” e que irá ser decisivo para o movimento neo conservador, pois os seus princípios básicos, tem suas origens nestas tradições americanas. De acordo com Fukuyama,

[...] o fato é que os princípios básicos do neoconservadorismo do modo como foram desenvolvidos de meados do século XX até o presente, estão profundamente arraigados em várias tradições americanas .

[...] aqueles que afirmam que o neoconservadorismo não existe salientam o fato de não haver uma doutrina neoconservadora estabelecida, como foi o caso, por exemplo do marxismo-leninismo, e observam as discordâncias e contradições que existem entre os neo conservadores independentes.

[...] o fato de não ser monolítico não significa que não se baseie em um núcleo de idéias. Na verdade, ele é uma confluência de correntes intelectuais que resultaram em áreas ambigüidade ou desacordo entre os neoconservadores.⁷³ [tradução nossa].

Movimento Neoconservador: Primeira Geração - Anos 40.

O principal fundador e grande mentor desse movimento foi Irving Kristol, acompanhado de Daniel Bell. Além deles, participaram da sua fase inicial Irving Howe, Seymour Martin Lipset, Philip Selznick, Nathan Glazer. Sendo egressos das classes trabalhadoras e filhos de emigrantes tiveram no *City College of New York* nas

⁷² EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**.p.3- 17 passim.

⁷³ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.14.

décadas de 30/40 , o berço do movimento.⁷⁴ Nas palavras de Irving Kristol:

City College era conhecido como uma Instituição ‘radical’ e num tempo em que a maioria dos estudantes [...] eram egressos da classe trabalhadora ou da baixa classe média e simpáticos ao programa social “*The New Deal*” de Franklin Delano Roosevelt.”⁷⁵ [tradução nossa].

Naqueles anos 30, caracterizados pela Depressão, ser Professor no *City College* não era uma ocupação atraente e a Instituição por causa da precária situação financeira não apresentava condições que a fizessem atrair os melhores docentes. Não existindo um ambiente acadêmico que estimulasse os debates, os refeitórios transformavam-se assim, em redutos de discussão política e intelectual. Eles eram separados de acordo com as afinidades étnicas, religiosas e políticas. De acordo com Kristol:

Os refeitórios da *City College* representavam a maneira “*melting pot*” da Cidade de Nova York, [...] havia o refeitório dos católicos, o refeitórios dos judeus sionistas, o refeitório do judeus ortodoxos, refeitório dos negros, refeitório da esquerda anti-estalinista, e o refeitório da esquerda pró-estalinista.

[...] Os refeitórios eram os lugares que realizamos a nossa educação [...] mas apesar da *City College* ser um lugar obscuro muito estudantes permanecerem inquietos e criaram por si mesmos uma comunidade acadêmica⁷⁶. [tradução nossa].

Os refeitórios mais politizados eram o *Refeitório 1*, formado pelos adeptos de Trotsky e o *Refeitório 2*, grupo de estudantes de esquerda pró Stálin.

Segundo Fukuyama, não foi por acaso que Kristol tinha sido atraído para o refeitório da esquerda anti estalinista, ou seja, o grupo

⁷⁴ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**. p.15.

⁷⁵ KRISTOL, I. **Neoconservatism : the autobiography of an Idea**. New York: Free Press, 1995.p.473.

⁷⁶ Ibidem, p.472- 477, passim.

trotskista do *City College*.⁷⁷ Neste grupo havia a preocupação da discussão política perpassasse pela compreensão de um âmbito abrangente do conhecimento diferenciando-se do grupo de estudantes pró Stálin. De acordo com Kristol:

[...] este lugar se você quisesse ser um radical e somente poderia sê-lo se tivesse uma teoria apropriada para sustentar a argumentação. Quando digo “teoria” eu estou dando um significado mais amplo ao vocábulo. Nós do refeitório 1, tínhamos uma profunda preocupação com o estarmos corretos sobre as questões políticas, econômicas, sociológicas, filosóficas, históricas e antropológicas. É essencial estarmos corretos em todos estes campos de conhecimento, registrando os aspectos de cada um destes campos de conhecimento que casualmente poderia colidir com o edifício teórico [...] Assim atraímos todos os pequenos grupos fazendo do Refeitório 1 a sua casa aonde sempre surgia [...] pedaços de informações – obscuras e desorientadas citações de Marx ou Engels ou Lenin ou Trotsky.⁷⁸ [tradução nossa]

Esta preocupação dos trotskistas diferenciava o grupo de Kristol, com o grupo de esquerda pró Stalin, no *City College*, e que mantinham com o líder soviético uma relação de ascese e daí a crítica de Kristol :

[...] estes eram jovens estudantes que além da simpatia com o Comunismo como oficialmente estabelecido na União Soviética, tinham justificado o julgamento sangrento e expurgo na União Soviética, tinham aceito a auto glorificação de Stálin como um exemplo de virtude comunista e sabedoria, tinham publicado que não existiam campos de concentração na União Soviética. [...] Além disso tinham repudiado [...] a maioria dos ensinamentos marxistas-leninistas.⁷⁹ [tradução nossa]

Este era o ambiente acadêmico no qual estava mergulhado o grupo de Kristol e a escolha na participação no movimento

⁷⁷ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**. p.16.

⁷⁸ KRISTOL, I. **Neoconservatism : the autobiography of an Idea**.p.474.

⁷⁹ Ibidem, Loc.Cit.

comunista pelo viés trotskista era o repúdio a brutalidade do regime de Stálin. Segundo Fukuyama :

[...] os trokstistas entendiam melhor que a maioria das pessoas o total cinismo e a brutalidade do regime stalinista. Essa brutalidade levou Stalin a mandar a assassinar Troksti na Cidade do México em 1940⁸⁰. [tradução nossa].

O assassinato de Troksti causou uma grande desilusão ao grupo de Kristol e o que era apenas dissensões em relação ao grupo pró Stálin transformou-se num intenso sentimento anticomunista que se estendeu também aos intelectuais liberais que demonstravam simpatia ao comunismo e não conseguiam ver o mal que ele fazia⁸¹.

Para Fukuyama, o sentimento anticomunista foi a herança mais importante que este grupo trouxe das suas experiências do City College e este foi o fator decisivo para a compreensão das origens do que ele denominou de movimento do “*anticomunismo de esquerda liberal*”. Esta denominação deve-se ao fato de que apesar deste grupo ter-se afastado das bases marxistas-leninistas, não significou a adoção do ideário da direita americana conservadora por conta das seguintes diferenças: enquanto a direita tradicional opõe-se ao comunismo porque ele era ateu e contrário ao livre mercado, a oposição partindo da esquerda anticomunista, percebia que o socialismo real pregado pelo comunismo não correspondia aos objetivos sociais e econômicos por eles defendidas.

Segundo Fukuyama, as desilusões causadas pelo assassinato de Troksti, a virulência do regime de Stálin e a vitória dos Estados Unidos, sendo um país capitalista, na Segunda Guerra Mundial, foram os fatores decisivos para que estes grupo caminhasse para a direita, refugiando-se na ala liberal mais conservadora do Partido Democrata.

⁸⁰ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.16.

⁸¹ Ibidem, Loc.Cit.

Remetendo novamente à Fukuyama:

[...] já a esquerda anticomunista [...] no decorrer da década de 30 e 40 compreendeu que o “socialismo real” havia se tornado uma monstruosidade de conseqüências imprevistas que solaparam completamente as metas idealistas que defendia. O perigo das boas intenções levadas a extremos era um tema que fundamentaria o trabalho da vida de muitos membros daquele grupo ao longo da geração seguinte. Embora praticamente todo o grupo do *City College* de Nova York tenham deixado de ser marxista na época da Segunda Guerra Mundial, variaram a ocasião e a distancia das mudanças para a direita.

[...] A mudança para a direita era quase inevitável, não apenas devido as revelações a respeito da natureza do terror stalinista que vazavam lentamente da União Soviética, mas também porque os Estados Unidos uma nação capitalista, intervieram contra a Alemanha nazista e desempenharam um papel importante na sua derrota.⁸²

Estes aspectos farão o grupo de Kristol refugiar-se dentro do Partido Democrata e na década seguinte nos anos 50, a discussão dominante concentrou-se nas questões da Guerra Fria, que acabava de ter sido inaugurada e no *macartismo*, o que gerou novas deserções na esquerda. A vida intelectual de Nova York no inicio daquela década era promovida pela *Revista Partisan Review* e *Commentary* que tornou-se posteriormente a principal publicação do movimento neoconservador.

Movimento Neoconservador: Segunda Geração - Anos 60.

Nos anos 60 ocorrerá uma drástica mudança no ambiente político dos Estados Unidos devido ao movimento da “*Contracultura*” liderado pela *Nova Esquerda* abrangendo uma variedade de movimentos sociais caracterizados por valorização da juventude, idéias anti elitistas e ênfase no combate à alienação da sociedade americana em detrimento da preocupação de questões relacionadas às lutas de classe e da miséria econômica.

⁸² FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.16.

Diferentemente da esquerda tradicional geralmente atrelada aos sindicatos, à classe trabalhadora e ao socialismo, a *Nova Esquerda* atuava entre os estudantes e os grupos oprimidos como os negros, latinos e estava permanentemente alimentando os movimentos contra a Guerra do Vietnã, agindo na luta pelos direitos estudantes nas Universidades e por uma maior liberdade individual na vida cotidiana.

O grupo mais influente era a organização nacional de estudantes denominada *Estudantes para uma Sociedade Democrática*⁸³, que patrocinou a primeira grande mobilização estudantil na Universidade de Califórnia, em Berkeley, no ano de 1964, cujo objetivo era conseguir o direito dos estudantes organizarem atividades políticas dentro do campus.⁸⁴

A Nova Esquerda e o Movimento Contracultura.

A segunda geração movimento neoconservador, como continuidade do movimento originado no *City College* liderado por Irving Kristol⁸⁵, contou com Normam Podhoretz⁸⁶, Daniel Patrick Moynihan⁸⁷ e Nathan Glazer. Este grupo manifestou suas críticas ao

⁸³ Em inglês: The Students for a Democratic Society. (SDS).

⁸⁴ KARNAL, L; ,MORAIS,M; FERNANDES, L.**História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto**.p.249-253.

⁸⁵IRVING KRISTOL, NORMAN PODHORETZ, DANIEL P. MOYNIHAN e NATHAN GLAZER. Os neoconservadores eram cientistas sociais, acadêmicos, importantes figuras da crítica cultural e da literatura comprometidos com as reformas anti comunistas no Partido Democrata. Cf. EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism: intellectuals and Foreign Affairs 1945-1994**.p.34.

⁸⁶ NORMAM PODHORETZ: Aproximou-se definitivamente do grupo dos neoconservadores me 1965 pois o movimento Contra Cultura e a Nova Esquerda estavam tentando remodelar o Partido Democrata e o liberalismo. Um dos eventos que culminou com a decisão de mudança em direção à direita foi a indicação do Senador George Mc Govern como candidato democrata em 1972. Cf. KRISTOLI, I. **Neo Conservatism : the autobiography of an Idea**.p.31-32.

⁸⁷ DANIEL PATRICK MOYNIHAN: Foi o primeiro neo conservador que atravessou a ponte entre o mundo acadêmico e o dia-a-dia da vida política. Cientista social preocupado em assuntos urbanos e étnicos . Sua grande obra foi "*The Negro Family: the case for National Action*" Cf. EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism: intellectuals and Foreign Affairs 1945-1994**.p.68.

movimento da *Nova Esquerda* através do jornal *The Public Interest*, inaugurado por Irving Kristol e Daniel Bell. Segundo Fukuyama:

[...] os velhos comunistas e simpatizantes da esquerda dos anos tinham sido substituídos, ao menos temporariamente, pela *Nova Esquerda* de Tom Hayden e pelo movimento Estudantes por uma sociedade Democrática. Aquele foi o período também do renascimento da engenharia social em larga escala por parte do governo americano, na forma dos programas Guerra à Pobreza e Grande Sociedade do Presidente Lyndon Johnson.⁸⁸

O combate ao movimento contracultura passou a ser então o ponto central do deslocamento dos neoconservadores no espectro político, afastando-se dos liberais de viés de esquerda e aproximando-se da direita. O crescimento do radicalismo, com distúrbios urbanos, motins nas Universidades e outras variedades de perturbações sociais eram percebidos por Kristol como movimentos com misto de anarquia e apologia ao autoritarismo.

Os liberais tradicionais tinham atacado asperamente tudo e qualquer coisa que eles interpretassem como pensamento totalitarista e que pudessem opor-se ao democracia liberal e que pois as ideologias da Nova Esquerda continham a essência de um partido ditatorial.⁸⁹

A luta contra a *Nova Esquerda* e o movimento da *Contracultura* passou a ser a razão principal para o redirecionamento aos valores mais conservadores, o que podemos notar na passagem abaixo, nas próprias palavras de Kristol:

O principal evento deste período foi a rebelião estudantil e o florescer da contracultura com sua expectativas messiânicas e pavor apocalíptico. Isto certamente causou surpresa como para todo mundo. De repente nós descobrimos que não apenas éramos culturalmente conservadores do princípio ao fim. Este choque de

⁸⁸ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads.** p.18.

⁸⁹ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism.** p.35.

reconhecimento teve profundas conseqüências. Nós éramos tipos burgueses, todos nós, mas pelos nossos hábitos e instintos do que por reflexão.⁹⁰ [grifos e tradução nossos]

Para Kristol, o radicalismo da década de sessenta, foi um movimento de geração, pela perda da direção dos adultos, ou seja :

O radicalismo da década de 30 foi decididamente um movimento de adulto, no qual os jovens tinham permissão de participar. Nós éramos tão numerosos quanto os adultos, mas inquestionavelmente aceitávamos a autoridade dos mais velhos. Em contraste, o radicalismo da década de 60 era um movimento de geração, que impedia a orientação dos adultos. Não é fácil de entender como isto aconteceu mas uma coisa é certa: os radicais da década de 1960 eram o que eram porque a sociedade americana e cultura americana - o que significa que nós, os adultos - permitiu-lhes (às vezes, encorajou-os) crescer e para ser o que eram. Não é, como pensam alguns, que não conseguimos impor nossas crenças adultos sobre nossos filhos. [tradução nossa].⁹¹

Para Mann, o movimento neoconservador que cresceu dentro do Partido Democrata e que foi constituído por intelectuais, *scholars*, e pessoas leais que tinham sido, originalmente grande apoiadores das tradições do “*New Deal*” demonstravam grande insatisfação com o rumo que o Partido Democrata estava tomando em direção à esquerda. Eles estavam preocupados com o programa anti pobreza, do Presidente Lyndon Johnson, e não aceitaram quando os líderes do Partido Democrata abraçaram as causas da contracultura da década de 60, incluindo a oposição a Guerra do Vietnam, como foi visto na candidatura de George Mc Govern.⁹²

⁹⁰ KRISTOL, I. **Neoconservatism: The autobiography of an idea**.p.479-480.

⁹¹ Ibidem, Loc. Cit.

⁹² MANN, J. **Rise of The Vulcans.**: the history of the Bush's War Cabinet. New York: Penguin.p.91.

Como Kristol lembrou:

Nós todos éramos crianças na Depressão, e a maioria de nós éramos regressos da baixa classe média ou da classe trabalhadora, a maioria de nós, judeus para quem a década de 30 tinha sido anos de desespero e nós sentimos fidelidade para o espírito do New Deal, senão para todos os programas e políticas. [tradução nossa].⁹³

Em relação ao programas sociais, segundo Podhoretz, o movimento neoconservador, diferentemente das outras escolas conservadoras, o qual demonstravam oposição a idéia do Estado do Bem Estar Social, desde a implantação do “*New Deal*”, não estava sugerindo abolição deste modelo⁹⁴.

Segundo Stelzer, os neoconservadores tinham claro a diferença entre os programas sociais de Franklin Delano Roosevelt, “*New Deal*”, o qual sua primeira fase foi implantada em 1932 e era a baseada nos valores tradicionais da América e o programa “*The Great Society*” de 1964 apresentado como uma nova moralidade, isto é, as escolhas da ajuda aos pobres não eram feitas através de um juízo de valor, ou seja “..os benefícios eram direcionados para as mulheres divorciadas, separadas ou que nunca foram casadas...” e que não era aceita pelos neoconservadores.⁹⁵

A insatisfação com a nomeação de George Mc Govern como candidato democrata para a corrida presidencial no ano de 1972 deve-se também as questões da política externa, baseada no seu slogan de campanha: “*Come Home, America*”. Esta plataforma sugeria profundos cortes no orçamento da defesa, uma apressada retirada do Vietnam e apontava uma grande estratégia neo-isolacionista. Segundo Ehrman, este slogan para os neoconservadores significaria o triunfo do isolacionismo entre os Democratas. Como resposta a esta escolha os liberais

⁹³ MANN, J. **Rise of The Vulcans**.: the history of the Bush's War Cabinet. New York: Penguin.p.91.

⁹⁴ PODHORETZ,N. Neocoservantism : A Eulogy. **Commentary**, March.1996.p.20.

⁹⁵ STELZER, I. **The Neocon Reader**. p.20-21.

conservadores do Partido Democrata reuniram-se em torno de organizações como *Coalition for a Democratic Majority*. e *Committee on The Present Danger*, cujo o objetivo era estabelecer uma reforma no Partido Democrata a fim de que retornar-se as tradições políticas anti comunistas dos tempos de Harry Truman.⁹⁶

Exatamente como ocorreu com a primeira geração de neoconservadores, estes pensadores do Partido Democrata moveriam-se em direção a direita e maioria deles terminou atuando na Administração Reagan, e dentre estes denominados novos neoconservadores encontraremos Jane Kirkpatrick⁹⁷, que terá um papel importante no Governo Reagan.

Para Kirkpatrick, o aspecto central do movimento contra a Guerra do Vietnã estava na rejeição aos valores americanos do que propriamente a guerra em si. As críticas atacavam os Estados Unidos como uma sociedade imoral, uma “sociedade doente” e a culpavam do racismo, materialismo, imperialismo e assassina do povo vietnamita. Para a autora esta rejeição passional constitui um assalto à legitimidade da sociedade americana.

O velho liberalismo – o qual permaneceu com preocupações do bem estar social nos assuntos internos e internacionalista nos assuntos da política externa afirmou a necessidade de fortalecimento militar para resistir a agressão da União Soviética contra as nações independentes.

A campanha presidencial de George McGovern foi interpretada como a principal portadora da atitude da contracultura pois não somente advogava a saída dos Estados Unidos do Vietnã,

⁹⁶ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**: intellectuals and Foreign Affairs 1945-1994. New Haven: Yale University Press. 1995, p.60. Cf. também em: VAISSE, J. **Was Irving Kristol a Neoconservative?** Disponível em: www.foreignpolicy.com/articles/2009/09/23.html.

⁹⁷ JANE KIRKPATRICK: Foi uma das mais proeminentes pensadoras do movimento neoconservador e serviu por longo tempo no Partido Democrata. Como a maioria dos neoconservadores, ficou desencantada com a Administração Carter pois na sua visão os cargos-chaves do seu Governo estavam em mãos de liberais que procuravam manter a détente com a União Soviética enquanto estava ganhando e dominando espaços estratégicos. Cf. MANN, J. **Rise of The Vulcans**.: the history of the Bush's War Cabinet. p.91

como demonstrava indiferença com ao aumento do poder comunista no Vietnã e no sudeste da Ásia e adotou a sua própria interpretação revisionista do período do Pós-Guerra Fria. Nesta revisão, McGovern acusava os Estados Unidos em ter a maior responsabilidade na Guerra Fria e na expansão soviética.

Os liberais tradicionais acreditavam que mesmo não sendo uma sociedade perfeita, os Estados Unidos provê um padrão de qualidade de vida para a maioria dos seus cidadãos e que poderia ser melhorada, mas para isso, a sociedade teria que ser preservada. Continuando suas argumentações, afirma Kirkpatrick :

Nós acreditamos que, além disso, existem importantes diferenças entre democracia e ditadura, e que a maior diferença de todas ocorre entre democracia e totalitarismo. Nós por isso mesmo não poderemos ser indiferentes ao aumento do poder soviético ou as conseqüências humanas que são vistas no estabelecimento de novas tiranias.⁹⁸ [grifos e tradução nossos].

A discussão sobre a política externa concentrava-se em torno do seguinte ponto: os liberais de esquerda, liderados por McGovern acreditavam que o viés pacifista, apoiado pela idéia de um novo isolacionismo, representava o desencantamento com a política externa adotada na Guerra do Vietnã e com a política de contenção. Para este grupo os compromissos e responsabilidades assumidas no exterior tinham reflexos na economia americana, e que obrigavam um sacrifício desnecessário ao povo americano.

Os liberais tradicionais respondiam que esta resposta pacífica da nova geração de isolacionistas já havia sido demonstrada há vinte anos através de Niebuhr, que ela não trazia um bom resultado pois permitiria a expansão do comunismo.⁹⁹

Kristol refutou o retorno a prática do isolacionismo, pois na sua visão seria repetir os erros do passado, pois o papel do

⁹⁸ KIRKPATRICK, J. Neoconservatism as a response to the counter culture. In: STELZER, I. **The Neocon Reader**. p.240.

⁹⁹ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**. p.48.

intelectuais na política externa é fornecer um guia intelectual e moral. Conforme o autor:

Embora exista muita fantasia retórica, pró ou contra , a respeito da “proposta da política externa americana, não existe nada esotérico a respeito desta proposta. Os Estados Unidos desejam estabelecer e sustentar uma ordem mundial que: (a) assegure sua segurança nacional contra qualquer outra grande potencia; (b) encorajar outras nações, especialmente as menores, para moldar suas instituições sociais, políticas e econômicas que não sejam incongruentes com os valores americanos, e (c) minimize a possibilidade de ficar exposto num conflito armado. Este é naturalmente a proposta de das políticas externas de todos as outras grande potencias como a Rússia Soviética e a China maoísta. Não poderia ser de outra maneira, a não ser que haja um ataque de insanidade por parte da classe governante desses países. [...] Mas qualquer política imperial para trabalhar efetivamente [...] necessita de um guia intelectual e moral. É necessária esta orientação precisamente porque na política externa é sempre compelido a um compromisso baseado em valores. [...] Os Estados Unidos não cessarão sua poder imperial, não importa o que acontecer no Vietnam ou em qualquer outro lugar. A situação mundial – e a História que criou esta situação – aponta que o poder imperial, não é decisão de alguém, ou mesmo a ambição desmedida de ninguém. E o poder produz responsabilidade acima de tudo, a responsabilidade de usar o poder responsavelmente. Os produtores da política encontram nesta responsabilidade um grande fardo. Ao contrário, os intelectuais são levados pelos sonhos de poder sem responsabilidade, mesmo quando eles reclamam da responsabilidade moral sem poder.¹⁰⁰ [grifos e tradução nossos]

Em um artigo na Revista *Weekley Standard*, Kristol retorna a questão da política externa, afirmava que não existe um sistema de crenças no movimento neoconservador preocupado com a política externa mas somente atitudes, atitudes estas derivadas das experiências históricas, os quais ele sintetizou nas seguintes teses :

1) o sentimento de patriotismo é natural e saudável e deveria ser estimulado tanto nas Instituições de ensino privado como publico. Isto se deve por que sendo uma nação de imigrantes este é o sentimento mais poderoso;

¹⁰⁰ KRISTOL, I. **Neoconservatism: The autobiography of an idea**. p.90-91.

2) a idéia de um governo mundial é terrível desde que o mundo pode ser conduzido pela tirania das Instituições Internacionais; 3) o estadista deveria acima de tudo distinguir o inimigo do amigo. Esta não é uma tarefa fácil como a própria História da Guerra Fria nos revelou; 4) para uma grande potencia o interesse nacional não está restrito a um espaço geográfico, exceto quando referir-se as matérias de comércio ou regulação ambiental. Uma nação de espaço territorial reduzido deve orientar sua política externa de maneira defensiva, pois o seu interesse nacional está restrito ao âmbito das suas fronteiras. Agora uma nação de espaço territorial expressivo tem o interesse nacional mais abrangente; 5) exceto por qualquer evento extraordinário no cenário mundial, os Estados Unidos terão sempre a obrigação de defender, se possível, uma nação democrática que estiver sob ataque de forças não democráticas, isto dentro do seu âmbito interno ou externo. Isto explica as nossas ações na Segunda Guerra Mundial, quando sob a orientação dos nossos interesses nacionais os Estados Unidos saiu em defesa da França e da Gra Bretanha. Exatamente ocorre nos dias de hoje, quando saímos em defesa de Israel na medida que sua sobrevivência é ameaçada. Os cálculos geopolíticos são necessários [?].¹⁰¹[grifos e tradução nossos].

As atitudes apontadas por Kristol eram seguidas de perto pelos mais antigos colaboradores e líderes do Partido Democrata, entre eles encontramos: Henry “Scoop” Jackson, Hubert Humphrey e Daniel Patrick Moynihan. Unidos a este grupo estava à ala dos jovens ‘falcões’ da política externa: Richard Pearle e Paul Wolfowitz. Segundo Mann:

[...] todos eles acreditavam na importância do poder americano, todos tinham esperança de reviver a tradições internacionalistas da Administrações Truman e Roosevelt que lutaram na Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.¹⁰² [grifos e tradução nossos]

¹⁰¹ KRISTOL, I. The Neoconservative persuasion. **The Weekly Standard**. p.4.Disponível em: <http://www.weeklystandard.com>. Acesso em : 26 Fev. 2009.

¹⁰² MANN, J. **Rise of The Vulcans**.p.91

Estes princípios, apontados por Kristol, que moldaram o pensamento neoconservador diferenciam-se de outras escolas do pensamento de política externa como os modelos mais universalistas, o hamiltoniano e o wilsoniano, ou os mais voltados para a projeção internacional dos objetivos internos, como o jeffersoniano e o jacksoniano.¹⁰³ Seguindo as interpretações de Mead, verificamos as nuances de cada modelo, como segue:

[...] Muitos dos que observam a tradição hamiltoniana de diplomacia – e enxergam sua inclinação pelos aspectos comerciais, sua ausência de ilusões acerca das fragilidades da natureza humana e sua disposição de levar em consideração idéias moralmente reprováveis, como equilíbrio de poder e o uso da força nas relações internacionais associam-na à presumivelmente realista e insensível filosofia da serpente. Por outro lado, quando se consideram a ostensiva fé dos wilsonianos na natureza humana e seu forte compromisso com os direitos humanos e seu permanente sonho de um mundo formado por Estados Nações unidos na devoção às idéias de liberdade e na repulsa à guerra [...] é associar a causa wilsoniana à emblemática pomba.

[...]O primeiro princípio da política externa wilsoniana é que as democracias são melhores e mais confiáveis aliados do que as monarquias e tiranias. [...] As concepções wilsonianas deram origem ao princípio de que o apoio à democracia no exterior constitui não apenas obrigação moral para os Estados Unidos, mas, também, um imperativo de ordem prática. [...] A partir do entendimento de que a democracia é singularmente preciosa, mas dolorosamente vulnerável, que os jeffersonianos desenvolveram seu enfoque de política externa. A mente jeffersoniana não prescruta o horizonte em busca de oportunidades; ao contrário, ela quase só enxerga ameaças [...] A política externa jacksoniana, o principal objetivo do povo norte americano não é nem a política comercial e industrial seguida pelos hamiltoniano e nem a excelência administrativa em apoio aos valores morais defendidos pelos wilsonianos. Para os jacksonianos o Governo deve fazer tudo que tiver ao seu alcance para promover o pbem estar político, moral, e econômico do povo. Em síntese, os jacksonianos são institivamente democráticos e populistas, os hamiltonianos desconfiam da democracia; os wilsonianos desaprovam os violentos embates políticos; e os jeffersonianos, em princípio, apóiam a democracia, mas

¹⁰³ MEAD, R. **Uma Orientação Especial**: a política externa americana e sua influencia no mundo. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.p.6.

permanecem preocupados com a possibilidade de tirânicas maiorias anularem os direitos da minoria.¹⁰⁴
[grifos nossos]

Fukuyama¹⁰⁵, num exercício de comparação com estas escolas de pensamento distinguiu o modelo neoconservador para a política externa nos seguintes aspectos:

O primeiro deles repousa na crença de que o caráter interno do regime tem importância e que a política externa deve refletir os valores mais profundos das sociedades liberais democráticas. Esta visão reflete muito maior coerência do que a visão dos realistas de que os Estados buscam o poder independente do regime. Os primeiros neoconservadores entendiam a Guerra Fria como uma luta sobre ideologia e valores.

Outro ponto é de que o poder americano tem sido e pode ser utilizado para fins morais e que os Estados Unidos tem que permanecer envolvidos nos assuntos internacionais. Aqui transparece um componente do pensamento realista, a de que o poder é necessário para que se atinjam fins morais. Como potencia dominante no mundo os Estados Unidos tem responsabilidades especiais na área de segurança, como ocorreu nos Balcãs na década de noventa, da mesma forma que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, na luta contra o nazismo.

Um terceiro aspecto é a descrença em projetos ambiciosos de engenharia social como ocorreu em relação ao programa de *“The Great Society”* de Lyndon Johnson.

¹⁰⁴ MEAD, R. **Uma Orientação Especial**: a política externa americana e sua influencia no mundo. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.p.147-329.passim.

¹⁰⁵ Cabe uma observação: esta interpretação de Fukuyama não é condizente com o pensamento do fundador do movimento neoconservador, Irving Kristol, pois como ele próprio afirmou não existe um sistema de crenças, ou um modelo neoconservador para a política externa, mas somente atitudes, como apresentamos nas páginas anteriores. Entretanto julgamos interessante apresentar as idéias de Fukuyama, pois ela sistematiza os pontos nucleares do movimento neoconservador.

Aponta também o ceticismo a respeito da legitimidade e da eficácia das leis e instituições internacionais para conseguir segurança ou justiça. Apesar de serem rotulados de wilsonianos neoconservadores concordam com os realistas em que as leis internacionais são fracas para cumprir regras ou coibir agressões. Criticam as atuações das Nações Unidas, tanto como árbitro como agente da Justiça Internacional.

Os pontos essenciais destes princípios como a questão da mudança de regime e o uso do poder americano com o fim moral tem suas bases filosóficas e estratégicas em dois personagens que são considerados ícones do movimento neo conservador: Leo Strauss e Albert Wohlstetter.

Para Mann, a influencia destes dois intelectuais na vida política do Governo foi realizada através de Paul Wolfowitz, tendo este recebido a influencia de Strauss, através do Filósofo Allam Bloom, e sendo discípulo direto de Albert Wholstetter, serviu de ponte entre o mundo acadêmico e o mundo político de Washington.

Leo Strauss: O Filósofo.

Leo Strauss era um teórico político judeu alemão que para fugir dos nazistas, emigrou para os Estados Unidos, onde lecionou da década de trinta até a sua morte em 1973. Segundo Fukuyama, grande parte de sua obra pode ser considerada como uma resposta a Nietzsche e Heidegger, que haviam criticado a tradição racionalista da filosofia ocidental e deixado a modernidade sem base filosófica para suas crenças e instituições. Então, na busca de uma resposta ao relativismo contemporâneo foi tentar procurar recuperar os modos de pensar dos pré modernos, por meio dos pensadores do passado, em particular os filósofos políticos clássicos na busca de uma explicação racional da natureza e pela compreensão de sua relação com a vida política.

Strauss, segundo Espada, explica a crise da modernidade como segue abaixo:¹⁰⁶:

[...]A crise da modernidade revela-se no fato, ou consiste no fato, de que o homem ocidental moderno não mais sabe o que quer - que ele não mais acredita que pode saber o que é bom e mau, o que é certo e errado. Até há algumas gerações atrás, era geralmente tido por adquirido que o homem pode saber o que é certo e errado, o que é o justo ou o bem ou a melhor ordem da sociedade - numa palavra, que a filosofia política é possível e necessária. No nosso tempo esta fé perdeu o seu poder¹⁰⁷ [tradução nossa].

Na interpretação de Espada esta incapacidade para distinguir entre bem e mal, certo e errado, do homem ocidental moderno, segundo Strauss, decorre da ruptura com a filosofia política pré-moderna, ou clássica. Esta ruptura gerou o abandono do direito natural clássico, ou o abandono da idéia de que a distinção entre bem e mal, certo e errado é uma distinção objetiva, que pode ser descoberta, mas não inventada ou criada.

Para Fukuyama, Strauss, não produziu nenhuma doutrina como Marx ou Lenin, e não há nada em sua obra que possa ser extraído como análises políticas antes são longos ensaios interpretativos de Platão, Tucídides, Alfarabi, Maquiavel e Hobbes.

Segundo o autor, o filósofo demonstrava claramente suas opiniões políticas como, por exemplo, o seu grande apoio a idéia de

¹⁰⁶ JOÃO CARLOS ESPADA: Diretor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, sendo também Professor Convidado da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais e Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas daquela Universidade; nesta Faculdade (FCH), é responsável pela área das Ciências Sociais e Políticas, a qual inclui as Licenciaturas em Sociologia, Ciência Política e Relações Internacionais. Doutorado em Ciência Política na Universidade de Oxford (1990-1994) foi professor visitante nas universidades de Brown (1994-96), Stanford (Trimestre de Primavera, 1996) e Georgetown (Semestre de Primavera, 2000), nos EUA, além de "Visiting Scholar" no American Enterprise Institute for Public Policy Research (Primavera, 2004) e "Senior Associate Member" do St. Antony's College, em Oxford (Primavera, 2005). Cf. Universidade Católica de Portugal. Disponível em: <http://www.ucp.pt/>

¹⁰⁷ ESPADA, J.C. **Leo Strauss: o relativismo e a crise da modernidade**. Disponível em: <http://www.ionline.pt/conteudo/11688-leo-strauss-o-relativismo-e-crise-da-modernidade>

uma democracia liberal do que ao comunismo ou fascismo, a demonstração de grande simpatia a Winston Churchill por resistir as idéias totalitárias e sua grande preocupação com a possibilidade de a crise filosófica da modernidade solapar a autoconfiança do Ocidente.

Entretanto, existe uma idéia em particular associada a Strauss, e que tem relevância na política externa de George Walker Bush: *a idéia de regime*. A centralidade do regime da vida política foi apoiada por Strauss nas leituras de Platão e Aristóteles, os quais falam extensamente a respeito da natureza dos regimes aristocrático, monárquico e democrático e os efeitos sobre o caráter daqueles que neles vivem. Fukuyama nos lembra que os Filósofos Clássicos, como Platão e Aristóteles entendem o regime não no sentido moderno do vocábulo, mas na idéia de que um conjunto de instituições políticas formais e hábitos informais estão moldando-se constantemente, o que o autor complementa lembrando a passagem de Platão no volume oito de *A República*: um regime democrático produz uma determinada espécie de cidadão.¹⁰⁸

Lembrando também Alexis Tocqueville, aponta que dentro dos pensadores políticos modernos foi o que mais se aproximou do senso de regime, de acordo com o autor:

Como próprio autor argumenta são estes hábitos informais que por sua vez sustentam e possibilitam as Quando descreveu o regime americano em *Democracia para a América*, ele começou com uma análise das instituições formais: a constituição, o Federalismo e a natureza das leis nos diferentes Estados americanos. Mas particularmente criteriosas no livro de Tocqueville foram suas observações sobre os hábitos, costumes e tradições do povo americano: a propensão para associação voluntária, a natureza da religiosidade, o moralismo, o desmedido orgulho das próprias instituições democráticas [...] Acreditava que os efeitos de um regime sobre o caráter são essenciais para a compreensão de sua natureza. [...] Tocqueville afirmou que o regime americano baseava-se em uma idéia de igualdade que

¹⁰⁸ FUKUYAMA, F. *America at the crossroads*.p.22-28.passim.

definia suas instituições políticas., mas também permeava o comportamento e as crenças dos cidadãos.¹⁰⁹

Instituições políticas formais e num sentido mais amplo o conceito de regime era fundamental para a compreensão da vida política.

Analisando a política externa de George Walker Bush, Fukuyama não responde afirmativamente que a centralidade desta política baseada na mudança de regime estaria influenciada pelo pensamento de Strauss por conta da grande dificuldade de traduzirem-se idéias filosóficas em políticas reais. Contudo, reconhece que certos problemas políticos podem ser resolvidos com as mudanças de regimes, pois as políticas externas dos Estados refletem os valores da sua sociedade, logo o esforço para mudar o comportamento de regimes tirânicos com medidas de recompensas ou punições externas tem um resultado pouco eficaz do que mudar o regime subjacente. Entretanto, concorda que as mudanças de regime no Afeganistão e no Iraque constituem as melhores garantias de que esses países não irão ameaçar¹¹⁰

Para Mann, reconhece à grande influência do pensamento de Strauss em dois aspectos: a primeira incide na ênfase da importância de um líder forte nas suas ações e firme em suas crenças com disposição para combater a tirania; e a segunda implicação, a luta contra o comunismo.¹¹¹

Albert Wohlstetter: o Estrategista.

Considerado um dos maiores intelectuais sobre estratégia nuclear no século XX, influenciou os principais estrategistas do movimento neoconservador, alguns dos quais foram seus alunos e estiveram envolvidos na elaboração do projeto do Pentágono,

¹⁰⁹ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads** p.26.

¹¹⁰ Ibidem, p.30.

¹¹¹ MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.27.

denominado “*Orientação de Planejamento de Defesa*”, em 1992. Entre estes, encontramos Paul Wolfowitz, Richard Pearle, Zalmay Khalilzad¹¹² e Paul Kozemchak¹¹³. A resultante deste trabalho será que as preocupações do matemático em relação a melhoria tecnológica dos mísseis balísticos repercutirá na revolução dos assuntos militares e na transformação das Forças Americanas no Governo George Walker Bush, através do seu Secretário Donald Rumsfeld.

No início da década de 50, Wohlstetter, estando na RAND Corporation¹¹⁴, foi contratado para trabalhar na Força Aérea e em seus primeiros trabalhos, demonstrou que o Comando Estratégico Aéreo dos Estados Unidos localizado em bases no exterior, considerada na época a peça da chave da estratégia americana para a guerra nuclear, era vulnerável a um ataque nuclear da União Soviética, da mesma maneira que Pearl Harbour estava exposta ao ataque do Japão. Estas formulações foram expostas no artigo “*The Delicate Balance of Terror*”¹¹⁵ que Kissinger, reconhecia a sua

¹¹² ZALMAY KHALILZAD: trabalhou com Paul Wolfowitz na Administração Reagan, e escreverá o primeiro esboço será o relator da Orientação de Planejamento da Defesa de 1991 que vazará para a imprensa americana. Cf. MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.113 e 199.

¹¹³ PAUL KOZEMCHAK : Funcionário do DARPA – Defense Advanced Research Projects Agency . Foi criado em 1958 como a Advanced Research Projects Agency (ARPA). Os políticos e as comunidade de defesa reconheceu a necessidade de uma organização de estratégia de alto nível para formular e executar projetos de P & D que iria expandir as fronteiras da tecnologia para além das necessidades imediatas e específicas do serviço Militar e seus laboratórios. A Agencia tem como principal missão manter a superioridade tecnológica militar e impedir qualquer surpresa tecnológica que possa atingir a segurança nacional. Cf. DARPA. Disponível em : <http://www.darpa.mil/history.html>
Esta missão será exposta por Kochemzack na elaboração do primeiro esboço da Orientação do Planejamento de Defesa em 1992, na Seção Novas Tecnologias e Nova Estratégia de Defesa.

¹¹⁴ RAND CORPORATION: *Think Tank* surgido em maio de 1948, fruto dos esforços da Douglas Aircraft Company e da Força Aérea dos E.U.A em que criaram o que ficou conhecido como o Project RAND, acrônimo de *Research and Development*, cujo objetivo era explorar novos estudos sobre armas nucleares. Disponível em: <http://www.rand.org/about/history>.

¹¹⁵ Cf. Wohlstetter, A. *The Delicate Balance of Terror*. **Foreign Affairs**, v.37.n2.Jan.1959. Outra versão do artigo pode ser encontrada na RAND Corporation.

importância como um marco na literatura especializada ao afirmar que “o artigo de Wohlstetter, foi para a análise estratégica o que o artigo “X” fora para a análise política, em 1947”¹¹⁶

O que estava em jogo era a seguinte questão: o fato de as armas nucleares serem transportadas nos aviões de um número relativamente pequeno de bases aéreas tornava tecnicamente possível destruir as forças estratégicas do adversário antes mesmo de serem acionadas. Sendo assim, o lado atacante poderia ser capaz de reduzir o contra ataque para níveis toleráveis, caso houvesse retaliação e emergir em posição de impor sua vontade. Logo, esta situação, poderia provocar a ação militar de caráter *preemptivo*, isto é o ataque por nenhum outro motivo a não ser o de impedir um ataque de surpresa esperado.¹¹⁷

Embutido nesta lógica está à percepção da instabilidade do equilíbrio nuclear, pois esta era o resultante do hiato de tempo entre o “primeiro” e o “segundo ataque”. Este “*gap*” foi o pesadelo que acompanhou os analistas de defesa e especialistas em controle de armas ao longo da Guerra Fria. Segundo Kissinger, a obsessão dos estrategistas era de encontrar um ponto ótimo na negociação de controle de armas a fim de estabelecerem um nível de acomodação evitando assim, uma hecatombe nuclear.¹¹⁸

A segunda preocupação de Wohlstetter, que ocupou suas pesquisas advém da problemática da proliferação nuclear pois o Professor era cético na maneira que o regime do Tratado Nuclear de Não Proliferação¹¹⁹ de 1968 manteve o direito aos países no que diz respeito ao desenvolvimento nuclear para uso civil, ou seja para fins pacíficos, ao mesmo tempo que procurou impedir a disseminação de armas nucleares. Para o matemático as duas tecnologias não podiam ser analisadas separadamente haja vista o risco do desvio

¹¹⁶ KISSINGER, H. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster.p.714-715.

¹¹⁷ Ibidem, Loc.Cit.

¹¹⁸ KISSINGER, H. **Diplomacy**.p.715.

¹¹⁹ Em inglês: Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons.

nas intenções na produção do urânio enriquecido. Fukuyama aponta que os temores de Wohlstetter estavam corretos pois tornaram-se realidade como, por exemplo, ocorreu no Oriente Médio, em que o Irã afirmou seu direito pelo Tratado de Não Proliferação para produzir urânio enriquecido com a finalidade de gerar energia nuclear com fins pacíficos, o que para o autor, proporcionou um excelente acobertamento para o desenvolvimento de um programa secreto de armas nucleares.¹²⁰

No ambiente da Guerra Fria, Wohlstetter juntamente com seus alunos Richard Pearle, Paul Wolfowitz e o aliado político Henry M. “Scoop” Jackson se alinharam contra a política externa da *détente* patrocinada por Henry Kissinger e criticaram duramente o Tratado de Limitação de Armas Estratégicas¹²¹ negociado na década de 70. Os pontos vulneráveis que observaram era o fato dos Estados Unidos não conseguirem refrear o crescimento de uma contra força soviética, enfraquecendo assim o poderio americano e por manterem o controle de armas estratégicas baseado na Doutrina da Destruição Mútua Assegurada.¹²²

Na década de 80, o Professor Wohlstetter e os seus alunos, Wolfowitz e Richard Pearle, voltaram a atenção para o Golfo Pérsico, para a Guerra Irã e Iraque e o problema crescente da proliferação nuclear no Oriente Médio. Segundo Fukuyama, ele os seus alunos desempenharam o papel fundamental numa ampla idéias neoconservadoras em relacionadas com a política externa e que foram uma alternativa da chamada “linha dura” para a idéia de *détente* de Kissinger as quais foram incorporadas à política externa de Ronald Reagan na década de 80, na formulação da política do

¹²⁰ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.32.

¹²¹ Em inglês: Strategic Arms Limitation Talks – SALT.

¹²² Wohlstetter abominava a Doutrina da Destruição Mútua e Assegurada (DMA) pois a idéia de eliminar dezenas ou centenas de milhões de pessoas é imoral e inaceitável. Cf. FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.34. Em inglês : Mutual Assured Destruction.

“roll back” . Esta renovação tinha como força motriz a revolução tecnológica, como veremos a seguir.¹²³

Revolução Tecnológica: previsão de Wohlstetter.

O ponto que se destaca na obra de Wohlstetter é a preocupação permanente sobre o desenvolvimento de tecnologias que objetivassem o aumento do grau de precisão dos armamentos. Segundo Fukuyama:

A emergência da pontaria de precisão na guerra convencional teve alguns resultados¹²⁴ imprevistos. Na década de 90, a revolução tecnológica, brilhantemente prevista por Wohlstetter tornou-se realidade por conta da revolução tecnológica [...] Esta tecnologia foi vista em ação na Guerra do Golfo os americanos passaram a ver as bombas atingirem diretamente os alvos e os velhos bombardeiros B-52 armados com JDAMS¹²⁵ (Munição de Ataque Direto Conjunto) transformou as bombas ‘burras’ em bombas inteligentes.¹²⁶ [grifos e tradução nossos].

No nível de armamento nuclear, por exemplo, foi desenvolvido a tecnologia dos “*Veículos Múltiplos de Reentrada com Alvos Independentes*”¹²⁷ que tornaram a guerra convencional superada,

¹²³ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.34

¹²⁴ REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: esta outra contribuição ao pensamento neo conservador é que estará presente na “*Orientação do Planejamento de Defesa*” de 1992, no artigo “*Reconstruindo as Defesas das Américas*” de 2000 do PNAC e que se materializará no documento oficial “*Quadrienal Revisão de Defesa*” de 2001.

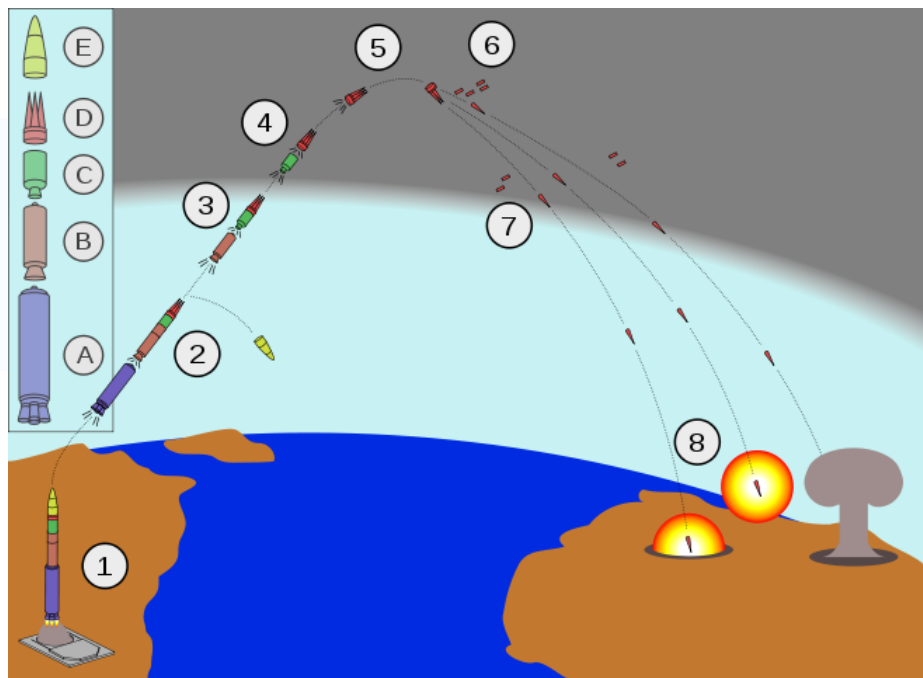
¹²⁵ Em inglês: JDAM :Joint Direct Attack Munition.

¹²⁶ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p35.

¹²⁷ Em inglês : M.I.R.V. : Multiple independently targetable reentry vehicle. Modo de operação: M.I.R.V.é inicialmente acoplado a um foguete propulsor de 3 estágios, contendo propulsores diferenciados em potência e impulso, dependendo de seu estágio. Após o término da ignição/pós-combustão no 3º estágio, o M.I.R.V entra em semi-órbita e é operado por um sistema computadorizado de navegação em inércia. Então o projétil se desprende; os mísseis são liberados e redirecionados, reentrando em órbita terrestre com seus sensores anti-radares e dispersivos, diminuindo a eficácia de mísseis anti-balísticos.**Cf.** The Nuclear Information Project. Disponível em: <http://www.nukestrat.com/index.html>.

pois a precisão na pontaria tornou obsoleta a necessidade de destruir cidades inteiras e suas populações civis, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial, nas cidades de Dresden, Hamburgo, Tóquio e Hiroshima.

GRÁFICO I : MIRV: Seqüência de lançamento.



1. The missile launches out of its silo by firing its 1st stage boost motor **(A)**.
2. About 60 seconds after launch, the 1st stage drops off and the 2nd stage motor **(B)** ignites. The missile shroud **(E)** is ejected.
3. About 120 seconds after launch, the 3rd stage motor **(C)** ignites and separates from the 2nd stage.
4. About 180 seconds after launch, 3rd stage thrust terminates and the Post-Boost Vehicle **(D)** separates from the rocket.
5. The Post-Boost Vehicle maneuvers itself and prepares for re-entry vehicle (RV) deployment.
6. The RVs, as well as decoys and chaff, are deployed during backaway.
7. The RVs and chaff re-enter the atmosphere at high speeds and are armed in flight.
8. The nuclear warheads detonate, either as air bursts or ground bursts.

Fonte:

The Nuclear Information Project. Disponível em: <http://www.nukestrat.com>.

No Gráfico 1 demonstra o funcionamento desta tecnologia militar, descrevendo os seus oito estágios do lançamento. Estes avanços tecnológicos além da revolução paralela na tecnologia de informação possibilitaram uma ampla transformação de fazer a

guerra e que teve como objetivo tornar a forma de combate mais leve, rápida e móvel e que foi fortemente promovida pelo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, no primeiro mandato do Presidente George Walker Bush, o qual foi denominada de '*transformação militar*'.¹²⁸

Década de 70: Détente – Crítica dos Neoconservadores.

Na década de setenta, encontraremos os neoconservadores, devido as suas origens anticomunistas de esquerda opondo-se abertamente a política externa de viés realista de Kissinger na sua tentativa de buscar uma acomodação com a União Soviética, através da *détente*¹²⁹.

Este posicionamento foi duramente criticado pelos neoconservadores, pois como comentamos anteriormente, a visão da política externa não é baseada em equilíbrio de poder, mas pautada nas questões de valores morais tão caros aos neoconservadores.

Isto explica o motivo de apoiaram amplamente o esforço de Ronald Reagan para restaurar a moralidade na luta entre o comunismo soviético e a democracia liberal, demonstrado ao referir-se a União Soviética como *Império do mal*.

De acordo com Mann, uma dos maiores críticos de Kissinger foi Wolfowitz¹³⁰ pois questionou não somente a política em relação à União Soviética, mas também sua visão de mundo e da História.¹³¹

¹²⁸ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**. p36.

¹²⁹ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**.p.37.

¹³⁰ WOLFOWITZ: Neste período ele estava trabalhando no que ficou conhecido *Team B*, que foi uma equipe formada por especialistas e estrategistas recrutada pelo então Diretor da CIA, George Herbert Walker Bush nos meados da década de 70. O objetivo foi de demonstrar em suas análises que as motivações e interesses da União Soviética eram profundamente diferentes daquelas apontadas pela comunidade de inteligência. Este relatório informava que a URSS estava empenhada em superar tecnologicamente e militarmente os Estados Unidos e por isso, a política externa da *détente* era um equívoco pois colocava em risco a segurança americana. Cf.Mann,J. **The Rise of the Vulcans**.p.74.

A sua crítica à Kissinger baseava-se na sua obra “*A World Restored*”, que é uma análise de como o Metternich restaurou o equilíbrio de poder na Europa no início do século XIX. Para Wolfowitz a grande figura daquele período não tinha sido Metternich, defendido por Kissinger, por conta da sua visão realista, mas antes, o Csar Alexander I da Rússia, porque este empreendeu uma ação mais poderosa que a do Príncipe austríaco, pois foi baseada em princípios morais e religiosos.

Segundo Mann, Kissinger na busca de uma *détente* com a União Soviética demonstrava que estava adotando o modelo Metternich, ao tentar criar um equilíbrio estável entre os Estados Unidos e a União Soviética.

A diferença com o Wolfowitz estava nos princípios do neoconservadorismo o qual se guiava, pois o mais importante, de acordo com ideário neoconservador, haja vista a visão de Kristol comentada anteriormente, estava no fato de que a política externa tinha que ter como base princípios morais, do que a busca de uma estabilidade através do equilíbrio de poder. Isto explica os motivos pelos quais Wolfowitz abraçou na década de 80 a plataforma política de Reagan e anos mais tarde, já ocupando o cargo de Subsecretário de Defesa adotaria esta visão de mundo nas ações contra o Iraque de Saddam Hussein. Se a derrota de Hussein alterou a balança de poder no Oriente Médio ela já estaria justificada, pois o que importava acima de tudo, que a sua derrocada fosse baseada em valores morais.¹³²

Na visão de Kissinger, respondendo a esta interpretação:

Os wilsonianistas rejeitam a paz através da balança de poder em favor da paz através de um consenso moral. A política externa é vista como uma luta entre o bem e o mal em que cada fase a missão da América é derrotar o inimigo que desafiasse a ordem pacífica. Tendo prevalecido, os Estados Unidos podem então dedicar sua

¹³¹ WOLFOWITZ: estava em início de carreira e seus comentários não atraíam tanto a atenção, mas no entanto representavam o desenvolvimento de um modelo de política externa que desafiaria as idéias de Kissinger Cf .Mann,J. **The Rise of the Vulcans**.p.76.

¹³² MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.76

atenção para promover a harmonia (na visão internacionalista) ou cultivar suas próprias virtudes (na visão isolacionista) até que o surgimento da próxima crise – percebida não como distúrbio do equilíbrio de poder, mas como desvio da ordem moral.¹³³

Como vimos anteriormente, no final dos anos 60 e início dos 70, durante a Guerra do Vietnã, a principal discussão sobre a política externa era se os Estados Unidos, particularmente as Forças Armadas, eram as forças do bem ou do mal, pois o movimento anti-guerra e a ala liberal do Partido Democrata enfatizavam os efeitos prejudiciais que a presença americana estava causando, sendo esta, como já comentamos, a principal luta política e o mote da campanha de George McGovern.

Entretanto, após a renúncia de Nixon, já no Governo Ford, outros problemas vieram à tona por conta das diferentes forças políticas que questionavam o comportamento da política externa. As dúvidas agora estavam em torno sobre o quanto a Guerra do Vietnã tinha afetado o vigor econômico e militar do país. Ou seja, estava ocorrendo a percepção de que os Estados Unidos estariam em declínio e por isso, havia a necessidade retirar-se do seu envolvimento externo. A questão em jogo era se o povo americano estava preparado para abandonar a luta contra o comunismo e aceitar, sem necessidade, um trabalho de cooperação com a União Soviética.¹³⁴

Toda esta problemática estava vinculada ao modelo de política externa de viés realista adotado por Kissinger, pois com a derrocada no Vietnã, havia o entendimento naquele momento da necessidade de recuar e realizar uma política de acomodação com a União Soviética. Segundo Mann:

Os Estados Unidos tinham saído enfraquecido do Vietnam e percebia que havia a sociedade americana estava disposta a aceitar uma política de controle de armas e apoiar a *détente* com a União Soviética. Os seus

¹³³ KISSINGER, H. **Years of Renewal**. New York: Simon & Schuster, 1999, p.97.

¹³⁴ MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.77.

críticos apontavam que ele tinha uma visão pessimista e que estava convicto de que os Estados Unidos estavam vivendo um declínio e que o melhor a fazer seria negociar com os soviéticos [...] Em uma entrevista concedida em 1977, um dos seus mais próximos auxiliares, Winston Lord, disse que Kissinger acreditava que a era da predominância global americana tinha terminado. Outro assistente, Brent Scowcroft, disse que o pensamento de Kissinger era de que os Estados Unidos tinham superestimado a habilidade de lidar com os problemas mundiais e os seus próprios.¹³⁵ [tradução nossa].

Para Kissinger, a sociedade americana tinha perdido o dinamismo, depois da Guerra do Vietnã e do escândalo de Watergate e não iria apoiar uma confrontação com a União Soviética e esta percepção parecia traduzir o clima político nos meados da década de 70, quando o Congresso estava procurando aplicar um profundo corte no orçamento de defesa e estava submetendo as operações de inteligência.¹³⁶

Década 80: Doutrina Reagan.

A ala conservadora do Partido Republicano e a ala neoconservadora do Partido democrata rejeitavam esta visão pessimista de Kissinger, e como já comentamos, também não aceitavam as idéias de McGovern candidato do Partido democrata a corrida presidencial de 1972, como vimos anteriormente, entendiam que os Estados Unidos não estavam em declínio e não deveriam entrar realizar uma a nova acomodação com a União Soviética.

Na metade da década de 70 Reagan já era notado como uma grande alternativa para pessimista visão de Nixon e Kissinger e no final daquela década foi escolhido como candidato para a corrida presidencial em detrimento de Gerald Ford.

Eleitoralmente, Reagan capitalizou o senso de preocupação entre muitos conservadores republicanos por causa da política externa praticada com a rubrica da *détente* e pelo perfil de Jimmy

¹³⁵ MANN, J. *Rise of The Vulcans*. p.77.

¹³⁶ *Ibidem*, p.78.

Carter, que era visto como um líder fraco para responder ao desafio soviético e cuja imagem estava associada ao humilhante seqüestro dos diplomatas americanos em Teerã. Logo, sua plataforma de governo para a questão da política externa foi de apresentar um novo perfil em que demonstrou uma maior capacidade de enfrentar os desafios que representavam as ameaças soviéticas.

Esta formulação da política externa, entretanto não foi construída dentro do Partido Republicano, mas por intelectuais, políticos e cientistas políticos que estavam insatisfeitos com o rumo do Partido Democrata, em vista dos desvios dos valores liberais tradicionais, e dirigiram-se para o Partido Republicano. Encontrava-se entre eles Paul Nitze, que atuou ao lado do Presidente Truman, Richard Pearle, e Jane Kirkpatrick que estava junto ao Senador Henry Scoop Jackson, declaradamente um anticomunista. No final da década de 70 participaram no grupo “*Comitte Present Dangers*”¹³⁷, trabalhando no sentido de propagar a idéia de que os Estados Unidos deveriam responder com mais convicção as provocações soviéticas. O resultado deste esforço ficou conhecido como a *Doutrina Reagan*¹³⁸.

A gênese desta Doutrina está no artigo de Jeane Kirkpatrick, “*Dictatorships and Double Standard*”, o qual é freqüentemente lembrado como sendo a repreensão da política externa de Carter e aqui a contribuição da autora, que defendeu a idéia de que era preferível os Estados Unidos apoiarem as ditaduras de direita nas regiões do Terceiro Mundo, pois estas iriam lutar contra as insurgências comunistas dentro destes países, que eram apoiadas

¹³⁷ *Comitte Present Dangers*: É um grupo voltado para a análise da política externa dos Estados Unidos, cujo principal papel é alertar o Governo americano da necessidade de ações para conter as ameaçadas percebidas aos Estados Unidos e sua esfera de influencia. Fundado na década de 50 este grupo, que atua através de lobbies em Waschington, influenciou durante os últimos 50 anos as seguintes Administrações: Dwight Einsenhower, Ronald Reagan, George Walker Bush. Disponível em: <http://www.committeonthepresentdanger.org/>. Acessado em, 28 Out.2009.

¹³⁸ BREZEZINSKI, Z. **Second Chance**. New York: Basic Books, 2007.p34-35.

pela União Soviética. A crítica de Kirkpatrick ao Governo Carter, era de que “Carter era um tipo de liberal que muito provavelmente confundia revolução com idealismo, mudança com progresso, otimismo com virtude.”¹³⁹

Em síntese a Doutrina Reagan resumia-se na seguinte estratégia: ajudar o inimigo do nosso inimigo.

Seguindo as idéias de Kirkpatrick os Estados Unidos ajudariam as insurgências anticomunistas para arrancarem seus respectivos países da esfera da influência soviética o que significou, por exemplo, armar os *mujahideen* afegãos em sua luta contra os russos, apoiar os *Contra*, na Nicarágua e auxiliar as forças anticomunistas na Etiópia e em Angola.

Se nos anos 60/70 os soviéticos que haviam incitados revoltas comunistas contra governos amigáveis aos Estados Unidos e agora, nos anos 80, os Estados Unidos deram o troco através da de uma linguagem wilsoniana de apoio global à liberdade e à democracia “fermentada” segundo Kissinger, “por um realismo quase maquiavélico”.¹⁴⁰

O Fim da Guerra Fria e a Nova Ordem Mundial.

No fim da década de 80, assinalando o fim da Guerra Fria, uma “*nova ordem*” mundial foi declarada pelo Presidente George Herbert Walker Bush no início da década de 90.

Esta “*nova ordem*” coincidiu com uma seqüência de mudanças através da Eurásia, onde várias crises estavam em andamento no vasto continente, o qual durante quarenta anos foi a principal arena da grande rivalidade estratégica entre os Estados Unidos e a ex-União Soviética. Esta rivalidade era manifestada ao longo de três frentes estratégicas: uma a oeste tendo a participação da OTAN, outra a leste na demarcação dividindo a Coréia e o

¹³⁹ EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**. p.120.

¹⁴⁰ KISSINGER, H. **Diplomacy**. p.774-775.

Estreito de Formosa, e no sul, a região do Golfo Pérsico, proclamado pela Doutrina Carter em reação a invasão da União Soviética no Afeganistão. Nesta nova realidade as novas fronteiras foram definidas por inquietações políticas, étnicas, e religiosas nos Balcãs, Oriente Médio, Leste da Ásia, e especialmente dentro do bloco soviético.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial nenhum Presidente americano tinha enfrentado tanto em extensão como em intensidade tamanha turbulência global e o mundo que o Governo Bush estava acostumado lidar, estava chegando ao fim e havia necessidade de definir suas prioridades.¹⁴¹

O progressivo desmantelamento do Império soviético finalizou aproximadamente no meio do mandato de George H.W.Bush, em dezembro de 1991 o que para Brzezinski, significou início da supremacia global americana.

Todos estes eventos demonstraram a nova realidade do cenário internacional, o qual os Estados Unidos, tornaram-se a única superpotência, com poder incontestável, tanto no aspecto militar convencional e nuclear, vivendo o que Charles Krauthammer, cunhou de um momento unipolar.¹⁴²

Diante deste novo panorama internacional, reuniu-se um pequeno grupo de estrategistas no Pentágono, que sob o comando do então Secretário de Defesa, Richard Cheney, tiveram a incumbência de esboçarem uma nova estratégia para guiar os Estados Unidos no exercício do papel da superpotência solitária.

¹⁴¹ Este termo está associado ao jornalista do New York Times, Charles Krauthammer que em 1990, declarou de que aquele momento, logo após o fim da Guerra Fria, apresentava-se os Estados Unidos como poder incontestável e que o levou a afirmar que o sistema assumia a forma de unipolaridade e não de multipolaridade. “[...] Trata-se de um erro imaginar que o velho mundo bi polar iria se dispersar em vários centros de poder como o Japão, a Alemanha, China e até mesmo na enfraquecida União Soviética. O imediato pós Guerra Fria não é um mundo multipolar, e sim, unipolar e o centro do poder mundial é incontestavelmente os Estados Unidos da América. [...] Cf Krauthammer, “The Unipolar Moment”, **Foreign Affairs**. 1990/91. Cf.BREZEZINSKI, Z. **Second Chance**.p.48.

Este trabalho foi consubstanciado no que ficou conhecido como “*Orientação do Planejamento de Defesa*”, de 1992, buscou traçar os novos objetivos da América e através do remodelamento do orçamento e o planejamento militar.

Segundo Chollette e Goldgeier, este foi considerado o primeiro esforço do Governo para esquematizar uma estratégia depois do colapso da União Soviética e que, esboçado num primeiro momento por Zalmay Khalilzad, assistente do Sub Diretor Paul Wolfowitz, acabou vazando para a imprensa, numa matéria do *New York Times*, da jornalista Patrick Tyler, em março de 1992.

Revela esta reportagem, que veremos maios adiante, que o planejamento para a defesa previa a inauguração de uma *pax americana*, cujo o primeiro objetivo era de prevenir a emergência de um novo rival, tanto no território que pertenceu a ex-União Soviética ou em qualquer outro lugar, que ameaçasse a segurança dos Estados Unidos. Por isso havia a necessidade de impedir qualquer poder hostil de dominar a regiões cujos recursos pudessem transformar esta rival numa nova potencia global.¹⁴³ Esta postura seria a consideração dominante que sublinharia a “*Nova Estratégia de Defesa Regional*” publicada em Janeiro de 1993, no final do Governo George Bush, que também será apontada nas páginas seguintes.

Para os autores, a estratégia era um recado para os aliados americanos, como o Japão e a Alemanha, vistos pelo Pentágono como potenciais rivais para a dominação regional. Os estrategistas também se preocupam com o fato de que os Estados Unidos não deveriam desmobilizar as suas tropas e pelo contrário, os mecanismos de dissuasão para potenciais competidores que aspirem uma posição de liderança regional e global, deveriam ser mantidos para evitar que uma potencia rival tenha o objetivo de ganhar a predominância militar no mundo.

¹⁴³ CHOLETE, D; J.GOLDGEIER **American Between Wars**. New York: Public Affairs, 2007, p. 43-44.

Os Estados Unidos para manter sua liderança e garantir sua segurança, deveriam salvaguardar a democracia na Rússia, apoiar a Aliança Atlântica (OTAN) para expandir as parcerias nos países da Europa Central e Oriental, permanecer forte no Pacífico a fim de deter o crescimento da China e defender a Coreia do Sul e Taiwan. Concomitantemente a estas ações, deverão preservar a manutenção do fornecimento de petróleo, assim como estabelecer uma política para prevenir uma corrida armamentista nuclear entre a Índia e o Paquistão.

Para Brzezinski e Mann, encontram similaridade entre a “*Orientação do Planejamento de Defesa*” e a “*Estratégia de Segurança Nacional*” de 2002 do primeiro mandato do Presidente George Walker Bush ¹⁴⁴

Para Brzezinski:

O documento plantou as sementes intelectuais para a política da preempção e da prevenção unilateralista que emergiria uma década depois. Entretanto os autores deste documento, que ocupavam os cargos de nível médio em 1992, tinham reaparecido nos cargos de chefia no Departamento de Estado e no Conselho de Segurança Nacional enquanto o principal patrocinador deste documento, que na época ocupava o cargo de Secretário de Defesa, Cheney, ressurgiu em 2001 como Vice Presidente dos Estados Unidos. ¹⁴⁵

Mann o qualifica no mais significativo documento do século passado:

[...] a busca de uma nova racionalidade para o poder militar americano culminou no mais importante documento de política externa da metade do século passado. ¹⁴⁶

¹⁴⁴ CHOLETE, D; J.GOLDGEIER **American Between Wars**.p. 46.

¹⁴⁵ BREZEZINSKI, Z. **Second Chance**.p.81.

¹⁴⁶ MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.77.

Movimento Neoconservador: Terceira Geração - Anos 90.

Na metade da década de noventa, durante os anos Clinton, surgiu à terceira geração dos neoconservadores¹⁴⁷ que estavam estabelecidos dentro do Partido Republicano.

Este novo grupo, liderados por William Kristol (filho de Irving) juntamente com Robert Kagan, ressuscitaram o movimento através de duas iniciativas: o lançamento da Revista “*Weekly Standard*” e a inauguração do *think tank* que eles denominaram de “*Project for The New America Century*” (PNAC).

As principais posições deste novo grupo de neoconservadores foram estabelecidas em artigo na *Foreign Affairs*, repetidas nos princípios do PNAC, quais sejam: (a) O poder americano é o promotor do bem, (b) Os Estados Unidos deveriam remodelar o mundo, a fim de que este não seja dominado por potências hostis, (c) os Estados Unidos deveria agir unilateralmente quando e se necessário.¹⁴⁸

Para Fukuyama, o que estava sendo postulado era uma posição expansionista:

A posição expansionista e intervencionista promotora da democracia que era interpretada como uma posição neoconservadora, denominada por Boot, como o *wilsonianismo duro* fruto da produção das idéias de William Kristol e Robert Kagan que defendiam esta posição na década de noventa na revista *The Weekly Standard*. [...] O esforço destes autores em refinar a política externa americana foi exposto de forma sistemática neste artigo o qual definiram sua agenda, num programa neo reaganista para o Partido Republicano.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Terceira Geração de Neoconservadores: Os mais jovens neo conservadores, como William Kristol, filho de Irving Kristol, Robert Kagan, Elliot Abrams e Charles Krauthammer assumem a liderança do movimento que estava sendo conduzido por Irving Kristol e Norman Podhoretz. Cf. EHRMAN, J. **The Rise of NeoConservatism**. p.174.

¹⁴⁸ VAISSE, J. **Was Irving Kristol a Neoconservative?** Disponível em: www.foreignpolicy.com./articles/2009/09/23.html

¹⁴⁹ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**. p.40-41.

Estes autores defendiam uma “hegemonia benevolente” sob a liderança dos Estados Unidos cuja política deveria resistir ou impedir a ascensão de ditadores e ideologias hostis aos interesses americanos. Esta política deveria apoiar os princípios liberais democráticos e prover de assistência aqueles que lutam contra as manifestações mais extremadas da maldade humana.¹⁵⁰

Nesta nova agenda neoconservadora, ao invés de privilegiarem as instituições internacionais, Kristol e Kagan, enfatizaram três instrumentos para a projeção do poder dos Estados Unidos: (a) superioridade militar esmagadora; (b) dedicação renovada às alianças dos Estados Unidos; (c) a defesa por mísseis como o meio para proteger o solo americano de contra ataques.

Defendiam explicitamente uma mudança de regime como componente central da sua política *neo-reaganista* e sustentavam esta argumentação, pois entendiam que era impossível fazer com que regimes tirânicos seguissem regras civilizadas mediante acordos e somente a redemocratização poderia garantir a submissão e convergência de interesses.

Para Kristol e Kagan, os Estados Unidos erraram no início dos anos noventa na Guerra do Golfo em não prosseguir até Bagdá para derrubar Saddam Hussein, como também criticaram as forças da OTAN que deveriam ter seguido além de Kosovo para depor Misolevic na Sérvia.

Defendiam não somente as mudanças de regime político nos Estados denominados de malévolos, como Iraque, Coréia do Norte e Irã, mas também a China, que até então, antes dos ataques terroristas do *Onze de Setembro*, era considerada a principal componente.

Para Fukuyama, a agenda de Kristol e Kagan tornou-se indelévelmente associada ao Governo George Walker Bush que

¹⁵⁰ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads.** p.40-41

ficou, segundo o autor, difícil tentar redefinir uma política externa neoconservadora.¹⁵¹

George W. Bush: Ascensão dos Vulcans.

Encontraremos na campanha de George W. Bush para a Presidência dos Estados Unidos no período de 1999/2000, na sua equipe de conselheiros para a política externa, vários nomes que já tinham ocupados os mais altos cargos do Governo americano desde os anos setenta, tendo alguns participados da Administração de Richard Nixon e posteriormente com Gerald Ford, outros acompanharam nos anos oitenta a Administração de Ronald Reagan. Por fim, aqueles que estiveram no Governo de George H. Walker Bush nos momentos mais cruciais daquele momento histórico em que presenciaram de dois grandes eventos: a queda do Império soviético, encerrando o período da Guerra Fria, e a Guerra do Golfo, sendo a esta primeira Guerra do Iraque. Eles eram: Collin Powell, Condoleezza Rice, Paul Wolfowitz e Richard Armitage e além do Vice Presidente, Dick Cheney

Este foi o grupo que produziu todas as principais propostas sobre as questões sobre a política externa dos Estados Unidos na disputa do até então candidato George Walker Bush.^{152 153}

Não houve surpresa quando Bush tornou-se Presidente eleito, ele ter conduzido todos estes assessores veteranos para preencher os mais altos postos de sua Administração. A nova equipe de

¹⁵¹ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads:** democracy, power, and the neoconservative legacy.p.40-41.

¹⁵² MANN, J. **Rise of The Vulcans:** the History of Bush's war Cabinet. p. ix

¹⁵³ Eles dominaram-se de "Vulcans" em homenagem ao deus romano do fogo, da forja e metal(v) e esta idéia veio da cidade da Condoleezza Rice, Birgminghan, Alabama, aonde se encontra uma enorme estátua do deus Vulcan. O que era apenas uma brincadeira entre a equipe do candidato, com o desenrolar da campanha este apelido tornou-se publico. O interesse em adotar este apelido, é porque eles entenderam que ela representava exatamente o espírito da equipe que trabalhava das questões sobre política externa isto é: reproduzia com fidelidade a idéia de capacidade de resignação, tenacidade e durabilidade. Cf. MANN, J. **Rise of The Vulcans:** the History of Bush's war Cabinet. p.ix.

política externa já estava pronta no início de 2001 e transmitia um espírito de corpo, pois a maioria dos seus membros já tinha atuado juntos em Administrações anteriores criando assim um clima de camaradagem e confiança.

Donald Rumsfeld, que ocupou o cargo de Secretário de Defesa, trabalhou com Dick Cheney ao longo de mais de trinta anos quando este serviu como assistente de Rumsfeld na Administração de Richard Nixon.

Por sua vez, Dick Cheney quando ocupava o cargo de Secretário da Defesa de George H.W. Bush selecionou o General Collin Powell para atuar como *chairman* na *Joint Chiefs of Staff* trabalhando junto a ele durante três anos.

Richard Armitage, que ocupou o cargo de Vice Secretário de Estado esteve com Collin Powell no Pentágono na Administração Ronald Reagan.

Paul Wolfowitz por sua vez, que ocupou o cargo de Vice Secretário de Defesa em 2001 foi um dos colaboradores juntamente com Armitage na Administração Reagan para lidar com as relações entre os Estados Unidos e Ásia.

Nos últimos trinta anos o Partido Republicano ocupou durante duas décadas a Casa Branca, no período de 1969/1977, com Richard Nixon e Gerald Ford, depois, no período de 1988/1993 com as Administrações de Ronald Reagan e George H. W. Bush. Esta permanência no poder por quase duas décadas permitiu os *Vulcans* acumulassem anos de experiência de trabalhos nas questões de política externa do que qualquer outro concorrente vindo do Partido Democrata.¹⁵⁴

Antes de tornar-se Presidente, o pai de George Bush, serviu ao governo anteriormente como Diretor da Central de Inteligência (CIA) e ocupou o cargo de Vice-Presidente. O relacionamento de Rice com George H. W. Bush surgiu do fato que nos anos noventa ela tinha a árdua tarefa de conduzir e coordenar a política externa do

¹⁵⁴ MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.x.

seu Governo para as questões referentes à ex-União Soviética. Ela tinha sido cuidadosamente preparada como *protegé* de Brent Scowcroft que atuou, naquele governo, como o primeiro Conselheiro de Segurança.

A interconexão dos relacionamentos e a rede de proteção entre eles ocorrida no passado estendeu-se até o Governo George W. Bush. Os assistentes e os discípulos dos funcionários que ocupavam o alto escalão que tinham também trabalhado juntos avançaram na carreira através da série de Administrações Republicanas que ocuparam a Casa Branca.

Alguns deles, como I. Lewis Libby, que chefiou o Gabinete do Vice Presidente Dick Cheney, tinha sido aluno de Wolfowitz na Universidade de Yale trinta anos atrás e atuado como seu assistente por mais de dez anos durante o período da Administração Reagan e no primeiro governo de George H.W.Bush. Outros membros, na equipe do Presidente Bush, trabalharam anteriormente com Cheney, Wolfowitz ou Armitage.

Por causa da herança e do legado das Administrações Republicanas do passado, o retorno à Casa Branca sugeria a princípio que a relação dos Estados Unidos com o mundo deveria ser restaurada à imagem e semelhança daquela realizada na primeira administração Bush.¹⁵⁵

Estas percepções eram sentidas tanto no meio especializado, acadêmicos e jornalista em política externa nos Estados Unidos como também era compartilhado pelos governos e especialistas estrangeiros. Isto é, que em linhas gerais o Governo de George W. Bush adotaria um comportamento externo previsível, assumindo uma política sem grandes rompantes, ou seja, sem procurar estabelecer uma cruzada de cunho moral, mas antes buscar a manutenção da estabilidade mundial, pois os republicanos eram

¹⁵⁵ MANN, J. **Rise of The Vulcans**. p.xi.

vistos como tendo maior habilidade na produção de uma política externa e de segurança.¹⁵⁶

2.2 A Análise dos Documentos.

Logo em seguida ao fim do império soviético os oficiais do Pentágono, já produziam uma primeira versão de como os Estados Unidos deveriam portar-se neste novo momento. Esta versão ficou conhecida como a “*Orientação para Planejamento de Defesa*” produzida em 1992.¹⁵⁷

Este documento alertava para a necessidade de construir uma nova estratégia de segurança, que foi apresentada no final do Governo George Herbert Walker Bush, pelo então, Secretário de Defesa, Richard Cheney, intitulada de “*Nova Estratégia de Defesa Regional*”¹⁵⁸

Alguns temas apontados naquele documento iriam retornar na Administração de George Walker Bush, sendo claro que o principal objetivo dos Estados Unidos deveria ser de impedir a emergência de uma superpotência rival que dominasse uma região com excedentes de recursos suficientes para gerar poder em escala global.

Segundo Diniz, este documento em essência significa a síntese de uma revisão de postura global de qual seria a política estratégica que os Estados Unidos deveriam adotar no início da década de noventa para as regiões da Europa Ocidental, da antiga União Soviética, no leste e sudoeste da Ásia e no Oriente Médio.¹⁵⁹

¹⁵⁶ DOWD, M. Hail Anhedonia. **New York Times**. Nov, 12,2000. FRIEDMAN, T.L. The Way We Win, **New York Times**, Nov, 14,2000. DOWD, When the Boy King Ruled. **New York Times**. Dec,31,2000.

¹⁵⁷ Em inglês : Defense Planning Guidance.

¹⁵⁸ Em inglês : Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy.

¹⁵⁹ DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global. **Conjuntura Internacional**. 5 de outubro de 2004.p5.

Como vimos anteriormente parte dos documentos vazaram para imprensa e depois da vitória de Clinton nas eleições de 1992, esta discussão veio à tona somente nos meados da década de noventa através da nova geração de neoconservadores, William Kristol e Robert Kagan. Eles reativaram o movimento que estava morto, segundo um dos seus fundadores Norman Phodoretz, mediante a inauguração da revista *Weekley Standard*¹⁶⁰ e o think tank “*Projeto para o Novo Século Americano*”¹⁶¹ inaugurado em 1997.

De imediato com o lançamento na página no site, iniciam com críticas a política externa do Presidente Clinton, pois a consideram sem rumo e incoerente.

Em 2000, nas vésperas da decisão, da corrida para a Casa Branca, lançam um artigo intitulado “*Reconstrução para as Defesas da América*”, que contava com Paul Wolfowitz, Donald Rumsfeld, Jeb Bush e outros intelectuais do movimento que reiterará as orientações apresentada pelos estrategistas do Pentágono em 1992.

Segundo Diniz, nota-se que há uma significativa convergência de questões, temas e problemas da “*Orientação do Planejamento de Defesa*”, do artigo, “*Reconstrução de Defesas da América*” nos documentos oficiais do Governo George Walker Bush “*Revisão Quadrienal de Defesa*”¹⁶², de setembro de 2001, e na “*Estratégia de Segurança Nacional*” , de setembro de 2002.¹⁶³

Em todos os documentos podemos apontar dois pontos comuns: O primeiro está na discussão sobre o novo ambiente político do pós-Guerra Fria, denominado de momento unipolar, os principais desafios e necessidades dos EUA e como deveria

¹⁶⁰ WEEKLEY STANDARD. Disponível em : <http://www.weeklystandard.com/>. Acesso em: 28. Mar.2009.

¹⁶¹ PROJETO DE NOVO SÉCULO AMERICANO. Disponível <http://newamericancentury.org/aboutpnac.html>. Acessado em: 28. Mar.2009.

¹⁶² Em inglês : Quadrennial Defense Review.

¹⁶³ DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global. **Conjuntura Internacional**. 5 de outubro de 2004.p.1-5.

enfrentá-los. O segundo aspecto decorre de um conjunto de inovações tecnológicas que tiveram grande impacto no aperfeiçoamento de munições, de sistema de armamentos e controle, que produziram as munições guiadas por precisão, tecnologias furtivas ou invisíveis, da integração telemática de sensores e sistemas de comando e controle das inovações significativas na área de transporte.

Segundo Diniz, este conjunto de inovações, que foram absorvidos pelas Forças Armadas com o sucesso da Guerra do Golfo, fez com que no fim da década de noventa, se difundisse a percepção de que a convergência de todas estas inovações permitiria e exigiria uma transformação radical das Forças Armadas dos Estados Unidos que pudessem trazer significativos ganhos em termos de: flexibilidade, economia de recursos e pessoas e, além disso, aumentando a capacidade de combate. Estas análises irão ser materializadas no documento do Pentágono, intitulado “*Quadrienal Revisão da Defesa*” de 2001

Estas preocupações já estavam presentes no final da década de noventa, um ano antes das eleições para a Casa Branca, e foram manifestadas no discurso do então Governador do Texas e pré-candidato do Partido Republicano, George Walker Bush como tema que fazia parte de sua proposta de governo. Estas idéias foram levadas adiante na sua administração, com o mote “*Transformação das Forças Armadas*” o que significava que a nova ênfase estaria na mobilidade, prontidão, rapidez, desdobramento, incorporando a extraordinária eficiência das munições guiadas com precisão.¹⁶⁴

¹⁶⁴ Todo este processo está sob a Revisão da Postura Global é também o que parece melhor explicar o momento do anúncio feito pelo Presidente Bush. Começando em 1988, como reflexo dos acontecimentos políticos da época, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, autorizado pelo Congresso conduziu quatro rodadas do chamado *Realinhamento e Encerramentos de Bases* — 1988, 1991, 1993 e 1995. Em inglês : *BRACs – Base Realignments and Closures* Este realinhamento consistia no processo de fechamento de 97 instalações de maior porte o que estimou-se numa redução de gastos em torno de 17 bilhões de dólares em 2001, e de 7 bilhões de dólares por ano desde então. Contudo, com a alteração do panorama político internacional e das redefinições em curso no Departamento de Defesa desde 1995, o Congresso autorizou em 2001, um nova rodada do BRAC. Cf. DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão

Para Diniz, a Revisão de Postura Global dos Estados Unidos é fruto de uma reflexão amadurecida e consistente que parte de uma análise da realidade política global, da inserção dos Estados Unidos nesta realidade e da consideração sistemática do impacto tático e logístico de inovações técnicas. Esta inovações também tem implicações organizacionais para que ocorra uma racionalização administrativa a fim de obter maior eficiência dos gastos com defesa. O autor conclui que nada de tão sistemático e consistente existia na época no âmbito do Partido Democrata e da candidatura de John Kerry.¹⁶⁵

O nosso interesse neste subitem é apontar passagens que demonstrem a influência e a repercussão que o documento “*Orientação do Planejamento de Defesa*” alcançou ao longo da década de 90 em artigos e documentos oficiais como: o documento do Departamento de Defesa em 1993, “*Estratégia de Defesa Regional*”; as declarações de princípios no think tank “*Projeto para um Novo Século Americano*” ; o teor do discurso do Governador George Bush em 1999, o qual faz a menção da necessidade de investimento em pesquisa e desenvolvimento para o sistema de armamentos; no artigo “*Reconstruindo a Defesa para as Américas*”, e a materialização destas idéias nos documento oficiais “*Quadrienal Revisão de Defesa*” de setembro de 2001 e na “*Estratégia de Segurança Nacional*” de setembro de 2002.

A - Orientação do Planejamento de Defesa – 1992.

Os documentos da “*Orientação do Planejamento Defesa*” que estão nos anexos foram liberados para conhecimento público através do “*The National Security Archive*”¹⁶⁶

da postura global. **Conjuntura Internacional**. 5 de outubro de 2004.p.4.

¹⁶⁵ DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global. **Conjuntura Internacional**. 5 de outubro de 2004.p.5.

¹⁶⁶ The National Security Archive : é um instituto de pesquisa não governamental localizado na Universidade George Washington. Esta instituição publica documentos governamentais que não tenham mais o selo de confidenciais os quais são obtidos através de vários métodos como *Freedom of Information Act*,

Foram disponibilizados alguns esboços sobre este documento no total de 14 arquivos, entre slides, os próprios esboços, as passagens documentos vazados na imprensa americana através do New York Times, e por último, o relatório do Secretário de Defesa, Richard Cheney de 1993, intitulado de '*Estratégia de Defesa Regional*'.

Do total destes arquivos abordaremos os documentos que intitulamos arbitrariamente de: **Documento 1:** '*Slides do Planejamento para a Mudança Estratégica*'; **Documento 2:** '*Primeiro Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa – 03/09/1991*'; **Documento 3:** '*Segundo Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa – 18/02/1992*'; **Documento 4:** '*Programa de Defesa : Possíveis Cenários – 11/04/1992*'; **Documento 5:** '*The New York Times – 08/03/1992*' e por último; **Documento 6 :** '*Estratégia de Defesa Nacional*'

Documento 1: '*Slides do Planejamento para a Mudança Estratégica.*'¹⁶⁷

Este primeiro documento, tivemos interesse em disponibilizá-lo a título de ilustração, pois é a apresentação do então sub Secretário para a Política de Defesa, Paul Wolfowitz na palestra para o Sub Secretário Donald J. Atwood, da Comissão de Recursos para o Planejamento de Defesa. Como podemos notar é uma palestra a qual Wolfowitz fornece uma visão panorâmica do processo de preparação para o planejamento de defesa do ano fiscal que abrangeria o período de 1994/1998.

Mandatory Declassification Review, Presidential Paper Collections. O trabalho junto às agências governamentais é obter documentos para ajudar a elucidar o processo decisório do governo e fornecer o contexto histórico destas decisões. Cf: The National Security Archive. Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/the_archive.html. Acesso em: 10. Dez.2009.

¹⁶⁷ BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/index.html#doc3>. Acesso em: 10. Dez.2009. Cf. Anexo A. p.231.

Este documento foi esquematizado para apontar três temas considerados de suma importância: (1) as lições que deveriam ser extraídas da experiência da Guerra do Golfo em 1991, (b) sobre os desafios de segurança regional, que se apresentavam na forma das novas ameaças e por último, (c) as implicações da revolução tecnológica militar.

Estes três aspectos seriam considerados os pontos nevrálgicos dentro do planejamento de defesa na década de 90 em apontam os objetivos políticos e militares que deveriam ser avaliados que foram exaustivamente debatidos através de revistas especializadas e de *think tank*. O período estabelecido é do outono de 1989 até 21 de fevereiro de 1991, coincidentemente na véspera da queda do Muro de Berlim e após a derrota de Saddam Hussein na Primeira Guerra do Golfo.

No primeiro slide já é colocado que a necessidade do guia de planejamento de defesa é por conta da redução da ameaça do poder soviético que já apresentava sinais de exaustão no início da década de noventa e o surgimento de novos focos de ameaças regionais no sudeste da Ásia. Neste mapa eles apontam que o final da nova estratégia de defesa estaria encerrada em 21 de fevereiro de 1991.

Documento 2: *‘Primeiro Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa – 03/09/ 1991’*¹⁶⁸

O segundo documento é considerado o primeiro esboço da Orientação do Planejamento de Defesa. Notar que foi em 03 de setembro de 1991, às vésperas do desaparecimento da União Soviética, que ocorreria três meses depois.

¹⁶⁸ BURR,W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/index.html#doc2>. Acesso em: 10.Dez.2009. Cf. Anexo B. p.241.

Ele vem assinado por três especialistas, que da mesma maneira que Paul Wolfowitz foram alunos de Albert Wholstetter, a saber: Abram N. Shulsky , Paul Kozemchak e Andre R. Hoen .

A primeira parte do documento é assinada por Abram Shulsky e verifica-se de imediato que análise elaborada pelo especialista, baseado nos fatos do fim da hegemonia soviética sobre os países do leste europeu, identificada com a retirada das tropas da Hungria, da Tchecoslováquia, e o planejamento de retirada da Alemanha Oriental e da Polônia, além do descrédito que o comunismo como ideologia e a crise econômica e política e enfrentada pela União Soviética, os Estados Unidos, no final do ano de 1991 já deveriam ser considerados como a única superpotência dominante. Gozando de um poder político e militar sem precedentes neste último século, para Shulsky esta situação obrigaria a uma revisão dos objetivos políticos e militares, mas não se consegue ler, pois no documento aparece cortada a passagem em questão

Em seguida, na página cinco, na letra (s) continua argumentando que o outro objetivo político militar tem que direcionar-se para as fontes de conflito regionais que causam de instabilidade a fim de promover o respeito pelas leis internacionais e expandir as formas democráticas de governo, acompanhadas do desenvolvimento do sistema econômico de livre mercado. O especialista continua o seu argumento dizendo que enquanto os Estados Unidos, neste novo cenário, permanece com a responsabilidade de impedir que qualquer ameaça aos interesses americanos ou aos aliados causem desequilíbrio nas relações internacionais. Os interesses apontados pelo especialista são o acesso as matéria primas vitais, como o petróleo do Golfo Pérsico e o perigo da proliferação de armamentos nucleares e mísseis balísticos. Encerra seus comentários apontando que a ordem mundial terá nos Estados Unidos o fator estabilizador.

Na seção “*Novas Tecnologias e Nova Estratégia de Defesa*”, encontramos Kozemchac argumentando que a superioridade tecnológica que foi decisiva para o sucesso na Guerra do Golfo e

que a manutenção desta vantagem em face das reduções da estrutura de força, da base industrial de defesa e a proliferação da tecnologia no meio-ambiente global, é o primeiro objetivo deste programa. E apontam dois objetivos chaves para o período de 1994/1999: (a) os Estados devem perseguir agressivamente a inovação tecnológica e (b) incorporar os resultados de tais inovações nas unidades militares.

Kozemchac assevera que os Estados Unidos devem continuar no mínimo uma geração à frente no desenvolvimento de tecnologia de armamentos e que a futura geração de soldados do Exército, da Marinha e da Força Aérea devem ter a mesma vantagem qualitativa sobre os seus oponentes como ocorreu na Operação Tempestade no Deserto. Para que isso seja alcançado, diz o documento, os Estados Unidos devem manter um robusto programa de pesquisa e desenvolvimento e que estes investimentos de inovação devem ser alcançar níveis que permitam o país domine a revolução tecnológica e militar agora e num futuro próximo.

O especialista lembra que mesmo tendo uma forte apoio para as pesquisas e desenvolvimento, elas sozinhas não manterão a vantagem comparativa pois a melhor tecnologia não pode sozinha vencer as batalhas. Elas devem estar incorporadas dentro do sistema de armamentos produzidas em número suficiente a fim de que a Doutrina seja desenvolvida. Para realizar isso sem uma larga escala de produção é necessário inovação em treinamento de tecnologia e treinamento no processo de implementação destas inovações tecnológicas.

Kozemchak aponta alguns aspectos destas tecnologias deveriam ser atendidas: (a) por um rede automatizada integrada para planejamento de contingência que permitiria os Comandantes militares e sua equipe avaliar, visualizar os resultados das ações simuladas dos exercícios dos planos de campanha e (b) por sistemas de planejamento apoiado por uma rede de vigilância local e global de comunicação para que haja avaliação, planejamento e

execução do plano de ataque em ‘qualquer hora, qualquer lugar’ próximo ao tempo real.

Para Kozemchek:

Agora, nós podemos ver alvos que não podemos destruir, e destruímos alvos que não podemos ver. Nós queremos forças militares e armas que tenham estes dois critérios – tudo sobrevive exceto, nosso alvo.¹⁶⁹

Documento 3: ‘Segundo Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa – 18 /02/1992’¹⁷⁰

O terceiro documento foi escrito após o desaparecimento da União Soviética e dele algumas das suas passagens mais polemicas vazaram imprensa, precisamente para o Jornal *The New York Times* em 08 de março de 1992.

Como poderemos ver no anexo:

Na letra (A) da seção objetivo político da segurança nacional afirma que no meio desta nova era de mudanças essenciais, a liderança dos Estados Unidos deverá manter-se em vigor e permanecerá constantemente competitiva e aponta os objetivos fundamentais: 1] a primeira prioridade é que a sobrevivência dos Estados Unidos como país livre e independente deverá manter intacto os valores fundamentais e a segurança das Instituições e pessoas, 2] orienta a manutenção da promoção e expansão dos ideais políticos e econômicos: democracia e livre mercado; 3] manutenção da segurança nacional, regional e global

Na seção objetivos da estratégia de defesa, na letra (S) encontramos a passagem que causou polemica, onde o documento aponta que o primeiro objetivo da estratégia dos Estados Unidos no

¹⁶⁹ KOZEMCHACK. In: “ New Technologies and The New Defense Strategy” p.14. BURR, W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc02.pdf>. Acesso em: 10 Dez. 2009. Cf. Anexo B. p. 241.

¹⁷⁰ BURR, W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf. Acesso em: 10 Dez. 2009. Cf. Anexo C. p. 255.

mundo do Pós-Guerra Fria seria impedir o surgimento de um novo rival no território da ex-União Soviética. Continua a argumentação afirmando que esta é uma consideração que está sustentando a nova estratégia de defesa nacional e requer que os Estados Unidos esforcem-se para impedir que qualquer potência dominasse regiões cujos recursos permitissem que ela se tornasse um poder global. O documento aponta as seguintes regiões: Europa Ocidental, Leste da Ásia, o território que foi dominado pela União Soviética e o sudoeste da Ásia.

Os aspectos adicionais que acompanham esta idéia central são as seguintes: (a) Os Estados Unidos devem apresentar a liderança necessária para estabelecer e proteger a nova ordem que estava surgindo, convencendo potenciais competidores de que não necessitavam aspirar uma posição mais agressiva para proteger os seus legítimos interesses. (b) O outro ponto é que os Estados Unidos devem desencorajar outras nações de industrialização avançada em desafiar a liderança americana ou procurarem estabelecer uma ordem política e econômica regional. (c) o terceiro aspecto é que os Estados Unidos devem manter mecanismos para dissuadir potenciais competidores de aspirarem um maior espaço regional ou o buscarem uma dominação no globo como todo.

Documento 4: ‘ *Programa de Defesa: Possíveis Cenários - 11/04/1992*’ ¹⁷¹

O quinto documento de 11/04/1992 é uma apresentação dos possíveis cenários que previam um número possível de crises regionais as quais colocaria em cheque a segurança dos Estados Unidos e seus aliados. Este cenário como informa o documento foi uma ferramenta analítica para a formulação e avaliação do programa de defesa. Entretanto como podemos notar todas as informações

¹⁷¹ BURR,W. . “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc09.pdf>. Acesso em: 10.Dez.2009. Cf. Anexo D.p.261.

dos cenários foram retiradas do documento original, contudo elas para o jornal *The New York Times*, como demonstramos no Anexo E.

Documento 5: 'The New York Times – 08/03/1992' ¹⁷²

O esboço de 18 de fevereiro de 1992 vaza para a grande imprensa americana sendo liberados para o conhecimento público através da matéria do Jornal *The New York Times*, assinada pela jornalista Patrick Tyler.

Ela expôs os mesmos objetivos do primeiro esboço e acrescentou que os estrategistas do Pentágono não acreditavam na possibilidade de que ocorresse um desafio convencional global contra os Estados Unidos e o Ocidente vindo do coração da Eurásia, pois era muito improvável que surgisse uma liderança que tivesse condições de substituir a antiga União Soviética.

Apresentou que dentro das ações estratégicas estava previsto que os Estados Unidos deveriam manter o status de potencia militar de primeira grandeza na região do sudoeste da Ásia aumentando e fortalecendo o relacionamento político e econômico ao longo da costa do Pacífico.

Em relação ao Oriente Médio e no Sudoeste da Ásia o objetivo político era de manter a presença militar americana na região a fim de preservar o acesso ao petróleo na região. O exemplo mais claro foi demonstrado na invasão ao Iraque na Guerra do Golfo.¹⁷³

Na página central da matéria é ilustrada com apresentação de cinco cenários como passíveis de turbulências políticas e crises

¹⁷² TAYLOR, P. U.S. Strategy Plan Calls for insuring no rivals develop. **The New York Times**, March, 08, 1992.p.14. Cf. BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/>. Acesso em 10 Dez.2009. Cf. Anexo E. p. 265.

¹⁷³ EXCERPTS FROM PENTAGON'S PLAN. 'Prevent the Re Emergence of New Rival' . **The New York Times**, March 7, 1992. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1992/03/08> Acesso em: 20.Nov.2009.

regionais, e que por isso, havia necessidade de estudar a situação regional a fim de estabelecer uma estratégia condizente com o local. Os cenários contemplavam os seguintes Estados: Cuba, Coréia do Norte, Rússia, Iraque, Irã, Paquistão e Japão.

Esta informação só foi possível por conta do acesso da jornalista Tyler ao documento, pois como apresentaremos no Documento 5, eles apesar de terem sido liberados pelo Departamento de Defesa, aparecem censurados com tarjas pretas.

O primeiro é em relação a Cuba e a Coréia do Norte, no momento pós-Guerra Fria, como o desmoronamento da União Soviética, os formuladores do plano temiam que ambos tomassem alguma atitude irracional em relação aos Os Estados Unidos.

O segundo cenário refere-se ao Iraque, a Coréia do Norte, o Paquistão e o Irã, em que postula uma ação militar dos Estados Unidos para prevenir o desenvolvimento de armas nucleares;

O terceiro cenário os Estados Unidos devem continuar apontar as armas nucleares para a Rússia ou outros adversários nucleares.

O quarto cenário aponta que os Estados Unidos devem manter sua forte presença na Europa por meio da OTAN a fim de estender o compromisso de defesa do Ocidente para dentro do leste europeu e, finalizando;

O quinto e último cenário orienta que os Estados Unidos deveriam manter-se atentos em relação ao Japão e a Coréia, pois existia uma ameaça potencial de desestabilização no Extremo Oriente em virtude da percepção que ambos estariam buscando uma melhoria na posição de potencias regionais.

Em suma, poderemos diante da leitura parcial destes documentos elencar os pontos cardeais os quais estarão presentes em toda a discussão sobre a grande estratégia dos Estados Unidos ao longo da década de noventa, cujo objetivo principal é impedir o surgimento de qualquer potencia inimiga de tornar-se hegemônica em áreas de interesses estratégicos americanos.

Os autores do plano argumentavam que os Estados Unidos deveriam agir da seguinte maneira:

1. Estabelecer investimentos na área da defesa para desenvolver uma revolução tecnológica-militar a fim de preservar a superioridade no desenvolvimento de sistemas de armamentos de última geração, como por exemplo: munições inteligentes.
2. Sustentar a presença dos Estados Unidos em terra, ar e mar para manter suas forças nas áreas mais importantes estrategicamente tendo condições de responder as crises políticas que surjam nessas regiões e que poderão afetar os interesses americanos. Em outras palavras é manter o livre acesso a mercados e áreas com produção de matéria prima energética.
3. Preservar uma menor força de dissuasão nuclear mas que esta força tenha condições de garantir a sobrevivência dos Estados Unidos, dando condições de manter o regime global, afiançando a segurança e possa deter as forças nucleares da Rússia.
4. Desenvolver um sistema de defesa de mísseis que tenha condições de atuar como um escudo contra qualquer lançamento accidental ou limitar os ataques dos Estados fora-da-lei .
5. Manter a capacidade de reconstituir as forças militares em situações que uma potencia hegemônica regional torne-se uma ameaça global.
6. Estimular uma política a fim de integrar as novas democracias surgidas no antigo condomínio soviético, atraindo-as para dentro do sistema político liderado pelos Estados Unidos.
7. Trabalhar com os aliados europeus na OTAN e estar pronto para agir unilateralmente ou com somente poucas nações, quando a ação multilateral e cooperativa for muito

vagarosa na tomada de decisões a fim de proteger os interesses vitais dos Estados Unidos.

Documento 6 : 'Estratégia de Defesa Regional' ¹⁷⁴

Este documento, resultado do trabalho da “*Orientação do Planejamento da Defesa*” de 1992, foi publicado em Janeiro de 1993. Está dividido em três seções: I – Objetivo político de Defesa, II- A Estratégia Regional de Defesa, e III – Os desafios e objetivos regionais.

Verificamos de imediato que na Introdução declara que com o fim da Guerra Fria os Estados Unidos, tem a oportunidade de manter e construir uma segurança global sem precedentes dentro dos ideais democráticos.

Percebem que com o fim da Guerra não existe nenhuma ameaça global e que as alianças construídas durante a Guerra Fria na estratégia de contenção permitem os Estados Unidos liderar e moldar a nova realidade que se apresenta a fim de preservar as conquistas realizadas

Declara, reafirmando a percepção da “*Orientação do Planejamento de Defesa*” que os Estados Unidos devem impedir que as potências hostis não-democráticas de dominar as regiões críticas aos interesses americanos. Continua argumentando que o país tem o interesse de agir coletivamente, mas em algumas oportunidades não há tempo hábil para isso, e os Estados Unidos deverão agir sozinhos.

Já naquele ano, 1993, por causa da desmobilização das tropas americanas no exterior devido ao fim da Guerra Fria, o documento entendia a necessidade de realizar uma estratégia de

¹⁷⁴ ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL. Cf. BURR, W. . “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc15.pdf>. Acesso em: 10.Dez.2009. Cf. Anexo F.p.269.

baixo custo, mas advertia que a sociedade americana não poderia desenvolver-se se estivesse assediada pelas crises externas, por isso, alertavam que os Estados Unidos não deveriam desperdiçar todo o sistema de segurança construído com grande sacrifício durante a Guerra Fria.

Adverte que a desmobilização das tropas, incluindo pessoal militar e civil, reduziria as forças sensivelmente e desestruturaria o poder militar atingindo os níveis mais baixos do que antes da Guerra da Coréia e o orçamento da defesa reproduziria o mais baixo percentual do PIB desde o ataque de Pearl Harbour. Continua advertindo que os Estados Unidos devem manter a capacidade das suas forças militares para fazer face às novas ameaças, pois o mundo permanece imprevisível e bem armado e as causas dos conflitos permanecem.

Reprisando as advertências e orientações do guia de planeamento de defesa apontavam os seguintes pontos cardeais:

- a. Deter e derrotar o ataque vindo de qualquer fonte contra os Estados Unidos e os seus cidadãos, e para honrar nossa História [...].
- b. O segundo objetivo é fortalecer e estender sistemas de defesa que una as nações democráticas para o objetivo comum de defesa contra a agressão, construção de hábitos de cooperação e escapar da renacionalização de um política de segurança e fornecer uma segurança com baixo custo risco para todos.
- c. O terceiro é impedir qualquer nação hostil de dominar uma região crítica aos interesses dos Estados Unidos, como também fortalecer barreiras contra a emergência de uma ameaça global. Estas regiões incluem Europa, Ásia, Oriente Médio, Golfo Pérsico e a America Latina.
- d. O quarto objetivo é ajudar a impedir o conflito reduzindo as fontes de instabilidade regional, e limitar a violência devendo incentivar o desenvolvimento da democracia, abertura de mercados. [...] o Departamento de Defesa deve apoiar a luta contra o trafico de drogas, terrorismo e outros eventos que ameacem a democracia. [tradução nossa].¹⁷⁵

¹⁷⁵ ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL. "I- Defense Policy Goals".p.3.Cf. BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em:<http://www.gwu.edu/~nsarchiv/ukeyvault/ebb245/doc15.pdf>. Acesso em: 10.Dez.2009. Cf. Anexo F.p.274.

Como poderemos verificar toda a discussão apresentada no período da confecção do guia do planejamento de defesa estão presentes com ênfase nos seguintes itens: [1] Conceito estratégico aponta que os Estados Unidos devem preservar sua liderança e fortalecendo suas alianças para diminuir as ameaças. As ferramentas incluem medidas políticas e econômicas, operações de manutenção de paz, assistência humanitária, como também medidas de segurança para prevenir emergência de países não democráticos em áreas críticas; [2] Superioridade tecnológica, é uma das três exigências permanentes, e os Estados Unidos devem manter um robusto investimento em ciência e tecnologia; [3] dissuasão estratégica deve ser mantida com a mais alta prioridade dos Estados Unidos pois a sobrevivência pode estar em risco em questões de segundos, por isso é considerada um dos elementos mais importantes da “*Estratégia de Defesa Regional*”; [4] Presença permanente no exterior como outro elemento que significa a manutenção do sistema coletivo de defesa no qual os Estados Unidos demonstra capacidade para trabalhar com amigos e aliados diminuindo o custo da manutenção da defesa e evitando competições desnecessárias; [5] “Reconstituição” é também outro elemento da Estratégia de Defesa Regional, por que com o fim da Guerra Fria, as novas ameaças potenciais em escala global encontram-se muito distantes, a ponto de ser difícil sua definição, e aqui há a necessidade de repensar uma nova estratégia com alta prioridade em investimento para manter a segurança nacional.¹⁷⁶

Todas estes assuntos e questões são direcionados com a preocupação da manutenção das capacidade de antecipar crises regionais antes que elas tornem-se uma série ameaça aos interesses de segurança. Estes pontos naturalmente são um

¹⁷⁶ ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL. Cf. BURR, W. . “Prevent the Reemergence of a New Rival”. p.7-17.passim. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc15.pdf>. Acesso em: 10.Dez.2009. Cf. Anexo F.p.276-283.

desdobramento das discussões e debates apontados nos rascunhos do Guia.

B- Projeto de um Novo Século Americano.

1) Declaração de Princípios.

O “*Projeto para o novo Século Americano*” inaugurado em junho de 1997, na declaração de seus princípios, uma crítica dura à política externa do Presidente Clinton, considerada sem rumo e incoerente.

Este grupo¹⁷⁷ de neo conservadores declaram que o objetivo da Instituição é mudar esta situação, ou seja, apoiar o restabelecimento da liderança global americana, tendo liderado a vitória do Ocidente na Guerra Fria a América se depara com uma oportunidade de remodelar o sistema internacional, haja vista sua proeminência política, militar e econômica. O problema era de que os Estados Unidos estavam preocupados em falharem neste desafio. A crítica revelava também que naquele momento os Estados Unidos além de não estarem realizando investimentos nas áreas militares, já comentados em 1992, o Governo Clinton, estava promovendo cortes no orçamento da defesa o que para os autores, teria como consequência o comprometer a habilidade da nação de enfrentar as novas ameaças.

Relembrem que para manter a liderança os Estados Unidos deveriam recuperar as ações do Governo Reagan. Como segue:

¹⁷⁷ Entre o membros mais influentes encontramos: Elliott Abrams; William J. Bennett; Jeb Bush; Dick Cheney; Eliot A. Cohen; Aaron Friedberg; Francis Fukuyama; Fred C. Ikle; Donald Kagan; Zalmay Khalilzad; I. Lewis Libby; Norman Podhoretz; Dan Quayle; Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz. Disponível em: PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Declaração de Princípios. Disponível em : <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em : 28 de março de 2009

Parecem que sempre nos esquecemos dos elementos essenciais do sucesso da Administração Reagan: [1] uma força militar que é forte e preparada para tanto presente como futuros desafios; [2] uma política externa corajosa e que promova os princípios da América no exterior e uma liderança nacional que aceite as responsabilidades globais dos Estados Unidos. É claro que os Estados Unidos devem ser prudentes em como exercitar o seu poder mas não podemos escapar das responsabilidades de uma liderança global ou dos custos que estão ligados ao exercício desta. A América tem uma responsabilidade global na manutenção na Europa, Ásia e Oriente Médio [...] se nos esquivarmos de nossas responsabilidades atrairemos os desafios para os nossos interesses fundamentais¹⁷⁸

Lembrando sobre os valores morais que permearam a política de Reagan :

A tal política de Reagan de fortalecer a força militar e transparecer valores morais, talvez não esteja na moda hoje em dia, mas é necessário se os Estados Unidos pretendem construir sobre o sucesso do século passado e garantir a segurança e a grandiosidade no próximo século.¹⁷⁹

Encerra a declaração lembrando que a História do século XX ensinou como é importante estar preparado para enfrentar as crises antes que elas emirjam ou se tornem terríveis apontando, ou melhor, reiterando os objetivos já discutidos em 1992, como segue:

Necessitamos aumentar significativamente nosso orçamento de defesa se pretender assumirmos nossas responsabilidades globais hoje e modernizar nossas Forças Armadas para o futuro.

Necessitamos aumentar nossos laços com os nossos aliados e desafiar os regimes hostis aos nossos interesses e valores.

Precisamos promover a liberdade política e econômica no exterior.

¹⁷⁸ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Declaração de Princípios. Disponível em : <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em: 10. Set.2005.

¹⁷⁹ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Declaração de Princípios. Disponível em : <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.htm>. Acesso em: 10. Set.2005

Necessitamos aceitar a responsabilidade do papel único da América em preservar e estender uma ordem amistosa para a nossa segurança e prosperidade¹⁸⁰

2- Artigo : *Reconstruindo a Defesa das Américas.*

Em 2000 foi publicado o artigo “*Reconstruindo a Defesa das Américas*” com o objetivo de discutir uma nova revisão de defesa a fim de que os Estados Unidos pudessem manter o exercício da sua liderança.

Os autores¹⁸¹ percebem uma ausência de um novo planejamento de defesa para os Estados Unidos, pois desde o fim da Guerra Fria o país está lutando para formular uma coerente estratégia de segurança nacional que mantenha a prevalência do poder americano nas novas realidades do século XXI.¹⁸²

As críticas estão baseadas no fato de que mesmo após as vitórias no último século , duas Guerra Mundiais, a Guerra Fria e a Guerra do Golfo, os Estados Unidos encontram-se na posição do único líder poderoso, mas vivem uma situação paradoxal. Isto é enquanto o poder americano e a sua influencia estão no apogeu, as

¹⁸⁰ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Declaração de Princípios. Disponível em : <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em: 10. Set.2005

¹⁸¹ São diversos autores envolvidos no Projeto e que participaram da discussão da nova revisão de defesa. Entre eles podemos apontar: Eliot Cohen, Donald Kagan, Fred Kagan, Robert Kagan, William Kristol, I. Lewis Libby, Mackubin Owens e Paul Wolfowitz. Cf. PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. *Reconstruindo a Defesa para as Américas*. Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005

¹⁸² PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. *Reconstruindo a Defesa para as Américas*. Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005

Forças Armadas dos Estados Unidos tinham perdido o dinamismo e estavam demonstrando fadiga e exaustão

Dirigem-se suas críticas ao Governo Clinton, pela redução do contingente das Forças Armadas no patamar de 3% do PIB, ou seja, próximos dos valores do que estava há no início dos anos 90.

A necessidade de uma renovação está vinculada a mudança do cenário internacional pois os Estados Unidos saíram de um mundo era bipolar, para um mundo que é tendencialmente unipolar e a América é a única superpotência global e multidimensional.

O objetivo estratégico utilizado na Guerra Fria para deter o expansionismo soviético hoje é substituído para preservar o meio ambiente da segurança internacional útil para os interesses e ideais americanos. Hoje, afirmam os autores, a tarefa é garantir e expandir as zonas de paz democrática para deter o surgimento de um novo competidor, defender as regiões-chaves como a Europa, o leste da Ásia e o Oriente Médio e preservar a preeminência na maneira de fazer a guerra com o domínio das novas tecnologias.

De 1945 até 1990 as Forças Armadas dos Estados Unidos estavam preparadas para um único inimigo ou uma guerra global única através de vários teatros, e no novo século, a perspectiva é de uma variedade de teatros de guerra ao redor do globo, contra adversários distintos possuindo separados e diferentes objetivos.

Durante a Guerra Fria o principal teatro da rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, o centro de gravidade estratégico era a Europa, região onde os Estados Unidos e a OTAN estavam preparados com forças convencionais e estratégicas para expulsar um ataque soviético.¹⁸³

No século XXI o novo centro estratégico mudou para o leste da Ásia e as missões para as Forças Armadas americanas não

¹⁸³ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. p.3 Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005.

diminuíram como mudaram, pois as novas ameaças têm novos endereços, são regionalizadas e tem características diferentes.

„Estes aspectos são as razões dos motivos da necessidade de uma urgente revisão de defesa, e esta tem que ser feita tendo como meta atender quatro aspectos: a) manter a defesa interna, b) as forças americanas ter condições de lutar e vencer múltiplas guerras de grande escala; c) liderar operações de paz e, por último, e talvez a mais importante, realizar a transformação das Forças Armadas.¹⁸⁴

C- Revisão Quadrienal de Defesa – 2001.

A análise deste documento será feita através do próprio Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, em seu artigo “*Transforming the Military*” publicado na Revista *Foreign Affairs* em 2002, pois entendemos que nada melhor para a explicação sobre o significado da revisão sobre a defesa, do que vindo de um dos líderes destas mudanças. Como veremos, toda a discussão que está exposta no artigo é uma reverberação dos temas e problemas já apontados dez anos antes no esboço da “*Orientação para Planejamento de Defesa*”.

Ao analisar as diferenças do mundo da Guerra Fria e do pós-Guerra Fria interpreta que as novas ameaças surgidas no rastro do desaparecimento da União Soviética implicarão decididamente na mudança do pensamento estratégico americano no século XXI.

Diz o Secretário:

Durante a Guerra Fria enfrentávamos um conjunto de ameaças razoavelmente previsível. Nós sabíamos bastante sobre o adversário e suas capacidades, e desenvolvíamos as estratégias e as capacidades para detê-los. E tivemos sucesso.[...] E por mais de meio século, essa mistura de estratégia, forças e capacidades nos permitiu manter a paz e defender a liberdade. Mas a

¹⁸⁴ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. p.6 Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10.Set.2005.

Guerra Fria acabou e a União Soviética não existe mais; e com ela desapareceu o ambiente familiar de segurança com que o nosso país tinha se acostumado.

Nosso desafio neste século é difícil: temos que defender nossa nação contra o desconhecido, o incerto, o invisível e o inesperado. Pode parecer impossível mas não é. Precisamos abandonar as formas de pensar e de planejar, assumir riscos, e experimentar coisas novas, para que possamos conter e derrotar adversários que ainda não apareceram para nos desafiar.¹⁸⁵[grifos e tradução nossos].

Na nova estratégia está reformulado o conceito de “*guerra em dois teatros*”, pois esta abordagem foi útil apenas no período do imediato pós-Guerra Fria de manter duas grandes forças de ocupação, capazes de invadir e tomar capitais de dois agressores e simultaneamente mudar os seus regimes, contudo ela não serve mais no mundo das novas ameaças do século XXI.

Os Estados Unidos tem que estar preparados para agir em contingências inesperadas e para isso, há necessidade de reformular o aparato militar. Ou seja, os Estados Unidos, deveriam dar mais ênfase na contenção em quatro teatros cruciais simultaneamente.

Outra mudança está em abandonar antiga “estratégia de ameaças” para a “estratégia de capacidades”, ou seja:

Adotar uma nova abordagem de capacidades que se concentra menos em quem pode nos ameaçar, ou onde, e mais em como podemos ser ameaçados e o que é necessário para impedir e para nos defender contra tais ameaças.¹⁸⁶ [grifos e tradução nossos].

Na apresentação da nova estratégia para a manutenção da paz e a defesa no século XXI aponta seis objetivos de transformação, já trabalhados na Orientação nos artigos do PNAC

¹⁸⁵ RUMSFELD, D. Transforming the Military. **Foreign Affairs**. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p.22-23.

¹⁸⁶ Ibidem,p.24.

Primeiro; proteger o solo norte americano e nossas base no estrangeiro; segundo, projetar e manter nosso poderio em teatros distantes; terceiro, negar asilo a nossos inimigo, fazendo eles saberem que nenhum canto do mundo é remoto o suficiente, que nenhuma montanha é alta o suficiente, nenhuma caverna é profunda o suficiente [...] para tirá-los do nosso alcance; quarto, proteger nossa rede de informação de uma ataque inimigo; quinto, usar tecnologias de informação pra conectar diferentes tipos de forças americanas de forma que possam lutar com cooperação; e sexto manter acesso ilimitados ao espaço, e proteger nossas capacidades espaciais de ataques inimigos.¹⁸⁷ [grifos e tradução nossos].

Corroborando as orientações do grupo de especialistas do Pentágono que produziram o guia de defesa de 1992, Rumsfeld apresenta as propostas para aumento de fundos a fim de atender o o investimento em tecnologia assim como de atender o processo de transformação militar. De acordo com Rumsfeld:

Nosso objetivo não é transformar totalmente as Forças Armadas norte americanas em um ano, ou mesmo em uma década. [...] A transformação das Forças Armadas¹⁸⁸ não é um acontecimento; é um processo contínuo. Não haverá um ponto em que possamos dizer que as forças americanas foram “transformadas”¹⁸⁹ [grifos e tradução nossos].

De novo, recorreremos à citação direta, sintetizando alguns pontos que justificam o processo de transformação militar, para atender a nova estratégia do século XXI, a saber:

As guerras do século XXI, exigirão cada vez mais que se usem todos os elementos do poderio nacional: aspectos econômicos, diplomáticos, financeiros, policiais, de inteligência e operações militares secretas e abertas. Segundo, a capacidade das forças de se comunicar e operar sem falhas no campo de batalha será crucial para o sucesso.[...] Quarto, as guerras podem, decerto, ser

¹⁸⁷ RUMSFELD, D. Transforming the Military. **Foreign Affairs**. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p.24

¹⁸⁹ Ibidem, p.27.

beneficiadas pela formação de coalizões, mas elas não devem ser tratadas por comitês. É a missão que deve determinar a coalizão, e não a coalizão determinar a missão, do contrário, a missão será emburrecida pelo mínimo denominador comum; Quinto, a defesa dos Estados Unidos exige prevenção e, por vezes, preempção. Não é possível nos defender contra todas as ameaças, em todos os lugares, em todos os momentos imagináveis. Para defender o país contra o terrorismo, e contra outras ameaças que venham surgir, devemos levar a guerra até o inimigo. A melhor – e alguns casos, a única – defesa é o ataque [grifos e tradução nossos].¹⁹⁰

D- Estratégia de Segurança Nacional – 2002.

No primeiro mandato do Presidente Bush, os EUA foram atacados em seu próprio território pelo grupo islâmico radical Al Qaeda, o que fez com o Governo Bush reagisse àquele evento de com o anúncio de uma nova doutrina estratégica de ação preventiva, que levaria a guerra até o inimigo em substituição as velhas estratégias da Guerra Fria, como a doutrina da contenção ou dissuasão. A invasão do Afeganistão, depondo o regime talibã que teria dado abrigo ao Al-Qaeda, e a invasão do Iraque com a alegação de que Sadam Hussein possuía ou estava planejando adquirir armas de destruição em massa, foram os resultados desta nova estratégia.¹⁹¹

Esta nova doutrina foi anunciada em forma de discursos, declarações políticas como os do *State of Union*, palestras em West Point em 2002, discursos no American Enterprise Institute¹⁹² e na

¹⁹⁰ RUMSFELD, D. Transforming the Military. **Foreign Affairs**. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p. 31.

¹⁹¹ FUKUYAMA, F. **America at the crossroads**: democracy, power, and the neoconservative legacy.p. p.3.

¹⁹² AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE: Este é um think tank que sustentou intelectualmente o Governo Bush a ponto de ser esta instituição reconhecida pelos seus serviços prestados na formulação de idéias que ajudem os Estados Unidos a enfrentar os seus desafios. Discurso do Presidente Bush no AEI “...*No American Enterprise Institute, encontramos as mais sofisticadas e mentes de nosso país e que estão trabalhando neste momento com em um dos nossos maiores desafios. Vocês um bom trabalho [...] e quero agradecer-los pelos serviços prestados ao nosso país ao longo destes sessenta anos e particularmente a este Governo..” Cf*

formulação do *The National Security Strategy of The United States*, publicado em setembro 2002.

Uma das características desta nova doutrina foi adotar uma postura unilateralista, baseada nas idéias contidas na “*Orientação do Planejamento de Defesa*” de 1992, o qual afirmava que os EUA teriam um compromisso de manter um mundo unipolarizado, o que significou o interesse de não ter nenhum concorrente à altura, ou seja, sem os EUA nenhuma coalizão de grandes potências lograria conquistar uma posição hegemônica.

Em outras palavras, os Estados Unidos não buscariam segurança por intermédio de uma estratégia realista, o qual atuaria em sistema global de equilíbrio de poder, ou tão pouco, buscariam uma estratégia liberal em que as instituições, a democracia e os mercados integrados acabariam por reduzir a importância da política de poder. O objetivo é manter os EUA mais poderosos do que quaisquer outros Estados importantes no que tange as questões de segurança e rivalidade estratégica.¹⁹³

Quanto às análises das ameaças globais e a forma pela qual elas deveriam ser combatidas entendiam que estavam enfrentando uma nova realidade, isto é, os surgimentos de grupos terroristas, possivelmente auxiliados por Estados delinquentes, poderiam adquirir armas nucleares, químicas e biológicas e assim infligir uma destruição catastrófica. Estas idéias podem ser verificadas na declaração do Presidente Bush na Academia de West Point, em 01

THE WHITE HOUSE PRESIDENT GEORGE W BUSH – *President Discusses the Future of Iraq*. Release Office of The Press Secretary, Feb, 26, 2003. Available in <http://www.whitehouse./news/releases/2003/02/print/20030226-11.html>

O American Enterprise Institute for Public Policy Research (AEI) foi fundada em 1943 e se dedica a preservar e fortalecer as fundações da liberdade a saber: manter um governo limitado, incentivo a iniciativa privada e uma forte política externa e defesa nacional. Cf. TEIXEIRA. **Os Think Tanks e sua influencia na política externa dos EUA**. p.202.

¹⁹³ Este objetivo foi mencionado pela primeira vez no final do Governo Bush, pai, em um memorando do Pentágono, que vazou para a imprensa, de autoria do Secretário Adjunto da Defesa, Paul Wolfowitz que afirmou na ocasião que com a derrocada da ex URSS, os EUA deveriam evitar a ascensão de concorrentes equiparáveis na Europa e na Ásia Cf. IKENBERRY, **Ambição Imperial**. p.28.

de Junho de 2002, que faz parte do documento “*Estratégia de Segurança Nacional*”.

Mas novos desafios surgiram a partir dos Estados Delinqüentes e dos terroristas. Nenhuma destas ameaças contemporâneas consegue rivalizar com o alto poder destrutivo do antigo Império Soviético. Contudo, a natureza e as motivações desses novos adversários, a sua determinação em obterem condições de aumentar o seu poder destrutivo, até agora disponíveis apenas aos Estados mais poderosos do mundo, apontam que provavelmente terão acesso as armas de destruição em massa..[..] A década de noventa testemunhou a emergência de um pequeno número de Estados delinqüentes que de diferente maneiras partilham dos mesmo valores valores e do mesmo sentimento que é o ódio aos Estados Unidos.¹⁹⁴

Seguindo as orientações do documento “*Quadrienal Revisão de Defesa*” a *nova estratégia* sustenta que a concepção adotada na Guerra Fria, que se apoiava no conceito de coibição está ultrapassada, pois este conceito opera de forma conjunta com o conceito de soberania e equilíbrio de poder. A *velha estratégia defensiva* de construir mísseis e outras armas capazes de sobreviver a um primeiro ataque, e serem em seguida utilizadas em um ataque de retaliação para punir o agressor, não mais constituem garantia de segurança, pois o ataque terrorista não está sendo representada por outras grandes potências e sim por redes subversivas internacionais sem residência fixa.

Por isso a única opção seria manter uma atitude ofensiva e teria, portanto, que *ser preemptiva* e até mesmo *preventiva*, isto é, combatendo potenciais ameaças antes que possam se transformar em um enorme problema. As velhas estratégias realistas e liberais que sustentaram a *Doutrina de Contenção* esgotaram-se, pois o ataque no *Onze de Setembro* demonstrou que estamos vivendo em

¹⁹⁴ BUSH, G. V – *Prevent our Enemies from Threatening Us, Our Allies, and Our Friends with Weapons of Mass Destruction*.13-14. Cf. **THE NATIONAL SECURITY STRATEGY OF THE UNITED STATES**, September, 2002.

Available: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>

um mundo de ameaças assimétricas.¹⁹⁵

Esta idéia a qual os EUA devem reivindicar para si o direito do uso da força militar em caráter preventivo¹⁹⁶ pode ser verificada na formulação do documento *Estratégia de Segurança Nacional* :

Os Estados Unidos estão travando uma Guerra contra os terroristas de alcance global. O inimigo não é um único regime político ou pessoa ou uma religião ou uma ideologia. O inimigo é o terrorismo – premeditado, politicamente motivado pela violência perpetrada contra inocentes. ...[...] Nós não hesitaremos em agir sozinhos, se necessário, para exercer o nosso direito de auto defesa, agindo preemptivamente contra esses terroristas, a fim de evitar danos contra o nosso povo e nosso país.[...] Ao mesmo tempo reconhecemos que a nossa melhor defesa é o ataque.[..]¹⁹⁷ [grifo e tradução nossos].

O capítulo em pauta teve a preocupação de apresentar dois aspectos para que possamos compreender o processo político que lastreou o Governo Bush na sua ascensão ao poder e na resposta militar após os ataques do Onze de Setembro.

O primeiro aspecto, sem querer nos aprofundar na história das idéias, apresentamos o surgimento do pensamento neoconservador, as suas lutas internas dentro do Partido Democrata no período dos anos 60 que o ajudaram na formação dos seus princípios e as influencias que exerceu na discussão da política externa e de segurança através das várias Administrações americanas, ao longo do período da Guerra Fria até atingirem o

¹⁹⁵ IKENBERRY, **A Ambição Imperial**. pp.32.

¹⁹⁶ Preempção: O significado estratégico é uso prematuro das forças militares; prematuro, pois tal teoria baseia-se em atacar quando um ataque inimigo está a caminho ou no mínimo existe a iminência. Prevenção: não há uma guerra, apenas uma possibilidade desta ou no mínimo uma ameaça possa causar danos no futuro. Ela pode funcionar das seguintes maneiras: estratégica, diplomática, econômica, subversiva e militar. **Cf.** GRAY, C. The Implications of Preemptive and Preventive War Doctrines: A reconsideration. Strategic Studies Institute United States Army War College. Disponível em <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/Pubs/display.cfm?pubID=789>. Acesso em 06 Jul. 2008.

¹⁹⁷ BUSH, G. III – *Strength Alliances to Defeat Global Terrorism and Work to Prevent Attacks Against Us and Our Friends*.p.5-6. **Cf.** THE NATIONAL SECURITY STRATEGY OF THE UNITED STATES, September, 2002. Available: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>

poder com a ascensão do Presidente George Walker Bush.

O segundo aspecto que buscamos abordar localiza-se no início dos anos 90, pois as questões políticas advindas do novo cenário do mundo do pós-Guerra Fria, em que não obstante as dramáticas mudanças ocorridas no cenário internacional apontavam o surgimento dos Estados Unidos como a única superpotência global multidimensional sobrevivente, inaugurando um período conhecido como o momento unipolar.

Estas novas condições com a predominância da supremacia americana, fizeram com que fosse trabalhada uma nova estratégia para a estabelecimento de uma *pax americana*. Isto levou que em 1992 reunissem-se no Pentágono, estrategistas e formuladores de política externa que debaixo da liderança do Secretário de Defesa, Richard Cheney esboçaram o que ficou conhecido como a “*Orientação do Planejamento de Defesa*”.

Como estes dados, no próximo capítulo, retornaremos a discussão do argumento central que permeia esse trabalho e procuraremos verificar se os modelos geopolíticos de Halford Mackinder e Nicholas Spykman ainda possuem relevância e vigor explicativo capazes de interpretar a grande estratégia norte-americana nas regiões do Oriente Médio e Sudoeste da Ásia

CAPITULO III

GUERRAS DO AFGANISTÃO e IRAQUE

Os Estados Unidos foram o primeiro país a desenvolver a indústria petrolífera. A exploração do óleo em grande escala iniciou-se em 1859, na Pensilvânia, e esse ramo da atividade econômica tornar-se-ia vital durante os 152 anos seguintes para a sustentação do crescimento econômico americano. Como resultado da produção intensiva de petróleo surgiram as primeiras corporações multinacionais americanas, entre elas a legendária Standard Oil Company, de John Rockefeller, a precursora de outras gigantes como a Exxon Mobil, a Chevron, a Amoco e a Atlantic Richfield; as duas últimas seriam incorporadas pela British Petroleum. O preço barato e a abundância da energia fóssil também foram decisivos para o florescimento de outras empresas gigantes como “As Três Grandes” automobilísticas, a Du Pont e as do setor petroquímico.¹⁹⁸

Não há necessidade de elencar aqui os ramos da economia americana movidos pelo petróleo e o seu papel decisivo para o crescimento econômico constante dos Estados Unidos, assegurando ao país a dianteira do desenvolvimento tecnológico. Além do aspecto econômico, o petróleo também desempenha um papel decisivo para sua segurança nacional, pois o aparato militar americano -- que inclui navios, aviões, helicópteros, carros de combate e transporte de tropas -- depende da energia fornecida pelos diversos derivados do petróleo. A dependência da energia fóssil cresce na medida em que as reservas próprias escasseiam, gerando dependência a fornecedores externos, sobretudo do Oriente Médio.

Apesar de o Departamento de Defesa utilizar computadores de última geração, compondo um sistema de armamentos de alta tecnologia, ele é totalmente dependente do petróleo, sem o qual,

¹⁹⁸ KLARE, M. **Blood and Oil**: the dangers and consequences of America's growing petroleum dependency. New York: Henry Holt, 2004.p.8

não conseguiria realizar deslocamentos de tropas para distantes teatros de guerra ou mantê-las abastecidas para operar em todo o mundo. Esta combinação de fatores faz com o que petróleo desempenhe um papel central tanto para a robustez da economia quanto para a operacionalidade de seu poderio militar.¹⁹⁹

A prioridade inicial do primeiro governo de George Walker Bush não era o combate ao terrorismo ou à proliferação de armas de destruição em massa, mas, sim, a manutenção e a expansão da sua indústria petrolífera, para o que seria imprescindível a regularidade do fornecimento de óleo cru pelos provedores estrangeiros aos mercados americanos e a proteção dos interesses das multinacionais americanas que operavam no exterior.

A definição dessa prioridade devia-se ao esgotamento das reservas de petróleo e gás natural em muitas partes dos Estados Unidos e à necessidade de proteger as reservas estratégicas mínimas. A escassez da matéria-prima provocara uma série de apagões na Califórnia em 1999, problema agravado pelo crescimento da demanda de petróleo no país, da ordem de 50%. No início do governo, era crescente a apreensão sobre o ritmo e volume das exportações do produto sobretudo do Oriente Médio.

No começo de seu governo, Bush estabeleceu como prioritária a tarefa de prevenir a crise energética. Para enfrentar o desafio, criou o Grupo Nacional de Desenvolvimento da Política de Energia²⁰⁰, com a responsabilidade de desenvolver um plano de longo prazo para satisfazer os requisitos do país.²⁰¹ Coube ao então vice-presidente Richard Cheney, homem com interesses na indústria petrolífera, como a própria família Bush, o papel de liderar o grupo de trabalho, estabelecendo uma nova política energética. Face a estrutura da economia americana, e a crescente dependência do óleo importado, as alternativas para a questão energética resumiam-

¹⁹⁹ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.8

²⁰⁰ Em inglês: National Energy Development Group. NEPDG

²⁰¹ KLARE, M. **Blood and Oil**.p 57-64.passim.

se a duas: aumentar a dependência dos insumos importados ou desenvolver tecnologias para o uso de fontes alternativas de energia. Como a troca da matriz energética exigiria elevados investimentos em fontes de energias renováveis, seus resultados seriam incertos e demandariam um período de tempo considerável, com resultados palpáveis somente em longo prazo, os Estados Unidos sentiam-se constrangidos a priorizar, pelo menos nas próximas décadas, a manutenção regular dos fornecedores de petróleo. O grupo liderado pelo vice-presidente produziu um relatório com 35 recomendações políticas, indicando as medidas que os Estados Unidos deveriam adotar para conservar o acesso às fontes externas de petróleo e gás.

Considerado o quadro de dependência extrema dos fornecimentos externos, os ataques de 11 de setembro de 2001, para Moniz Bandeira, acabaram funcionando como pretexto para o deslocamento de tropas e a intervenção militar no país detentor das segundas maiores reservas petrolíferas do mundo, o Iraque. Sob o mote da guerra ao terrorismo, foram empreendidas as campanhas militares do Afeganistão e, dezoito meses depois, do Iraque, mas com a finalidade iniludível de assegurar o controle sobre as fontes de energia: petróleo e gás.

Segundo o autor, a segurança nacional dos Estados Unidos dependeria do domínio das fontes de energia do Oriente Médio, onde se encontravam 64,5% das reservas conhecidas de petróleo, e da Ásia Central. Caso outra potência viesse a dominar a região, teria condições de desafiar os interesses americanos num aspecto vital, pois sua segurança energética estava numa situação de grande vulnerabilidade, uma vez que mais de 50% do petróleo consumido no país era importado.²⁰²

²⁰² BANDEIRA, L. Dimensão Estratégica e Política Externa dos EUA. In: III CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA e POLÍTICA INTERNACIONAL "O BRASIL NO MUNDO QUE VEM AÍ" III CNPEPI – **Seminário sobre os Estados Unidos**. Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro: Fundação Alexandre Gusmão – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. IPRI, 29 Set. 2008.p.12-13.

Considerando que a segurança nacional dos Estados Unidos dependia da estabilidade política do Oriente Médio e Centro da Ásia, neste capítulo final retomamos a discussão sobre as formulações dos geopolíticos clássicos Halford Mackinder e Nicholas Spykman. Buscaremos, com base nesses autores, refletir sobre o comportamento estratégico americano em três cenários: o período da Guerra Fria, de alguma forma antecipado por ambos os autores, em suas últimas contribuições, dos anos 40; a década de 90, quando os Estados Unidos assumiram o papel de única superpotência global; o primeiro mandato do presidente George Walker Bush.

No primeiro cenário, a reflexão será centrada no confronto de tipo mackinderiano clássico entre uma potência oceânica e uma terrestre. No segundo, discutiremos a transformação das prioridades geopolíticas num cenário inédito, em que, face ao desaparecimento da União Soviética, o mapa político da política internacional foi redesenhado, e por isso, era imperioso definir os novos objetivos, rivais e ameaças. No terceiro cenário, procuraremos centrar a discussão sobre as motivações que sustentaram as ações militares, após os ataques de 11 de Setembro, sob a liderança do U.S CENTCON, que atuou em duas operações distintas: A *Operação Liberdade Duradoura*, que desencadeou a Guerra no Afeganistão em 2001, e a *Operação Iraque Livre*, de 2003. Em última instância, nosso objetivo é testar a capacidade explicativa das teorias geopolíticas de Mackinder e Spykman.

3.1 - As Três Frentes Estratégicas.

O período da Guerra Fria (1947-1991) passou por épocas de radicalização e contemporização, agravamento e declínio. O relacionamento com a União Soviética e o comportamento da política externa americana passou pelas seguintes grandes fases: a) Confrontação (1947-1962); b) Coexistência pacífica (1963-1969);

c) *Détente* (1969-1979); d) confrontação renovada (1979-1985); e) fim da rivalidade (1985-1989).²⁰³

Estas fases correspondem a uma dialética de expansão soviética e contenção americana, que se desenvolveram, na acepção de Zbigniew Brzezinski -- autor de *Game Plan*,²⁰⁴ obra com a qual dialogaremos a seguir --, nas três frentes estratégicas ao longo do período de bipolaridade Leste-Oeste, a saber, Extremo Ocidente, Extremo Oriente e Sudoeste asiático, como detalharemos mais à frente.

A confrontação americano-soviética foi uma rivalidade histórica entre dois sistemas imperiais cujo confronto teve alcance global.²⁰⁵ Estendeu-se globalmente por todo o sistema internacional durante quase meio século. Entretanto, o seu principal foco foi a luta pelo domínio da Eurásia, pois a potência que dominasse esta região teria o controle sobre 70% da população, 60% do produto bruto e 40% da área do planeta, alcançando um poder excedente único que poderia conferir-lhe a preeminência mundial.

Confrontação pelos Mapas

A cartografia é uma atividade que pressupõe uma escolha valorativa e arbitrária, uma vez que estas exposições revelam o interesse de apresentar uma determinada concepção sobre a distribuição de poder. Segundo Brezezinski:

[...] um mapa pode enganar tanto quanto iluminar. Ele pode proporcionar um falso sentido da verdadeira distribuição de poder, distorcendo o tamanho relativo e criando uma visão enganosa da centralidade geográfica. Já que um mapa deve ter um centro arbitrário, ele pode ser elaborado de modo a colocar qualquer país no ponto

²⁰³ PECEQUILO, C. A **Política Externa dos Estados Unidos**: continuidade ou mudança? p.163.

²⁰⁴ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**: A geostrategic Framework for the Conduct of U.S.- Soviet Contest. New York: The Atlantic Monthly Press, 1986.

²⁰⁵ Ibidem, p. xiv.

central do globo durante muito tempo, por exemplo, os mapas mundiais chineses confirmavam, muito naturalmente, a significação política da expressão “O Império do Meio”.²⁰⁶ [grifos e tradução nossos].

Em outras palavras, a escolha de uma determinada projeção imprime ao planisfério uma perspectiva parcial e arbitrária das distribuições de massas terrestres e oceânicas no planeta, distorcendo assim, a percepção do observador. O objetivo do impacto visual provocado pela perspectiva é transmitir uma mensagem geopolítica, ou seja, de poder, em que se procura demonstrar a capacidade de poder: “um continente central, com uma capital central, dominando o globo fisicamente – e as realidades geopolíticas deveriam estar de acordo com estes fatos físicos”²⁰⁷

Partindo deste pressuposto, o modelo analítico utilizado por Brzezinski para interpretar o cenário internacional do período da Guerra Fria tem sua origem nas reflexões sobre dois mapas mundiais, denominados de “*Visão Global de Moscou*” e “*Visão Global de Washington*”. Com eles, o autor demonstrará que as diferentes percepções nas distribuições de terras e mares representadas pelos dois planisférios influenciava a visão global sobre os assuntos das duas grandes potências.

No mapa “*Visão Global de Moscou*”, que parece ter sido utilizado por Andrey Gromiko quando ocupava o cargo de Ministro do Exterior da União Soviética, o planisfério sugere claramente que o Império Soviético ocuparia um lugar de destaque na Eurásia, encorajando, assim, a suposição de que sua localização espacial lhe conferia posição de centralidade e de predominância no continente basilar do planeta.

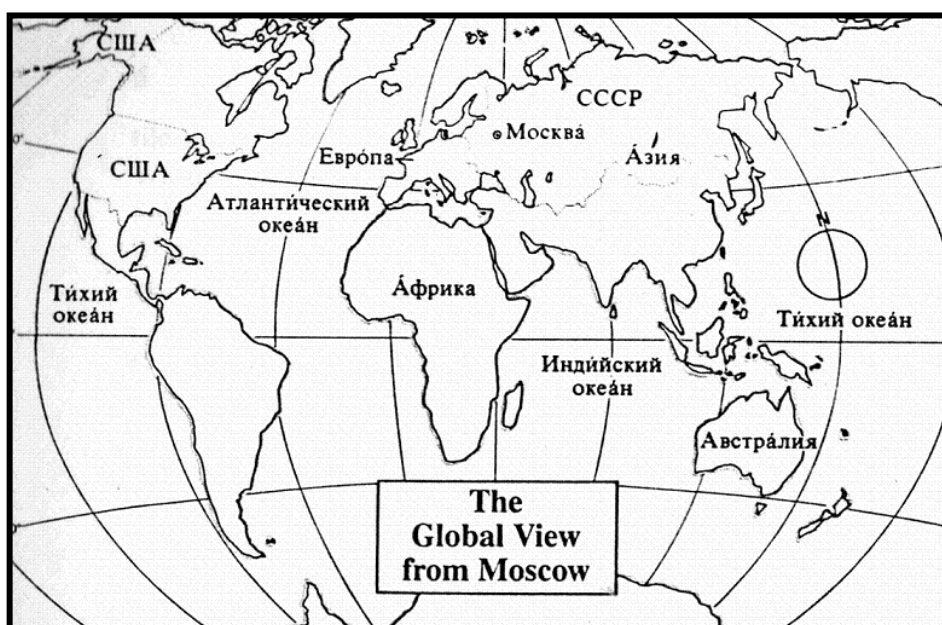
Enfatizando uma visão territorial do planeta, que distorce, como qualquer representação, aliás o faz, as proporções entre as massas de terra e as dimensões oceânicas, a visão de Moscou enfatiza a centralidade da “ilha-mundo”. Para demonstrar e realçar o

²⁰⁶ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.6.

²⁰⁷ Ibidem, p.7.

domínio do Império do Grão-Ducado de Moscou na região, de acordo com o mapa abaixo, o continente africano é apresentado como apenas um apêndice na fronteira sul do continente eurasiático. Os Estados Unidos, por sua vez, aparecem confinados às margens da representação gráfica, nas extremidades do mapa, no hemisfério ocidental, mas do outro lado do Oceano Atlântico. Na direção sudeste, encontramos em posição de igual isolamento e marginalidade a Austrália.

MAPA 13: VISÃO GLOBAL DE MOSCOU.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**: A geostrategic Framework for The Conduct of The U.S. – Soviet Contest.p.6

A divisão do poder global neste mapa apresenta o Império do Grão-Ducado de Moscou como o grande centro dominante da massa continental basilar, sobressaindo-se em relação aos Estados Unidos, representados insulados na periferia do Hemisfério Ocidental. Isto sugere que o poder mundial estaria sendo guiado pelas forças do socialismo, significando, deste modo, sua preponderância geopolítica e uma tendência para o futuro sobre os

sistemas sócio-econômico e político então liderados pelos Estados Unidos.²⁰⁸

Este mapa, como podemos perceber, é uma reprodução sutilmente alterada do célebre mapa de Mackinder²⁰⁹ apresentado na Royal Geographical Society em 1904, reproduzido no artigo “*The Geographical Pivot of History*”, como vimos anteriormente. A diferença entre ambos está em que no Mapa de Moscou há uma transferência do meridiano central de 80 graus para o de 40 graus, com o evidente propósito de dar maior ênfase à posição de centralidade da União Soviética.

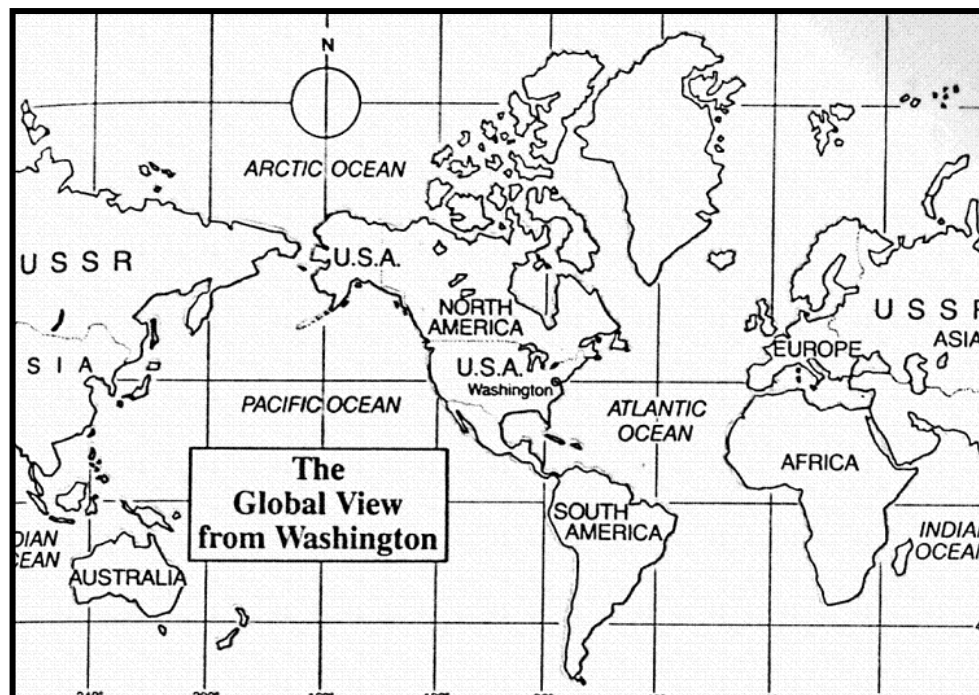
No Mapa “*Visão de Washington*”, a divisão global pauta-se por outra escolha arbitrária ao determinar que a centralidade do planisfério deveria ser ocupada pelo continente americano, cujas fronteiras marítimas, a partir de sua posição central, defrontam-se com as duas pontas da Eurásia. Nesta representação, é o território soviético que é desmembrado e marginalizado nas extremidades opostas do mapa. Essa representação enfatiza, ainda, a importância dos oceanos. Em direção a leste, os Estados Unidos fazem fronteira com a Europa Ocidental, com o Oceano Atlântico no meio. Na direção oeste, os Estados Unidos defrontam-se com a Ásia oriental, tendo o Oceano Pacífico de permeio. Esse mapa sugere que é a União Soviética, mesmo sendo representada como vasto continente mediterrâneo, que se encontra numa posição de isolamento.

Outra alteração em relação ao Mapa de Moscou está na representação da distribuição da massa líquida do planeta. Essa interpretação apresenta a idéia de que os Oceanos Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico, efetivamente aproximam mais os continentes e as ilhas do que os separam efetivamente, como mostra o mapa 14.

²⁰⁸ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.5.

²⁰⁹ Cf. MAPA 01: Mundo de Mackinder - 1904. p. 29.

MAPA 14 : VISÃO GLOBAL DE WASHINGTON.



Fonte: BRZEZINSKI, I. **Game Plan**: A geostrategic Framework for The Conduct of The U.S – Soviet Contest.p.6

Encontramos aqui, da mesma maneira que o ocorre com o Mapa de Moscou, outra mensagem geopolítica, a de que os oceanos servem como meio para as forças navais exercitarem o controle estratégico que permitiria desenvolver os laços políticos e econômicos entre os continentes.²¹⁰

O que vale ressaltar é que o modelo analítico construído pelo autor a partir destas duas diferentes projeções cartográficas está em que ambas, de Mackinder e Spykman, talvez ainda conservem a capacidade de explicar com grande precisão os relacionamentos entre as potências.

No Mapa “*Visão Global de Moscou*”, com a centralidade da União Soviética, sugere que o Império Soviético estaria predestinado a projetar-se para às periferias da Eurásia e tornar-se o poder dominante no continente basilar. Trata-se de uma reprodução das idéias basilares apresentadas na Teoria do *Heartland*, de Mackinder.

²¹⁰ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.7.

Em relação ao Mapa “*Visão Global de Washington*”, é perceptível a influência da Teoria do Rimland, de Nicholas Spykman, pois reproduz com muita fidelidade os mapas anteriores que aparecem em umas das suas obras basilares: “*The Geography of The Peace*”²¹¹.

A leitura sugerida pelo último mapa é que a projeção bioceânica dos Estados Unidos impeliriam a potência em direção às duas bordas da Eurásia, uma localizada na Europa Ocidental e a outra, situada na Ásia Oriental, como a única forma de conter o avanço de um poder hegemônico advindo da Eurásia, como já havia sido anunciado pelo geopolítico americano em 1942.

Utilizando-se desses dois mapas como ferramentas analíticas, Brzezinski construiu seu modelo partindo da discussão da natureza da confrontação e das prioridades geopolíticas de ambas as potências em relação ao continente eurasiático. Por isso, acreditamos que, ao final desta seção, conseguiremos demonstrar que os imperativos geopolíticos guiaram os Estados Unidos na competição com a União Soviética e que eles ainda podem contribuir para analisar o comportamento do país no começo do século XXI.

A natureza do confronto bipolar.

Para Brzezinski a competição bipolar entre Estados Unidos e União Soviética ocorria numa tripla dimensão: era uma rivalidade histórica clássica entre duas grandes potências, mas também uma luta entre dois sistemas imperiais, envolvendo dois atores que lutariam por nada menos do que o predomínio global, e um enfrentamento entre uma potência oceânica e uma terrestre. Em outras palavras, a competição seria caracterizável por seus três aspectos como histórica, de alcance global e imperial.²¹²

²¹¹ Cf. MAPA 04: EUA e o Mundo – Cerco ao Hemisfério Ocidental.p.50 e MAPA 06: Projeção no Centro do Hemisfério Ocidental.p.53.

²¹² BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.8.

Tratava-se de um confronto histórico pois perdurou por mais de cinquenta anos, um período de tempo, segundo o autor, demasiadamente longo, em que cada país se considerava mutuamente como fonte de perigo e alvo de ameaças, tanto para a paz mundial quanto para a sua própria segurança.²¹³ A tensão desenvolveu-se após o final da Segunda Guerra Mundial, devido ao choque entre a crescente influência global dos Estados Unidos e a aspiração histórica e ideológica da União Soviética de alcançar status global, o que segundo o autor, já tinha sido previsto por Alexis Tocqueville há 150 anos. De acordo com ele:

A União Soviética, muito naturalmente, via os Estados Unidos, como o principal obstáculo à sua busca de grandeza e realização ideológica, ainda que os Estados Unidos, inicialmente, só vissem a União Soviética como uma ameaça à segurança dos seus aliados, uma ameaça que devia ser tratada com uma política cuidadosamente dosada de contenção militar. Assim se desenvolveu o conflito histórico – previsto há cento e cinquenta anos atrás, com notável exatidão, por um francês de 26 anos de idade, Alexis Tocqueville – em que cada país deteria, finalmente, o poder de “decidir os destinos” do globo²¹⁴. [tradução nossa].

Os dois contendores eram também herdeiros do tradicional choque entre uma potência oceânica e uma continental. A idéia de luta entre o oceanismo e o continentalismo está presente na análise das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, a primeira, como uma potência insular, a ilha-continente, e, a segunda, como potência do tipo continental, do Estado-pivô, que dirige o império terrestre tendo o como núcleo central o coração da Eurásia. A lógica desse embate pautava-se pela projeção de poder pelas rotas oceânicas, dos Estados marítimos para estabelecer e conservar enclaves econômicos e políticos, mantendo as potências terrestres encurraladas. Por parte do poder terrestre, a resposta seria a busca de dominação continental como ponto de partida para

²¹³ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**, p.8-9.

²¹⁴ *Ibidem*, p.12.

a projeção externa, desafiando o intruso transoceânico.²¹⁵ As estratégias dos pólos opostos, portanto, segundo o modelo geopolítico de Brzezinski seriam mutuamente excludentes, como comentamos no primeiro capítulo a respeito de Mackinder, quando de sua apresentação na Conferência de 1904 da Real Sociedade Geográfica de Londres.

A busca de predomínio entre os contendores representaria, além disso, um confronto de aspecto imperial, pois ela não representaria apenas uma luta geopolítica abrangendo duas nações, mas sim dois grandes impérios. Segundo o autor, o emprego do termo império procura descrever que se tratava da busca de uma hierarquia internacional, sem qualquer preocupação de sentido moral. Conforme verificamos abaixo:

[...] ambas as nações adquiriram atributos imperiais antes mesmo de sua colisão, após a Segunda Guerra Mundial; mas esta colisão aumentou a importância estratégica dos seus respectivos âmbitos imperiais, e intensificou o seu crescimento. Alguns poderiam pensar que isto seria o mesmo que dizer que existe uma espécie de “equivalência moral” entre a União Soviética e os Estados Unidos. [...] Emprego o termo “império” no sentido moralmente neutro, para descrever um sistema hierárquico de relacionamentos políticos, irradiando-se de um centro.²¹⁶

Analisando os dois sistemas imperiais, para apontar as suas diferenças, Brzezinski começa descrevendo a Rússia como o exemplo de uma sociedade que historicamente sempre manteve um permanente interesse de expansão territorial em direção ao ocidente.

Esta expansão das planícies do nordeste e das florestas da Moscóvia durou – quase de modo contínuo – mais de trezentos anos. Incluiu o avanço para o ocidente contra potências rivais, resultando na eventual expulsão da Suécia do leste do Báltico e na partilha da República polono-lituana. Incluiu um insistente movimento para o

²¹⁵ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.12.

²¹⁶ *Ibidem*, p.16.

sul, culminando com as derrotas infligidas ao Império Otomano, na subordinação dos cossacos da Ucrânia, dos tártaros da Criméia, e na absorção de diversas nações caucasianas, e muçumanas da Ásia Central. [...] Em cerca de dois séculos, significou a subordinação a Moscou, em cada ano, de uma porção de territórios equivalente à Holanda [...]²¹⁷

Durante a Segunda Guerra Mundial, a política expansionista de Moscou resultou na ampliação de seu domínio para toda a Europa Oriental, como consequência da conquista militar, pelo Exército Vermelho, e a conversão ideológica das sociedades conquistadas, com a entrega de poder a partidos-satélites. Após a expulsão dos nazistas, os países do Leste foram integrados econômica e politicamente a uma associação cujo sócio-maior era Moscou, o Comecom e o Pacto de Varsóvia.²¹⁸

O instinto de sobrevivência que alimentou este apetite geofágico permitiu a construção do império cujas características geográficas é de uma massa terrestre compacta que se estende do Rio Elba, na Europa Central, até o Rio Amur, no Extremo Oriente, tendo como seus traços marcantes uma dimensão transcontinental eurasiática de território contínuo. Entretanto, esta região, até por sua imensa extensão, encerra um paradoxo, pois o controle da considerável massa terrestre tem como contrapartida o isolamento geopolítico mediterrâneo do Império Russo. Com efeito, ele dispunha de saídas marítimas apenas em pontos terminais situados em mares gelados, fechados ou semi fechados, sem acesso aos mares quentes. O sistema abriga, por fim, Estados-vassalos fronteiriços e Estados-clientes. Como informa Brzezinski:

O império de Moscou tem três camadas. Primeira, a do Império da Grã-Rússia. Cerca de 135 milhões de grãos-russos mantêm, como súditos imperiais, cerca de 140 milhões de pessoas de diversas nações não-russas, incluindo aproximadamente 50 milhões de ucranianos. Segunda, a do Império Soviético. Moscou controla

²¹⁷ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.18.

²¹⁸ Ibidem, p.19.

Estados-satélites, onde vivem cerca de 120 milhões de europeus do Leste, 15 milhões de afegãos e 2 milhões de mongóis. Terceira, a do Império comunista de Moscou. Nele estão incluídos os seus clientes imperiais, tais como Cuba, Nicarágua, Vietnã, Angola, Etiópia, Iêmen do Sul e Coréia do Norte que dependem de Moscou para orientação política, apoio militar e ajuda econômica, com uma população total de cerca de 130 milhões de pessoas. Portanto, cerca de 135 milhões de russos exercem um controle político sobre um sistema imperial que abrange cumulativamente, aproximadamente 545 milhões de pessoas, espalhadas pelo continente eurasiático e pelas dependências ultramarinas.²¹⁹ [grifos e tradução nossos].

Em síntese, o comportamento político expansionista é uma característica do desenvolvimento histórico e pode ser observado tanto na Rússia czarista, como também na União Soviética. Este espírito norteou o comportamento soviético durante e após a Segunda Guerra Mundial, perdurando ao longo de todo o período da Guerra Fria.

O sistema imperial dos Estados Unidos também se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial, mas em virtude de o país ter saído da guerra praticamente incólume, o que lhe permitiu adquirir um preeminente poder mundial; ao final da conflagração armada, a economia americana equivalia à metade da economia mundial. Isso permitiu que os Estados Unidos ascendessem ao status de império, substituindo a Grã-Bretanha. Por razões internacionais e internas, não mais poderiam ficar indiferentes aos acontecimentos de todas as regiões do globo, em virtude dos compromissos políticos e militares assumidos após o fim do conflito.

Por isso, no pós-guerra, os Estados Unidos conservaram tropas na Europa Ocidental, para fazer frente à ameaça crescente da União Soviética. Na década seguinte foram obrigados a estabelecer um novo perímetro de segurança no Extremo Oriente, por causa da eclosão da Guerra da Coréia. No final dos anos 70, após o colapso interno do Irã e da invasão soviética do Afeganistão, a estratégia de segurança americana que se valia dos poderosos

²¹⁹ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.16.

regionais, teve que ser substituída pela proteção direta dos interesses americanos na região da Ásia.

A decisão de pontilhar o mundo com bases militares e manter frotas com capacidade de deslocamento rápido decorre da própria característica geográfica do Império Americano. Sendo uma ilha-continente com projeção bioceânica, e controlando um território descontínuo, os Estados Unidos foram obrigados a atuar em dois eixos oceânicos principais, mantendo a supremacia naval no Atlântico Norte e na Bacia do Pacífico. No primeiro caso, o instrumento político de integração com a Europa Ocidental é a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). No segundo, os pactos bilaterais ou multilaterais com os países insulares ou anfíbios da Ásia Oriental. Como segue:

Embora formalizado através de tratados acordados – os quais reconhecem o status da Europa Ocidental, do Japão e da Coréia do Sul como protetorados americanos – o sistema imperial dos Estados Unidos é [...] também, de laços comerciais e étnicos formais. [...] Seus aliados protegidos mais importantes são: Europa Ocidental, o Canadá, o Japão e a Coréia do Sul. Mas a América também possui clientes, dela dependentes, no Oriente Médio (Israel e Egito), no sudoeste Asiático (Paquistão) e no Sudeste Asiático (Tailândia e Filipinas). Todo o sistema imperial abrange mais de 780 milhões de pessoas em comparação com a população de 545 milhões do império soviético, mas não tem homogeneidade ideológica, a centralização política e a contigüidade territorial do rival soviético.²²⁰ [grifos e tradução nossos].

Em termos gerais, pode-se afirmar que o modelo de Brzezinski para a interpretação da natureza da confrontação bipolar pelo viés histórico e imperial pauta-se respectivamente na concepção de Mackinder da *Teoria do Heartland* e na *Teoria do Rimland*, Spykman, o qual defendia a construção de uma constelação de bases no entorno da Eurásia. Em síntese, trata-se de um modelo de análise do conflito abordado pela ótica da expansão e contenção do *Heartland* pelo *Rimland*, como será visto mais

²²⁰ BRZEZINSKI, Z. *Game Plan*. p.24.

detalhadamente a seguir, após a descrição das prioridades geopolíticas da União Soviética e dos Estados Unidos em relação à Eurásia.

Eurásia: Estados Unidos vs União Soviética.

Apesar das três dimensões do conflito -- histórica, imperial e global -- entre as duas superpotências, o foco do embate da Guerra Fria tinha um único objetivo: o domínio da Eurásia. A luta pela conquista do continente basilar do planeta deveria ser conduzida nas três frentes estratégicas basilares conforme Brzezinski: o extremo ocidente, o extremo oriente e o sudoeste.

As estratégias das duas superpotências seguiam respectivamente as lógicas da contenção e da ruptura do cerco. Para os Estados Unidos tratava-se de impedir a dominação da Eurásia pela União Soviética, mantendo-a confinada em seu imenso território. Para a União Soviética, por outro lado, o principal objetivo estratégico seria expulsar os Estados Unidos das suas fronteiras, para que viesse a dominar a Eurásia e, assim, alcançar a projeção oceânica para chegar ao controle global. Para cada uma delas ações militares nas três frentes basilares seriam a condição *sine qua non* para alcançar o sucesso definitivo.²²¹

²²¹ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**. p.31.

Rússia e a Eurásia: Reivindicações Geopolíticas.

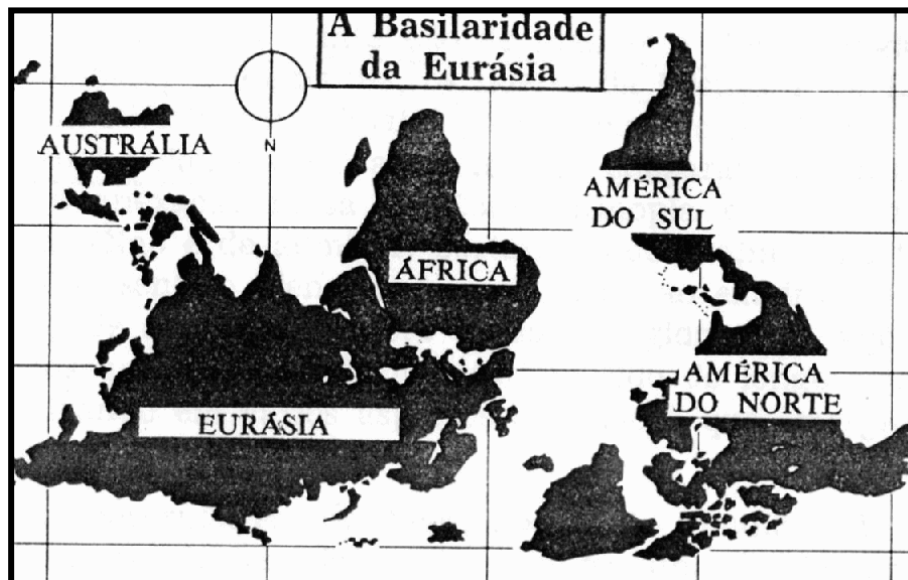
Como vimos, o objetivo principal da Rússia, e posteriormente da União Soviética, seria a exclusão de qualquer potência externa da Eurásia e a subordinação de quaisquer vizinhas que tentassem desafiá-la. Mais do que um objetivo geopolítico, este comportamento era a expressão de uma ambição histórica, motivada pela situação geográfica paradoxal do Império Russo, de controlar um território amplo, mas mediterrâneo, confinado as suas fronteiras. Por isto, apesar de o Império Soviético exercer um quase incontestável predomínio militar na região continental da Eurásia, controlando a maior parte do território e das riquezas naturais mundiais, ocupando assim uma posição estratégica vital, sofre com um grande cerco, devido à ausência de acessos aos mares quentes. Na frente do extremo ocidente, com a Europa Ocidental, tinha bloqueadas as saídas para o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, pelo norte da Alemanha. O controle ocidental de pontos estratégicos como os Estreitos de Dardanelos e os Kattegat e o Skargerrak impediam respectivamente as saídas para o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo, o acesso ao Mar Báltico e o Mar do Norte. Na frente basilar do Sudoeste, o acesso para o Golfo Pérsico e o Oceano Índico, ao sul, era impossibilitado pelas soberanias de Estados como a Turquia, o Irã, o Paquistão, a Índia e, até, a própria China. Na frente do Extremo Oriente, o Império soviético também encontrava limitações por causa do controle exercido por Japão e Coréia do Sul, que ocupam os pontos terminais.

O Mapa 15 ilustra a basilaridade da Eurásia, invertido em relação à perspectiva tradicional a fim de ressaltar a posição de centralidade da Eurásia.

O quadro geopolítico permite entender os motivos pelos quais os governantes russos, os czares ou seus sucessores soviéticos, independentemente de ideologias, buscavam persistentemente, por meio de uma política expansionista, alcançar objetivos estratégicos

com o intuito de alterar definitivamente a situação geográfica a fim de ganhar uma preponderância continental

MAPA 15 : A CENTRALIDADE DA EURÁSIA.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **EUA x URSS: O grande Desafio.** p.41.

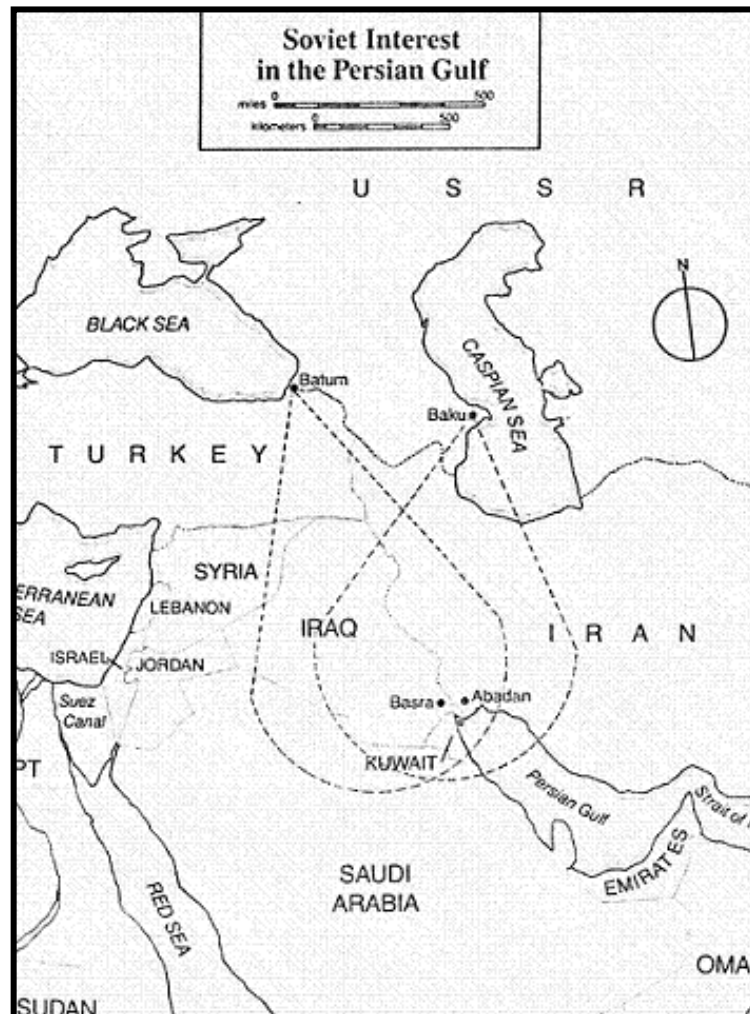
Antes da Primeira Guerra Mundial, o Império Czarista, procurava expandir-se para o Extremo Oriente, tentando impor à China acordos que lhe permitissem o controle da Manchúria, pela qual chegaria ao Mar Amarelo²²². A derrota para os japoneses em 1905, entretanto, obrigou o czar a abrir mão das Ilhas Sacalinas, dificultando ainda mais o acesso ao Oceano Pacífico. Outro fracasso ocorreu com a derrota na Guerra da Criméia contra o Império Otomano, quando a Rússia buscava uma saída para o Mar Mediterrâneo.

Quando a Segunda Guerra Mundial estabeleceu uma nova fase de instabilidade mundial, a União Soviética perseguiu os seus objetivos unilateralmente, conquistando e anexando as Repúblicas Bálticas, em 1940, ocupando o norte da Coreia em 1945 e transformando em Estados-satélites Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e a Alemanha Oriental. As novas ampliações não bastaram para garantir o acesso ao grande oceano.

²²² BRZEZINSKI, Z. **Game Plan.**p.33.

Por isso, os objetivos estratégicos dos soviéticos estenderam-se, em parte, rumo ao Oriente Médio, visando, dentre outros, o acesso direto ao Golfo Pérsico.

MAPA 16 : GOLFO PÉRSICO – Interesse Soviético.



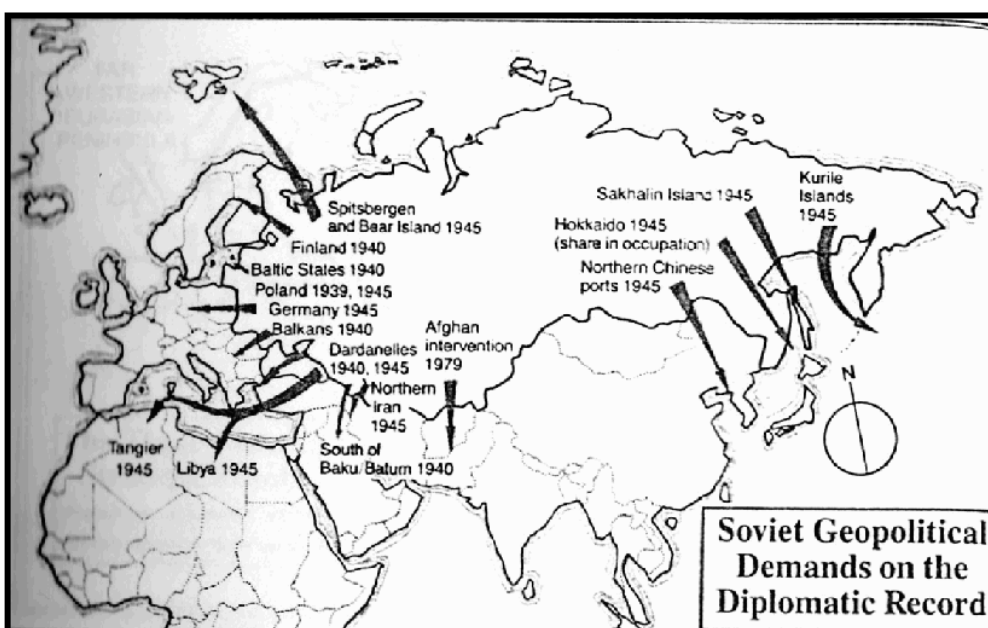
Fonte: BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.36.

Os interesses soviéticos ao sul das cidades de Batum e de Baku, cidade portuária do Azerbaijão, que apontavam como mostra Mapa 16 como alvos principais as cidades de Basra, no Iraque, e Abadan, no Irã; estes são os pontos de escoamento mais próximos da Rússia. O interesse soviético passou a ser o controle do acesso ao Golfo Pérsico e o fortalecimento no Oriente Médio, razões semelhantes às que levaram a Alemanha Nazista a empreender a

Operação Barbarossa, cujo objetivo final seria a invasão da União Soviética.

As reivindicações territoriais soviéticas pleiteadas em lalta, no final da Segunda Guerra, demonstravam, segundo Brzezinski, a notável consistência dos seus anseios históricos. Para o autor, se os líderes soviéticos tivessem êxito nestes objetivos, teriam obtido uma conquista decisiva: a União Soviética teria alcançado uma posição geopolítica predominante na Eurásia.

MAPA 17: REIVINDICAÇÕES GEOPOLÍTICAS SOVIÉTICAS.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **Game Plan: A geostrategic Framework for The Conduct of The U.S. – Soviet Contest**.p.40.

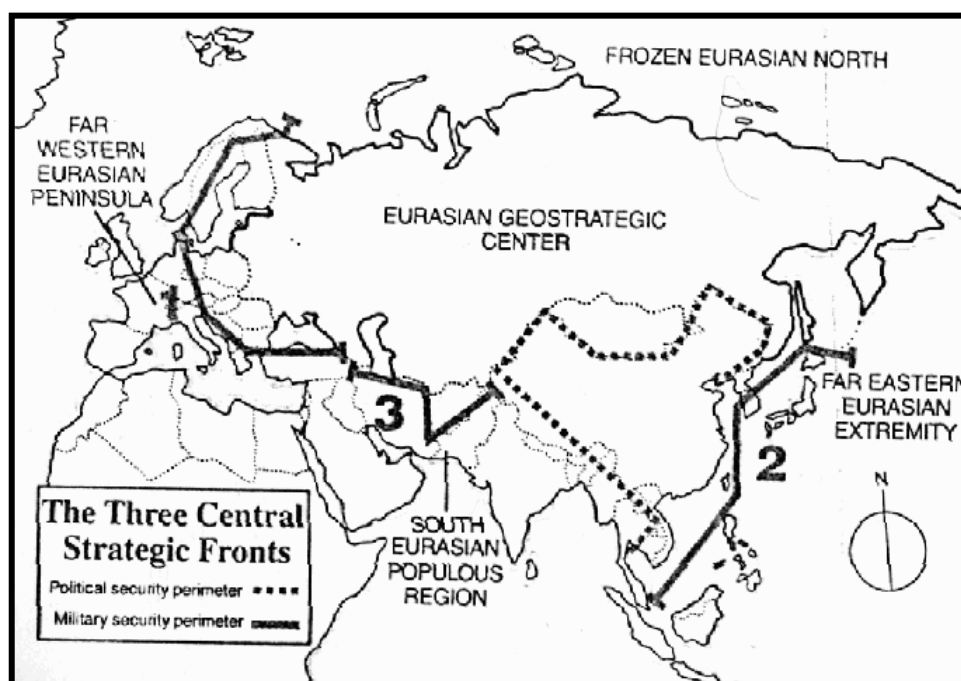
Como o Mapa 17 aponta, todas as reivindicações territoriais soviéticas demonstravam total coerência com suas tradições expansionistas. Como é informado pelo mapa, ao Norte o objetivo era o domínio das Ilhas Spitzbergen; ao Sul, os objetivos eram o controle dos Estreitos de Dardanelos e uma saída para o Golfo Pérsico, através do Irã. No Oriente, a estratégia visava as Ilhas Curilas e, através da Manchúria, os portos no Mar Amarelo.²²³

²²³ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan: A geostrategic Framework for the Conduct of U.S.- Soviet Contest**.p.34-41.passim.

Estados Unidos e a Eurásia: as três frentes estratégicas.

O Mapa 18 evidencia o contexto que desenrolou a luta entre as duas superpotências pelo domínio da Eurásia, no entorno das três frentes estratégicas em que os Estados Unidos, no papel da potência insular com projeção bioceânica, tinham como principal objetivo estratégico controlar as periferias eurásianas, para conter o avanço soviético, impedindo sua saída para os mares abertos.

MAPA 18: EUA e AS TRÊS FRENTES ESTRATÉGICAS.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**. p.42.

Em síntese, estas três frentes estratégicas revelam as prioridades americanas ao longo da Guerra Fria.

O marco histórico do início da disputa pela Eurásia e do período da Guerra Fria é simbolizado pela permanência das tropas americanas na Europa Ocidental no pós-guerra. Este fato indicava que os Estados Unidos não estavam dispostos a ceder a quaisquer tipos de exigências ou reivindicações por parte de Moscou capazes de modificar o *status quo* de 1945. Segundo, Brzezinski:

O ponto de impacto ocorreu foi na península na extremidade ocidental do continente eurasiático, com 14.400 km extensão no seu eixo leste-oeste, porém, distanciando-se apenas 1.850 km da área do controle soviético. O ponto era crítico pois, do ponto de vista geopolítico, este espaço incluía os vitais setores industriais da Europa e detinha as principais saídas para o Oceano Atlântico.²²⁴ [grifos e tradução nossos].

A disputa, porém, ocorreria também em torno de outros dois pontos de impactos, correspondentes ao *rimland* de Spykman ou ao grande arco interno de Mackinder. Veremos a seguir as três frentes basilares definidas por Brzezinski.

Primeira Frente: Extremo Ocidente.

A primeira frente surgiu devido as ameaças comunistas à Grécia e à Turquia. Se, nesses casos, os soviéticos conseguissem alterar o *status quo* pós-1945, teriam conseguido um êxito de largo alcance, pois conseguiriam projetar o poder soviético para o Mediterrâneo. As potências ocidentais, principalmente os Estados Unidos, que ainda se encontravam no estágio inicial de envolvimento político e econômico na Europa, ver-se-iam afastadas do Mediterrâneo, alterando o equilíbrio de poder na região. Isso seria seguido pelo efeito colateral de gerar uma crise de confiança na capacidade de liderança americana.²²⁵

A decisão de Harry Truman de transformar a Doutrina de Contenção em lei, no dia 22 de maio de 1947, teve como efeito o engajamento dos Estados Unidos na defesa da Grécia e da Turquia, além de furar o bloqueio de Berlim, em abril de 1948, alterando o quadro político na região. Essas ações, além de conter a expansão política soviética pela Europa, representaram uma demonstração inequívoca do compromisso de garantir apoio militar aos dois países. Foi a principal mudança qualitativa no comportamento dos Estados

²²⁴ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.43.

²²⁵ *Ibidem*, p.41.

Unidos, que saíram de uma posição de defesa meramente retórica para a defesa efetiva das linhas demarcatórias. Com deslocamentos militares, evidenciaram que, se a União Soviética ultrapassasse as linhas de lalta, isso provocaria um conflito armado. A primeira frente estratégica, do extremo ocidente, perdurou por todo o período da Guerra Fria e protegeu um relacionamento considerado como essencial para a própria segurança americana: A Comunidade Atlântica²²⁶.

Segunda Frente: Extremo Oriente.

Embora esboçada ainda durante a guerra, quando as explosões atômicas de Hiroxima e Nagasaki aparentemente visaram antecipar a rendição japonesa, a segunda frente estratégica ficou clara imediatamente após a primeira, ainda no final dos anos 40 e início da década de 50, com a Guerra da Coréia. Apesar da possibilidade de um confronto bélico no Extremo Oriente, na época, parecer remoto, a preocupação dos Estados Unidos na região passou a ser evitar uma coalizão no continente asiático com a emergência do bloco sino-soviético, atitude esta que levou à famosa declaração de Dean Acheson em Janeiro de 1950. Segundo Brzezinski:

Acheson definia os interesses estratégicos americanos no Extremo Oriente como sendo essencialmente oceânicos e localizados no Japão. Sem mencionar a Coréia, Acheson estabeleceu de modo preciso o “perímetro defensivo” americano que passaria “ao longo das Ilhas Aleutas até o Japão e daí (...) para as Ilhas Rjukiú (...) até as Filipinas.”²²⁷

A Guerra da Coréia, porém, modificou este panorama, pois a ação comunista, segundo Brzezinski, por conta do grande fornecimento de armamentos soviéticos não deixou outra alternativa

²²⁶ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**, 53.

²²⁷ *Ibidem*.p.54.

ao Presidente Truman do que a resposta militar. Isso caracterizaria o início da segunda frente estratégica basilar na luta americano-soviética. O objetivo imediato, aqui, seria a defesa do Japão, que naquele período começava apenas a recuperar-se dos efeitos da guerra.

Durante os três anos da Guerra da Coréia, os Estados Unidos conseguiram manter o controle sobre a Coréia do Sul, expandindo assim a partir desta o perímetro dos seus interesses estratégicos vitais que incluíam também o Japão, Taiwan e as Filipinas, no plano geral de controle do Pacífico.

Terceira Frente: Sudoeste

A terceira frente estratégica, a Sudoeste do continente eurasiático, ganhou importância somente no final dos anos 70. Desde a inauguração da Doutrina Truman até aquele período, não havia qualquer envolvimento direto dos Estados Unidos na região para limitar a presença da União Soviética.

Conforme Brzezinski:

A região ao sul da União Soviética não foi envolvida num conflito direto [...] Os soviéticos não cruzaram a linha que se estende da fronteira nordeste da Turquia, pelo norte do Irã, ao noroeste do Paquistão. O Afeganistão era um genuíno Estado-tampão neutro, cujas fronteiras com a China isolavam o Paquistão, impedindo sua exposição direta à União Soviética. A Turquia, o Irã e – em menor extensão -- o Paquistão estavam política e militarmente, intimamente associados aos Estados Unidos, enquanto a força aérea britânica no Golfo Pérsico proporcionava um apoio do Ocidente para uma segurança mais direta.²²⁸
[grifos e tradução nossos].

A instabilidade na região sucedeu a retirada britânica do Canal de Suez, criando um vácuo de segurança no Golfo Pérsico. Washington tentou preencher o vazio, fortalecendo a Arábia Saudita

²²⁸ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.49.

e o Irã. Em ambos os países, contudo, a presença americana foi contestada por novos regimes revolucionários. Foi o que ocorreu no Egito, sob o governo de Gamal Abdel Nasser, e no Irã, com a irrupção da revolução islâmica liderada pelo Aiatolá Khomeini, que derrubou o Xá Rezha Pahlevi, colocando todo o arranjo político apoiado pelos Estados Unidos em colapso.

A instabilidade dos regimes possibilitou o apoio econômico e militar da União Soviética, que chegou a estimular golpes pró-soviéticos no Afeganistão. Com isso, a União Soviética avançou as suas forças militares, as quais, pela primeira vez desde a contenda soviética-americana, ultrapassou as linhas demarcatórias do fim da Segunda Guerra Mundial.²²⁹

Esta sucessão de fatos inaugurou a terceira frente estratégica, mencionada pelo Presidente Jimmy Carter em seu discurso do Estado da União de 1980. Ele adiantou que qualquer tentativa de desequilíbrio no Golfo Pérsico seria percebida como atentado aos interesses vitais americanos, declaração comparada pelo autor com a Doutrina Truman.

A região que está ameaçada pelas tropas soviéticas é de grande importância estratégica pois contém mais de dois terços do consumo mundial de petróleo. O esforço soviético de dominar o Afeganistão fez com que suas forças militares chegassem a 300 milhas do Oceano Índico, perto do Estreito de Hormuz, local por onde é escoada a maior parte do petróleo mundial. A União Soviética está tentando consolidar uma posição estratégica que ameaça a circulação de petróleo no Oriente Médio [...] Esta situação exige um esforço coletivo de todos aqueles que dependem do petróleo desta região para a garantia da paz e da estabilidade mundial. Enfrentar este desafio demandará vontade nacional, sabedoria política, sacrifício econômico e capacidade militar para preservar a segurança nesta região.[...] A nossa posição é muito clara: uma tentativa por parte de qualquer força exterior para ganhar o controle da região do Golfo Pérsico será considerada

²²⁹ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.50.

como um ataque aos interesses vitais dos Estados Unidos da América.²³⁰[grifos e tradução nossos].

O envolvimento americano foi firmado com base na premissa estratégica de que as ações militares dos soviéticos seriam profundamente ameaçadoras, já que poderiam levá-los a dominar a região.

[...] uma penetração soviética na terceira frente traria graves implicações para as outras duas. Um sucesso soviético, quer na frente da Europa Ocidental, quer na do Extremo Oriente, desequilibraria o sistema internacional, mas, mesmo assim, semelhante revés não privaria os Estados Unidos da capacidade de defender a outra frente. Um sucesso soviético nesta terceira frente basilar, contudo, daria automaticamente à União Soviética uma enorme vantagem na competição com os Estados Unidos.²³¹

O que estava em jogo era o acesso ao Golfo Pérsico, logo ao Mediterrâneo e o Pacífico, pois, detendo 56% das reservas mundiais de petróleo, os países do Oriente Médio continuariam tendo interesse estratégico vital para o Ocidente. Se a região caísse sob domínio soviético, os russos poderiam chantagear para obter compensações na acomodação política com o Ocidente nos termos ditados por Moscou.²³²

A importância dos interesses estratégicos em jogo nesta terceira frente obrigou os Estados Unidos a se envolverem cada vez mais fundo nos conflitos árabe-israelenses, das grandes desvantagens que se apresentavam na região, pois esta frente, além de mais extensa que as outras duas, oferece menores possibilidades de defesa por parte dos Estados Unidos.

Para Brzezinski, se por acaso a União Soviética fizesse uma ocupação permanente do Oriente Médio, sua penetração no Irã e no Paquistão seria altamente facilitada. Por outro lado, os Estados

²³⁰ **STATE OF UNION.** January 23, 1980. Disponível em: <http://www.jimmycarterlibrary.org/documents/speeches/su80jec.html>. Acesso em : 23 Fev 2009.

²³¹ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.50.

²³² Ibidem, p.49-50.

Unidos teriam dificuldades ainda maiores para proteger o Golfo Pérsico, onde o Irã revelava franca hostilidade à presença americana.

As dificuldades maiores transformaram a frente Sudoese na mais volátil e perigosa de todas as frentes, sendo, por isso, denominada por Brzezinski como “*ventre mole*” pela grande vulnerabilidade da região às ameaças soviéticas e pela dificuldade de controle pelos Estados Unidos:

A prioridade geopolítica mais urgente e difícil para os Estados Unidos está no sudoeste da União Soviética, onde os Estados-pino são o Irã, ou o conjunto Afeganistão-Paquistão, Sendo desde há muito um objetivo da Grã-Rússia Imperial, a região é vulnerável á pressão política e militar soviética. Uma Moscou dominante teria de impedir que os aliados dos Estados Unidos no extremo oeste e no extremo leste do continente eurasiático estabeleçam laços diretos de contato. Daria acesso ao controle do petróleo do Golfo Pérsico [...] ganharia uma janela aberta a águas oceânicas quentes. O Sudoeste apresenta um desafio geopolítico de assustadora magnitude. Na Europa Ocidental, os Estados Unidos podem de certa forma realizar mais, fazendo menos. No Extremo Oriente, podem ter sucesso, mantendo as coisas como estão, embora agindo na base de um plano estratégico mais ponderado. Mas no ventre mole da Eurásia requer-se um maior esforço se se pretender negar à União Soviética durante a próxima década uma maior penetração para o sul.²³³[grifos e tradução nossos].

Estados-pinos: Três Frentes Estratégicas.

Nessas três frentes estratégicas, que integraram a construção da Doutrina de Contenção, foram identificados países que pela sua importância ou vulnerabilidade política, pelo seu peso econômico ou estratégico, foram denominados por Brzezinski de Estados- pinos, ou seja, pinos de segurança geopolítica nas suas respectivas regiões. A conquista do Estado-pino do sistema dominado pelo outro

²³³ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**. p.220-221.

contendor poderia permitir o domínio da região, desencadenado uma reação em cadeia, para a expansão da potência terrestre, a oceânia ou a sua ruína, alterando a correlação de forças. O conceito de Estado-pino é apresentado da seguinte maneira por Brzezinski:

Um Estado-pino é aquele que é ao mesmo tempo, intrinsecamente importante e que, em certo sentido, “é de quem pegar primeiro”. A importância dos Estados-pinos pode derivar da sua posição geopolítica, da influência política e/ou econômica que detém na região, ou de sua localização geoestratégica que o torne significativo do ponto de vista militar. Sua vulnerabilidade cria a possibilidade de poder vir a ser seduzido ou tomado, o que, neste último caso, afetará seu alinhamento externo. Outros Estados podem ser igualmente importantes, ou até mais, mas o seu alinhamento firme em um dos sistemas indica que constituem pontos fixos e não pinos catalíticos. ²³⁴[grifos e tradução nossos].

Os Estados-pinos das três frentes estratégicas são os equivalentes dos países que cercam a região pivô eurásiana, formando o *Inner Crescent* de Mackinder e o *Rimland* de Spykman. Funcionam, por um lado, como amortecedores entre o poder terrestre detentor do *Heartland* e o poder marítimo situado no *Outer Crescent*, os quais competiriam pelo domínio da linha circunferencial costeira da Eurásia.

Os Estados Pinos vitais são: a Polônia e a Alemanha, na frente ocidental eurásiana; a Coreia do Sul e as Filipinas, na frente oriental; e na frente sudoeste, o Irã e o conjunto Afeganistão e Paquistão, conforme demonstrado nos Mapas 19, 20 e 21.

Na frente ocidental, a importância geopolítica e geoestratégica da Polônia é que sua dominação por Moscou facilitava o controle sobre a Tchecoslováquia e a Hungria e afastava a influência ocidental das regiões não-russas que se sentiam atraídas pelo Ocidente. Se a Polônia se tornasse mais autônoma, isso inevitavelmente iria enfraquecer o controle soviético sobre a Lituânia

²³⁴ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p. 62.

e a Ucrânia. Uma Polônia livre do controle de Moscou ensejaria atitudes separatistas em detrimento da União Soviética.

Quanto à Alemanha Ocidental, sendo o mais poderoso membro da Comunidade Européia, vital para a OTAN, seu alinhamento político era fundamental para o equilíbrio militar na Europa. A adoção de uma postura de neutralidade enfraqueceria a coesão da aliança ocidental.²³⁵

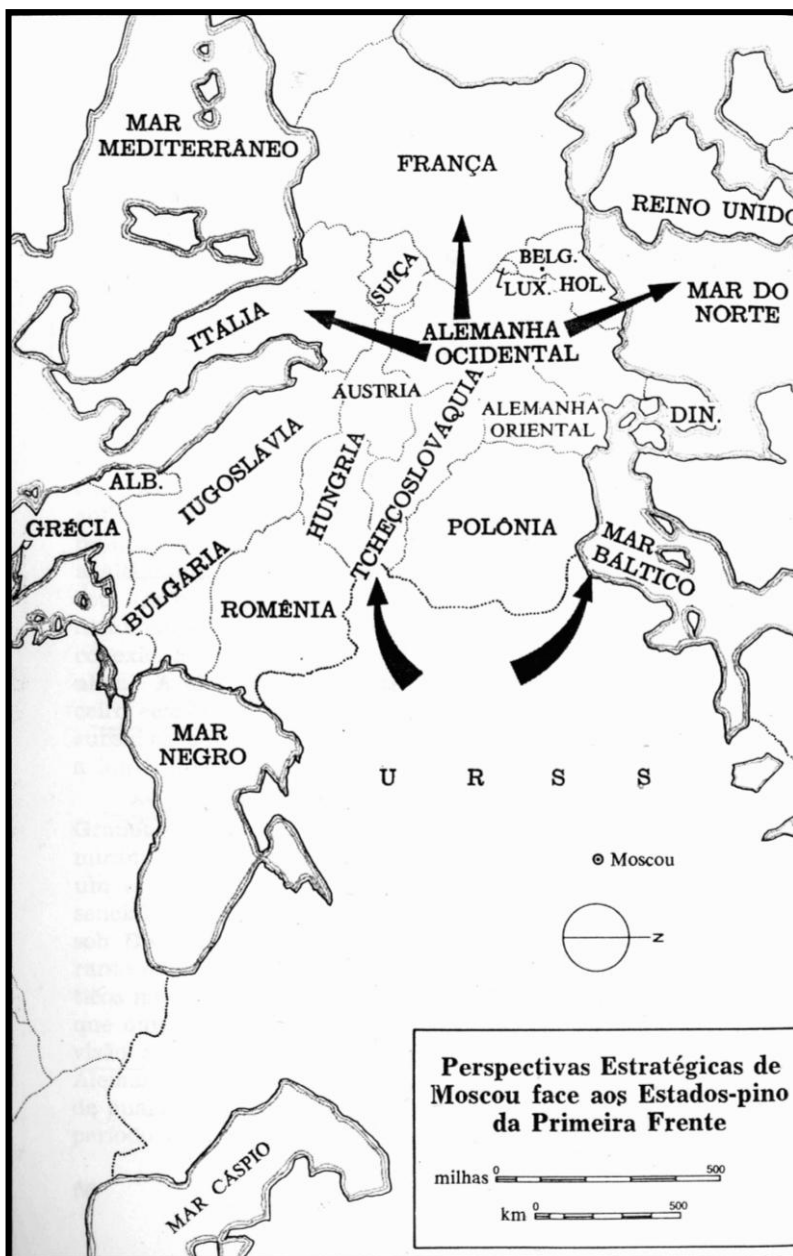
Os dois Estados pinos eram a Coreia do Sul e as Filipinas, embora não constituísse em alvos regionalmente importantes como a Alemanha eram vitais para a segurança da China e do Japão, representando importantes postos avançados do poder americano. Contudo, ambos eram vulneráveis respectivamente a um ataque militar e a uma revolta política, de acordo com o Mapa 20.

Na região sudoeste da Ásia, o sucesso no Irã seria importante para o controle das reservas de petróleo e o controle político no Afeganistão, rumo ao bloco oriental; a perda do Paquistão teria conseqüências geopolíticas importantes, pois a União Soviética ganharia um amplo acesso ao Oceano Índico e ampliaria a sua influencia no litoral do Mar da Arábia. A consolidação do controle soviético sobre o Afeganistão, por outro lado, exporia o Irã e o Paquistão à pressão soviética em uma ampla frente, gerando tensões dentro do próprio Paquistão, país que se tornara aliado dos Estados Unidos e da China na sustentação da resistência afegã contra ocupação soviética.²³⁶

²³⁵ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**.p.55.

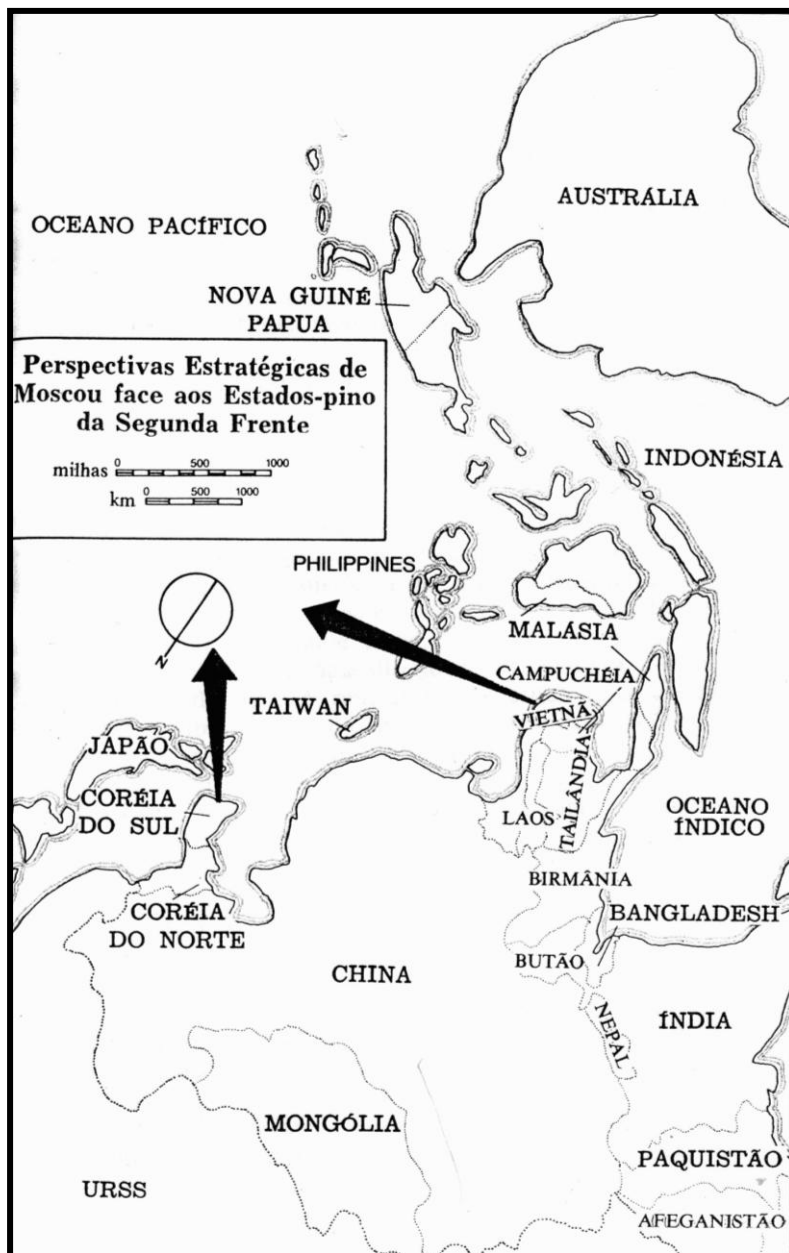
²³⁶ *Ibidem*, p.64.

MAPA 19: ESTADOS PINOS - PRIMEIRA FRENTE.



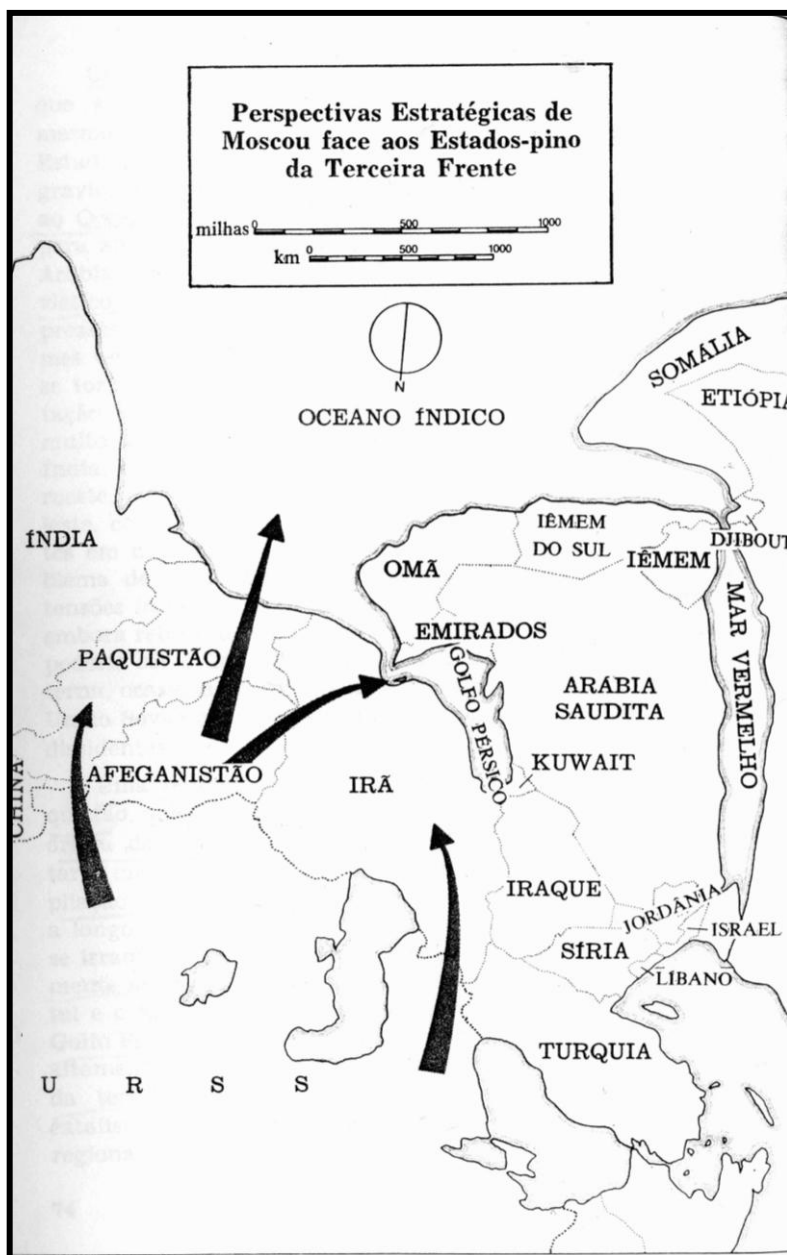
Fonte: BRZEZINSKI, Z. **EUA x URSS: O grande Desafio**.p.64.

MAPA 20: ESTADOS PINOS - SEGUNDA FRENTE.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **EUA x URSS: O grande Desafio.** p.67.

MAPA 21 : ESTADOS PINOS : TERCEIRA FRENTE



Fonte: BRZEZINSKI, I. **EUA x URSS: O grande Desafio**.p.72.

Prioridades Geopolíticas: Análise normativa.

O modelo analítico de Brzezinski do embate na Guerra Fria apontava as prioridades geopolíticas americanas para enfrentar com êxito o desafio estratégico soviético. As premissas para prescrever estas prioridades eram alicerçadas em três fatores geoestratégicos fundamentais como segue:

Na luta mundialmente decisiva pela Eurásia, os Estados Unidos e a União Soviética estão conscientes de três fatores geoestratégicos fundamentais.

Primeiro, somente através do domínio oceânico tiveram os Estados Unidos capacidade de impedir que as periferias vitais do continente eurasiático caíssem em mãos soviéticas.

Segundo, se a União Soviética controlar todo o continente eurasiático poderá, efetivamente, contestar o controle americano do Atlântico e do Pacífico.

Terceiro, se a União Soviética alcançar o domínio oceânico, poderá transformar os Estados Unidos numa fortaleza isolada e cada vez mais vulnerável. Moscou seria, então, capaz de explorar os sentimentos nacionais antiamericanos, até mesmo no Hemisfério Ocidental, na própria periferia dos Estados Unidos.²³⁷ [grifos e tradução nossos].

Partindo desta constatação, Brzezinski estabelece um quadro de amplas prioridades geopolíticas concernentes às três frentes estratégicas.

Para frente do extremo ocidente, segundo ele, se deveria acelerar a emergência de uma Europa Ocidental mais auto-suficiente e recuperada da sua divisão pós-Segunda Guerra Mundial. Logo, a prioridade geopolítica seria o fortalecimento da metade europeia ligada por laços culturais e históricos promovendo, deste modo, uma maior integração militar e política, permitindo, assim, aumentar sua autonomia em relação aos Estados Unidos, mas mantendo o vínculo estratégico nos moldes estabelecidos pela

²³⁷ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**. p.161-162.

Aliança Atlântica. Duas conseqüências previstas destas ações: 1) O fortalecimento da cooperação possibilitaria uma redução das despesas militares americanas e 2) o surgimento de uma “Europa mais autoconfiante” serviria como pólo de atração para os Estados-vassallos do bloco soviético, apoiando suas aspirações de autonomia perante Moscou.

O Atlântico Norte seria o elo entre a Ilha-continente do Novo Mundo, os Estados Unidos, e os países do *Rimland* europeu de Spykman ou do *Inner Crescent* oeste de Mackinder.²³⁸

Para frente do Extremo Oriente, dever-se-ia promover um triangulo estratégico informal através de uma ampla cooperação econômica e política entre os Estados Unidos, o Japão e a China. O modelo adotado para a Europa se repetiria na extremidade oriental da Eurásia, cuja presença militar americana estaria comprometida com a segurança da Coréia do Sul e do Japão. Sendo assim, a linha de segurança americana estender-se-ia também para as Filipinas e a Tailândia, compondo assim um triangulo estratégico informal que funcionará como contrapeso às pretensões soviéticas no Extremo Oriente.²³⁹

Na frente do sudoeste asiático se deveria fortalecer politicamente e reforçar militarmente os vizinhos meridionais da União Soviética, sem deixar de apoiar as pressões internas dos Estados da Europa Oriental sob domínio soviético. Como já comentamos, esta terceira frente, por conta da intervenção soviética no Afeganistão, e da Revolução Islâmica no Irã, era considerada a mais frágil e crítica das frentes estratégicas basilares. A orientação estratégica foi aumentar a capacidade de resistência do Afeganistão e, a médio prazo, restaurar a independência e a neutralidade do país. Além destas medidas, dever-se-ia aumentar a ajuda econômica e militar ao Paquistão como forma de reforçar a

²³⁸ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan**. p.195-200.passim.

²³⁹ *Ibidem*, p.210-211.

cooperação sino-americana ²⁴⁰

Os fundamentos geopolíticos da estratégia de segurança dos Estados Unidos contra o expansionismo soviético, em síntese, têm sólidas raízes nos geógrafos do Heartland e do Rimland e na dialética da expansão *mackinderiana* e contenção *spykmaniana*.

Apesar da maioria dos estudiosos da Guerra Fria atribuir ao diplomata George Kennan a paternidade da Doutrina de Contenção, deve-se ressaltar que este mérito deve ser restrito apenas à formulação de diretrizes gerais. Esta idéia é defendida por Owens, que entende que, na sustentação da Doutrina de Contenção, estão ocultas as preocupações de Spykman em manter os interesses americanos e impedir o surgimento de uma potência hegemônica como segue:

A abordagem de Spykman teve grande influência na construção da Doutrina de Contenção de Truman. Se George Kennan é o pai da contenção, Spykman deveria ser considerado o padrinho. George Kennan escreveu em relação à União Soviética que os EUA devem seguir uma política de contenção, concebida com o objetivo de combater as ações soviéticas nos pontos que possam afetar os interesses americanos e alterar a estabilidade do sistema internacional. [...] Sendo assim, a contenção no discurso de Spykman significa impedir que surja um poder hegemônico que domine totalmente aquela região.

²⁴¹

A implementação da terceira frente estratégica iniciada com a invasão da União Soviética ao Afeganistão, foi o início da fase derradeira da Guerra Fria. Esta precipitou duas respostas americanas: a primeira foi uma assistência direta aos afegãos a fim de combaterem as tropas invasoras, e a segunda, foi o crescimento acelerado da presença de tropas americanas no Golfo Pérsico, para dissuadir e deter uma futura projeção para aquela região do poder político ou militar soviético. O sucesso da política de contenção pela

²⁴⁰ BRZEZINSKI, Z. **Game Plan** p.196.

²⁴¹ OWENS, M. In *Defense Of Classical Geopolitics*. **Naval War College Review**.pp.68.

América praticada em torno das três frentes estratégicas foi um resultado cujo significado extrapolou os aspectos militares, pois contou com outras dimensões importantes como a vitalidade da política externa dos Estados Unidos, a sua flexibilidade ideológica, o dinamismo econômico e o apelo cultural que foram decisivos para o fim sem recurso à guerra do embate, realizando o princípio de Brzezinski de que, numa situação em que a guerra tornara-se impossível, pela posse de armamentos nucleares, o que passara a interessar não seria mais vencer as guerras, mas prevalecer historicamente.

Enquanto a América demonstrou habilidade ao manter grande flexibilidade na coalizão de países democráticos, aceitando em larga escala os atributos políticos e culturais dos seus mais importantes aliados, situados nas duas pontas das Eurásia, a Alemanha e o Japão, a União Soviética manteve um relacionamento inflexível e hierárquico com os seus Estados-vassallos e clientes, sofrendo como resposta o desprezo cultural por parte de seus povos. A dominação soviética, assim, passou a significar isolamento. No interior do Império do Grão-Ducado de Moscou, cuja população era formada por 50% de não-russos, como por exemplo, ucranianos, georgianos, armênios e azerbaijanos, o processo de rejeição estava na percepção dos soviéticos como culturalmente inferiores. Adicionando a isto, na Ásia Central, o sentimento de libertação partia do crescimento sentimento de identidade islâmica, intensificado pelo processo de enfraquecimento político da União Soviética.

O colapso soviético, ocorrido no final de 1991, não decorreu de uma derrota militar, mas da desintegração acelerada da economia e da tensão social.²⁴²

Em resumo, foi a vitória de uma potência multidimensional, inclusive marítima, que pode exercitar a paciência estratégica, para

²⁴² BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**: American primacy and its geostrategic imperatives. New York: Basic Books, 1997.p.7-9.passim.

prevalecer, sobre um poder unidimensional, baseado no controle territorial e tropas de ação em terra.

3.2 - Década de 90: Novo Caráter da Hegemonia.

No início da década de 90, após a dissolução da União Soviética e com a emergência dos Estados Unidos à condição de única superpotência global, mudou o perfil da política mundial, embora seu substrato geográfico, no fundamental, tenha permanecido inalterado. Tornou-se, então imperiosa uma redefinição da estratégia integrada abrangente em relação à Eurásia.

Diferentemente de outros impérios, os Estados Unidos emergiram na década de 90 como a única e verdadeira potência global da História. Em contraste os Impérios romano, chinês, mongol e britânico, que tiveram domínios gerais, mas não universais, os Estados Unidos ascenderam à condição de império verdadeiramente global. O Império Britânico, por exemplo, dependia do equilíbrio de poder europeu como fator crucial para sua preeminência. Não controlava a Europa, mas era somente o garantidor de sua estabilidade política; o fim do sistema multilateral de equilíbrio europeu como demonstram os fatos históricos induziram inevitavelmente ao fim da primazia inglesa.²⁴³

O poder global americano é único, tanto no que diz respeito a seu alcance, quanto no atinente à profundidade de sua penetração. Os Estados Unidos dominam não somente os oceanos e os mares, mas também desenvolveram uma efetiva capacidade militar em terra. Têm condições de controlar regiões anfíbias, o que permite projetar seu poder costas marítimas adentro. As tropas americanas entraram no século XXI firmemente *desdobradas*²⁴⁴ da extremidade

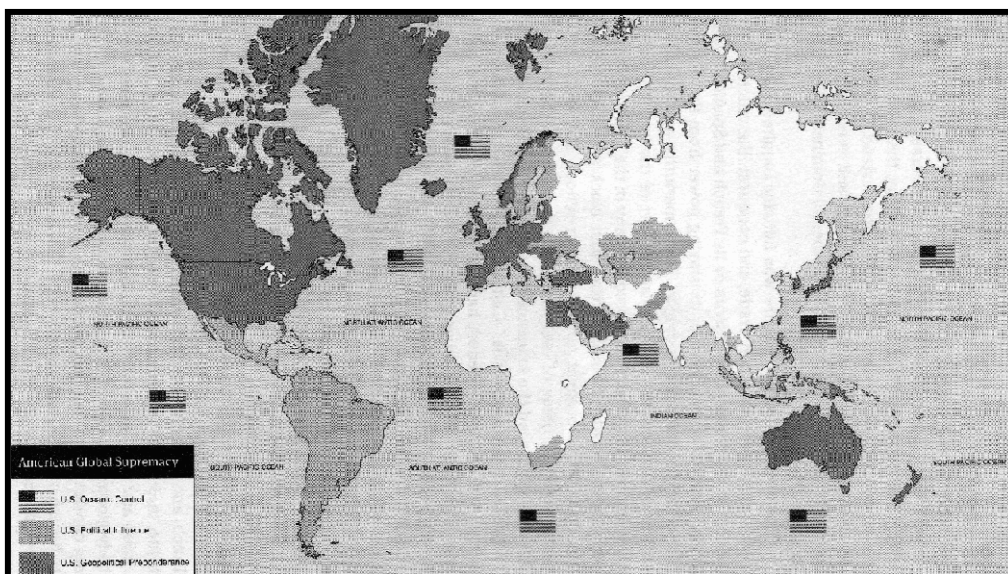
²⁴³ BRZEZINSKI, I. **The Grand Chessboard**.p.21.

²⁴⁴ O termo “*desdobrado*” é o equivalente em inglês de “*deployment*”, cujos significados são “1- O movimento de forças entre áreas de operações; 2- A passagem de forças para a posição de batalha; 3- A realocação de forças e material para determinadas áreas de operações; 4- Desdobramento inclui todas as atividades da sede ou instalação de origem até o destino; 5- As atividades para preparar e mover uma força, seus equipamentos e suprimentos para a área de

ocidental à oriental da Eurásia, controlando completamente também o Golfo Pérsico²⁴⁵.

Como demonstra o Mapa 22 abaixo, todo o continente euroasiático está sob o controle oceânico dos Estados Unidos. O mapa também informa, com as cores mais escuras, os Estados que têm influência política e preponderância geopolítica.

MAPA 22 : SUPREMACIA GLOBAL DOS EUA.



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.22.

Segundo Brzezinski, o que permitiu que os Estados Unidos alcançassem o predomínio global na ordem mundial posterior à Guerra Fria foi principalmente seu dinamismo econômico, pois o seu produto interno bruto, na época, correspondia a 30% da produção mundial. Beneficiado por esta extraordinária superioridade econômica, os Estados Unidos detinham os meios para a manutenção e até a ampliação da sua liderança. A dimensão econômica os colocavam também em franca vantagem na dimensão tecnológica e de tecnologia militar. Ocupavam uma posição de

operações em resposta a uma crise”. Cf. **Manual FM 101-5-1 MCRP 52-1**. Chapter I Operational Terms and Graphics U.S. Army ,p.57. In. Reserve Officer's Training Corps for The Universities of Washington. D.C. Disponível em : <http://rotc.georgetown.edu/resources/101-5-1.pdf>. Acesso em, 27. Nov.2008. Cf. DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria : Revisão da Postura Global dos EUA. **Revista Conjuntura Internacional**.p.6.

²⁴⁵ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.23.

vanguarda na pesquisa científica em geral e, particularmente, no desenvolvimento tecnológico de caráter militar, com ferramental para acompanhar o que ocorre em todo o globo e armas de alta precisão, movidas à distância, o que compensa, com tropas menos numerosas, mas altamente profissionalizadas, a maior capacidade de recrutamento de Estados com populações maiores. Estão em vantagem no desenvolvimento das “decisivas” tecnologias de informação. Para Brzezinski, o domínio americano nos setores de ponta sugere que a vantagem tecnológica americana está longe de ser ultrapassada pelos seus rivais mais diretos como a Europa Ocidental, a China e o Japão.²⁴⁶

Em relação à Rússia e à China, sem condições de concorrer, naquele período, ressentiam-se da hegemonia americana, pois não dispunham de meios para projetar seu poder para longas distancias. Não tinham, portanto, como impor sua vontade política. Tecnologicamente defasados em relação aos americanos, russos e chineses estariam fora da competição para conquistar e sustentar o poder mundial.

Em síntese para o autor, os Estados Unidos permaneceriam supremos em quatro domínios decisivos do poder global: o militar, o econômico, o tecnológico e o cultural.

[...] militarmente, por ter um inigualável alcance global; economicamente, por permanecer como a principal força motriz do crescimento global, ainda que desafiado pelo Japão e pela Alemanha; nenhum desses rivais têm como superá-lo [...] tecnologicamente lidera todos os processos de renovação científica, e culturalmente [...] retém um grande prestígio junto à juventude mundial.²⁴⁷ [grifos e tradução nossos]

As condições acima permitem aos Estados Unidos exercer uma influência política tão grande que nenhum outro país tem condições para minimizar ou competir. A combinação desses quatro

²⁴⁶ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.23.

²⁴⁷ Ibidem, p.24.

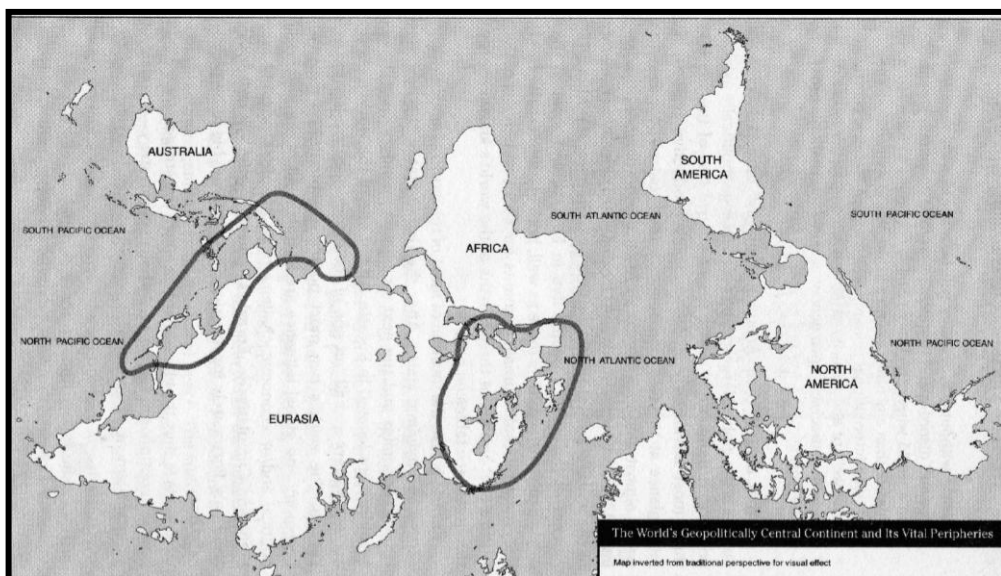
fatores confere à América o papel da única superpotência, detentora de um abrangente poder global.

Eurásia: o grande tabuleiro de Xadrez.

Conforme os clássicos da geopolítica, o mais importante prêmio a ser conquistado é a Eurásia. A preponderância global americana, portanto, depende do tempo, e da forma com que o farão, que os Estados Unidos conseguirão manter o controle sobre o continente basilar do planeta.

A permanência americana na Eurásia tem importância capital para a sua segurança e a estabilidade da paz internacional. Uma eventual desmobilização das tropas acantonadas na Europa, Ásia e Oriente Médio-Centro da Ásia criaria um vácuo de poder, que poderia ser preenchido por alguma potência rival ou coalizão de potências concorrentes. O desafio à supremacia dos Estados Unidos significaria também uma grande instabilidade internacional.

MAPA 23: CONTINENTE CENTRAL E ÁREAS VITAIS.



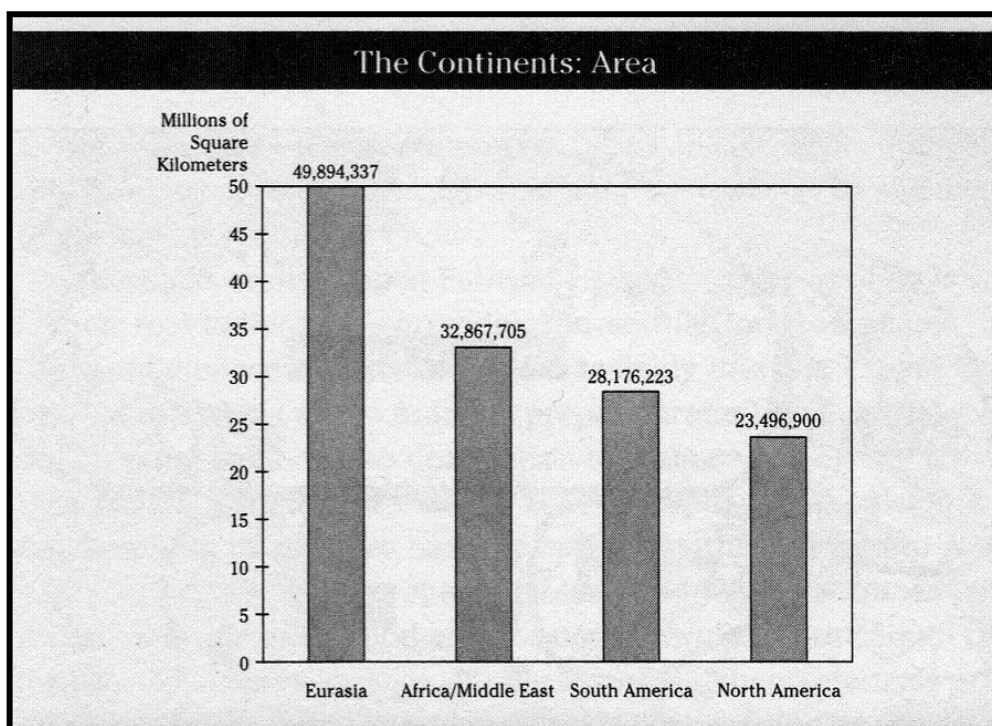
Fonte: BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.32

As decisões políticas sobre como deve ser administrada a presença americana na Eurásia são capitais para a manutenção da supremacia global dos Estados Unidos.

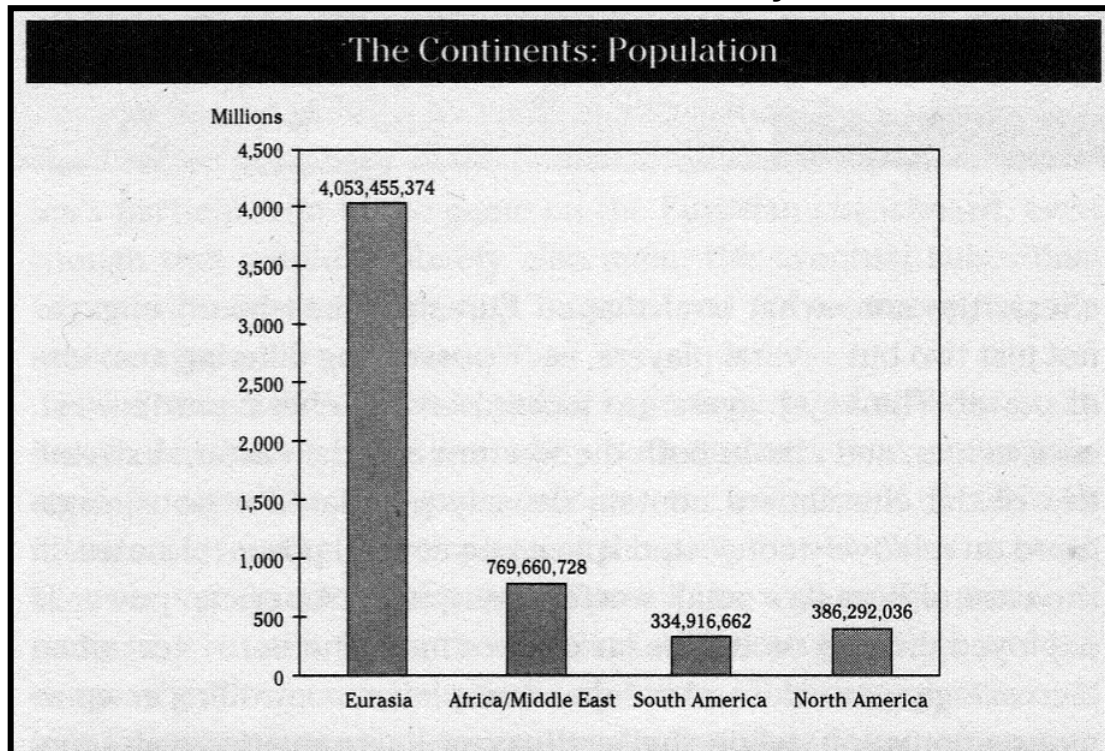
De acordo com o mapa de projeção invertida, a Eurásia é apresentada como o Continente Central, com duas áreas vitais na sua periferia: o extremo ocidente e o extremo oriente. Este planisfério demonstra que, quem dominar o continente, que representa 2/3 da superfície terrestre do globo, controlará as regiões mais avançadas e produtivas do mundo.

Outros aspectos que justificam a importância desta parte do mundo são apresentados pelos Gráficos números 02, 03 e 04: 75% da população do globo está concentrada na Eurásia, bem como a maior parte das riquezas naturais (3/4 das fontes energéticas mundiais estão concentradas no espaço mediterrâneo) e 60% do produto bruto mundial.

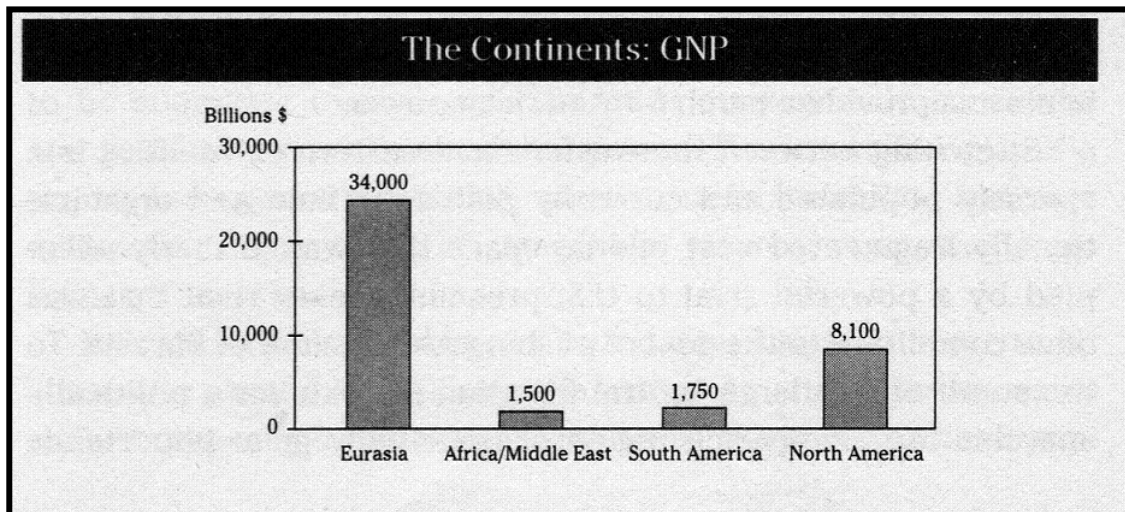
GRAFICO 02: EURÁSIA : ÁREA DOS CONTINENTES



Fonte: BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.33

GRAFICO 03: EURÁSIA - POPULAÇÃO.

Fonte: BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*.p.33.

GRÁFICO 04: EURÁSIA – P.I.B.

Fonte: BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*.p.33.

Não bastassem os dados estatísticos citados, as seis maiores economias mundiais e os seis maiores compradores de armamentos militares encontram-se na Eurásia. Os dois mais populosos aspirantes à hegemonia regional e influência global são Estados eurásianos e quase todos os desafiantes à hegemonia dos Estados Unidos, tanto no aspecto político, quanto no econômico, localizam-se nesta região do planeta.²⁴⁸ Segundo Brzezinski:

[...] De modo crescente, o poder da Eurásia é imensamente superior ao poder americano. Felizmente para a América, a Eurásia é muito grande e politicamente fragmentada. A Eurásia é, deste modo, o tabuleiro de xadrez no qual a luta pela supremacia global continua a ser praticada. Embora geoestrategicamente – a estratégia direcionada pelos interesses geopolíticos – deve ser comparada a um xadrez.²⁴⁹ [tradução nossa].

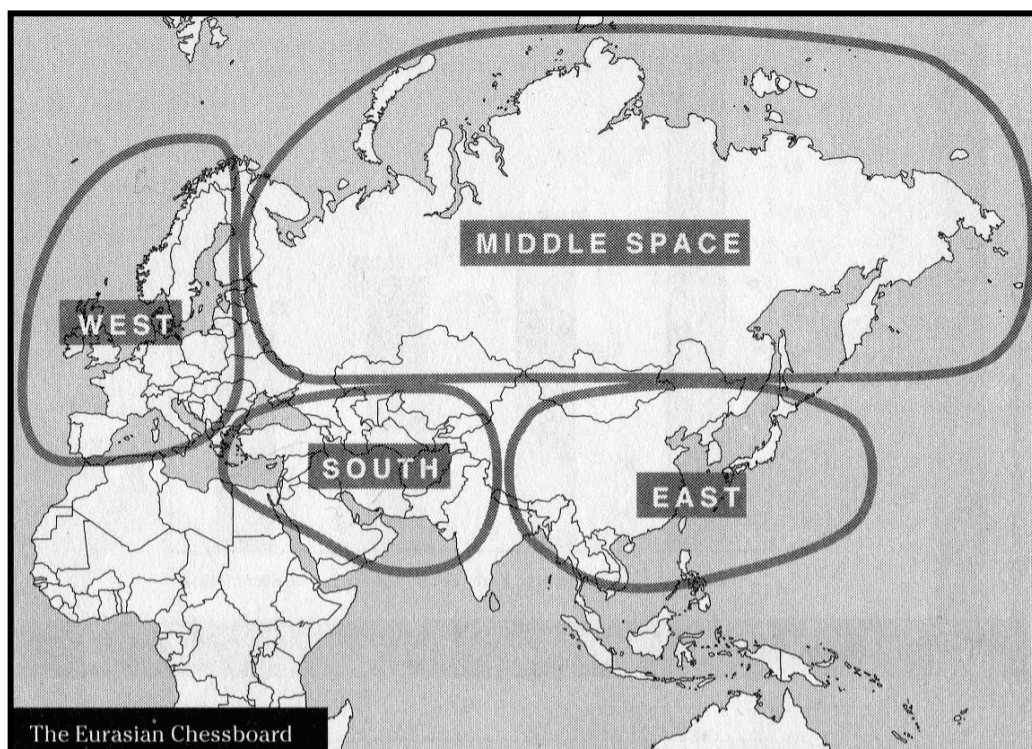
De acordo com o Mapa 24, as quatro regiões assinaladas envolvem uma série de players (jogadores), cada qual com características diferenciadas nos quesitos de poder. Os principais participantes deste jogo localizam-se no Ocidente, no Sul, No Oeste e no espaço mediterrâneo da Eurásia.

Nas duas extremidades do tabuleiro há regiões densamente povoadas e organizadas em espaços relativamente congestionados. São governadas por poderosos Estados. A extremidade ocidental, apresentada no mapa como a menor região do tabuleiro, é aquela em que a presença americana já estabelecida. Na extremidade oriental encontram-se a sede dos Estados que controlam as grandes reservas energéticas do planeta. Os Estados Unidos estão estabelecidos apenas no seu entorno, desdobrados nas penínsulas periféricas da região.

²⁴⁸ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.31.

²⁴⁹ Ibidem, Loc.Cit.

MAPA 24 : TABULEIRO DE XADREZ EURASIANO



Fonte : BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.34.

O espaço mediterrâneo localiza-se entre as extremidades do ocidente e do oriente. Ele é mos povoado e organizado politicamente de forma fragmentada, com Estados artificialmente criados e, não raro, frágeis. Nele estão encravados parte dos territórios antes ocupados pela Rússia e União Soviética, com o objetivo de contrabalançar o equilíbrio oceânico-terrestre, com o objetivo geopolítico de empurrar para fora da Eurásia, primeiro, a Grã-Bretanha, depois, os Estados Unidos.²⁵⁰

Ao Sul, existe a extensa região da Ásia Central que, segundo o autor, é politicamente anárquica, mas riquíssima em fontes energéticas, daí sua grande importância para os Estados do Ocidente e Oriente da Eurásia..

²⁵⁰ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.34.

Tabuleiro de Xadrez : Como funciona ? Qual a lógica?

O jogo neste imenso tabuleiro, como pode ser apreendido do mapa, envolve os dois pontos extremos, de Lisboa a Vladivostok. É pensado pelo lado dos Estados Unidos da seguinte maneira: 1) Impedir a emergência de qualquer potência rival, principalmente oriundo do espaço mediterrâneo em direção às extremidades, sobretudo a extremidade ocidental, local em que a América preponderância incontestável; 2) Buscar a unificação da região localizada ao Sul do continente, sob um único poder de uma potência aliada, para impedir a virtual expulsão dos americanos da borda da Eurásia. Com essas regras, os Estados Unidos prevalecerão sobre os seus rivais.

Em caso contrário, se uma potência do espaço mediterrâneo tiver condições de rechaçar os Estados Unidos do ocidente do continente, e se esta potência ganhar o controle sobre o sul ou formar alianças com os Estados que estiverem no oriente da Eurásia, a primazia americana na região estará seriamente comprometida.

Brzezinski faz, ainda, uma última conjectura para decidir as regras do jogo do ponto de vista americano. Se parte dos parceiros ocidentais rejeitarem a presença americana, os Estados Unidos seriam colocados definitivamente fora do jogo e sua participação no tabuleiro de xadrez eurasiático estaria encerrada. Nesta situação, o extremo ocidente da Eurásia seria subjugado pela nova potência rival dominante.²⁵¹

EUA: A Nova Formulação Geoestratégica.

A nova ação hegemônica envolve o exercício de outro modelo de influência geopolítica pois, diferentemente dos impérios do

²⁵¹ BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*. p.35

passado, os Estados Unidos não praticam o controle direto sobre territórios estrangeiros.

Como a Eurásia, de resto, é um continente com Estados caracterizados por uma diversidade de formas de poder político, de poder econômico e de poder militar, isso limita a possibilidade de controle unificado dos acontecimentos na região.

Segundo Brzezinski:

Aquele megacontinente é muito extenso, muito populoso, culturalmente muito variado, e composto por Estados historicamente ambiciosos e politicamente ativos que buscam alcançar o sucesso econômico e a preeminência do poder político global.²⁵²

Sob tal diversidade, os Estados Unidos são forçados a selecionar com cuidado suas escolhas geoestratégicas e o emprego dos seus recursos no imenso tabuleiro eurasiático. O exercício do poder global, portanto, deve ser sensível para o fato de que a geografia permanece crucial e a condução da política externa deve adaptar-se às circunstâncias locais. Na maior parte da História das relações internacionais, segundo Brzezinski, a busca do controle territorial ou a expansão territorial propriamente dita foi o centro do conflito político, a causa da maior parte das guerras entre os Estados-nações.

Não é exagero afirmar que o imperativo territorial foi o principal impulso a dirigir o comportamento agressivo dos Estados-nações. Impérios foram também construídos através de um cuidadoso recorte e retenção de características geográficas vitais, como o Estreito de Gibraltar ou o Canal de Suez ou Singapura, os quais serviram de pontos de bloqueio no controle do sistema imperial.²⁵³

A Alemanha Nazista e o Império Japonês foram os exemplos mais extremos de busca de expansão em meados do século XX,

²⁵² BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*. p.35.

²⁵³ *Ibidem*, p.37

juntando ao sentimento nacionalista a sofregudão pela posse de territórios. O objetivo alemão era construir um “império de mil anos”, submetendo à sua soberania todos os povos de língua alemã, a Ucrânia e os povos eslavos. O Império do Japão, por sua vez, buscou anexar a Manchúria e as Índias Orientais Holandesas, fundamentais para seu abastecimento de petróleo, ações que elevaram o império à condição de poder global.

Outro exemplo dado por Brzezinski é o da Rússia que, por séculos, associou a idéia de grandeza nacional com novas aquisições territoriais e insistia em manter o controle sobre os povos não-russos, como os chechenos, que vivem em região rica em petróleo e gás. A justificativa é que o controle desta área é essencial para a manutenção do status de grande potência.

Para o autor, os Estados continuam a ser a unidade básica do sistema mundial. Apesar disso, declinam o nacionalismo exacerbado e perdem força as ideologias políticas, que enfatizavam o aspecto emocional da disputa pelo poder político global. Apesar dos armamentos nucleares, que restringiram o uso da força e da redução de importância do nacionalismo, as disputas territoriais ainda dominam o cenário internacional. Nesta competição, a localização geográfica ainda é o ponto de partida para a definição das prioridades externas dos Estados; questões como o tamanho do território ainda constituem o maior critério de definição do poder.

Apesar da importância que ainda se atribui ao tamanho do território, existem hoje outros fatores mais importantes para a definição das potências, como, por exemplo, o desenvolvimento econômico ou a capacidade científica e de inovações tecnológicas. As questões geográficas, tornadas mais visíveis e sensíveis graças às novas tecnologias, ainda tendem a determinar as prioridades imediatas do Estado. Segundo o autor, o alcance do seu poder político, militar e econômico passou a ser medido também pelo raio de sua ação.²⁵⁴

²⁵⁴ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**. p.37-38, passim.

Portanto, a grande questão da geopolítica atualmente não é, como ocorria na Guerra Fria em que a principal preocupação era decidir sobre qual parte da Eurásia deveria ser o ponto de partida para a dominação territorial.

Hoje a estratégia comporta discussões a respeito de qual forma de poder é mais significativa em termos geopolíticos, se o poder terrestre ou poder oceânico, o militar ou o econômico, o político ou o comunicacional. A Geopolítica mudou de foco. Ela não deve mais restringir-se às análises de dimensão regional, mas inseri-las no âmbito da dimensão global, considerando o conjunto de fatores que podem levar à preponderância sobre o continente eurasiático, como base para a primazia global.

Os Estados Unidos, como um poder não-eurasiático, exercem uma primazia global sem precedentes, pois o poder americano consegue controlar as três periferias da Eurásia, exercendo, assim, uma poderosa influência sobre os Estados do “interior” do continente.

A Nova Geoestratégia: o ponto de partida.

O ponto de partida para a construção da nova geoestratégia americana na Eurásia, para ser sustentada no longo prazo, deve assentar-se em dois aspectos: a identificação dos relativos aos Estados da região: a descoberta dos Estados mais dinâmicos, com poder de catalização, e a formulação de políticas capazes de promover os interesses regionais dos Estados Unidos. A identificação dos Estados eurasiáticos mais dinâmicos no aspecto geoestratégico, ou seja, capazes de patrocinar mudanças significativas na distribuição de poder, exige o entendimento dos objetivos externos de cada Estado e as prováveis consequências regionais e globais de seu comportamento. A localização dos Estados geopoliticamente importantes passa pela identificação do seu efeito catalisador sobre a maioria parte dos Estados geoestratégicos. O segundo aspecto consiste na formulação de uma

política específica para contrabalançar, cooptar e controlar para preservar e promover os interesses americanos. Em outras palavras, é necessário definir uma geoestratégia abrangente, capaz de interconectar, de forma coerente, seus aspectos regionais com o conjunto da política externa americana.

Para os Estados Unidos, segundo Brzezinski, a geoestratégia envolve uma importante tarefa de gerenciamento dos Estados geopoliticamente mais dinâmicos e o cuidado em lidar com os Estados geopoliticamente mais catalisadores, ou seja, mais reativos, de modo que possam ser mantidos os dois tipos de interesses americanos: os de curto prazo, que visam a preservação do seu poder global unilateral, e os de longo prazo, que passam pela institucionalização da cooperação global.

O autor utiliza-se de uma terminologia da época dos impérios ancestrais para relembrar os três grandes imperativos geoestratégicos:

[...] prevenir a conspiração e manter a dependência da segurança dos vassalos, manter os pagadores de impostos protegidos, e impedir a aproximação dos bárbaros.²⁵⁵

Estados Geoestratégicos e Estados-pivôs.

Brzezinski interpretava, como vimos, o mundo da Guerra Fria a partir das três frentes estratégicas no entorno da Eurásia, com o conceito de Estados-pinos. Para compreender o mundo do pós-Guerra Fria, em que há a predominância global dos Estados Unidos, ele apresenta dois novos conceitos: os Estados Geoestratégicos e os Estados-pivôs Geopolíticos. Como segue:

Os Estados Geoestratégicos são aqueles que têm a capacidade e a vontade nacional de exercer poder ou influência além das suas fronteiras a fim de alterar – de alguma maneira -- os interesses americanos, a sua posição geopolítica no cenário internacional.

²⁵⁵ BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**.p.40.

[...] Os Estados-pivôs geopolíticos são aqueles cuja importância não deriva do seu poder e motivação, mas das consequências da sua localização e vulnerabilidade diante do comportamento de um Estado Geoestratégico²⁵⁶. [tradução nossa].

Brzezinski adverte que, embora os Estados Geoestratégicos tendam a ser os mais importantes e poderosos de suas regiões, isso não significa que o inverso também seja verdadeiro, ou seja, que todos os Estados mais importantes sejam Geoestratégicos. Ele exemplifica com os casos da Grã Bretanha, Japão e Indonésia que, apesar de importantes, não dispõem de meios para reivindicar o papel de potências regionais.

Os Estados Geoestratégicos orientam seu comportamento pelo projeto de alcançar o domínio regional ou global. Podem justificar seu comportamento por meio de qualquer razão, a realização de um princípio ideológico ou religioso ou o desenvolvimento econômico; alguns adotam um tipo de liderança tradicionalista ou messiânica, mas são sempre ativos.

Os Estados-pivôs Geopolíticos, por seu lado, podem ter um comportamento externo passivo ou somente reativo. São determinados por sua posição geográfica, porém, a desempenhar um papel decisivo nas conjunturas regionais ou globais. Às vezes, são eficientes ao impedir a presença de um Estado Geoestratégico, em uma determinada região. Em outras ocasiões, atraem para sua região um escudo protetor. Dependendo de suas preferências, embora possam não dispor de projetos de poder autônomos, chegam a ser decisivos para a definição da situação internacional.

Para Brzezinski, no mundo pós-Guerra Fria, é decisiva a identificação dos Estados-pivôs Geopolíticos. A formulação de uma geoestratégia global pelos Estados Unidos depende da identificação dos Estados que ocupam posições-chave no continente eurasiático.

Nas atuais circunstâncias globais, segundo ele, existem no mínimo cinco Estados Geoestratégicos e cinco Estados-pivôs

²⁵⁶ BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*. p.40-41. passim.

Geopolíticos, que podem ser identificados no novo mapa político da Eurásia. Dentre os Estados Geoestratégicos cita a França, a Alemanha, a Rússia, a China e a Índia. No papel de Estados-pivôs identifica a Ucrânia, a Turquia, o Irã, a Coreia do Sul e o Azerbaijão, localizados num arco que vai do extremo ocidental da Europa Oriental ao Extremo Oriente, passando pelo Oriente Médio e a Ásia Central, circunscrevendo a Federação Russa, ou seja, interceptando sua projeção oceânica.

O “*ventre mole*” revisitado.

A noção de “*ventre mole*”, com o mesmo sentido de região mais vulnerável, mas com outros protagonistas, foi retomada por Brzezinski. Seu novo, e mais importante, componente é a Ucrânia, que ocupa um espaço importante no tabuleiro de xadrez eurasiático. No papel de Estado-pivô Geopolítico, ela contribui para a transformação da Rússia que, sem o apoio ucraniano, não terá condições de recuperar o antigo status de Império Eurasiático. Apoiada pela Ucrânia, a influência russa se espraia pela Ásia Central, cujos Estados tornaram-se independentes no início dos anos 90 e repudiam a virtual perda de autonomia, no que contam com a solidariedade da República Popular da China e dos Estados islâmicos localizados ao sul do continente e que integravam o extinto Império Persa (como o Irã) e Império Otomano (Turquia).

A restauração da dominação russa na Ásia Central não seria aceita pela China Popular que, por interesses próprios, também é solidária com os interesses dos Estados recém-independentes da região. E com seus 52 milhões de habitantes, grandes recursos minerais e o acesso ao Mar Negro da Ucrânia, se voltar a controlá-la, a Rússia automaticamente readquirirá a condição de Estado imperial do *heartland* euro-asiático.

A virtual perda da independência pela Ucrânia abriria espaço para a projeção russa sobre a Europa Central, o que transformaria a Polônia novamente em Estado-pivô Geopolítico do Leste da Europa.

Quanto à Turquia, Irã e Coréia do Sul, cada uma delas desempenha um importante papel de Estado-pivô. A Turquia, por exemplo, estabiliza a região do Mar Negro e controla o acesso ao Mar Mediterrâneo. Mantém um equilíbrio de poder com a Rússia no Cáucaso e funciona como antídoto ao fundamentalismo islâmico, além de operar como Estado-âncora da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Sua desestabilização provavelmente causaria uma elevação dos níveis de violência na região ao sul dos Bálcãs, o que abriria espaço a uma nova imposição da Rússia sobre os Estados independentes do Cáucaso.

O Irã, não obstante as suas desconfianças em relação ao Azerbaijão, da mesma forma que ele, é um dos esteios da estabilidade da Ásia Central. Dominando a linha costeira a leste do Golfo Pérsico, e apesar das hostilidades em relação aos Estados Unidos, atua como uma barreira às ameaças regionais da Rússia.

A Coréia do Sul é o Estado-pivô Geopolítico do extremo oriente funciona, o elo mais próximo dos Estados Unidos na região, linha de frente na defesa do Japão.

Finalizando, o Azerbaijão, apesar de suas reduzidas proporções territoriais e populacionais, detém vasta fonte de recursos energéticos, o que o torna um Estado-pivô de suma importância, pois a sua localização é uma barreira às riquezas localizadas no Mar Cáspio e na Ásia Central. Logo, o apoio à manutenção da independência do Azerbaijão é fundamental para a conexão dos mercados ocidentais consumidores com um território que, além de rico em matérias-primas energéticas, é ponto de passagem do petróleo e do gás de todas as Repúblicas da Ásia Central.²⁵⁷

²⁵⁷ BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*. p.46-47. passim.

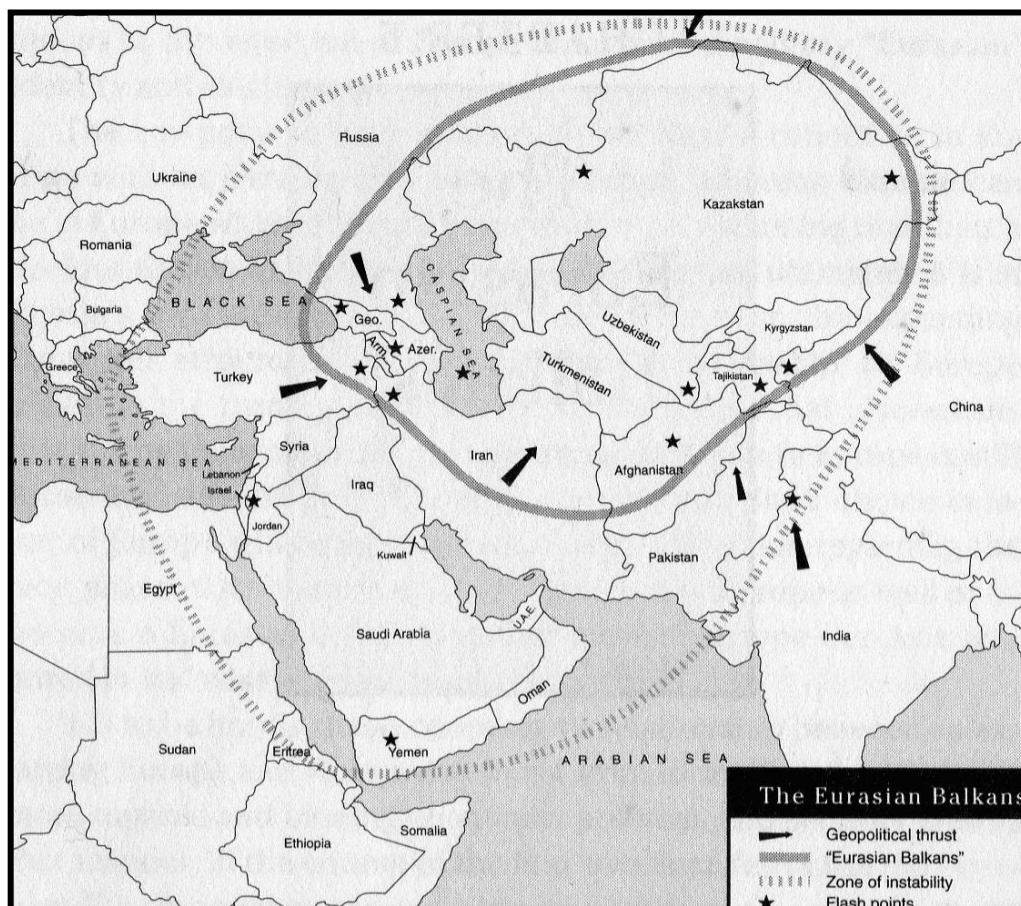
Os Bálcãs da Eurásia

Da mesma maneira que a palavra “Bálcãs” remete à idéia de conflito étnico e de luta entre grandes Impérios europeus no início do século XX, pode-se dizer, segundo Brzezinski, que a Eurásia comporta um imenso Bálcãs, que abarca do Sudoeste da Europa ao Sul da Ásia, passando pela Ásia Central, Golfo Pérsico e Oriente Médio. Trata-se de uma muito mais populosa e muito mais heterogênea e conflitiva nos aspectos religiosos e étnicos. Conforme o Mapa 25 demonstra.

O núcleo da “região balcânica eurasiática” é demarcado por uma linha cheia no mapa, compreendendo áreas xiitas (Irã) e sunitas (Estados que integraram o Império Persa e, a maioria, depois a União Soviética). A área “balcânica” ampliada tem seu entorno marcado por uma linha hachurada.

Nela localiza-se as fronteiras continentais do islamismo, cobrindo toda a Arábia Saudita, o Iraque, a Turquia, o Paquistão e a Ásia Central. Integram a ampla região dos Bálcãs Eurasiáticos os três países do Cáucaso, além do Azerbaijão, as cristãs Geórgia e Armênia e os muçulmanos Cazaquistão, Quirquistão, Tajiquistão, Uzbequistão, Turcomenistão e repúblicas do sul da Rússia, caracterizando o imenso caldeirão multicultural e multicivilizacional.

MAPA 25: BALCÃS DA EURÁSIA



Fonte: BRZEZINSKI, Z. *The Great Chessboard*.p.124

A diferença entre os dois traçados é que no primeiro ocorre hoje um vácuo de poder, que pode desestabilizar toda a região, determinada por conflitos religiosos nas fronteiras ou intra-fronteiras. Embora a região do Golfo Pérsico também apresente instabilidade, em situações de crise, a presença americana tem contribuído para normalizar a situação, fazendo o papel de árbitro.

Esse imenso território é cortado por uma intrincada rede de comunicações -- gasodutos, oleodutos, grandes rios, lagos, mares interiores e estradas -- que ligam os fornecedores de matérias-primas essenciais aos Estados consumidores mais ricos e industrializados, dos dois pontos extremos da Eurásia.²⁵⁸

²⁵⁸ BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*.p.123-124.

Como não poderia deixar de ser os três grandes Estados Geoestratégicos da área têm interesses, inclusive de segurança, nos Bálcãs da Eurásia: Rússia, Turquia, Irã e também a China. A presença dos Estados Unidos na região tem causas econômicas profundas: nela se localizam as maiores reservas de petróleo e gás do planeta.²⁵⁹ Para garantir seu permanente abastecimento, os Estados Unidos criaram o CENTCOM, como será visto a seguir.

3.3 – CENTCOM : Guerras do Afeganistão e do Iraque

Tampa, na Flórida, é a cidade onde se localiza o Comando Central dos Estados Unidos – CENTCOM²⁶⁰, o centro nervoso das operações militares no Golfo Pérsico, que inclui agora as operações no Afeganistão e Iraque.

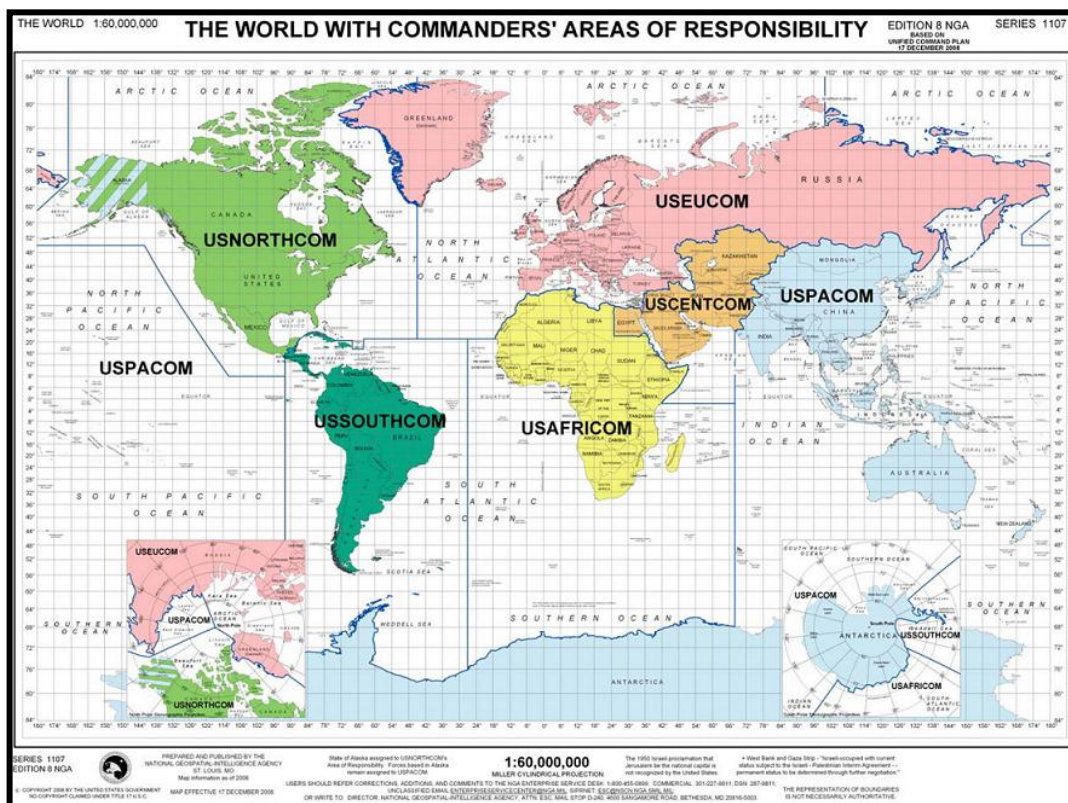
As forças coordenadas pelo CENTCOM operam principalmente no Oriente Médio e na linha de frente da guerra contra o terrorismo. Tem importante papel no esforço de prevenir a propagação de armas de destruição em massa (ADM) e sua principal tarefa é proteger o fluxo global de petróleo.

Como mostra o Mapa 26, o CENTCOM é um dos cinco Comandos Regionais Unificados instituídos para controlar o tráfego em áreas determinadas do globo. O US Northern Command [NORTHCOM], por exemplo, sedia-se na Base Aérea de Peterson, Colorado.); o US Pacific Command, está baseado em Honolulu, Havaí; o US Southern Command, sediado em Miami, Flórida; e o US European Command, baseado em Stuttgart-Vaihingen, Alemanha

²⁵⁹ BRZEZINSKI, Z. *The Grand Chessboard*. p.124-125.

²⁶⁰ Cf. **U.S. Department of Defense**. The Unified Command. Disponível em: <http://www.defenselink.mil/specials/unifiedcommand/> Acesso em: 27. Nov.2008.

MAPA 26: COMANDOS MILITARES DOS EUA



Fonte : U.S. Department of Defense. The Unified Command. Disponível em: <http://www.defenselink.mil/specials/unifiedcommand/> Acesso em: 27 Nov.2008

O Comando Central tem autoridade sobre toda as Forças Armadas dos Estados Unidos, que estão desdobradas em *áreas de responsabilidade*²⁶¹, que cobre a maior parte do território dos 25 turbulentos países mulçumanos do Golfo Pérsico, do Chifre da África, adjacências do Mar Cáspio e no sudoeste da Ásia. Estão sob controle ainda Egito, Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Somália, Sudão e Yemem.²⁶²

O CENTCOM participou intensamente das operações no Iraque e no Afeganistão, destacando-se como o mais importante comando unificado do Pentágono. Ele não é, contudo, o maior ou o mais bem equipado. O Comando Europeu, localizado em Stuttgart, possui o maior número de bases e incorpora as forças sob a

²⁶¹ Em inglês: *Area of Responsibility* : conforme apresenta o Mapa Comando Central e Área de Responsabilidade os Estados sob sua jurisdição os quais estão marcados com a cor mais escura.

²⁶² KLARE, M. **Blood and Oil: the dangers and consequences of America's growing petroleum dependency.** New York: Henry Holt, 2004.p.2

chancela da OTAN. O Comando do Pacífico, a partir de Honolulu, controla o Extremo Oriente, com a maior e mais poderosa esquadra; está desdobrado em centenas de milhares de tropas na Ásia e no Pacífico. Em contraste, o CENTCOM tem poucas bases próprias operando permanentemente, mas, quando necessita desdobrar tropas nas áreas de sua responsabilidade, as toma emprestadas de outros Comandos. A distinção do CENTCOM de outros Comandos é que ela localiza-se nas zonas de guerra.²⁶³

CENTCOM: Origens e Objetivos.

O Comando Central dos Estados Unidos foi criado na década de 80, anunciado pela Doutrina Carter, do presidente Jimmy Carter, no qual atuou como conselheiro Zbigniew Brzezinski. Embora criado para garantir os fluxos de petróleo pelo Golfo Pérsico, participou das ações de retaliação contra a Revolução Islâmica, para o resgate dos diplomatas seqüestrados na Embaixada de Teerã, e dos quatro principais envolvimento dos Estados Unidos no Oriente Médio e no sul da Ásia Central: Guerra Irã-Iraque em 1980-1988, Guerra do Golfo de 1991, Guerra do Afeganistão em 2001 e, por último, Guerra do Iraque em 2003.²⁶⁴

Embora sua área de responsabilidade abranja mais de 4,8 mil quilômetros, do Leste do Egito ao Oeste do Quirquístão, seu coração estratégico e geográfico é o Golfo Pérsico, o sítio de 2/3 das reservas mundiais de petróleo.

Nesta região como é ilustrado pelo mapa, estão os cinco maiores produtores de petróleo do mundo: Arábia Saudita, Kuwait, Iraque, Irã, Emirados Árabes e a maioria dos mais importantes fornecedores de gás natural. O Estreito de Hormuz é atravessado diariamente por navios petroleiros que carregam aproximadamente 14 milhões de barris de petróleo.

²⁶³ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.2

²⁶⁴ Ibidem, p.4.

A responsabilidade central do CENTCOM é impedir que qualquer ameaça externa interrompa a produção ou o fluxo do óleo.

MAPA 27 COMANDO CENTRAL : Área de Responsabilidade



Fonte: U.S. CENTCON. Disponível em <http://www.centcom.mil>. Acesso em: 27 Nov. 2008.

Quando foi criado, os Estados Unidos ainda tinham poucas forças desdobradas no Golfo Pérsico e uma limitada capacidade de intervir na região. Os americanos, além disso, na época apresentavam grave dificuldade para a coordenação de operações militares, pois os comandos das Forças Armadas estavam divididos em pontos extremos, um na Europa e outro no Pacífico. Carter criou inicialmente a *Força-tarefa de Desdobramento Rápido*²⁶⁵, baseada na Base da Força Aérea de MacDill, cuja objetivo era realizar operações de combate no Golfo Pérsico. Três anos após, já no governo de Ronald Reagan, a *Força-tarefa* foi transformada em

²⁶⁵ Em inglês: Rapid Deployment Joint Task – RDJT.

Comando Central, pois localizada entre os Comandos da Europa e do Pacífico.

O primeiro grande teste do CENTCOM ocorreu em 1987, quando Reagan ordenou que navios de guerra escoltassem os navios petroleiros do Kuwait na travessia do Golfo Pérsico, durante a Guerra Irã- Iraque. Esta ação, segundo Klare, teve o efeito de demonstrar o comprometimento dos Estados Unidos com a regularidade do fornecimento de petróleo para os mercado mundial.

Em 1990, com o mesmo argumento, o presidente George H. Bush justificou o desdobramento das forças do CENTCOM na Arábia Saudita para forçar o Exército Iraquiano a retroceder do ataque ao Kuwait. A ação foi justificada pelo Presidente em pronunciamento por cadeia de nacional televisão em 8 de agosto de 1991:

Nossa nação importa aproximadamente a metade do petróleo que consome e está diante da maior ameaça à independência econômica americana. [...] A soberania da Arábia Saudita é vital para os interesses dos Estados Unidos²⁶⁶. [tradução nossa].

Após a vitória sobre o regime baathista iraquiano na conhecida *Operação Tempestade no Deserto* liderada pelo general H. Norman Schwarzkopf, iniciou-se o período chamado de contenção ao Iraque, cuja estratégia foi reforçada com as sanções econômicas das Nações Unidas, como o bloqueio marítimo no Golfo Pérsico, ocupado por forças do CENTCOM e pelo bloqueio aéreo do Iraque.²⁶⁷

²⁶⁶ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.5.

²⁶⁷ *Ibidem*, Loc.Cit.

Guerra do Afeganistão: Mar Cáspio e Ásia Central.

Originalmente criado para implementar a Doutrina Carter na região do Golfo Pérsico, a jurisdição do CENTCOM foi estendida para cobrir toda a área da Ásia Central e da bacia do Mar Cáspio a partir de 1999, pois, em meados da década de 90 começara um novo relacionamento dos Estados Unidos com as Repúblicas das margens do Mar Cáspio, anteriormente sob o poder da União Soviética.

A expansão do seu raio jurisdicional sucedeu os grandes negócios realizados por empresas americanas junto aos governos do Azerbaijão e do Cazaquistão, para o fornecimento de petróleo. O Departamento de Defesa também estabeleceu laços militares com estas ex-repúblicas soviéticas, iniciando, assim, um período de assistência técnica para a modernização das suas Forças Armadas, repetindo assim exatamente o que tinha sido realizado nos países do Golfo Pérsico, com o envio de conselheiros militares e o fornecimento de armas.

Durante o governo do democrata Bill Clinton, os objetivos de segurança nacional provocaram duas grandes iniciativas: a primeira foi a promoção de uma nova rota de oleoduto e gasoduto do Mar Cáspio, e a segunda, o estabelecimento de alianças militares com os Estados da região especialmente o Azerbaijão, Geórgia e o Cazaquistão.

O oleoduto BTC, que interliga Baku, no Azerbaijão, Tbilisi, a capital da Geórgia e o Porto de Ceyhan, na Turquia, solucionaria dois problemas estratégicos: evitou o território russo e contornou o Irã, que seria a alternativa mais curta. Se feita esta opção, além de depender da instabilidade dos líderes xiitas iranianos, os Estados Unidos teriam perdido a chance geopolítica de aproximação dos países do Cáucaso e da Ásia Central.²⁶⁸ Como poderemos ver no Mapa 28.

²⁶⁸ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.132-133.

MAPA 28: MAR CÁSPIO - ROTAS DOS OLEODUTOS



Fonte: KLARE, M. *Blood and Oil*. p.134

O Estado-pivô Geopolítico desta região, como o revela o mapa acima, a Geórgia, pela sua posição geográfica, entre o Mar Cáspio e o Mar Negro. Por isso, os georgianos receberam do governo americano uma alocação de recursos financeiros maior do qualquer outro Estado da região do Cáucaso, em torno de 302 milhões de dólares entre 1998 e 2000. A assistência para a modernização das Forças Armadas teve a intenção de amparar o Governo de Eduard Schevardnadze, considerado pró-ocidental.

O segundo Estado do Cáucaso ao qual o presidente Clinton buscou aumentar o auxílio militar foi o Azerbaijão, também considerado um ator importante, pois o oleoduto começa no porto de Baku e atravessa um extenso território Azerbaijão até a Geórgia. Apesar disso, o Departamento de Defesa vetou a assistência militar ao regime de Aiyev, que se recusava a levantar o bloqueio econômico imposto à cristã Armênia. O veto, contudo, foi amenizado pela ajuda indireta, por meio da Turquia, país-membro da OTAN e parceiro estratégico dos Estados Unidos na região do Cáspio.

Percebido como um terceiro ator geopolítico importante do Cáucaso, um aliado vital na região, localizado a Leste do Mar Cáspio, e com enormes reservas ainda não exploradas de petróleo, o Cazaquistão foi convencido a construir um oleoduto sob o Mar Cáspio, o qual seria conectado em Baku, o ponto de origem do oleoduto BTC.

Embora a prioridade inicial dos Estados Unidos fosse amparar as forças armadas locais para proteger a infra-estrutura do oleoduto, o Departamento de Estado resolveu realizar um exercício de desembarque de tropas na região. Quinhentos paraquedistas de elite voaram de Forte Bragg, na Carolina do Norte, para o remoto sul do Cazaquistão, para de manobras conjuntas com as Forças Armadas do Cazaquistão, Quirquistão e Uzbequistão.²⁶⁹

A operação, oficialmente descrita como um exercício de operações de paz, denominada CENTRAZBAT'97, segundo Klare, representou na verdade um teste sobre as condições dos Estados Unidos de projetarem seu poder para dentro da bacia do Mar Cáspio, para conter crises políticas. Também foi avaliada a velocidade de prontidão e desdobramento de suas tropas diretamente para a região. As tropas americanas realizavam os exercícios conjunto com as Forças Armadas de parceiros-chave

²⁶⁹ KLARE, M. **Blood and Oil** p.134-135.

como Azerbaijão, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Turquia e Uzbequistão.²⁷⁰

O Onze de Setembro

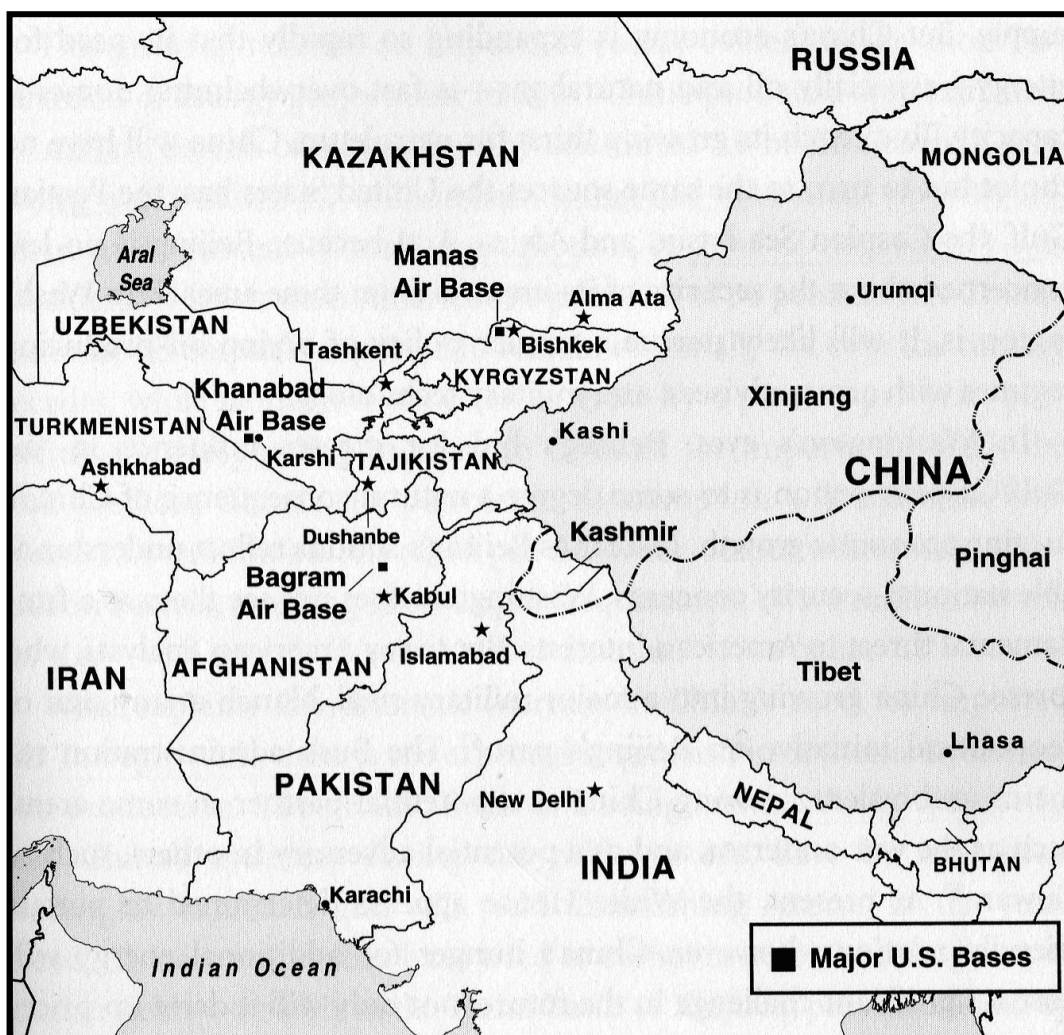
A partir das iniciativas de Clinton para a região do Cáucaso e do Mar Cáspio, o Presidente George Walker Bush aceleraria a expansão dos oleodutos do Mar Cáspio, a fim de integrá-los ao comércio petrolífero. Até então, a participação dos Estados Unidos no combate ao terrorismo estava restrita aos esforços diplomáticos e à ajuda financeira. A assistência militar e a participação nas operações conjuntas de contra-terrorismo seriam adotadas após os ataques de 11 de setembro de 2001, que levaram o Presidente e o Congresso a “declarar guerra” ao terrorismo.

Para combater o grupo terrorista Al Qaeda, prender seu líder Osama Bin Laden e derrubar o regime Taleban, que lhes dariam proteção, o Departamento de Defesa enviou milhares de tropas de combate para o Afeganistão, onde foram estabelecidas bases militares²⁷¹. Pela primeira vez, Quirguistão e Uzbequistão, conforme demonstra o Mapa 29, cederam espaço para a instalação de bases americanas. O Azerbaijão, a Geórgia e o Cazaquistão concordaram em prover apoio logístico e o direito de sobrevoar seu espaço aéreo.

²⁷⁰ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.135.

²⁷¹ Notar no Mapa 29 a localização das seguintes bases na Ásia Central: Base Aérea de Manas, no Cazaquistão; Base Aérea de Khanabad, no Uzbequistão; e Base Aérea Bagram, no Afeganistão.

MAPA 29 ÁSIA CENTRAL : Bases dos EUA.



Fonte: KLARE, M. *Blood and Oil*.p.23

A derrubada do regime Taleban demandou menos de três meses, embora não a caçada a Bin Laden não tenha apresentado resultados satisfatórios. Com o fim dessa primeira intervenção militar direta, o o Governo Bush demonstrou interesse de manter bases americanas na região da Ásia Central, pois a presença militar permanente fortaleceria os laços com os regimes amigos. Ao oferecer proteção a governos amigos contra o terrorismo, os Estados Unidos também realizariam seu interesse de salvaguardar o fluxo de petróleo. Desse modo, conselheiros militares foram enviados também para a Geórgia.²⁷²

²⁷² KLARE, M. *The Bush e Cheney Energy Strategy : Implications for U.S. Foreign and Military Policy*.

Guerra do Iraque: Golfo Pérsico

A área do Golfo Pérsico continuaria, apesar da intervenção bélica no Afeganistão, segundo Klare, como o foco das principais preocupações das políticas externa e de segurança americanas, em virtude de suas reservas petrolíferas.

A British Petroleum, segundo Klare, seria a autora de dados relevantes:

De acordo com a British Petroleum, os principais produtores petrolíferos do mundo possuem conjuntamente cerca de 680 bilhões de barris de petróleo, ou aproximadamente dois terços das reservas mundiais conhecidas. Os países do Golfo também lideram a produção mundial diária, com aproximadamente 22 milhões de barris diários em 2000, o que constitui cerca de 30% da produção mundial.²⁷³
[tradução nossa]

A preocupação dos Estados Unidos, apesar de as importações do Golfo Pérsico representarem apenas 18% do total importado, deriva da percepção dos riscos à estabilidade da produção energética do Golfo. Ainda que a participação do petróleo do Oriente Médio seja pequena no mercado americano, ela é essencial para a estabilidade dos preços no mercado mundial. A dependência da matéria-prima importada tende a crescer no futuro, o que recomendaria garantir o fornecimento pelos maiores produtores mundiais. Desde a época do presidente Franklin Delano Roosevelt, os Estados Unidos desempenham um papel crescente no Oriente Médio. Roosevelt estabeleceu um acordo com Abdul Aziz Ibn Saud, o moderno fundador da dinastia saudita, segundo o qual os Estados Unidos aceitariam proteger a família real de seus inimigos internos e externos, em troca do acesso privilegiado ao petróleo saudita. Nas décadas seguintes, os líderes do Irã, Kuwait,

²⁷³ KLARE, M. The Bush e Cheney Energy Strategy : Implications for U.S. Foreign and Military Policy. Disponível em: <http://www.informationclearinghouse.info/article4458.htm>. Acessado em, 10 Nov 2009.

Bahrein e dos Emirados Árabes também trocaram privilégios petrolíferos pela oferta de segurança para seus líderes.²⁷⁴

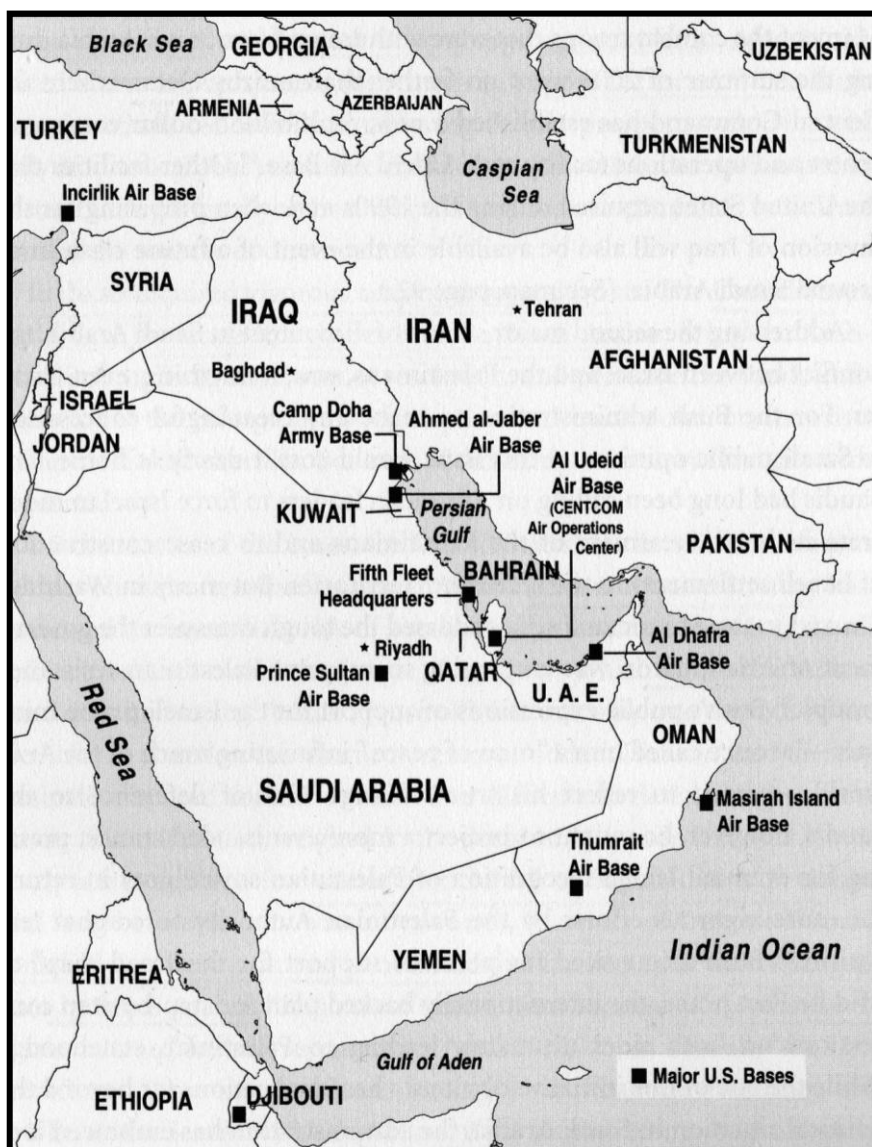
A política de segurança americana para a região é muito clara e precisa. Sempre que surgir uma ameaça ao fornecimento de petróleo, os Estados Unidos utilizarão todos os meios ao seu alcance para assegurar a continuidade do fluxo. Foi assim durante a Doutrina Carter, em 1980, no final da década de 80, com a *Operação Earnest Will*, e, em 1991, com a *Operação Tempestade no Deserto*.

Por esta razão, após a invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, o então secretário de Defesa, Richard Cheney, diante do Comitê das Forças Armadas no Senado, declarou a necessidade da ação americana, em virtude do interesse significativo pelo controle energético.

Detedor de 10% da produção mundial, o Iraque, com a anexação do Kuwait, dobraria sua produção. Localizado a poucas centenas de quilômetros da Arábia Saudita, poderia representar uma ameaça a mais 25% da produção mundial. Os números de Cheney convenceram o Comitê de que os Estados Unidos não teriam outra alternativa senão a intervenção militar.

²⁷⁴ KLARE, M. The Bush e Cheney Energy Strategy : Implications for U.S. Foreign and Military Policy. Disponível em: <http://www.informationclearinghouse.info/article4458.htm>. Acessado em: 10 Nov. 2009.

Mapa 30: GOLFO PÉRSICO: Bases dos EUA



Fonte: KLARE, M. *Blood and Oil*. p.92.

A operação contra o regime de Saddam Hussein permitiram que os Estados Unidos expandissem sua presença militar e sua estrutura armada no Golfo Pérsico²⁷⁵, preparando as condições para a intervenção de 2003, conforme o exposto no Mapa 30.

²⁷⁵ Notar no Mapa 30 a localização das seguintes bases: Base Militar Camp Doha do Exército e Base Aérea Ahmed al Jaber no Kwaite; Base Aérea Al Udeid, CENTCON, Catar; Base Aérea Al Dhafra, nos Emirados Árabes; Bases Aéreas Thumrait e Masirah Island em Omã

O Departamento de Defesa *pré-posicionou* uma vasta quantidade de armas e munições no Kuwait e no Qatar, de modo que tropas pudessem ser enviadas à região com dificuldades mínimas de apoio logístico.

Sem grandes problemas para resolver em termos de desdobramento de tropas e recursos, o governo Bush concluiu que a política de contenção que vigorava desde o mandato de seu pai não tinha sido suficiente para abortar as ameaças expansionistas de Saddam Hussein. Baseado na justificativa de que o Iraque teria um arsenal de armas de destruição em massa e mantinha operações ilícitas de enriquecimento de urânio com finalidades militares, o presidente aceitou contornar os obstáculos representados por França, Rússia e China no Conselho de Segurança da ONU e autorizou o Departamento de Defesa a deflagrar a Operação Iraque Livre em 2003.

Guerra do Iraque e o do Afeganistão: reflexões.

Inúmeras reflexões geopolíticas, e especulações de toda ordem, podem ser feitas sobre as causas, a condução e os desdobramentos das invasões do Afeganistão e do Iraque. Parece evidente que um dos motivos imediatos foi a preocupação de manter o acesso às reservas energéticas em ambas as regiões. Podem ter razão também os analistas que atribuem os conflitos à localização privilegiada dos dois países, um no antigo ventre mole da área controlada pela ex-União Soviética, o outro no gargalo do mundo, no ponto de intersecção dos três subcontinentes. De qualquer forma, ainda que como um prêmio pelo esforço geopolítico, o controle das maiores reservas de petróleo do mundo não constituíram um mau resultado.

O CENTCOM, que atuou na Operação Liberdade Duradoura, em 2001, e na Operação Iraque Livre, de 2003, tem o papel institucional de assegurar o controle dos campos de petróleo e refinarias do sul do Iraque, Arábia Saudita, Iraque e Iemen e de

proteger os oleodutos que transportam o óleo cru do Iraque até o porto de Ceyhan na Turquia, bem como as instalações de petróleo em qualquer parte do país e os gasodutos e oleodutos do Mar Cáspio e Centro da Ásia.²⁷⁶

Mais distantes do Golfo Pérsico, outras unidades do CENTCOM, das bases sediadas no Afeganistão, Quirguistão e Uzbequistão desdobraram tropas para garantir o fornecimento de petróleo do Golfo Pérsico e do Mar Cáspio. Esta situação, segundo Klare, torna inevitável que as forças americanas, mais cedo ou mais tarde, enredem-se no emaranhado de conflitos políticos, étnicos e religiosos desta região.

Isto posto, o que resta por responder é a seguinte questão: é possível sustentar que as concepções geopolíticas que fermentaram as conjeturas estratégicas de Halford Mackinder e Nicholas Spykman na primeira metade do século XX continuam tendo validade para interpretarmos as ações militares do Governo George Walker Bush, no Afeganistão e no Iraque?

Na próxima seção, tentaremos responder esta questão retomando o cerne destas teorias e buscando iluminar os eventos recentes do cenário internacional.

²⁷⁶ KLARE, M. **Blood and Oil**.p.5-6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fio condutor deste trabalho esteve apoiado no pensamento geopolítico de Halford Mackinder e Nicholas Spykman. O interesse em nos debruçarmos sobre as obras destes geógrafos foi motivado pelo fato de que ambos no início do século XX propuseram idéias revolucionárias através de suas publicações, artigos e seminários que alteraram o modo de interpretar as distribuições das terras emersas e da superfície líquida do planeta, o que proporcionou, assim, o avanço do campo de estudos da geopolítica.

Estas idéias, como discutimos anteriormente, atravessaram o século XX e suas interpretações do cenário internacional estiveram presentes na Primeira Grande Guerra, no Entre-Guerras, na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria.

O pensamento geopolítico de Halford Mackinder, apresentado no início do século XX, particularmente pela perspectiva estratégica da Grã Bretanha, defendia a idéia de que a Eurásia era o continente mais importante do planeta e o coração do mundo civilizado. Segundo o autor, o poder que o controlasse teria por extensão o domínio do resto do mundo, porque nele estava concentrados a maior parte da população, recursos naturais e indústrias do globo. O resultado deste esforço fez Mackinder produzir em 1904 a Teoria do *Heartland*, que sofreu revisões devido ao desenvolvimento tecnológico, em 1919, logo ao fim da Primeira Grande Guerra e em 1943, quando da sua última contribuição em que apresentou o conceito de *Midland Ocean*. O legado de Mackinder permitiu antecipar dois eventos do cenário internacional: o primeiro, a operação estratégica do Dia “D” em 1944, conhecida como a Operação Overlood, e o segundo, o desenho do mapa político após 1946 com a inauguração da Guerra Fria, cuja competição ocorria no seguinte aspecto: de um lado, as potencias marítimas capitaneadas pelos Estados Unidos localizadas no *Midland Ocean* e, de outro, as

potencias terrestres em torno do Estado-pivô no coração do *Heartland* liderados pela União Soviética.

A outra grande contribuição para o campo de estudos da geopolítica partiu do Professor Nicholas John Spykman da Universidade Yale. Preocupado com os eventos políticos na Europa, com a ascensão da Alemanha nazista, na véspera da Segunda Guerra Mundial, apresentou sua interpretação sobre o jogo político internacional em que defendia a idéia de que os Estados Unidos deveriam construir uma política de segurança de viés realista e intervencionista. Sustentou esta argumentação, demonstrando no mapa de *Projeção Azimutal centrada no Pólo Norte* de que o Novo Mundo e o Mundo Antigo estão cercado-se mutuamente e que um, poderá exercer grande influencia sobre o outro. Em síntese, se o Novo Mundo for capaz de estender suas forças, atravessando os oceanos, poderia exercer uma política de equilíbrio de poder nas duas pontas da Eurásia, ou de outra maneira, se houver uma aglutinação de uma constelação de poderes na Eurásia, poderia arregimentar um poder não compensado, que cercaria o Mundo Novo, submetendo aos seus interesses geopolíticos. O receio do Professor Spykman no período da Segunda Guerra Mundial, advinha da seguinte hipótese: se a Alemanha nazista controlasse a Europa e a Rússia, e se do outro lado do continente, no extremo oriente, o Império japonês dominasse a China e o sudoeste da Ásia, emergiriam dois poderes no continente eurasiático, um no extremo ocidente e outro no extremo oriente, que juntos dominariam a Eurásia e em consequência disso reduziria os Estados Unidos, a um papel de potencia secundária e marginal.

Em suma, a formulação teórica de Spykman, conhecida como a *Teoria do Rimland*, apontava que o objetivo da política de segurança dos Estados Unidos deveria ser o controle da orla do continente da Eurásia nos seguintes pontos: na Europa Ocidental, na Ásia Oriental e no Oriente Médio, com o objetivo primordial de controlar qualquer poder emergente vindo do *Heartland*.

A força interpretativa destas teorias não se encerrou com o fim da Segunda Guerra Mundial. Ambas continuaram sendo utilizadas como ferramentas analíticas no período da Guerra Fria, forjando a política de segurança dos Estados Unidos por intermédio da Doutrina Truman, que resultou no desenvolvimento das três frentes estratégicas em torno do continente basilar do planeta: a Eurásia.

Nos anos 90 na Administração de George Herbert Bush (sênior), a partir do desaparecimento da União Soviética e conseqüentemente o encerramento da Guerra Fria, surgiu à idéia de que os EUA estariam vivendo num sistema de característica unipolar. A conclusão era que a única superpotência existente deveria assumir o seu papel central no sistema internacional por possuir um poder sem rivalidade, já que não havia nenhuma outra potência que tivesse condições de contrastar os interesses norteamericano.

No primeiro ano do mandato de Bush vazou para a grande imprensa americana um relatório denominado *Orientação do Planejamento de Defesa*, que apresentava os passos para a construção de uma *Pax Americana*. Este projeto estava orientado para atender os seguintes pontos: controlar a maior parte de poços de petróleo do mundo, estabilizar o Oriente Médio, isolar a Rússia com uma potência reemergente competidora. Para garantir o isolamento da Rússia seria necessário garantir a presença americana nas ex-Repúblicas Soviéticas muçulmanas como o Azerbaijão e também aproximar-se da Ucrânia acessando assim as riquíssimas reservas de petróleo e gás da região do Mar Cáspio. Finalmente, e, manter o controle sobre aqueles países ainda resistentes ao processo da globalização, com o objetivo de gerenciar a distribuição global de recursos, mão de obra, energia e investimentos.

Como estas questões foram consideradas demasiadamente irrealistas, estes objetivos não obtiveram sucesso na Administração George H. W. Bush (sênior), porém este projeto não foi abandonado,

mas reelaborado no *think tank* denominado PNAC: *Projeto para um Novo Século Americano* prosperando anos mais tarde quando da inauguração da Administração do Presidente George Walker Bush (Junior), em 2001.

No seu primeiro mandato os EUA foram atacados em seu próprio território pelo grupo islâmico Al Qaeda, o que fez com que o Governo W. Bush reagisse àquele evento com o anúncio de uma nova doutrina estratégica de ação preventiva, que levaria a guerra até o inimigo em substituição as velhas estratégias da Guerra Fria, como a doutrina da contenção ou dissuasão. A invasão do Afeganistão, depondo o regime talibã que teria dado abrigo ao Al-Qaeda e a invasão do Iraque com a alegação de que Sadam Hussein possuía ou estava planejando adquirir armas de destruição em massa, foram os resultados desta nova estratégia.

Retomando a hipótese deste trabalho, na qual defendemos que as ações militares das Guerras do Afeganistão e do Iraque estão pautadas, em última instância, no pensamento dos dois geógrafos, Mackinder e Spykman, vamos partir do seu ponto de origem, a saber: o documento *Orientação do Planejamento de Defesa* e construirmos a argumentação a fim de confirmarmos ou não a assertiva acima.

Como vimos, o esboço dos estrategistas do Pentágono, em 1991, foi um processo de discussão que teve dois objetivos principais: o primeiro foi à análise do cenário político internacional procurando situar o novo papel dos Estados Unidos no mundo do Pós Guerra Fria e o segundo, atrelado a estas considerações temos a preocupação nos aspectos de conflitos regionais e controle de áreas consideradas estratégicas.

Desde o primeiro esboço, mas precisamente 03 de setembro de 1991, antes mesmo da *débâcle* da União Soviética, verifica-se que os Estados Unidos já estavam gozando o status da superpotência vencedora, e por isso, apontava a necessidade de uma revisão dos objetivos políticos e militares.

Um destes objetivos direcionava-se na identificação de regiões cujos conflitos regionais pudessem causar instabilidade política que ameaçasse os interesses dos Estados Unidos e alterassem o equilíbrio de poder na região. Outro aspecto, devido à experiência adquirida na Guerra do Golfo, enfatizava a necessidade de estabelecer um permanente desenvolvimento tecnológico a fim de alcançar um *status* de avanço científico em assuntos militares que estivesse, no mínimo, uma geração a frente de quaisquer potências rivais. E por último, e mais importante, controlar o acesso permanente a matéria-prima vital para a manutenção do poderio dos Estados Unidos: o petróleo do Golfo Pérsico.

No memorando de 18 de fevereiro de 1992, em que apresenta um desenvolvimento o esboço inicial, o documento diz claramente na seção B “*Objetivos Estratégicos de Defesa*”, de que o primeiro objetivo dos Estados Unidos é impedir o surgimento de outra potência rival no espaço territorial da ex-União Soviética, cujos recursos poderiam transformar este país num novo ator global que poderia contrariar os interesses americanos. Aponta as seguintes regiões: na Europa central, o espaço ocupado pela antiga União Soviética, além dos Estados do Cáucaso, da Ásia Central e o sudoeste da Ásia. Dentro deste objetivo o documento aponta uns aspectos adicionais é de que os Estados Unidos devem instituir mecanismos que para dissuadir quaisquer outras potências competidoras de aspirarem à dominação regional em áreas estratégicas ou buscar a ascensão global.

O conteúdo deste esboço de 18 de fevereiro vazou para o jornal *New York Times*, em 08 de março de 1992, numa matéria assinada pela jornalista Patrick Tyler, que revelava que os objetivos da estratégia de defesa consideravam a improbabilidade do surgimento de uma potência desafiadora vinda de dentro do coração da Eurásia, e que, segundo esta matéria, a orientação era de que os Estados Unidos mantivessem o *status* militar de primeira grandeza na região do Sudoeste da Ásia e no Oriente Médio com o objetivo de

manter a permanência do fluxo de fornecimento de petróleo na região.

Nesta matéria informa os cinco cenários utilizados para ferramentas analíticas para a formulação de um programa de defesa que foram percebidas como regiões propícias as crises regionais, a saber: Cuba, Coréia do Norte, Iraque, Paquistão, Irã, Rússia. Em relação ao Oriente Médio e ao Sudoeste da Ásia foi como demonstra o documento manter a presença maciça dos Estados Unidos nas regiões para garantir e preservar o acesso ao petróleo.

Isto posto, o elo que identificamos no documento *Orientação de Planejamento de Defesa* e as ações militares do Governo Bush nos conduz a uma conclusão com as seguintes perspectivas estratégica e geopolítica:

Na perspectiva estratégica foi reproduzida nos documentos *Quadrienal Revisão de Defesa*, em 2001 e *Estratégia de Segurança Nacional*, em 2002, os pontos discutidos uma década antes como relevantes, a saber: o desenvolvimento de um conjunto de inovações tecnológicas que promoveria o processo de transformação das Forças Armadas a fim de aumentar a sua capacidade de projeção de poder militar em campos de batalhas distantes.

Na perspectiva geopolítica verificamos dois aspectos: o teórico e o empírico. No que tange as formulações teóricas é perceptível notar no documento as idéias de Mackinder e Spykman mesmo que elas não estejam explicitamente anunciadas. Por exemplo, o esboço de 18 de fevereiro de 1992, que vazou para a imprensa, deixou evidenciado que existia uma preocupação de impedir o surgimento de uma potência na região ocupada pela antiga União Soviética, numa região rica em recursos energéticos: petróleo e gás.

Esta passagem deixa notório que esta região nada mais é do que o *Heartland*, apontado pelo geógrafo inglês, Halford Mackinder, e que, no longínquo ano de 1904, no seminário da Real Academia Geográfica de Londres, já apontava para esta área denominando-a de região-pivô do planeta, não somente pela vastidão territorial, mas

pelos seus recursos inesgotáveis. Alerta ainda o documento de que se outra potência dominasse este espaço territorial poderia emergir como um grande ator global. O documento não citou nominalmente, mas pode-se inferir legitimamente que se trata da região do Cáucaso e da Ásia Central.

Aponta também que o papel dos Estados Unidos tem que estar presentes no sudoeste da Ásia, no Oriente Médio, na Europa Central a fim de dissuadir eventuais competidores que aspirem ao domínio regional e busquem rivalizar com os Estados Unidos no cenário internacional.

Novamente, não temos como ao ler as passagens do documento e os cinco cenários discutidos por estes estrategistas, de acordo com o Jornal New York Times, sem nos remetermos aos alertas do Professor Spykman, na sua derradeira obra. *The Geography of The Peace*. As sugestões do documento possuem uma notável semelhança com os argumentos de Spykman, em que na sua Teoria do *Rimland*, afirmava que a permanência no entorno da Eurásia seria a sua eterna preocupação nos tempos de paz e de guerra.

No que tange o aspecto empírico, as ações militares do Governo George Walker Bush, parecem confirmar que a estratégia adotada nos dois eventos em pauta seguiu as orientações geopolíticas dos dois geógrafos.

Podemos até, num ato de ousadia, afirmar que realizaram um avanço importante, pois em vez de manter-se ao entorno da Eurásia, e aproveitando o processo de aproximação com as ex-Repúblicas socialistas soviéticas muçulmanas, os Estados Unidos adentraram ao território eurasiático instalando bases nas duas regiões. Na Ásia Central, como apontamos no Mapa 29 encontramos as seguintes bases: Base Aérea de Manas, no Cazaquistão; Base Aérea de Khanabad, no Uzbequistão; e Base Aérea Bagram, no Afeganistão.

No Oriente Médio, como apontamos no Mapa 30 encontramos as seguintes bases: Base Militar Camp Doha do Exército e Base Aérea Ahmed al Jaber no Kuwait; Base Aérea Al Udeid, CENTCON,

Catar; Base Aérea Al Dhafra, nos Emirados Árabes; Bases Aéreas Thumrait e Masirah Island em Omã

Estas evidências parecem confirmar que as *Teorias do Heartland* e *do Rimland* continuam com o mesmo valor explicativo para a interpretação de um sem número de ações da grande estratégia americana no século XXI.

Isto nos convida refletir sobre o campo de estudo da Geopolítica e sua relevância para a interpretação da realidade internacional, que mesmo sob o desenvolvimento econômico e tecnológico do processo de globalização, não parecem negar a importância estratégica de um espaço particular.

A Geopolítica permite a ligação entre geografia e estratégia, procurando estabelecer as possíveis interações entre o espaço geográfico e o poder estatal com o propósito de estabelecer possíveis prescrições para a política de poder, uma vez que a geografia, como advertiam Mackinder e Sypkman, é um dos fatores fundamentais – por ser o mais permanente - da política externa de qualquer grande potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ARRIGHI, G. **Caos e Governabilidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- ART, R. **A Grand Strategy for America**. New York. Cornell University, 2003.
- ARON, R. **Paz e Guerra entre as Nações**. Brasília: UnB, 2002.
- _____. **República Imperial: Os EUA no Mundo Pós Guerra**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- _____. **Pensar a Guerra, Clausewitz**. Vol. I. Brasília: UnB, 1976.
- _____. **Pensar a Guerra, Clausewitz**. Vol. II. Brasília: UnB, 1976.
- BANDEIRA, L. M. **Formação do Império Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. Dimensão Estratégica e Política Externa dos EUA. In: III CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA e POLITICA INTERNACIONAL “ O BRASIL NO MUNDO QUE VEM AÍ” III CNPEPI – **Seminário sobre os Estados Unidos**. Palácio do Itamaraty. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre Gusmão – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. IPRI, 29 Set. 2008.p.1-39.
- BREZEZINSKI, **Second Chance**. New York: Basics Book, 2007.
- _____, A Geostrategy for Eurasia. **Foreign Affairs**. p.50-132. Sept-Oct.1997.
- _____, The Cold War and its Aftermath. **Foreign Affairs**. p.31-49. Fall, 1992.
- _____, **The Grande Chessboard**. New York: Basics Book, 1997
- _____, **Game Plane**. A Geostrategic Framework for the Conduct of The U.S.- Soviet Conduct. **New York: Atlantic Monthly Press**, 1986.
- BOOT, M. “Myths about Conservatism”. In: STELZER,I. **The NeoCon Reader**. New York: Grove Press, 2004.
- _____. What the Heck is a “NeoCon”? **Wall Street Journal**. 30 Dec. 2002. Disponível em: <http://www.cfr.org/publication/5343/what_the_heck_is_a_neocon.html>. Acesso em: 18 Abr. 2009.

BROOKS, S.G.; WOHLFORTH, W.C. American Primacy in Perspective. **Foreign Affairs**. p.20-33. July-August, 2002.

BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival – The Making of the Cheney Regional Regional Defense Strategy, 1991-1992. George Washington University. **The National Archive**. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/index.html#doc3>. Acesso em: 10.Dez.2009.

CAHAN, A. "Team B: The Trillion Dollars Experiment" **Bulletin of Atomic Scientists** 49, n.3, 1993. (*)

CARR, E. **Vinte Anos de Crise**. Brasília: UnB, 2001.

CARTER, J. **STATE OF UNION**. January 23, 1980. Disponível em: <http://www.jimmycarterlibrary.org/documents/speeches/su80jec.html> Acesso em : 10 Out. 2007.

COHEN. Eliot. Crítico da ocupação do Iraque será assessor de Condoleezza Rice. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u105169.shtml>. Acesso em: 09 Jul. 2004

COHEN, Eric. The Moral Realism of Irving Kristol. **National Affairs**. Disponível em: <http://www.nationalaffairs.com.html> .Acesso em: 08 Set. 2009.

_____. Defending America in The Twenty First Century.p.40-56, **Foreign Affairs**.p 40-56. Nov-Dec, 2000.

COSTA, W. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o território e poder**. São Paulo: USP, 2008.

DAALDER & LINDSAY. **America Unbound: The Bush Revolution in Foreign Policy**. Washington: Brooking Institutions, 2003.

DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: A Revisão da Postura Global dos EUA, **Conjuntura Internacional**, p.01-07. 05 out. 2004.

DEFENSE PLANNING GUIDANCE. "Excerpt from Pentagon's Plan: Prevent the re emergence of a New Rival". **The New York Times**, March, 08, 1992, p.A1-A14. Disponível em: <http://www.newyorktimes.com>. Acesso em: 07. Ago.2008.

EHRMAN, J. **The Rise of Neoconservatism: Intellectuals and Foreign Affairs 1945-1994**. New Haven: Yale University, 1995.

FIORI, J.L. **O Poder Americano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. A nova geopolítica do sistema mundial no início do século XXI. In: **The BRICS Project, Globelics & RedeSist**, 2007, Rio de Janeiro. Segundo Workshop Internacional do Projeto BRICS, 2007. v. 17.

FEITH, D. **War and Decision: inside the Pentagon at the dawn of the war of terrorism**. New York: Harper Collins, 2002.

FERNANDES, J. Da Geopolítica clássica à Geopolítica pós-moderna: entre a ruptura e a continuidade. **Política Internacional** p.161- 186. 26 Outono-Inverno (2002).

FERREIRA, A. **O império Contra Ataca: as guerras de George W. Bush, antes e depois do 11 de setembro**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRIEDMAN, T. O Xerife do Mundo. **O Estado de São Paulo**. Caderno 2 – Cultura. 23 Mai. 1999.

FOSTER, J.B . A para Nova Geopolítica do Império. **Monthly Review**. v.57,n.8, Jan.2006. Tradução.Fernando Ferrone. Título original: The New Geopolitics of Empire. Disponível em: <http://www.monthlyreview.org/jan2006.html>. Acesso em: 28. Out.2007.

_____. Imperial America and War. **Monthly Review**. v.55, n.1, Mai.2003.Disponível em: <http://www.monthlyreview.org/mai2003.html>. Acesso em: 28. Out. 2007.

FUKUYAMA. **America at the Crossroads: democracy, power and the neoconservative legacy**. New Haven: Yale University, 2006.

GADDYS, J. A Grand Strategy of transformation.p.102-122. **Foreign Policy**, n.133. Nov-Dec.2002.

GADDIS, J.L. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GRAY, C. The Implications of Preemptive and Preventive War Doctrines: A reconsideration. **Strategic Studies Institute United States Army War College**. Disponível em <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/Pubs/display.cfm?pubID=789>. Acesso em 06 Jul. 2008.

GRAY, C. **The Geopolitics of Superpowers**. Lexington: University of Kentucky Press , 1998.

_____. Strategic sense, Strategic non sense. **The National Interest**, Fall, 1992.

_____. **Geopolitics and Strategy**. Global Affairs, vol.4, n.1 – Winter, 1989.

GOLDGEIGER, D; CHOLLET, J. **America between the Wars: from 11/09 to 09/11**. New York: Persus Book, 2008.

HART, L. **As Grandes Guerras da História**. São Paulo: IBRASA, 2005.

HASS. The Age of Non Polarity. **Foreign Affairs**, May/June 2008. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com>. Acesso em: 05 Jan. 2009.

HASLAM, J. **A necessidade é a maior virtude**. Sao Paulo: Martins Fontes, 2006.

HEILBRUNN, J. 5 Myths about those nefarious neocons. **The Waschington Post**, Sunday. February, 10, 2008. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com>. Acesso em :18 Set. 2009.

HERSH. **S Cadeia de Comando: a guerra de Bush do 11 de setembro às torturas de Abu Ghraib**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HUNTINGTON. The Lonely Superpower. **Foreign Affairs**. March/April 1999. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com.html>. Acesso em : 16 Out. 2008.

_____. Robust Nationalism. **National Interest**. Disponível em: <http://www.nationalinterest.org.html>. Acesso em: 05 Jul.2009.

HUSSAIN, K. Neocons : The Man behind the curtain. **Bulletin of The Atomic Scientists**. November-December, Vol. 59, n.6, p.62-71. 2003.

IKENBERRY, J. “A ambição imperial”. **Politica Externa**, Vol. 11, n.3, Dez - Jan - Fev , p.22-27, 2002/2203.

JERVIS, R. **American Foreign Policy in a New Era**. New York: Routledge, 2005.

_____.The Remaking of a Unipolar World. **The Washington Quaterly**.p.7-19, Summer, 2006.

KAGAN, R. The September 12 Paradigm: America, the World, and George W. Bush. **Foreign Affairs**, September/October 2008. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com.html>. Acesso em: 17 Nov. 2008.

_____. Neocon Nation: Neoconservatism, c. 1776. **World Affairs: A Journal of Ideas and Debate**. Disponível em: <http://www.worldaffairsjournal.org.html>. Acesso em: 10 Abr. 2008.

_____. The Benevolent Empire. **Foreign Policy**, n 111, p.24-35. Summer, 1998.

KAGAN, R; KRISTOL, W. **Present Dangers**: crisis and opportunity in american foreign and defense policy. Sao Francisco: Encounter Books, 2000.

_____. Toward a Neo Reaganite Foreign Policy. **Foreign Affairs**, Vol. 75, n.4, p. 18-32, Jul-Aug, 1996.

KARNAL, L; PURDY, S. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XX. São Paulo: Contexto, 2007.

KIRKPATRICK, J. "NeoConservatism as a Response to the Counter Culture".p.2 33-240. In: STELZER, I. **The NeoCon Reader**. New York: Grove Press, 2004.

KISSINGER, **Does Need American Foreign Policy?** New York: Simon & Schuster, 2002.

_____, **Years of Renewal**. New York: Simon & Schuster, 1999.

KLARE, M. The Bush e Cheney Energy Strategy : Implications for U.S. Foreign and Military Policy. Disponível em:<http://www.informationclearinghouse.info/article4458.html>. Acesso em: 10 Nov. 2009.

_____. The New Geopolitics of Energy. **The Nation**. May 19, 2008.

_____. The New Geopolitics. **Monthly Review**. v.55, n.3, Jul-Aug.2003. Disponível em:<http://www.monthlyreview.org/jul2003.html>. Acesso em: 18 Jun.2007.

_____. **Blood and Oil**: the dangers and consequences of America's growing petroleum dependency. New York: Holt and Co, 2004.

_____. The New Geography of Conflit. **Foreign Affairs**. Vol.80.n.3 May-June, 2001.

KNELMAN, F.H. **The Neocon Revolution** Disponível em: <<http://www.pej.org/html/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=1692>> Acesso em : 13/09/2005

KRAUTHAMMER, C. The Unipolar Moment. **The Washington Post**. p a.19. Section: OP/ED. July-20-1990.

_____. The Unipolar Moment Revisited. **The National Interest**. Winter: 2002-2003. Disponível em: <http://www.nationalinterest.org.html>.

_____. Essay: The Reagan Doctrine. **Time**. Disponível em: <http://www.time.com/time.html>. Acesso em : 13 Jun. 2009.

KRISTOL, I. The NeoConservative Persuasion: From the August 25, 2003 issue: What it was, and What it is. **The Weekly Standard**. Vol.8. N.47, August, 25. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com.html>. Acesso em: 17 Mar 2009.

_____. **NeoConservantism: The Autobiography of an Idea**. New York: Free Press, 1995.

_____. Memoirs of Trotskyist p.469-480 In: _____. **NeoConservantism: The Autobiography of an Idea**. New York: Free Press, 1995

La FEBER, **America, Russia and the Cold War.1945-1996**. New York: McGraw-Hill, 1997.

MACKINDER, H. On the Scope and Methods of Geography. **Royal Geographical Society**. London: 1897.

_____. **Britain and British Seas**. London: Philips & Son Ltd, 1902.

_____. **The Modern British State: An Introduction to the Study of civics**. London: George Philips & Son Ltd, 1904.

_____. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, Vol. XXIII, n.4. April, 1904, London: 1904. Read at the Royal Geographical Society. Jan. 25.1904.

_____. **Our own Islands: an elementary study in Geography**. London: London: George Philips & Son Ltd, 1907.

_____. **Democratic Ideal and Reality** – a study in the politics of reconstruction by the right honorable. 3th printing. New York: Henry Holt. 1942.

_____. The Round World and the Winning of The Peace. **Foreign Affairs**, vol.21. n.4Jul. 1943.

MANN, J. The True Rationale? It's a Decade Old. **The Washington Post**. Mar.07, 2004. Disponível em:

http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/wp_true_rationale.pdf.

Acesso em : 10 Out. 2009.

_____. **Rise of The Vulcans: the History of Bush's War Cabinet.** New York: Penguins Books, 2002.

McNAMARA. Apocalypse Soon. **Foreign Policy.** May – Jun.2005. Disponível em: <http://www.foreignpolicy.com.html>. Acesso em: 14 Jul. 2008.

MEAD, W. **Uma Orientação Especial.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.

_____. **Poder, Terror, Paz e Guerra: Os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MEARSHEIRMER. J. Pull those boots off the Ground. **Newsweek – Special Edition – Issues 2009.** Dec 2008 – Feb 2009.

_____. An Unnecessary War. **Foreign Policy.** May-Jun.2005. Disponível em: <http://www.foreignpolicy.com.html/>. Acesso em 09 Set. 2006.

_____, Hearts and Minds. **The National Interest.** Fall. 2002. Disponível em: <[http:// www.nationalinterest.org.html](http://www.nationalinterest.org.html).>Acesso em: 09 Set.2006.

MELLO, L. **Quem tem medo da Geopolítica.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **A Geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata.** Manaus: Universidade do Amazonas, 1997.

NYE, Jr. **O Paradoxo do Poder Americano.** São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, F. **Os Estados Unidos da América no Pós Guerra Fria: Transformações na Política de Segurança.** 2004. 158 f. Tese (Doutorado em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OWENS, M. In Defense of Classical Geopolitics. **Naval War College Review. Autumn.** 1999. Vol.I. N.4. Disponível em: <http://www.nwc.navy.mil.html/>

PECEQUILO, C. The GWB Era (2001-2007): The USA and the international system. In:**The United States: Present Situation and Challenges.** Brasília: FUNAG, 2008.

_____, Doutrina Bush. **Núcleo de Estudos em Relações Internacionais.** UFRGS, Outubro. 2002. Disponível : <<http://>

www.ilea.ufrgs.br/netrint.html.>. Acesso em : 17. ago. 2004.

_____, **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade e mudanças**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 423 p.

PERRY, W. Desert Storm and Deterrence. **Foreign Affairs**, p.66-82 Fall, 1991.

PODHORETZ, N. NeoConservatism: A Eulogy. **Commentary**, p.19-27, March, 1996. Disponível em: <http://www.commentarymagazine.com/viewarticle.cfm/neoconservatism--a-eulogy-8533>. Acesso em: 10 Dec. 2009.

_____. The Neo Conservative Anguish over Reagan's Foreign Policy. **The New York Times**. May, 2, 1982. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1982/05/02/magazine/the-neo-conservative-anguish-over-reagan-s-foreign-policy.html>. Acesso em: 10 Dec. 2009.

PROENÇA Jr. et além. **Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PROJECT FOR A THE NEW AMERICAN CENTURY. **Rebuilding America's Defenses**: Strategy, Forces and Resources for a New Century. September, 2000. Disponível em: <http://www.newamericancentury.org/rebuildingamericandefenses.pdf>. Acesso em: 10 Set. 2005.

_____. **Statement of Principles**. Disponível em: <http://www.newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em: 10 Set. 2005.

RAMONET, I. A Era da Guerra Perpétua. **Le Monde Diplomatique**, número 38, Março 2003. Disponível em: < [http:// www.diplo.com.br](http://www.diplo.com.br)> Acesso em: 12 abr 2003.

RICE. Rethink international interest. **Foreign Affairs**, p.2-26. vol.87. n.4. July/August 2008.

RUMSFELD, D. Transforming the Military. **Foreign Affairs**. p.20-32. v.81, n.3, May – June, 2002.

RENSHON & SUEDFELD. **Understanding the Bush Doctrine**. New York: Rutledge, 2005.

SEMPA, F.P. **Geopolitics: from the Cold War to the 21st Century**. New Jersey: Transaction, 2002.

SPYKMAN, N. **America's Strategy in world politics**: The United

States and the Balance of Power. New York: Harcourt, Brace and Company, 1942.

_____. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace & World, 1944.

SWIDEY, N. The Analyst Strategy Guru Albert Wohlstetter spent decades arguing for military flexibility and precision targeting. But have his Washington disciples learned his real lessons?. **The Boston Globe**. Disponível em: http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2003/05/18/the_analyst.html/ Acesso em : 12 Jun. 2009.

STELZER, I. **The Neocon Reader**. New York: Grove Press, 2004.

TEIXEIRA, T. **Os Think Tanks: e a sua influencia na politica externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TYLER, P. U.S. Strategy Plan Calls for Insuring no Rivals Develop. **New York Times**. Mar,8,1992. Cf. BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival – The Making of the Cheney Regional Defense Strategy, 1991-1992. George Washington University. **The National Archive**. Disponível: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv.html/> Acesso em: 10.Dez.2009.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. **The Unified Command**. Disponível em: http://www.defenselink.mil/specials/unified_command.html/. Acesso em: 10 Nov. 2008.

THE WHITE HOUSE. **The National Security Strategy**. Sept.2002. Disponível em : <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>. Acesso em : 10 Nov. 2003.

THE WHITE HOUSE. **A National Security Strategy for a New Century**. Dec 1999. Disponível em: <http://clinton4.nara.gov/media/pdf/nssr-1299.pdf>. Acesso em: 15 Nov 2009.

THE WHITE HOUSE. **Presidente George W. Bush– President Discusses the Future of Iraq. Release Office of The Press Secretary**. Feb, 26, 2003. Disponível em: <http://www.Whitehouse.gov/news/releases/2003/02/print/20030226-11.html>. Acesso em: 10 Nov. 2003.

TOSTA, O. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.

WEIGERT, W. **Geopolítica: generales e geógrafos**. México: Fondo de Cultura Econômica. Ano.

WIGHT, M. **A Política de Poder**. Brasília: UnB, 2002.

WITTKOPF, E; McCORMICK,J. **The Domestic Sources of American Foreign Policy**. New York: Rowman & Littlefield,2008.

WOHLFORT,W.C. The Stability of a Unipolar World. **International Security**. V.24.N.1- Summer, 1999.p.5-41.

WOHLFORT,W.C. U.S. Strategy in a Unipolar World. In: **America Unrivaled: The Future of the Balance of Power**. IKENBERRY,J.G.. NY: Cornell University Press, 2002. p.98-118.

WOLFOWITZ, P. Clinton's First Year. **Foreign Affairs**. p. 29-43, Jan-Feb, 1994.

WOODWARD.B. **Plano de Ataque**.São Paulo: Globo. 2004.

ZACHARIA, **Um mundo pós americano**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

A N E X O S

ANEXO - A

SLIDES DO PLANEJAMENTO PARA A MUDANÇA ESTRATÉGICA

UNCLASSIFIED	
PLANNING IN A PERIOD OF STRATEGIC CHANGE	
FALL 1989	● SECDEF DIRECTS CONSIDERATION OF LARGE FUNDING REDUCTIONS; SENIOR LEVEL MEETINGS CONVENED ON PROGRAMMATIC IMPLICATIONS OF NEW SECURITY ENVIRONMENT
JAN 1990	● DPG ISSUED, CALLING FOR LATE 1990S FORCE PLANNING BASED ON REDUCED SOVIET CONVENTIONAL THREAT AND NEW FOCUS ON REGIONAL THREATS IN SWA
MAY 1990	● DPRB REVIEWS THE NEW DEFENSE STRATEGY AND BASE FORCE
AUG 2, 1990	● PRESIDENT ANNOUNCES NEW STRATEGY
FEB 21, 1991	● SECDEF DETAILS NEW DEFENSE STRATEGY BEFORE SASC
DECLASSIFIED DEC 10 2007 <small>Authority: EO 12958, as amended Chief, Records & Declass Div., WHS</small>	
UNCLASSIFIED	

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.

CONFIDENTIAL**PLANNING PROCESS AND DPG DEVELOPMENT****PLANNING ISSUES**

- FOCUS ON LESSONS LEARNED FROM THE PERSIAN GULF WAR SET IN THE CONTEXT OF THE NEW DEFENSE STRATEGY AND IDENTIFY IMPLICATIONS FOR THE DEPARTMENT'S BUDGETING AND PROGRAMMING EFFORTS

DEFENSE PLANNING GUIDANCE DOCUMENT

- PROMULGATE A THOROUGH CHARACTERIZATION OF THE NEW DEFENSE STRATEGY AND THE BASE FORCE
- ACCOUNT FOR SOVIET POLITICAL TRENDS AND THEIR IMPLICATIONS FOR MILITARY CAPABILITIES
- REFLECT THE PROGRAMMATIC IMPLICATIONS OF BROADER LESSONS LEARNED AND FURTHER IMPLEMENTATION OF THE NEW DEFENSE STRATEGY

DECLASSIFIED DEC 1 0 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

CONFIDENTIAL

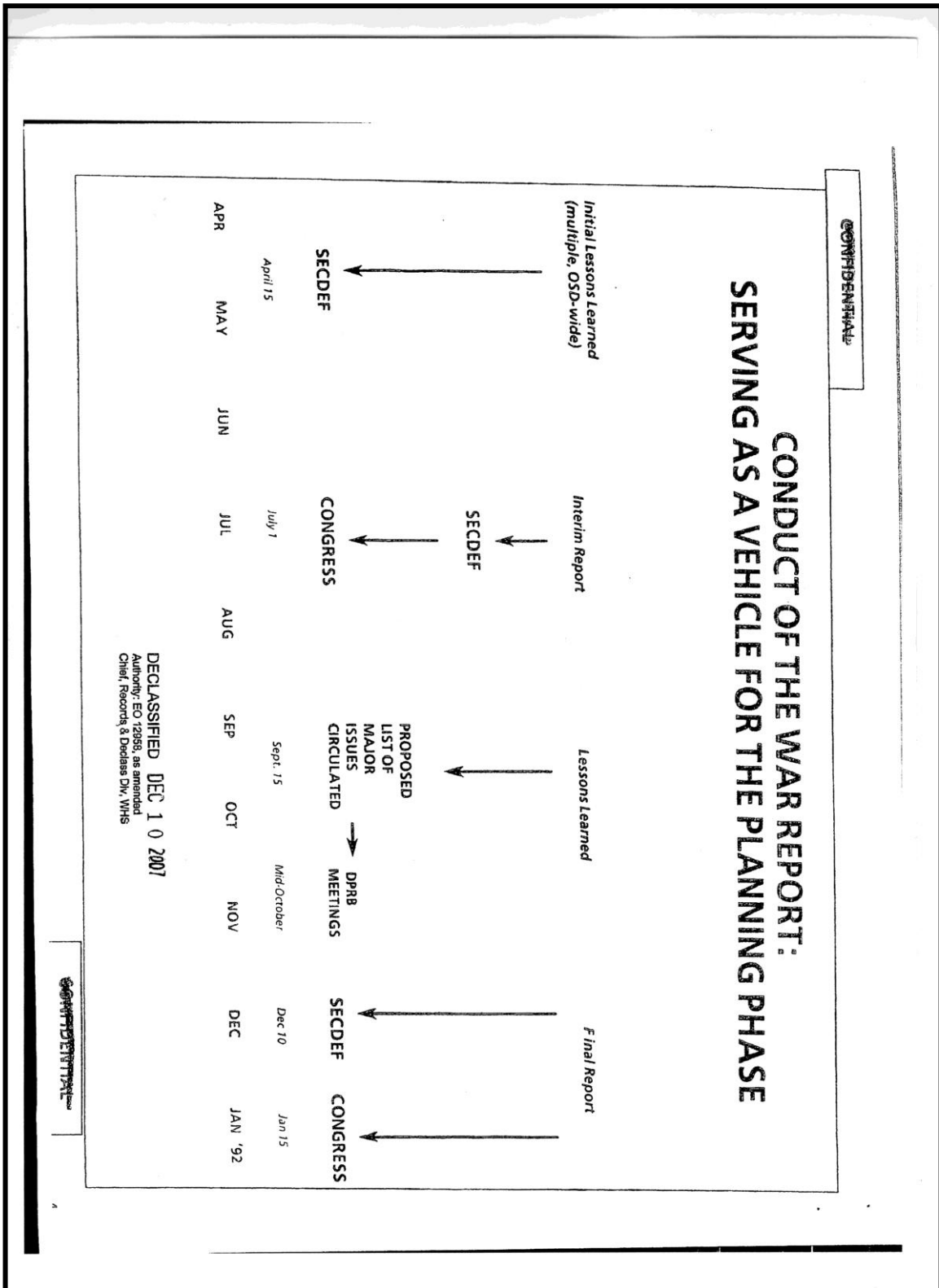
FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.

SECRET
ILLUSTRATIVE OUTLINE FOR DPG FY 94-99
TRANSMITTAL MEMO/PREFACE SIGNED BY SECDEF
I. TRENDS AND PROSPECTS IN THE INTERNATIONAL ENVIRONMENT
II. DEFENSE POLICY AND STRATEGY
A. ENDURING NATIONAL OBJECTIVES
B. DEFENSE POLICY
C. NEW DEFENSE STRATEGY
D. MILITARY STRATEGY (EXCERPTED FROM THE CICS NMS)
III. BASE FORCE
APPENDICES
1. ILLUSTRATIVE PLANNING SCENARIOS
2. FULL TEXT OF CICS NATIONAL MILITARY STRATEGY
DECLASSIFIED DEC 1 0 2007 Authority: EO 12858, as amended Chief, Records & Document Control, WHS
SECRET

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.



FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: [http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ ebb245/doc01.pdf](http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf).

UNCLASSIFIED

TALKING POINTS: "PLANNING IN A PERIOD OF STRATEGIC CHANGE"

- I WANT TO PROVIDE A QUICK, PROCESS OVERVIEW OF OUR PLANS FOR THE PLANNING PHASE OF THE PPBS
- I START WITH THIS SLIDE BECAUSE I THINK A LITTLE BIT OF SELF-CONGRATULATION IS IN ORDER, PARTICULARLY ON THE PART OF THE DEPUTY SECRETARY AND SECRETARY, WHO BEGAN A PROCESS OF REAPPRIASAL AND SUSTAINED IT OVER THE PAST 18 MONTHS AS GREAT CHANGE OCCURRED IN THE STRATEGIC ENVIRONMENT
- WE HAVE TAKEN HITS FROM SOME QUARTERS ABOUT HAVING VARIOUS "BLANKS" IN THE PROGRAM, BUT, THANKS TO THE LEADERSHIP PROVIDED BY MANY OF THE PEOPLE HERE TODAY, WE HAVE STRONG, COMPELLING, AND PERSUASIVE ANSWERS TO FILL IN THESE PURPORTED BLANKS IN THE STRATEGY
- BUT WE CAN'T REST ON OUR LAURELS, AND WITH THESE EVENTS AS A BACKGROUND, WE NEED TO MOVE FORWARD TO FURTHER HONE AND REFINE THE NEW DEFENSE STRATEGY AND THE BASE FORCE

UNCLASSIFIED

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, VHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: [http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ ebb245/doc01.pdf](http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf).

~~CONFIDENTIAL~~

TP: "PLANNING PROCESS AND DPG DEVELOPMENT"

PLANNING PROCESS

- WE HAVE HAD SEVERAL DISCUSSIONS WITH THE SECRETARY AND THE DEPUTY SECRETARY OVER THE PAST FEW WEEKS ABOUT THE APPROPRIATE FOCUS OF OUR PLANNING EFFORTS THIS SUMMER
- GIVEN THE EXPERIENCE OF DESERT SHIELD/STORM AS THE MAJOR USE OF US ARMS IN 20 YEARS, SECDEF HAS ASKED THAT WE FOCUS OUR ATTENTION ON LESSONS LEARNED FROM THE PERSIAN GULF WAR
- WE WILL SURFACE MAJOR ISSUES IN THE CONDUCT OF THE WAR REPORT AND EVALUATE THESE ISSUES IN THE CONTEXT OF THE NEW STRATEGY AND ASSESS THEIR BROADER PROGRAMMATIC IMPLICATIONS

DPG DOCUMENT: WILL HAVE THE THREE GOALS LISTED ON THE SLIDE

- A THOROUGH CHARACTERIZATION OF THE NEW DEFENSE STRATEGY AND THE BASE FORCE
- AN ASSESSMENT OF SOVIET CAPABILITIES -- I BELIEVE IT IS ESSENTIAL THAT, AS A REGULAR STEP IN THE PLANNING PROCESS, WE GO BACK AND CHECK OUR ASSUMPTIONS ABOUT SOVIET CAPABILITIES. WE WILL HAVE A PAPER ON SOVIET CAPABILITIES AVAILABLE LATER THIS MONTH
- DEC 15 IS OUR TARGET DATE FOR COMPLETING WORK ON THE DPG, AND WE PLAN TO HAVE A GENERAL COMMENT DRAFT BY EARLY FALL

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

~~CONFIDENTIAL~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.

~~SECRET~~

TP: "ILLUSTRATIVE OUTLINE FOR DPG FY 94-99"

- THIS OUTLINE ROUGHLY TRACKS WITH THE ORGANIZATION OF THE LAST DPG, ALTHOUGH IT HAS THE IMPORTANT ADDITION OF A NEW SECTION CHARACTERIZING THE BASE FORCE
- "TRANSMITTAL MEMO/PREFACE" WOULD BE A PERSONAL STATEMENT FROM THE SECDEF ABOUT HIS CONCERNS AND PRIORITIES
- "TRENDS AND PROSPECTS" WOULD BE A BROAD-BRUSH TREATMENT, TOUCHING ON THE MAJOR TRENDS IN THE STRATEGIC ENVIRONMENT,
 - PRINCIPALLY TRENDS IN THE SOVIET UNION AND EASTERN EUROPE, IN REGIONAL SECURITY CHALLENGES, IN OUR ALLIES IN EUROPE AND ASIA, AND IN THE MILITARY TECHNOLOGICAL REVOLUTION
- "DEFENSE POLICY" SECTION WOULD BE A MORE SYSTEMATIC, REGION BY REGION DISCUSSION OF US GOALS, AS WELL AS DISCUSSION OF BURDENSARING AND ARMS CONTROL, FOR EXAMPLE

--CONTINUED--

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: E.O. 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.

SECRET

TP: "ILLUSTRATIVE OUTLINE FOR DPG FY 94-99" (CONT)

- "NEW DEFENSE STRATEGY" SECTION WOULD OUTLINE ITS KEY ELEMENTS AND CHARACTERISTICS--FORWARD PRESENCE, CRISIS RESPONSE, RECONSTITUTION, AND STRATEGIC DETERRENCE
- "MILITARY STRATEGY" SECTION WOULD INCLUDE EXTRACTS FROM THE CHAIRMAN'S NATIONAL MILITARY STRATEGY (ENTIRE DOCUMENT WOULD BE AN APPENDIX)
- "BASE FORCE" SECTION WOULD OUTLINE ITS BROAD CHARACTERISTICS, INCLUDING LEVELS OF SUSTAINABILITY, AND THE RESULTS OF THE MOBILITY REQUIREMENTS STUDY.
- WE ARE NOT PLANNING TO HAVE PROS ALONG THE LINES WE DEVELOPED FOR THE LAST PLANNING PROCESS
- WE ARE ASKING THE JOINT STAFF TO LEAD A WORKING GROUP TO DEVELOP SCENARIOS TO BE INCLUDED IN THIS DPG

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

SECRET

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ ebb245/doc01.pdf>.

**TP: CONDUCT OF THE WAR REPORT:
SERVING AS A VEHICLE FOR PLANNING PHASE**

- THIS CHART HIGHLIGHTS THE KEY MILESTONES FOR THE PREPARATION OF THE CONDUCT OF THE WAR REPORT AND, IN TURN, FOR THIS YEAR'S PLANNING PHASE
- AS WE PREPARE THE CONDUCT OF THE WAR REPORT, SELECTED ISSUES WILL BE IDENTIFIED FOR DPRB DISCUSSION:
 - FOR EXAMPLE, THEATER MISSILE DEFENSES, NBC, LAND AND SEA MINES, LIFT, MIX BETWEEN SMART AND DUMB MUNITIONS
- LESSONS LEARNED FROM DESERT SHIELD/STORM WILL BE EVALUATED IN THE BROADER CONTEXT OF THREATS AND REQUIREMENTS FOR THE MID-90S
 - DEVELOPING RECOMMENDATIONS ON HOW BROADER LESSONS SHOULD BE REFLECTED IN PLANNING AND PROGRAMMING GUIDANCE
 - ASSESSING EXTENT TO WHICH THE CIRCUMSTANCES IN DESERT SHIELD/STORM WERE UNIQUE
- A DRAFT OF THE INTERIM CONDUCT OF THE WAR REPORT WILL BE CIRCULATED LATER THIS WEEK

DECLASSIFIED
 Authority: EO 13526, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS
 DEC 1 0 2007

UNCLASSIFIED

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc01.pdf>.

ANEXO B

PRIMEIRO ESBOÇO
DA
ORIENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE DEFESA.

OFFICE OF THE PRINCIPAL DEPUTY UNDER SECRETARY OF DEFENSE
(STRATEGY AND RESOURCES)

MEMO FOR Mr Libby *Sep 3, '91*
SUBJECT First Draft of DPG

Scouter:

Work on the Russian revolution still detracts from moving on our schedule on the DPG. The draft attached lays out our general approach even though the sections are uneven. Please indicate any major redirection you desire so we can get it underway.

IR Hale

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

*07-M-1928-A1
Doc #28 R-4*

Illustrative Outline for DPG FY 1994 - 1999

Tab
A.

Transmittal Memo/preface signed by SecDef

- I. Trends and Prospects in the International Environment
- *Whither the Soviet Union?*
 - Increasing Regional Challenges
 - Technology: Comparative Advantages and Diffusion
- II. Defense Policy and Strategy
- A. Enduring National Objectives
- B. Defense Policy
- Broad Policy (alliances generally; burdensharing; peacetime engagement/LIC; proliferation; arms control)
 - Soviet Union
 - Western Europe and NATO
 - Eastern Europe
 - East Asia and the Pacific
 - Middle East and Southwest Asia
 - Latin American and the Caribbean
 - Africa
- C. The New Defense Strategy
- Strategic Deterrence and Defense
 - Forward Presence
 - Crisis Response
 - Reconstitution
- D. Military Strategy (from CJCS NMS)
- Peacetime
 - Crisis Response
 - Major Hostilities
- III. The Base Force
- ~~Base Case~~ Force Structure (modified if so decided)
 - Quality Personnel and Readiness
 - Sustainability Guidance
 - Mobility (draw on Mobility Requirements Study)
 - Modernization Priorities
 - Active/Reserve Mix
 - Force Reconstitution Capability

Appendices

1. Illustrative Scenarios (Class I or II level)
2. Chairman's National Military Strategy

DECLASSIFIED DEC 10 2007

Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>.

~~SECRET~~

Rev 8/27, 1990

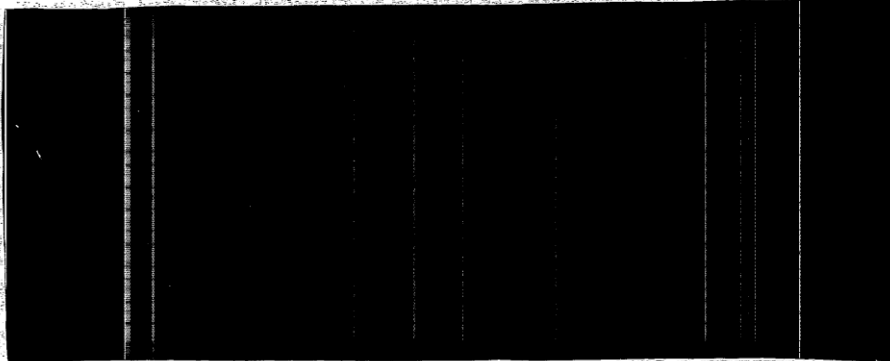
I.

Overview

(C) This Defense Planning Guidance addresses the fundamentally new situation which has been created by the collapse of Soviet hegemony over Eastern Europe and the withdrawal of Soviet troops from Hungary, Czechoslovakia and, the scheduled withdrawal, by the end of 1994, from eastern Germany and Poland, as well: the discrediting of Communism as an ideology with global pretensions and influence; and the Soviet Union's internal economic crisis and political collapse. As a result of these events, the United States may be said to be the world's sole superpower, enjoying a predominance on the world political-military stage that is unprecedented in the last century.

(U) Our fundamental strategic position and choices are therefore very different from those we have faced in the past. The policy that we wish to adopt in this new situation will be a matter of continuing debate and adjustment over the next years. Nevertheless, it is possible to state two general objectives that we should pursue:

OSD 1.4 (A)

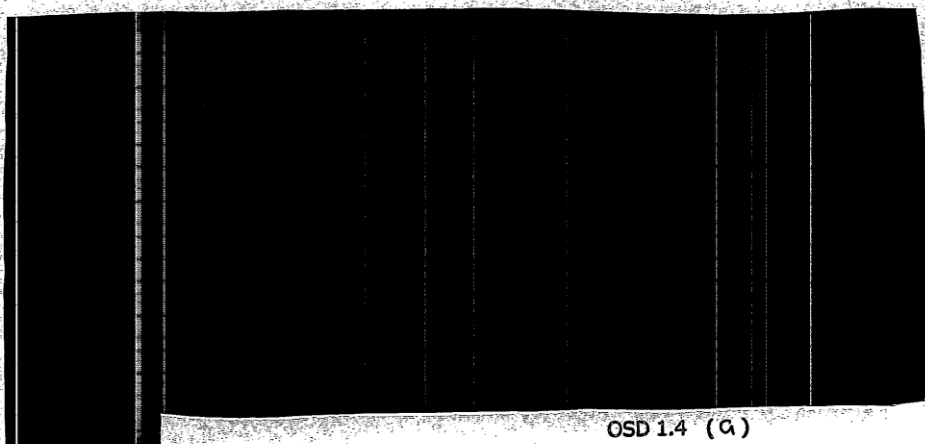


~~SECRET~~

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

SECRET

OSD 1.4 (A)

(S) The other general political-military objective is to address sources of regional conflict and instability in such a way as to promote increasing respect for international law and the spread of democratic forms of government and free and open economic systems. While the US cannot become the world's "policeman" in the sense of making itself responsible for righting any wrong, it will retain the preeminent responsibility for addressing those wrongs which threaten not only its own interests, but those of its allies or friends, or which could seriously unsettle international relations. Various types of US interests may be involved in such instances: access to vital raw materials, primarily Persian Gulf oil, may be threatened; proliferation of weapons of mass destruction and ballistic missiles may pose a threat to the US as well as to others; US citizens or interests may be vulnerable to state-supported terrorism or narcotics trafficking.

(C) In general, the US role will be that of leader or galvanizer of the world community, not of sole actor; in some cases, the leadership role will be properly

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

SECRET

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

taken by others, such as the European community. Nevertheless, the sense that the world order is ultimately back by the US will be an important stabilizing factor.

Shulsky, x52161

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

rev 8/27, 1900

I. B.

Increasing Regional ChallengesDECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

(U) As the Soviet threat changes in nature and, generally speaking, decreases in magnitude, other threats become more important to consider in the context of defense planning. In most cases, this is because they appear greater relative to the diminished Soviet threat and thus are more likely to drive actual requirements. In other cases, perhaps, these threats may have become greater in absolute terms because of the end of the Cold War.

(L) For example, some regional powers may feel less inhibited in the use of force to establish local hegemony by virtue of fact that their actions don't risk setting off a US-Soviet clash. For that same reason, the Soviet Union (and perhaps the US as well) may tend to watch the actions of its clients less closely and put less pressure on them to refrain from provocative actions. In addition, a weakened Soviet Union may simply be less able to pressure its clients or former clients. These factors may help explain the fact that the Iraqi invasion of Kuwait occurred in the aftermath of the dramatic events of 1989, which may have weakened the restraining influence the Soviets could have brought to bear.

(S) The Soviet decline may increase the risk of regional crisis in another manner: the collapse of Soviet global ambition has resulted in the increasingly disparate condition of the remaining true-believer Marxist regimes, which no longer enjoy the lavish Soviet economic assistance to which they have become accustomed and, more

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

importantly, are no longer able to count on Soviet support in extremis. Indeed, in order to maintain their hard-line domestic regimes, the old-style leaders such as Castro have had to distance themselves from Gorbachev and his reforms. In particular, both Cuba and North Korea seem to be entering periods of intense crisis (primarily economic, but also political) which may lead the governments involved to take actions that would otherwise seem irrational.

(c) The waning of Cold War and the increasing irrelevance of the anti-colonial ideology of the post-World War II period may lead some regional states to revert to more traditional views of the world, which in some cases could include a desire to assert some sort of regional hegemony to which, for historical, cultural or other reasons, they feel entitled. For example, India may become more active in asserting its 'right' to influence the affairs of its smaller neighbors, and may try to have a bigger say with respect to military use of the Indian Ocean.

(c) An additional source of instability may derive from the break-up of multinational states or empires that have lost their ideological or other *raison d'être*. The current turmoil in Yugoslavia is one example of this tendency; the de facto secession of Eritrea from Ethiopia, which may give rise to continuing conflict, is another. The most important effects of this sort are likely to derive, however, from the Soviet Union's loss of its "external empire" in Eastern Europe and the weakening of its hold over its "internal empire." Possibilities exist for instability in East/Central Europe, either because of inter-ethnic conflict or because of a Soviet (or Russian) attempt to reestablish its hegemony in the region.

(c) In addition, new conflicts arise from population and environmental pressures. In the Mideast, conflicts over water rights and the diversion or damming of rivers may

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

lead to conflicts in which the parties feel that their very survival is at stake. Population pressures may lead to large migrations of refugees, either suddenly, such as has occurred from Albania to Italy, or more gradually over a longer period of time, such as the migrations from North Africa to France. These migrations may cause serious domestic problems: receiving states may, under extreme conditions, try to use force to stop them or to force the states from which the refugees are leaving to take stronger measures to control their flow. The US itself may face this problem with respect to large-scale migrations from Cuba or Mexico.

(U) The net result may be that serious regional challenges to US interests, while ultimately less dangerous, may in fact become more likely. For the near term, this tendency may be balanced somewhat by the high degree of political-military credibility the US gained as a result of Desert Storm. Nevertheless, it is clear that DoD may be called upon during the FY1994-1999 period to respond to regional challenges of the sort discussed above. The nature of that response may vary from humanitarian assistance to "presence" or peacekeeping missions to the use of force. In most cases, it is likely that the US will not be acting alone, but will be part of a multinational coalition of some sort, either established for the occasion or under the auspices of an organization such as the UN. Thus, DoD must have the capability to act flexibly in conjunction with coalition partners, some of whom may not be traditional partners or allies. Various *ad hoc* command, communication and logistics arrangements, such as those created for Desert Shield/Storm will be necessary.

(U) Finally, the continuing diffusion of weaponry, in particular nuclear, chemical, biological and ballistic missile technology throughout the Third World (discussed in next section) implies that regional conflicts may have the potential to be much more dangerous than heretofore. We still think of nuclear weapons as "high tech" -- but

~~SECRET~~

DECLASSIFIED DEC 1 0 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

they are in fact 1940s technology. The recent example of the Iraqi electro-magnetic isotope separation (EMIS) program is a good example of this point. From our point of view, EMIS is hopelessly 'old-fashioned' and this in part accounts for the fact that we did not discover the Iraqi program. Nevertheless, the technology works and helped the US produce the weapons used in World War II.

(U) The same is true of ballistic missile technology. The Scud missiles, which absorbed such a large amount of coalition airpower during the Desert Storm, are a 1960s-era weapon system in technological terms, but they gave the Persian Gulf war an additional new dimension.

Shulsky, x52161

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

UNCLASSIFIED

rev 8/27, 1900

I.C.

New Technologies and the New Defense Strategy

(U) Technological superiority was critical to our success in the Persian Gulf. Maintaining that superiority in the face of reductions to force structure and the defense industrial base, and in a global environment of technology proliferation, is a primary goal of defense programming. Our programs through the end of the FY1994-1999 period must thus be focused on two key objectives:

1. Agressively pursuing technological innovation; and,
2. Incorporating the results of such innovation into both the base force and our strategy for reconstitution.

(U) US forces must continue to be at least a generation ahead in weapons technology. Future generations of US soldiers, sailors and airmen must have at least the same qualitative advantages over their opponents as our forces did in Desert Storm. To provide such high quality forces for tomorrow, we must in the first instance maintain a robust research and development program. We will not ration defense R&D or military science and technology by arbitrarily fixing their shares of the defense budget. Instead, our investment in innovation must reach and be sustained at levels necessary to assure the US dominates the military-technological revolution now and for the foreseeable future.

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

UNCLASSIFIED

FONTE: George Washington University. Desclassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

UNCLASSIFIED

(U) Robust research and development alone will not maintain our qualitative advantage. The best technology in the world cannot alone win battles. New technologies must be incorporated into weapons systems produced in numbers sufficient for doctrine to be developed. To do this without large-scale production will require innovations in training technologies and the acquisition process. We need to be able to fight future forces before we buy them. We need the ability to experiment with continuous, electronic R&D prototyping on future electronic battlefields, linked to competing, integrated design and manufacturing teams, if we are to reduce the time to get technology from the lab into the field, and if we are to concurrently develop the joint doctrine necessary to employ our combined forces. We must create incentives and eliminate disincentives for the defense industry to invest in new facilities and equipment as well as in R&D. This will be increasingly important as procurement declines. If another country has better technology, we will buy it or beat it.

(U) To make certain the best technology is available to meet the demands of our defense strategy, we must build on our comparative advantages in stealth, space-based systems, sensors, precision weapons and advanced training and C3I technologies. Specifically, should be to create the following before the end of the decade:

1. An integrated, automated contingency planning network to permit military commanders and their staffs to design, assess and visualize the simulated

UNCLASSIFIED

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

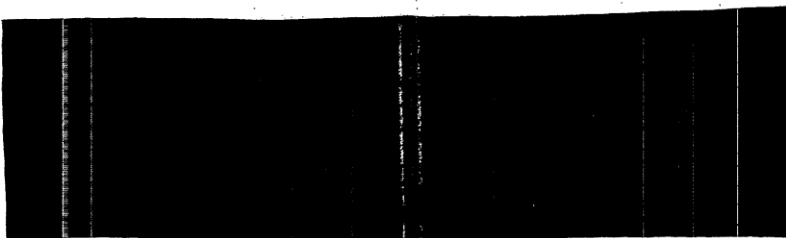
FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

~~SECRET~~

consequences of execution of their campaign plans, in their wartime command posts, with current or future forces, and at a level of resolution sufficient for requirements and logistics planning.

2. Distributed, joint theater targeting, intelligence fusion, and simulated mission planning systems, supported by global and local surveillance and communication nets, for "anytime, anywhere" strike planning, execution and assessment in near-real time. We can now see targets we cannot destroy and destroy targets we cannot see. We want forces and weapons effects that meet dual criteria -- everything survives except what we target.

3.



OSD 1.4 (A)

4. Embedded training and simulation networks, linking key CONUS military training, education centers and field exercises with each other and their theater counterparts, for a virtual power projection capability to complement US and allied forward-based forces, and assist in assessing the validity of operational requirements.

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

UNCLASSIFIED

5. Regional air and naval superiority, including active and passive defenses of US and allied forces in their theaters of operation, against very low observable cruise missiles, ballistic missiles and aircraft. Superiority starts before launch. Fielded forces will enforce a "no second shot" policy - the attackers' first shot will be their last.
6. Disabling countermeasures against weapons of mass destruction and their delivery systems in order to deal with threats from those with little to lose in using them. We will export no weapons or technologies we cannot counter.
7. Integrated design, prototyping and flexible manufacturing architectures and teams for continuous military innovation in support of force reconstitution.

(U) We must be able to execute these options by the end of the FY1994-1999 program period. We will subsequently direct the preparation of technology roadmaps and investment plans to that end.

Kozemchak, x 44660

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

UNCLASSIFIED

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc02.pdf>

ANEXO C

SEGUNDO ESBOÇO
DA
ORIENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE DEFESA.



STRATEGY
AND
RESOURCES

~~SECRET / NOFORN~~
PRINCIPAL DEPUTY UNDER SECRETARY OF DEFENSE
WASHINGTON, DC 20301-2000

18 FEB 1992

In reply refer to:
I-91/28291

MEMORANDUM FOR SECRETARIES OF THE MILITARY DEPARTMENTS
CHAIRMAN OF THE JOINT CHIEFS OF STAFF
UNDER SECRETARY OF DEFENSE FOR ACQUISITION
ASSISTANT SECRETARY OF DEFENSE FOR PROGRAM ANALYSIS & EVALUATION
COMPTROLLER OF THE DEPARTMENT OF DEFENSE

SUBJECT: FY 94-99 Defense Planning Guidance Sections for Comment (U)

(U) Attached for your review and comment is the draft FY 1994-1999 Defense Planning Guidance. Please provide your response by COB Friday, February 21st.

(U) We ask that you focus your comments on major substantive concerns, and encourage you to highlight those you deem of greatest importance. Also, please recognize that this draft is probably at about the desired length and level of detail; therefore, lengthy inserts are unlikely to be workable. Finally, we ask that you consider both the policy and program planning implications of the overall guidance in your comments. It is very important that the guidance be fiscally realistic.

(U) We envision the DPG including these sections, plus an illustrative planning scenario appendix. To facilitate handling of future DPG-related drafts and documents, please identify a member of your staff as a single point of contact; OUSD/Policy contacts are Mr. Andrew Hoehn (Policy and Strategy section) and Mr. Rod Fabrycky (Programming section), 1C469, x79478. By prior arrangement the Joint Staff (J-8) will provide this package to the CINCs and assemble and forward their responses.

Dale A. Vesser (Acting)

Attachment:

a/s

cc:

Chief of Staff of the Army
Chief of Naval Operations
Chief of Staff of the Air Force
Commandant of the Marine Corps
Assistant Secretary of Defense (Force Management & Personnel)
Assistant Secretary of Defense (Reserve Affairs)
Assistant Secretary of Defense (Command, Control, Communications & Intelligence)
Assistant Secretary of Defense (Health Affairs)

UNCLASSIFIED WITHOUT ATTACHMENT

Classified by: ADUSD/R&P
Declassify on: OADR

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: E.O. 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET / NOFORN~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc3_full.pdf.

~~SECRET/NOFORN~~

1

18 February 1992

Defense Planning Guidance, FY 1994-1999

(S) This Defense Planning Guidance addresses the fundamentally new situation which has been created by the collapse of the Soviet Union, the disintegration of the internal as well as the external empire, and the discrediting of Communism as an ideology with global pretensions and influence. The new international environment has also been shaped by the victory of the United States and its Coalition allies over Iraqi aggression-- the first post-Cold War conflict and a defining event in US global leadership. In addition to these two victories, there has been a less visible one, the integration of Germany and Japan into a US-led system of collective security and the creation of a democratic "zone of peace."

(U) Our fundamental strategic position and choices are therefore very different from those we have faced in the past. The policies that we adopt in this new situation will set the nation's direction for the next century.

I. Goals and Objectives (U)**A. National Security Policy Goals (U)**

(S) In the midst of a new era of fundamental worldwide change, ongoing U.S. leadership in global affairs will remain a constant fixture. In support of our international commitments, we will implement defense policies and programs designed to further essential national security policy goals:

- As a first order of priority, we will ensure the survival of the United States as a free and independent nation, with its fundamental values intact and its institutions and people secure.
- We will seek to promote those positive trends which serve to support and reinforce our national interests, principally, promotion, establishment and expansion of democracy and free market institutions worldwide.
- We will maintain our security vigilance against national, regional or global threats (whether ideologically- or technologically-based) which undermine international stability and order.
- We will continue to support and protect those bilateral, multilateral, international or regionally-based institutions, processes and relationships which afford us opportunities to share responsibility for global and regional security while also allowing for selective engagement when and where required.

~~SECRET/NOFORN~~

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: E.O. 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc3_full.pdf.

~~SECRET/NOFORN~~

2

B. Defense Strategy Objectives (U)

(U) These national security policy goals can be translated into two broad strategy objectives that lend further clarity to our overall defense requirements.

(S) Our first objective is to prevent the reemergence of a new rival, either on the territory of the former Soviet Union or elsewhere, that poses a threat on the order of that posed formerly by the Soviet Union. This is a dominant consideration underlying the new regional defense strategy and requires that we endeavor to prevent any hostile power from dominating a region whose resources would, under consolidated control, be sufficient to generate global power. These regions include Western Europe, East Asia, the territory of the former Soviet Union, and Southwest Asia.

(S) There are three additional aspects to this objective: First, the US must show the leadership necessary to establish and protect a new order that holds the promise of convincing potential competitors that they need not aspire to a greater role or pursue a more aggressive posture to protect their legitimate interests. Second, in the non-defense areas, we must account sufficiently for the interests of the advanced industrial nations to discourage them from challenging our leadership or seeking to overturn the established political and economic order. Finally, we must maintain the mechanisms for deterring potential competitors from even aspiring to a larger regional or global role. An effective reconstitution capability is important here, since it implies that a potential rival could not hope to quickly or easily gain a predominant military position in the world.

(S) The second objective is to address sources of regional conflict and instability in such a way as to promote increasing respect for international law; limit international violence; and encourage the spread of democratic forms of government and open economic systems. These objectives are especially important in deterring conflicts or threats in regions of security importance to the United States because of their proximity (such as Latin America), or where we have treaty obligations or security commitments to other nations. While the US cannot become the world's "policeman," by assuming responsibility for righting every wrong, we will retain the preeminent responsibility for addressing selectively those wrongs which threaten not only our interests, but those of our allies or friends, or which could seriously unsettle international relations. Various types of US interests may be involved in such instances: access to vital raw materials, primarily Persian Gulf oil; proliferation of weapons of mass destruction and ballistic missiles; threats to US citizens from terrorism or regional or local conflict; and threats to US society from narcotics trafficking.

DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

~~SECRET/NOFORN~~

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc3_full.pdf.

~~SECRET/NOFORN~~

3

II. Defense Policy and Strategy (U)**A. Trends and Prospects in the International Environment (U)****1. Soviet Threat Reduction (U)**

Central to these new objectives is clear recognition that we no longer will focus on the threat of a short-warning Soviet-led, European-wide conflict leading quickly to global war and perhaps escalating just as quickly to nuclear war. We continue to recognize that collectively the conventional forces of the states formerly comprising the Soviet Union retain the most military potential in all of Eurasia; and we do not dismiss the risks to stability in Europe from a nationalist backlash in Russia or efforts to reincorporate into Russia the newly independent republics of Ukraine, Belarus, and possibly others. However, for the foreseeable future the continued fragmentation of the former Soviet state and its conventional armed forces have altered so fundamentally the character of the residual threat as to eliminate the capacity to wage global conventional war or even to threaten East/Central Europe without several months of warning. A limited objective attack against Western Europe appears beyond Russia's capabilities without several years of reconstitution. Further erosion of the former Soviet defense industrial base and continued evolution of separate national armies will make the likelihood of a future attack even more remote.

2. Increasing Regional Challenges (U)

As the threat posed by the defunct Soviet Union decreases in magnitude, other threats become more important in the context of defense planning. In most cases, this is because they appear greater relative to the residual Soviet/Russian threat and thus are more likely to drive actual requirements. In other cases these threats may have become greater in absolute terms because of the end of the Cold War. Some regional powers, freed of the constraints of the Cold War, may feel more entitled for historical, cultural or other reasons to use of force to establish local hegemonies --although the decisive nature of our victory in the Persian Gulf will hopefully discourage such actions.

OSD 1.4 (a)

~~SECRET/NOFORN~~

DECLASSIFIED DEC 10 2007

Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc3_full.pdf

~~SECRET/NOFORN~~

4

OSD 1.4 (C)

OSD 1.4 (C)

(S) The disintegration of the Soviet Union also affects the dynamics of low-intensity conflict. We no longer have the Soviets fueling and exploiting low-intensity conflict to the detriment of US security. However, the demise of the Soviet Union has not put an end to destabilizing national and ethnic antagonisms in regions where the US has important security interests. Regional actors determined to pursue anti-American agendas may choose to use indirect and unconventional means. Moreover, there are trans-national security problems such as drug trafficking and terrorism which, along with unfavorable demographic and economic trends, undermine the security of the US, friendly governments and emerging democracies.

(S) Clearly, the passing of the Cold War reduces pressure for US military involvement in every potential regional or local conflict. Indeed, absent a global ideological challenge, we have opportunity to exercise far greater selectivity in our commitments, to rely more heavily on multilateral efforts to resolve regional or local crises that do not directly threaten our interests, and to draw more fully on non-military instruments as a means of conflict resolution. This applies in a variety of conflict situations. Nevertheless, if current trends hold, it is clear that DoD may be called upon during the FY 1994-1999 period to respond to regional challenges. The nature of that response may vary from humanitarian assistance to "presence" or peacekeeping missions to the use of force. In most cases, it is likely that the

~~SECRET/NOFORN~~
 DECLASSIFIED DEC 10 2007
 Authority: EO 12958, as amended
 Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc3_full.pdf

ANEXO D

PROGRAMA DE DEFESA: POSSIVEIS CENÁRIOS.

11 ABRIL 1992



~~SECRET//NOFORN~~

OFFICE OF THE UNDER SECRETARY OF DEFENSE
WASHINGTON, D. C. 20301-2000

JLS copy / ORIGINAL handed
to JPW/SL in
SATURDAY SESSION
of 4-11-92

POLICY

MEMORANDUM FOR MR. LIBBY

SUBJECT: Abbreviated Scenarios for Inclusion in DPG -- Issues? (U)

(U) Attached for your review are the abbreviated scenarios in close-to-final form (TAB A). General Powell has begun to review the Joint Staff's detailed versions for his personal final judgements; we may receive them formally as soon as early next week. You and/or Mr. Wolfowitz may still have one or two major issues (as I have advised the Joint Staff); MRC-Europe particularly needs resolution.

[REDACTED]

OSD 14 (G)

[REDACTED]

OSD 14 (G)

[REDACTED]

DECLASSIFIED DEC 10 2007
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

Dale A. Vesser
Assistant Deputy Under Secretary
Resources and Plans

Attachments:

a/s

Classified By: Multiple Sources

Prep: Rod Fabrycky, x79478

~~SECRET//NOFORN~~

Doc #15 R-4
07-M-1928-A1

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponible em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc09.pdf>

ILLUSTRATIVE PLANNING SCENARIOS

PREFACE

This set of Illustrative Planning Scenarios constitutes guidance for the FY 94-99 Defense Program appropriate to the changing security environment and new strategy. Most broadly, this scenario set tangibly reflects the shift in focus from a single monolithic global scenario to an array of regional scenarios. The uncertainty of the international security environment makes it difficult to predict and estimate the circumstances under which US military power might be employed. Although changing world events make some individual scenarios decidedly less probable than others, all are useful for planning under the new strategy.

These scenarios are illustrative, not predictive or exhaustive. They depict plausible future events illustrating the types of circumstances in which the application of US military power might be required. Consistent with the new strategy, each scenario involves plausible threats in regions of vital interest to the US, and corresponding achievable military objectives. While these scenarios do not represent the only threats which could emerge in regions vital to US interests, they do illustrate a substantial range of the kinds of capabilities US forces might have to employ in various regions of the world, and are therefore useful for analysis.

This scenario set is to be used as an analytical tool for the formulation and assessment of defense programs. While the Base Force is sized to support the elements of the new strategy, these scenarios enable planners and programmers to examine defense programs for appropriate levels of combat power, mobility, readiness and sustainment. The FY 94-99 Program Objectives Memoranda should reflect requirements derived largely but not solely from this scenario set. Although these scenarios focus largely on Crisis Response and Reconstitution, each of the four elements of our strategy involve other requirements which are not fully addressed in this scenario set and yet require programming actions and analysis. The order in which the scenarios appear does not imply any regional priority for programming purposes.

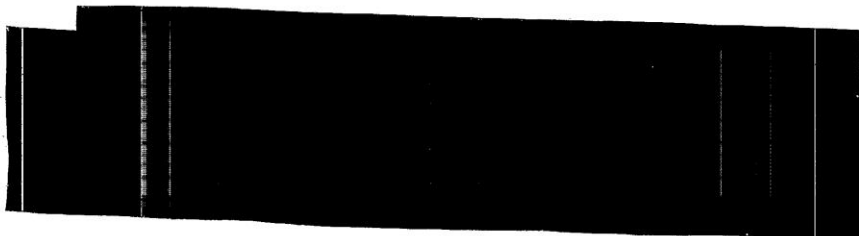
This scenario set is not intended to constrain planners from adjusting to future changes in the strategic environment. Subsequent to its publication as guidance for formulation and assessment of the FY 94-99 program, continued evolution in the strategic environment, or emerging requirements for scenarios for other applications, may require the development of additional or more detailed scenarios. If necessary, the data presented in this set

DECLASSIFIED DEC 1 0 2007

Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc09.pdf>

should be updated for future applications until superseded by the next DPG scenario set. However, strategic concepts and assumptions presented in this scenario set should generally be retained in any scenarios developed for other applications.



OSD 1.4 (a)

Any detailed analysis of this DPG scenario set should use the information in the more detailed version developed by the Joint Staff and promulgated by _____ official(s) on _____ date _____, from which these scenarios were derived.

DECLASSIFIED DEC 10 2027
Authority: EO 12958, as amended
Chief, Records & Declass Div, WHS

FONTE: George Washington University. Desclassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc09.pdf>

ANEXO E

NEW YORK TIMES: 08. MAR. 1992.

U.S. STRATEGY PLAN CALLS FOR INSURING NO RIVALS DEVELOP
By **PATRICK E. TYLER** Special to The New York Times
New York Times (1857-Current file); Mar 8, 1992;
ProQuest Historical Newspapers The New York Times (1851 - 2006)
pg. 1

**U.S. STRATEGY PLAN
CALLS FOR INSURING
NO RIVALS DEVELOP**

A ONE-SUPERPOWER WORLD

**Pentagon's Document Outlines
Ways to Thwart Challenges
to Primacy of America**

By PATRICK E. TYLER
Special to The New York Times

Fonte: TYLER, P. U.S. Strategy Plan Calls for Insuring no Rivals Develop. **New York Times**. Mar,8,1992. Cf. BURR,W. "Prevent the Reemergence of a New Rival – The Making of the Cheney Regional Regional Defense Strategy, 1991-1992. George Washington University. **The National Archive**. Disponível: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/> Acesso em: 10.Dez.2009.

Rejecting Collective Approach

To perpetuate this role, the United States "must sufficiently account for the interests of the advanced industrial nations to discourage them from challenging our leadership or seeking to overturn the established political and economic order," the document states.

With its focus on this concept of benevolent domination by one power, the Pentagon document articulates the clearest rejection to date of collective internationalism, the strategy that emerged from World War II when the five victorious powers sought to form a United Nations that could mediate disputes and police outbreaks of violence.

Though the document is internal to the Pentagon and is not provided to Congress, its policy statements are developed in conjunction with the National Security Council and in consultation with the President or his senior national security advisers. Its drafting has been supervised by Paul D. Wolfowitz, the Pentagon's Under Secretary for Policy. Mr. Wolfowitz often represents the Pentagon on the Deputies Committee, which formulates policy in an interagency process dominated by the State and Defense departments.

The document was provided to The New York Times by an official who believes this post-cold-war strategy debate should be carried out in the public domain. It seems likely to provoke further debate in Congress and among America's allies about Washington's willingness to tolerate greater aspirations for regional leadership from a united Europe or from a more assertive Japan.

Together with its attachments on

Continued on Page 14, Column 1

Fonte: TYLER, P. U.S. Strategy Plan Calls for Insuring no Rivals Develop. **New York Times**. Mar,8,1992. Cf. BURR,W. "Prevent the Reemergence of a New Rival – The Making of the Cheney Regional Defense Strategy, 1991-1992. George Washington University. **The National Archive**. Disponível: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/> Acesso em: 10.Dez.2009.

Maintaining a One-Superpower World

According to a draft strategy document being circulated by the Pentagon, part of the American military mission in the era after the cold war will be "convincing potential competitors that they need not aspire to a greater role," thus insuring that no rival superpower is allowed to emerge.

<p>1. Cuba and North Korea</p> <p>The U.S. must be prepared for what the report describes as irrational acts from Cuba and North Korea, which are viewed as "entering periods of intense crisis" in the economic and political spheres.</p>	<p>2. Iraq, North Korea, Pakistan and India</p> <p>The U.S. "may be faced with the question of whether to take military steps to prevent the development or use of weapons of mass destruction."</p>	
<p>3. Russia</p> <p>The U.S. must continue to aim nuclear arms at "those assets and capabilities that current – and future – Russian leaders or other nuclear adversaries value most."</p>	<p>4. Europe</p> <p>The U.S. must preserve a strong presence to maintain NATO alliance and extend Western defense commitment into Eastern Europe "should there be an Alliance decision to do so."</p>	<p>5. Japan</p> <p>The U.S. must "remain sensitive to the potentially destabilizing effects" in East Asia if American allies there, "particularly Japan but also possibly Korea," take on enhanced roles as regional powers.</p>

The New York Times

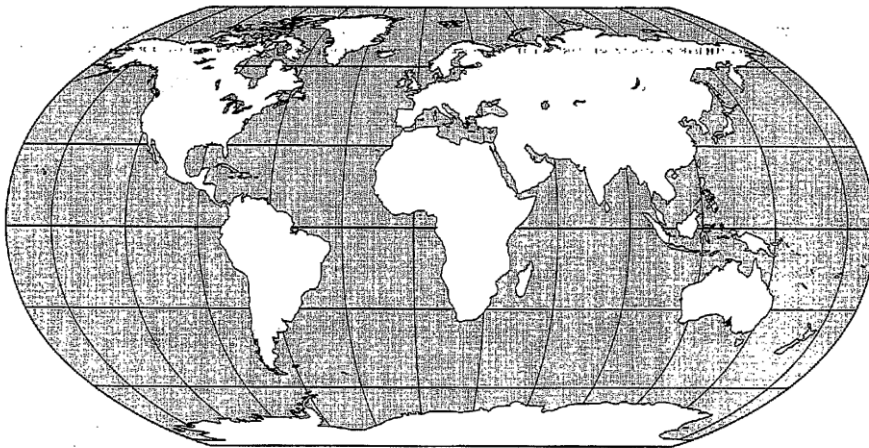
Fonte: TYLER, P. U.S. Strategy Plan Calls for Insuring no Rivals Develop. **New York Times**. Mar,8,1992. Cf. BURR,W. "Prevent the Reemergence of a New Rival – The Making of the Cheney Regional Regional Defense Strategy, 1991-1992. George Washington University. **The National Archive**. Disponível: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/> Acesso em: 10.Dez.2009.

ANEXO F

ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL – DÉCADA 90.



Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy



**Secretary of Defense
Dick Cheney
January 1993**

R-1
Document#1 07-M-1947

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy

TABLE OF CONTENTS

INTRODUCTION.....	1
I. DEFENSE POLICY GOALS	3
II. THE REGIONAL DEFENSE STRATEGY.....	5
Regional Focus	
Underlying Strategic Concepts	
Planning for Uncertainty	
Shaping the Future Security Environment	
Strategic Depth	
Continued U.S. Leadership	
Enduring Requirements	
Alliances	
High-Quality Personnel	
Technological Superiority	
Elements of the Regional Defense Strategy	
Strategic Deterrence and Defense	
Forward Presence	
Crisis Response	
Reconstitution	
Translating Elements into Forces & Programs	
III. REGIONAL GOALS AND CHALLENGES	19
Europe	
East Asia/Pacific	
The Middle East/Persian Gulf and South Asia	
Latin America and the Caribbean	
Sub-Saharan Africa	
CONCLUSION	27

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

INTRODUCTION

The past four years have seen extraordinary changes abroad as the Cold War drew to a close. We have entered a new strategic era. The collapse of the Soviet Union – the disintegration of the internal as well as the external empire, and the discrediting of Communism as an ideology with global pretensions and influence – fundamentally altered, but did not eliminate, the challenges ahead. The integration of the leading democracies into a U.S.-led system of collective security, and the prospects of expanding that system, significantly enhance our international position and provide a crucial legacy for future peace. Our national strategy has shifted from a focus on a global threat to one on regional challenges and opportunities. We have moved from Containment to the new Regional Defense Strategy.

The changes made over the past four years have set the nation on a solid path to secure and extend the opportunities and hopes of this new era. America and its allies now have an unprecedented opportunity to preserve with greater ease a security environment within which our democratic ideals can prosper. Where once a European-wide war, potentially leading to nuclear exchange, was perhaps only a few weeks and miles away, today such a threat has fallen back and would take years to rekindle. With the end of the Cold War, there are no global threats and no significant hostile alliances. We have a marked lead in critical areas of warfare. Our alliances, built during our struggle of Containment, are one of the great sources of our strength in this new era. They represent a democratic “zone of peace,” a community of democratic nations bound together by a web of political, economic, and security ties. This zone of peace offers a framework for security not through competitive rivalries in arms, but through cooperative approaches and collective security institutions. The combination of these trends has given our nation and our alliances great depth for our strategic position.

Simply put, it is the intent of the new Regional Defense Strategy to enable the U.S. to lead in shaping an uncertain future so as to preserve and enhance this strategic depth won at such great pains. This will require us to strengthen our alliances and to extend the zone of peace to include the newly independent nations of Eastern Europe and the former Soviet Union, as these now-fragile states succeed in their struggle to build free societies and free markets out of the ruin of Communism. Together with our allies, we must preclude hostile nondemocratic powers from dominating regions critical to our interests and otherwise work to build an international environment conducive to our values. Yet, even as we hope to increasingly rely on collective approaches to solve international problems, we recognize that a collective effort will not always be timely and, in the absence of U.S. leadership, may not gel. Where the stakes so merit, we must have forces ready to protect our critical interests.

Our fundamental strategic position and choices as a nation are thus very different from those we have faced in the past. The choices ahead of us will reset the nation's direction for the next century. We have today a compelling opportunity to meet our defense needs at lower cost. But as we do so, we must be guided by a strategy that recognizes that our domestic life cannot flourish if we are beset by foreign crises. We must not squander the position of security we achieved at great

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to “Prevent the Reemergence of a New Rival”.

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

sacrifice through the Cold War, nor eliminate our ability to shape an uncertain future security environment in ways favorable to us and those who share our values.

Guided by the new strategy, we are restructuring our forces to meet the essential demands of strategic deterrence and defense, forward presence, crisis response, and reconstitution. As we do so, we are reducing our forces significantly -- by more than a million military and civilian personnel. These reductions will reduce force structure to its lowest level in terms of manpower since before the Korean War and spending to the lowest percentage of GNP since before the attack on Pearl Harbor. Yet even as we reduce our forces in size overall, we must not carelessly destroy their quality or their technological superiority. Along with alliances, high-quality personnel and technological superiority represent capabilities that would take decades to restore if foolishly lost in this time of reductions.

Even in this time of downsizing, we must retain capable military forces. For the world remains unpredictable and well-armed; causes for conflict persist, and we have not eliminated age-old temptations for nondemocratic powers to turn to force or intimidation to achieve their ends. We have sought through the Regional Defense Strategy to anticipate challenges and opportunities yet to come, to shape a future of continued progress, and to preclude reversals or the emergence of new threats. This document discusses the new strategy in some depth and is intended as a contribution to a national dialogue that very much needs to continue as we look to protecting the nation's interests in the 1990s, and beyond.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

I. DEFENSE POLICY GOALS

The national security interests of the United States are enduring: the survival of the United States as a free and independent nation, with its fundamental values intact and its institutions and people secure; a healthy and growing U.S. economy to ensure opportunity for individual prosperity and resources for national endeavors at home and abroad; healthy, cooperative and politically vigorous relations with allies and friendly nations; and a stable and secure world, where political and economic freedom, human rights and democratic institutions flourish.

These national security interests can be translated into four mutually supportive strategic goals that guide our overall defense efforts:

- Our most fundamental goal is to deter or defeat attack from whatever source, against the United States, its citizens and forces, and to honor our historic and treaty commitments.
- The second goal is to strengthen and extend the system of defense arrangements that binds democratic and like-minded nations together in common defense against aggression, builds habits of cooperation, avoids the renationalization of security policies, and provides security at lower costs and with lower risks for all. Our preference for a collective response to preclude threats or, if necessary, to deal with them is a key feature of our Regional Defense Strategy.
- The third goal is to preclude any hostile power from dominating a region critical to our interests, and also thereby to strengthen the barriers against the reemergence of a global threat to the interests of the United States and our allies. These regions include Europe, East Asia, the Middle East/Persian Gulf, and Latin America. Consolidated, nondemocratic control of the resources of such a critical region could generate a significant threat to our security.
- The fourth goal is to help preclude conflict by reducing sources of regional instability and to limit violence should conflict occur. Within the broader national security policy of encouraging the spread and consolidation of democratic government and open economic systems, the Defense Department furthers these ends through efforts to counter terrorism, drug trafficking, and other threats to internal democratic order; assistance to peacekeeping efforts; the provision of humanitarian and security assistance; limits on the spread of militarily significant technology, particularly the proliferation of weapons of mass destruction along with the means to deliver them; and the use of defense-to-defense contacts to assist in strengthening civil-military institutions and encourage reductions in the economic burden of military spending.

To reach these goals, the United States must show the leadership necessary to encourage sustained cooperation among major democratic powers. The alternative would be to leave our critical interests and the security of our friends dependent upon individual efforts that could be duplicative, competitive, or ineffective. We also must encourage and assist Russia, Ukraine, and the other new

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

states of the former Soviet Union in establishing democratic political systems and free markets so they too can join the democratic "zone of peace."

But while we favor collective action to respond to threats and challenges in this new era, a collective response will not always be timely and, in the absence of U.S. leadership, may not gel. While the United States cannot become the world's policeman and assume responsibility for solving every international security problem, neither can we allow our critical interests to depend solely on international mechanisms that can be blocked by countries whose interests may be very different from our own. Where our allies' interests are directly affected, we must expect them to take an appropriate share of the responsibility, and in some cases play the leading role; but we must maintain the capabilities for addressing selectively those security problems that threaten our own interests. Such capabilities are essential to our ability to lead, and should international support prove sluggish or inadequate, to act independently, as necessary, to protect our critical interests. History suggests that effective multilateral action is most likely to come about in response to U.S. leadership, not as an alternative to it.

We cannot lead if we fail to maintain the high quality of our forces as we reduce and restructure them. As a nation we have never before succeeded in pacing reductions without endangering our interests. We must proceed expeditiously, but at a pace that avoids breaking the force or sending misleading signals about our intentions to friends or potential aggressors. An effective ability to reconstitute our forces is important as well, since it signals that no potential rival could quickly or easily gain a predominant military position.

At the end of World War I, and again to a lesser extent at the end of World War II, the United States as a nation made the mistake of believing that we had achieved a kind of permanent security, that a transformation of the security order achieved in substantial part through American sacrifice and leadership could be sustained without our leadership and significant American forces. Today, a great challenge has passed; but other threats endure, and new ones will arise. If we reduce our forces carefully, we will be left with a force capable of implementing the new defense strategy. We will have given ourselves the means to lead common efforts to meet future challenges and to shape the future environment in ways that will give us greater security at lower cost.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

Maintaining highly capable forces also is critical to sustaining the U.S. leadership with which we can shape the future. Such leadership supports collective defense arrangements and precludes hostile competitors from challenging our critical interests. Our fundamental belief in democracy and human rights gives other nations confidence that our significant military power threatens no one's aspirations for peaceful democratic progress.

Our forces also can shape the future environment by performing the "non-traditional" roles of humanitarian or peacekeeping operations. Generally such situations are of international concern, and we would expect to be part of a commensurate multinational effort; however, U.S. leadership may be crucial to catalyze such action, and we may have unique capabilities that would appropriately complement others' forces.

Our ability to shape the future rests not only on our efforts to keep closed the door to aggression and military intimidation; it rests also on our ability to provide the example necessary for others to take positive, reciprocal steps. The President's nuclear initiatives of the fall and winter of 1991-92 induced the former Soviet Union to take positive reciprocating steps that will help reduce the remaining threat posed by nuclear forces on the territory of the former Soviet Union. These initiatives made possible the U.S.-Russian agreements of June 1992 and subsequent signing of the START II treaty in January 1993. Similarly, NATO's new strategy not only reflects an adjustment to the reduced threat environment in Europe but equally it reassures our former adversaries of the truly defensive nature of the NATO alliance. Through such initiatives we can solidify the gains achieved through START, START II and CFE and go beyond them.

Our ability to reduce sources of regional instability and to limit violence should conflict occur also is critical to shaping the environment. This includes, for example, updating our strategy to counter the proliferation of militarily significant technology, particularly the proliferation of weapons of mass destruction along with the means to deliver them. Our traditional export control efforts must not only be updated and strengthened in this new era, but supplemented by political dissuasion, bilateral and multilateral negotiations, and inspection and destruction missions, as illustrated in the case of Iraq.

Strategic Depth. America's strategic position is stronger than it has been for decades. Today, there is no challenger to peaceful democratic order similar to that posed by the Soviet Union and the Warsaw Pact. There are no significant hostile alliances. To the contrary, the strongest and most capable countries in the world remain our friends. The threat of global, even nuclear war, once posed by massive Warsaw Pact forces poised at the inter-German border, first receded hundreds of miles east and has since been transformed into the promise of a new era of strategic cooperation.

Not only has our position improved markedly with respect to the passing of a global challenge, but our strategic position has improved in regional contexts as well. For the near-term, we and our allies possess sufficient capabilities to counter threats in critical regions. Soviet Communism no longer exacerbates local conflicts, and we need no longer be concerned that an otherwise remote problem could affect the balance of power between us and a hostile global challenger. We have won great depth for our strategic position.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

In this regard, it is important to reflect in our strategy the fact that the international system is no longer characterized by Cold War bipolarity. The Cold War required the United States and its allies to be prepared to contain the spread of Soviet power on a global basis. Developments in even remote areas could affect the United States' relative position in the world, and therefore often required a U.S. response. The United States remains a nation with global interests, but we must reexamine in light of the new defense strategy whether and to what extent particular challenges engage our interests. These changes and the growing strength of our friends and allies will allow us to be more selective in determining the extent to which U.S. forces must be committed to safeguard shared interests.

The first major conflict of the post-Cold War era preserved our strategic position in one of the regions of the world critical to our interests. Our success in organizing an international coalition in the Persian Gulf against Saddam Hussein kept a critical region from the control of a ruthless dictator bent on developing nuclear, biological and chemical weapons and harming Western interests. Instead of a more radical Middle East/Persian Gulf region under Saddam's influence, Saddam struggles to retain control in Iraq, Iraq's dangerous military has been greatly damaged, our ties with moderate states are stronger, energy resources are secure, and significant progress has been made in the Arab-Israeli peace process.

Our strategy is designed to preserve this position by keeping our alliances strong and our threats small. Our tools include political and economic measures and others such as peacekeeping operations, security assistance, defense-to-defense contacts, humanitarian aid and intelligence assistance, as well as security measures to prevent the emergence of a nondemocratic aggressor in critical regions. We bring to this task our considerable moral influence as the world's leading democracy. We can provide more security at a reduced cost. If a hostile power sought to present a regional challenge again, or if a new, antagonistic global threat or alliance emerged in the future, we would have the ability to counter it. But the investments required to maintain the strategic depth that we won through forty years of the Cold War are much smaller than those it took to secure this strategic depth or those that would be required if we lost it.

Continued U.S. Leadership. U.S. leadership, essential for the successful resolution of the Cold War, remains critical to achieving our long-term goals in this new era. The United States continues to prefer to address hostile, nondemocratic threats to our interests wherever possible through collective security efforts that take advantage of the strength of our allies and friends. However, sustained U.S. leadership will be essential for maintaining those alliances and for otherwise protecting our interests.

Recognition that the United States is capable of opposing regional aggression will be an important factor in inducing nations to work together to stabilize crises and resist or defeat aggression. For most countries, a general interest in international stability and security will not be enough to induce them to put themselves at risk simply in the hope that others will join them. Only a nation that is strong enough to act decisively can provide the leadership needed to encourage others to resist aggression. Collective security failed in the 1930s because no strong power was willing to provide the leadership behind which less powerful countries could rally against Fascism. It worked in the Gulf because the

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

are likely to engender ad hoc coalitions. We should plan to maximize the value of such coalitions. This may include specialized roles for our forces as well as developing cooperative practices with others. Specific issues concerning alliances and coalitions are treated in detail in Part III, "Regional Goals and Challenges."

High-Quality Personnel. Our victory in the Gulf War demonstrated impressively the importance of high-quality personnel and effective leaders. The highly trained, highly motivated all-volunteer total force we have worked so hard to build is the key to maintaining our future military leadership and capabilities. We also require high-quality career civilians, especially in the managerial, scientific and technical fields. Our challenge for the future is to preserve the high-quality active, reserve, and civilian force we have worked so hard to build.

The Gulf War tested the training, discipline, and morale of our military forces and they performed superbly. To continue to attract the highest quality people, we must provide challenging and realistic training supplemented by advanced training techniques such as interactive simulation. We also must provide the quality of life they and their families deserve, including keeping the amount of time military units are deployed away from home at reasonable levels.

High-quality personnel require outstanding military leadership. Our success in the Gulf reflected such leadership. We must continue to train our military leaders in joint operations and in cooperative efforts with the forces of many different nations. They also must be given the opportunity and encouragement to pursue innovative doctrine for operations and new approaches to problems.

Identifying the core military competencies that will be most important in the future will be among the highest priorities of our military leadership. New equipment is not sufficient. Innovation in its use also is necessary. Our understanding of warfare and the way we intend to defend our interests as a nation must continually develop and evolve in the ongoing military-technological revolution. Future challenges will require the continued mastery of critical areas of warfare, but we also require mastery of evolving capabilities, perhaps replacing some that are critical today. An essential task will be to begin preparing for tomorrow's challenges while making hard decisions about capabilities we need no longer emphasize.

Technological Superiority. The onset of a new military-technological revolution presents continued challenges not only in the realm of technological superiority but also in the way we organize, train, and employ our military forces. The Gulf War made clear the early promise of this revolution, emphasizing the importance of recent breakthroughs in low-observable, information gathering and processing, precision strike, and other key technologies. Our investment in innovation must be sustained at levels necessary to assure that U.S.-fielded forces dominate the military-technological revolution.

We must maintain superiority in key areas of technology. It is critical, therefore, that we identify the highest leverage technologies and pursue those with vigor. U.S. forces must retain a decisive lead in those technologies critical on future battlefields. To provide such high quality forces for tomorrow, we must, in the first instance, maintain a robust science and technology program, balanced between a core of broad sustaining programs and selected "thrusts" that contribute

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

directly to high priority needs. This must be complemented by technology safeguards and export control regimes targeted, in coordination with our friends and allies, on particular proliferation concerns.

Robust science and technology alone will not maintain our qualitative advantage. New technologies must be incorporated into weapons systems that are provided in numbers sufficient for doctrine and tactics to be developed. To do this without large-scale production will require innovations in training technologies and the technology testing process. Through simulation, we can investigate before we buy new weapons or systems how well they may perform on the battlefield. In addition, we must encourage new manufacturing processes, facilities, and equipment. This will be increasingly important over time.

All of this, however, does not mean we will move rapidly into large-scale production of numerous new weapons systems. We will be procuring less because our armed forces will be smaller, and because the need for modernization is reduced with the demise of the Soviet Union. During the Cold War, time and production pressures created by Soviet weapons developments resulted in a defense acquisition process geared to early production of new systems, often without as thorough a prior development as desired. Science and technology can be a much more important factor in the overall acquisition process -- doing more than before to "prove out" new technology and components before programs enter the formal acquisition process. These concepts provide the basis for a new acquisition approach. Nevertheless, development of new technologies and their incorporation into weapons systems through a more efficient acquisition process will be essential to provide the advantages smaller forces will need to deter or prevail in future conflicts.

Elements of the Regional Defense Strategy

The Regional Defense Strategy seeks to protect American interests and to shape a more stable and democratic world. It does so by adopting a regional focus for our efforts to strengthen cooperative defense arrangements with friendly states and to preclude hostile, nondemocratic powers from dominating regions of the world critical to us. In this way also the strategy aims to raise a further barrier to the rise of any serious global challenge. To accomplish these goals, we must preserve U.S. leadership, maintain leading-edge military capabilities, and enhance collective security among democratic nations.

The Regional Defense Strategy rests on four essential elements:

- Strategic Deterrence and Defense -- a credible strategic nuclear deterrent capability, and strategic defenses against limited strikes.
- Forward Presence -- forward deployed or stationed forces (albeit at reduced levels) to strengthen alliances, show our resolve, and dissuade challengers in regions critical to us.
- Crisis Response -- forces and mobility to respond quickly and decisively with a range of options to regional crises of concern to us.
- Reconstitution -- the capability to create additional new forces to hedge against any renewed global threat.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

Strategic Deterrence and Defense. Even though the risk of a massive strategic nuclear attack has decreased significantly with the rise of democratic forces and the collapse of the former Soviet Union, deterring nuclear attack must remain the highest defense priority of the nation. It is the one area where our survival could be at risk in a matter of moments. U.S. nuclear targeting policy and plans have changed, and should continue to change, to account for the welcome developments in states of Eastern Europe and the former Soviet Union. Nonetheless, survivable and flexible U.S. strategic nuclear forces still are essential to deter use of the modern nuclear forces that will exist in the former Soviet Union even after START and START II reductions have been implemented. Our strategic nuclear forces also provide an important deterrent hedge against the possibility of an unforeseen global threat emerging.

Fundamental changes in Eastern Europe and the former Soviet Union have eliminated the threat of massive Soviet aggression launched from the former East Germany that required heavy reliance on the threat of nuclear weapons for deterrence. This permits us to move into a new era in nuclear forces. This was evidenced in the President's nuclear initiatives in 1991 and 1992, which made major changes in our tactical nuclear posture and strategic nuclear deterrent forces designed to enhance stability while eliminating weapons; to further reduce the possibility of accident or miscalculation, and to encourage corresponding reductions in the nuclear posture of the former Soviet Union.

The leaders of Belarus, Kazakhstan, and Ukraine have stated their readiness to eliminate strategic offensive forces, while Russia is significantly reducing its force levels. (These four new states of the former Soviet Union are the only ones with strategic nuclear weapons on their territory. Russian authorities assure us that all tactical weapons are now on Russian territory.) They recognize the United States is not a threat and rightly view strategic forces as diverting scarce resources from rebuilding their troubled economies and complicating the improvement of relations with the West. We have been working with these leaders to provide financial and technical assistance to reduce and dismantle these nuclear forces. We already have some programs underway to assist with the safe and secure transportation, storage, and destruction of weapons and the prevention of their proliferation. We should actively seek additional ways to further these ends.

Both the U.S. and Russia have now agreed in START II to even more dramatic changes to their nuclear deterrent forces that will significantly enhance stability. For us these include, in addition to reductions to START levels, fewer intercontinental ballistic missiles (ICBMs), with the remaining ICBMs having only one warhead apiece; and fewer warheads on our ballistic missile submarines. In addition, a substantial number of bombers will be oriented primarily toward conventional missions. In the end, the actual number of warheads will be roughly half of what we planned to have under START.

As we reduce the size of our offensive nuclear forces, we must ensure the survivability -- and therefore the essential stability -- of our strategic deterrent. This will limit reductions in the overall number of strategic platforms. Our planning also should take account of the greatly reduced likelihood of a deliberate massive attack in the present international situation and consider the danger of an accidental or unauthorized attack.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

A successful transformation of Russia, Ukraine and other states of the former Soviet Union to stable democracies should clearly be one of our major goals. But we are not there yet. Our pursuit of this goal must recognize the as yet robust strategic nuclear force facing us, the fragility of democracy in the new states of the former Soviet Union, and the possibility that these new states might revert to closed, authoritarian, and hostile regimes. Our movement toward this goal must, therefore, leave us with timely and realistic responses to unanticipated reversals in our relations and a survivable deterrent capability.

Strategic forces also will continue to support our global role and international commitments, including our trans-Atlantic links to NATO. Collective defense allows countries to rely on the contributions of others in protecting their mutual interests in ways that lessen the risks and the costs for all. The nuclear umbrella that the United States has extended over our allies has helped deter attack successfully for four decades. This has been a risk-reducing and cost-saving measure for us all; it is one we can afford fiscally to continue and one that our interests cannot afford to let lapse.

Nuclear weapons cannot be disinvented; and the threat of nuclear proliferation, despite our best efforts, persists. Other countries -- some of them, like Iraq, especially hostile and irresponsible -- threaten to acquire nuclear weapons. Some countries are also pursuing other highly-destructive systems, such as chemical and biological weapons. These developments require us to be able to deter use of such weapons, and to improve our defense capabilities.

The threats posed by instability in nuclear weapons states and by the global proliferation of ballistic missiles have grown considerably. The threat of an accidental or unauthorized missile launch may increase significantly through this decade. The new technology embodied in the Strategic Defense Initiative (SDI) program has made ballistic missile defense capability a realistic, achievable, and affordable concept. We need to deploy missile defenses not only to protect ourselves and our forward deployed forces, but also to have the ability to extend protection to others. Like extended deterrence provided by our nuclear forces, defenses can contribute to a regime of extended protection for friends and allies and further strengthen a democratic security community. This is why, with the support of Congress, as reflected in the Missile Defense Act, we have sought to move toward the day when defenses will protect the community of nations embracing democratic values from international outlaws armed with ballistic missiles who may not be deterred by offensive forces alone. It is this vision that is reflected in our commitment to developing a Global Protection System (GPS) not only with traditional friends and allies but also with the emerging democracies of Eastern Europe and the former Soviet Union.

Deployment of defenses against limited strikes also should continue to be an integral element of our efforts to curtail ballistic missile proliferation. Defenses undermine the military utility of such systems and should serve to dampen the incentive to acquire ballistic missiles. (Further discussion of weapons of mass destruction issues is found in the Crisis Response section.)

The strategic command, control and communications system should continue to evolve toward a joint global structure, ensuring that its capabilities and survivability remain appropriate to the evolving threat and the smaller forces it will support. We also should take advantage of the potential of our strategic C3I investments to support conventional crisis response.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

In the decade ahead, we must adopt the right combination of deterrent forces, tactical and strategic, while creating the proper balance between offense and active defense to mitigate risk from weapons of mass destruction and their means of delivery, whatever the source. For now this requires retaining ready forces for a survivable nuclear deterrent, including tactical forces. In addition, we must complete needed force modernization and upgrades. These deterrent forces need to be complemented with early introduction of ballistic missile defenses against limited strikes.

Forward Presence. Our forward presence helps to shape the evolving security environment. We will continue to rely on forward presence of U.S. forces to show U.S. commitment and lend credibility to our alliances, to deter aggression, enhance regional stability, promote U.S. influence and access, and, when necessary, provide an initial crisis response capability. Forward presence is vital to the maintenance of the system of collective defense by which the United States has been able to work with our friends and allies to protect our security interests, while minimizing the burden of defense spending and of unnecessary arms competition. The roles that forward presence plays in specific regions under the Regional Defense Strategy are treated in detail in Part III, "Regional Goals and Challenges."

While we are prudently reducing the levels of our presence very substantially, it is increasingly important to emphasize our intent to retain adequate presence. We should plan to continue a wide range of forward presence activities, including not only overseas basing of forces, but prepositioning and periodic deployments, exercises, exchanges or visits of forces. Forward basing of forces and the prepositioning of equipment facilitate rapid reinforcement and enhance the capability to project forces into critical regions.

Forward bases and access agreements must become more flexible as the security environment evolves. But they must remain oriented toward providing visible, though unobtrusive, presence and a forward staging area for responding to crises large and small. Forward bases are critical to successfully implementing our strategy at reduced force levels.

In regions of the world where we lack a land-based presence, maritime forces (including afloat prepositioned equipment), long-range aviation, and other contingency forces allow us to exert presence and underscore our commitment to friends and allies, and, when necessary, aid our response to crises. Exercises, occasional deployments, prepositioning, defense exchanges and visits build trust, cooperation and common operating procedures between militaries. Important, too, are host nation arrangements to provide the infrastructure and logistical support to allow for the forward deployment or projection of forces when necessary.

Our forward forces should increasingly be prepared to fulfill multiple regional roles, and in some cases extra-regional roles, rather than being prepared only for operations in the locale where they are based. Moreover, as in the Gulf War, our forward presence forces must be ready to provide support for military operations in other theaters. In addition, through forward presence, we can prosecute the war on drugs; provide humanitarian and security assistance and support for peacekeeping operations; evacuate U.S. citizens in danger abroad; and advance defense-to-defense contacts to strengthen democratic reforms.

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>

The Gulf War provides a host of lessons that should continue to guide future crisis response planning. The Department should selectively focus investment on the following high-priority areas: rapidly deployable anti-armor capabilities; enhanced combat abilities to identify friendly forces and thus reduce casualties from misdirected friendly fire; improved naval and land mine and countermine capabilities; defenses against chemical and biological weapons and agents; defenses against tactical ballistic and cruise missiles; improved capabilities for precision air strikes; improved integration and flexibility of tactical command, control, communications and intelligence; and improved national-level intelligence. More generally, the Department also should apply the relevant lessons of the Gulf War identified in the Final Report to Congress on the Conduct of the Persian Gulf War and other subsequent reports. A complete understanding of the war and its implications for U.S. forces will continue to evolve for some time to come.

Finally, we must be prepared for crises and contingencies stemming from low-intensity conflict, which includes terrorism, insurgency, and subversion. In response to these threats to our interests, we must be prepared to undertake smaller-scale operations that require forces using specialized skills, equipment, or approaches. Such operations include non-combatant evacuations, peacekeeping missions, hostage rescues, and counterinsurgency and counterterrorism operations.

Reconstitution. With the demise of the Cold War, we have gained sufficient strategic depth that potential global-scale threats to our security are now very distant -- so much so that they are hard to identify or define with precision. The new strategy, therefore, prudently reduces spending and accepts risk in this lower probability area of threat in order to refocus reduced defense resources both on the more likely near-term threats and on high priority investments in the enduring requirements of our strategy.

The dissolution of the Soviet Union has made it much less likely that a global conventional challenge to U.S. and Western security will reemerge from the Eurasian heartland for many years to come -- at least for the balance of this decade. Even if, for example, some future Russian leadership were to adopt strategic aims threatening a global challenge similar to that presented by the Soviet Union in the Cold War, current estimates are that such force reconstitution efforts would allow several years or more of U.S./allied response time, and could only happen after an authoritarian reversal and systemic realignment itself spanning several years.

Nevertheless, we could still face in the more distant future a new global threat or some emergent alliance of hostile, nondemocratic regional powers. For the longer term, then, our reconstitution strategy focuses on supporting our national security policy to preclude the development of a global threat contrary to the interests of the United States. Should such a threat begin to emerge, we would use the available lead time to forestall or counter it at the lowest possible levels of militarization. Our reconstitution strategy seeks to provide sufficient capability to create additional new forces and capabilities to deter and defend our interests as necessary, drawing on "regeneration" assets (cadre-type units and stored equipment), industrial/technology base assets, and manpower assets.

Reconstitution should use low-cost assets to provide an inexpensive hedge. As we draw down the force, Cold War investments present opportunities for "smart lay-away" of long-lead elements of force structure or production capability that

FONTE: George Washington University. Declassified Studies from Cheney Pentagon Show Push For U.S. Military Predominance and a Strategy to "Prevent the Reemergence of a New Rival".

Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/doc15.pdf>